SIGRID
UNDSET

PRIMAVERA

PREMIO NOBEL
DE
LITERATURA
1928

BIBLIOTECA

DOS

PRÊMIOS NOBEL

DE

LITERATURA

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA

PATROCINADA PELA ACADEMIA SUECA

E PELA FUNDAÇÃO NOBEL

Prêmio de 1928

SIGRID UNDSET

(NORUEGA)

EDITÔRA DELTA
Rio de Janeiro
1964

SIGRID
UNDSET

PRIMAVERA

Tradução de
JUVENAL JACINTO

Estudo introdutivo de
A. H. WINSNES

Ilustrações de
HERMINE DAVID

EDITÔRA DELTA
Rio de Janeiro
1964

Título do original norueguês:

VAAREN

Todos os direitos desta edição
(introdução, prefácios, notas, tradução,
ilustrações e demais características)
pertencem à Editôra Delta.

"PEQUENA HISTÓRIA"

DA ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO NOBEL A SIGRID UNDSET

*

Pelo Dr. KJELL STRÖMBERG
Antigo Conselheiro Cultural da Embaixada Sueca em Paris

Sigrid Undset não tinha senão 46 anos quando, em 1928, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Foi, assim, o laureado mais môço depois de Rudyard Kipling, que o alcançou com a idade de 42 anos, em 1907. Dois anos mais tarde é Sinclair Lewis que, aos 45, obtém a honra, afastando a grande romancista norueguesa para o terceiro lugar, que ocuparia até 1957, quando Albert Camus, com a idade de 44 anos apenas, receberia essa suprema distinção literária.

Sigrid Undset permanece, entretanto, no grupo dos jovens, pois a média de idade dos laureados, no momento de sua inscrição na nominata dos titulados, deve conservar-se entre sessenta e setenta anos. Quer dizer que, de modo geral, é a obra de uma vida inteira a serviço das Musas que é recompensada. E talvez devamos congratular-nos por êste hábito formado de encontro às estipulações testamentárias; pois que, interpretadas literalmente, estas só deveriam permitir à Academia de Estocolmo — assim chamada por Nobel — que coroasse uma obra meritória, e de tendência idealista, aparecida no ano anterior à outorga do Prêmio — que se tornaria assim uma espécie de super-Goncourt internacional.

Não há, realmente, senão pouquíssimos exemplos de laureados com o Prêmio Nobel que tenham continuado a carreira literária, fôsse qual fôsse a sua idade no momento de receber o laurel. Tem-se perfeitamente a impressão de que êsse Prêmio, pela sua importância e prestígio extraordinário, exerce uma influência nefasta no feliz recipiendário, paralisando — por excesso de autocrítica — as suas faculdades criadoras. Thomas Mann, Prêmio Nobel de 1929, representa, quase sòzinho, a exceção que confirma a regra. De qualquer forma,

nem Kipling, nem Sigrid Undset, nem Sinclair Lewis, todos coroados na fôrça da idade, nada produziram, depois disso, que lhes acrescentasse algo de considerável ao renome literário, e Camus morreu antes de ter tido tempo de dar tôda a sua medida.

Continuando estas apreciações estatísticas, convém notar que Sigrid Undset é a terceira autora e a terceira norueguesa titular do Prêmio Nobel de Literatura. Duas outras mulheres, cuja candidatura foi apresentada no mesmo ano, lhe teriam podido disputar a láurea: Ricarda Huch, poetisa e ensaísta alemã não desprovida de talento, e Concha Espina, romancista espanhola entusiàsticamente proposta por compatriotas dos mais respeitáveis, e já com as honras de uma estátua em sua cidade natal, Santander. E não faltaram dignos concorrentes noruegueses para competir com Sigrid Undset, em primeiro lugar Olav Duun, autor de *Gente de Juvik,* epopéia camponesa que êle acabava de encerrar com um sexto volume, e Olaf Bull, poeta lírico de gênio incontestável, pertencente à escola que Verlaine qualificava outrora de "maldita".

No seio da Academia Sueca, não havia nenhuma dúvida de que um Prêmio Nobel devesse, mais cedo ou mais tarde, ser conferido a Sigrid Undset, principalmente após a publicação de *Kristin Lavransdatter*. Êste grande afrêsco da Idade Média, num país do Norte ainda muito primitivo, revelara na sua autora o mais poderoso talento, se não o mais original, da geração literária que, na Noruega, sucedeu à de Knut Hamsun (Prêmio Nobel de 1920), Hans E. Kinck e Arne Garborg. Os três volumes dêste verdadeiro "romance bretão" — pois o amor tem nêle papel preponderante — apareceram de 1920 a 1922. Já antes da publicação do último volume, em 1922, Sigrid Undset foi apresentada pela primeira vez como candidata ao Prêmio Nobel, e não por parte de noruegueses, mas por um conservador de museu dinamarquês, muito culto, Frederik Poulsen, que sem remorso abandonava por esta nova estrêla do firmamento escandinavo o compatriota Johannes V. Jensen, anteriormente seu candidato preferido. Por seu lado, a Comissão Nobel da Academia Sueca não se demorou a dar ouvido a esta sugestão, e foi com um relatório extremamente elogioso que o primeiro perito convidado, o Dr. Sven Söderman, se desobrigou de sua missão.

"Há muitos anos", concluía, referindo-se a *Kristin Lavransdatter*, "não leio uma obra épica dêste porte imenso com tão forte interêsse e tamanho sentimento de ter sido largamente recompensado pelo esfôrço feito. *Jean-Christophe*, de Romain Rolland cativa-nos de outra maneira, mais variada, porém topamos com numerosas páginas que não interessam senão a uma curiosidade puramente intelectual. Aqui, tudo é poesia e verdade humanas. A literatura contemporânea não oferece mais que algumas raras obras comparáveis a esta. Nas letras norueguesas já assumiu aspeto de monumento ... *Kristin Lavransdatter* é o último trabalho de Sigrid Undset e uma obra-prima que justificaria por si só a candidatura da autora ao Prêmio Nobel."

Êste julgamento cheio de entusiasmo data de 1922, e aplica-se, como vimos, exclusivamente àquele grande romance histórico que continuará sendo a peça de resistência de Sigrid Undset. Mas o perito é igualmente pródigo na aprovação e no elogio de sua produção anterior, consagrada ao estudo dos problemas que, na sociedade moderna, ainda no comêço dêste século, se apresentavam às jovens, casadas ou não, que pretendessem ganhar a vida trabalhando. Foram outras tantas autobiografias em pequeno formato, das quais a melhor será talvez essa narrativa encantadora e saborosa que se chama *Primavera*, publicada em 1914.

Depois de *Kristin Lavransdatter* — auto-retrato extremamente vivo, em tamanho natural — Sigrid Undset publicara um nôvo romance medieval quase tão volumoso, mas com um homem no centro da ação: o ciclo de *Olav Audunsson*, cujo primeiro volume apareceu em 1925. Sua candidatura é novamente apresentada ao Prêmio Nobel, em 1926, e finalmente em 1928, também por compatriotas, mas desta vez é um grande escritor, Per Hallström, Presidente da Comissão Nobel da Academia Sueca, que se constitui perito. Não hesita em assinalar certo desencontro, que se manifesta num ou noutro dêsses romances, entre as condições primitivas da vida exterior e um requinte da vida interior que, no homem e na mulher modernos, é fruto de séculos de educação sentimental. E recomenda aos seus confrades da Academia uma atitude, de preferência, expectante.

Mas já nenhuma barreira conseguia agüentar-se: levada por uma vaga de entusiasmo comum a todos os países escan-

dinavos, a autora de *Kristin Lavransdatter* veio a impor-se aos membros mais recalcitrantes do júri. Nem sequer se tratou — como fôra sugerido nalguns jornais — de fazê-la participar do Prêmio com seu compatriota Olav Duun, que soubera, quase com a mesma habilidade, introduzir uma psicologia moderna num quadro antigo, tomado à saga islandesa, e que foi apoiado por autoridades reconhecidas, tais como o Sr. Halfdan Koht, último biógrafo de Ibsen e futuro ministro norueguês dos Negócios do Exterior. O nome de Olav Duun não obteve nenhum eco fora das fronteiras de seu país, ao passo que Sigrid Undset conheceu um considerável sucesso de livraria não só em todos os países escandinavos, como também entre os anglo-saxões, e sobretudo na Alemanha, onde *Kristin Lavransdatter* atingira uma tiragem de mais de um quarto de milhão de exemplares antes mesmo que o Prêmio Nobel fizesse sentir a sua influência. Nenhum escritor norueguês — afora Selma Lagerlöf — conheceu tiragens semelhantes no estrangeiro. Não obstante — ou talvez por causa desta insólita popularidade — a Academia Sueca esquivou-se de nomear expressamente esta obra na breve exposição de motivos com que justificava a sua escolha: ali se diz, muito simplesmente, que o Prêmio de 1928 foi atribuído a Sigrid Undset "principalmente pelas suas poderosas descrições da vida do Norte na Idade Média".

Sòmente na França a autora de *Kristin Lavransdatter* ficou pràticamente desconhecida até o ano de sua consagração universal. Mas ninguém se abala por isso: todos se contentam em lamentar muito amàvelmente, como acontecera no caso de Hamsun alguns anos antes, terem estado tão mal informados a respeito dos grandes acontecimentos literários no estrangeiro. Consultando o fichário da Biblioteca Nacional, um jornalista parisiense lá descobre, entretanto, o título de uma obra de Sigrid Undset, *A Idade Feliz,* novelinha de juventude, ou antes coleção de narrativas da Oslo do comêço do século, publicada em 1908 e traduzida para o francês em 1926. *Le Figaro Littéraire* faz dela uma análise benévola, muito minuciosa, enquanto espera informar-se melhor. O douto crítico do *Journal des Débats* fala em têrmos velados de uma "nova estrêla do firmamento escandinavo, a qual empalideceu um pouco a glória de Selma Lagerlöf, com quem se parece de certo lado e de quem difere, ainda mais, sob outros aspetos", enquanto o comentador do *Excelsior* jura a pés juntos que "*Kristin Lavrans-*

datter não nos levará a esquecer *O Carroceiro da Morte*" (de Selma Lagerlöf). As traduções das obras principais da nova laureada não se fazem esperar, e, se a de *Olav Audunsson* fica de parte, *Kristin Lavransdatter* conquista ràpidamente, também na França, a atenção de vasto público.

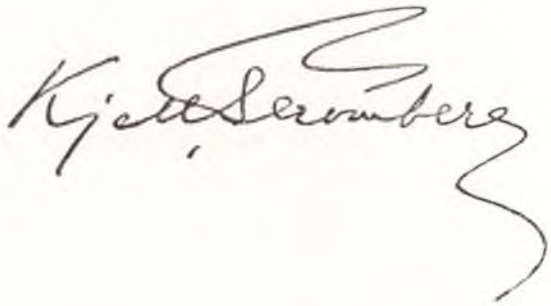
Na cerimônia da entrega dos prêmios no Palácio de Concertos, em Estocolmo, Sigrid Undset sòzinha representa — com dois cientistas alemães (o inglês Sir Owen Willans Richardson e o francês Dr. Nicolle estão ausentes) — os agraciados de 1928. Escusado dizer que é seu, então, o primeiro papel. Per Hallström, Presidente da Comissão Nobel da Academia Sueca, é quem lhe faz o discurso, do alto do estrado cheio de flôres, em têrmos seletos mas calorosos, sem esquecer-se das reservas que formulara em seu relatório confidencial. Embora registre — com uma sombra de pesar — que a vida erótica constitui o centro em redor do qual gravita o interêsse psicológico de Sigrid Undset, tanto nos grandes romances históricos como nas narrativas contemporâneas, admite sem rodeios a impressionante verdade com que é descrita a vida religiosa de suas personagens: "Profundamente consciente do infinito da fé nessas almas novas e agrestes, a autora soube dar-lhe, nas horas graves da existência, um poder invencível".

Sabe-se que Sigrid Undset — segundo sua própria confissão, sob a influência de Jacques Maritain, que conhecera em Paris e a quem admirava profundamente — converteu-se ao catolicismo depois de ter concluído *Kristin Lavransdatter*. Não dissimulava, para ninguém do seu círculo de então, a firme convicção de que nunca — depois dessa atitude pública — receberia o Prêmio Nobel de um areópago onde se assentava o arcebispo de Upsala, primaz da Igreja sueca, apesar das tendências ecumênicas que valeram ao titular dêste alto cargo eclesiástico o Prêmio Nobel da Paz, alguns anos mais tarde. Mons. Nathan Söderblom, que se transformou em seguida numa espécie de papa das igrejas protestantes, foi entretanto um dos primeiros a congratularem-se com a grande romancista que professara o catolicismo, pôsto que no ano anterior tivessem travado uma polêmica muito animada acêrca da concepção da natureza humana e da graça divina segundo Santo Tomás, e segundo Martim Lutero.

Se ninguém na Suécia se alarmou com a atitude de Sigrid Undset em matéria de religião, causou espanto e mesmo certo

desagrado a sua decisão de aplicar o total do Prêmio em obras de caráter social e beneficente. Antes mesmo de deixar Estocolmo ela instituíra, com a metade da soma recebida, um fundo cujos juros seriam destinados a auxiliar os pais de crianças retardadas ou delinqüentes, para que não tivessem de separar-se dêles — o que permite adivinhar uma tragédia pessoal na própria vida. Ter-se-ia achado mais natural que poupasse o Prêmio para os dias de sua velhice — e certamente sentiria grande necessidade dêle quando teve de exilar-se durante cinco anos, em 1940, enquanto a soldadesca hitlerista ocupava e devastava a sua casa em Lillehammer, perto da fronteira sueca — ou que criasse, a exemplo de Bernard Shaw, um fundo destinado a servir a um fim puramente literário ou a qualquer forma de cooperação internacional no plano intelectual.

Antes de morrer, em 1949, Sigrid Undset foi alvo de uma homenagem singular da parte do velho Rei Haakon, que, tendo também voltado do exílio, a fêz Grã-Cruz da Ordem de Santo Olavo.



DISCURSO DE RECEPÇÃO

PRONUNCIADO POR

PER HALLSTRÖM

POR OCASIÃO DA ENTREGA DO

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

A

SIGRID UNDSET

NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1928

Sire,

Excelências,

Minhas senhoras,

Meus senhores,

Nos seus primeiros romances ou novelas, todos êles obras notáveis, Sigrid Undset pintou o mundo das jovens mulheres que, naquela época, viviam nos diversos meios de Cristiânia. Era uma geração inquieta, disposta às decisões mais graves desde que se tratasse de satisfazer às suas aspirações à felicidade, pronta a extrair as últimas conseqüências lógicas e sentimentais da sua natureza impulsiva e apaixonada pela verdade. Essa geração teve de pagar muito caro o sentido que adquiriu das realidades; teve de atravessar muitas provas antes de reencontrar a unidade interior, e aconteceu que um ou outro de seus representantes sucumbissem na luta. As mulheres dessa geração estavam estranhamente isoladas neste mundo desconcertante; longe de buscarem apoio numa regra social firmemente estabelecida, haviam renunciado, com plena consciência, à herança do passado. Eram hostis a tôda ordem social estabelecida, que consideravam um jugo inútil, só confiando em si mesmas para a criação de uma sociedade nova, de acôrdo com uma convicção, sem dúvida sincera no fundo, mas sujeita a descaminhos.

Sigrid Undset, com ardente imaginação, viveu a vida dessas jovens mulheres; pintou-as com simpatia, mas com impiedosa exatidão; contou a tragédia de suas vidas sem procurar em-

belezá-la nem ampliá-la, e conduziu a evolução de seus destinos com a lógica mais implacável, acarretando implìcitamente a condenação de suas heroínas e do mundo em que viviam. O quadro é impressionante, na medida em que o permite a envergadura das personagens: não é sedutor senão nas descrições maravilhosamente frescas e brilhantes que ela nos faz da natureza. O que fica para sempre, na memória do leitor, são as excursões de esqui pelas soledades de Nordmark, com os jogos caprichosos da luz hibernal, a meia embriaguez do vento gélido durante o percurso, a louca dança do sangue nas artérias, o espírito de aventura, a alegria, o sentimento de vida e fôrça que fazem o coração bater. E com igual maestria Sigrid Undset descreve os esplendores da primavera, saturada de luz e pródiga de promessas. Nesse domínio, a sua arte já atinge a grandeza.

Essa grandeza estende-se a tôda a sua obra, desde o dia em que ela abandona as criaturas sem unidade, e por assim dizer desenraizadas, que lhe haviam atraído a atenção no presente, para se consagrar à vida de um passado longínquo. Estava hereditàriamente predisposta para fazer, nesse domínio, obra de pioneiro: seu pai era um historiador de mérito e ela, desde a infância, vivera numa atmosfera de lenda histórica e de folclore. Adquiriu ulteriormente, por si mesma, um sólido conhecimento do passado, orientado, ao que parece, para essa preferência pela missão que o seu gênio bom lhe reserva.

Achou aí o terreno que verdadeiramente convinha à sua natureza, e sua imaginação se viu em presença de uma tarefa proporcionada aos dons que possuía. As personagens que ia tirar do passado apresentavam uma unidade mais completa, eram de uma fundição mais firme que as personagens contemporâneas; em vez de se confinarem num isolamento estéril, participavam da imensa solidariedade das gerações pretéritas. Depois, foram as grandes massas que teve de reanimar com uma intensidade de vida e um relêvo diversamente mais firme que a sociedade amorfa da nossa época. Para quem se sentia capaz de levantar cargas pesadas, aí estava uma ocasião para dar tôda a medida de sua fôrça.

Aquelas gerações da Idade Média gozavam também, à sua maneira, de uma vida interior mais variada que a das gerações da atualidade, as quais Sigrid Undset julgava exclusivamente orientadas, através de uma espécie de monomania, para a busca da felicidade na vida erótica, onde se concentra igualmente a necessidade que elas têm de conhecer tôda a verdade. Os antepassados eram fortemente dominados pelo sentimento da honra e pela fé, fontes mais abundantes de uma psicologia feita à sua medida. Ademais, a imaginação da autora não podia senão ser reduzida pela tarefa difícil que consistia em evocar, das brumas do passado, tôda a diversidade da vida exterior das gerações desaparecidas. Sigrid Undset logrou-o numa medida que provocou a admiração geral.

No que se refere à vida interior, a sua obra não deixa à crítica uma margem muito mais ampla. Intimamente fundida com o sentimento da raça, a honra conserva, na sua narração, todo o rigor e todo o pêso que tinha aos olhos dos cavalheiros e dos grandes camponeses do século XIV; suas exigências se afirmam em tôda a clareza e os conflitos que engendra evoluem inelutàvelmente para o desenlace, sem preocupações com as conseqüências mais brutais que comportam. A vida religiosa é descrita com uma verdade impressionante. Não se transforma, na pena de Sigrid Undset, numa santificação contínua da alma, que penetre e domine a natureza humana: esta permanece, como em nosso tempo, caduca e revoltada, sendo freqüentemente mais dura ainda. Profundamente consciente do infinito da fé nessas almas novas e agrestes, a autora soube dar-lhe, nas horas graves da existência, um poder invencível.

A vida erótica, problema comum aos dois sexos, e que constitui o centro em redor do qual gravita o interêsse psicológico da obra de Sigrid Undset, se reencontra, quase sem modificações, no seu romance histórico. A êste respeito, naturalmente, objeções acodem ao espírito. Nos documentos que a Idade Média nos legou, não se conhece a questão feminista; nem sequer se encontra nêles um esbôço dessa vida interior pessoal que devia, mais tarde, originar a questão. O historiador, que exige provas, tem o direito de notar esta lacuna. Mas não é só o historiador que tem voto no capítulo; o poeta tem um direito, pelo menos igual, de se fazer ouvir quando se apóia num conhecimento sólido e intuitivo da alma humana. A ciên-

cia arqueológica é compelida a admitir que existiam, no passado, instrumentos de uma natureza diferente dos que chegaram até nós, sem esquecer que amiúde foram circunstâncias fortuitas que presidiram à transmissão das lembranças do passado. O poeta tem o direito de supor que a natureza humana não variou muito no curso das eras, mesmo quando os anais do passado são mudos a tal respeito.

Apesar das leis impostas pela necessidade, a vida comum do homem e da mulher dificilmente poderia escoar-se numa plácida simplicidade. Foi, sem dúvida, menos ruidosa que em nosso tempo, mas não estêve isenta de conflitos, nem de cruentas discórdias. A êsses conflitos e a essas discórdias, Sigrid Undset deu voz e alma, pôsto que às vêzes pareça, esta voz, revestir-se de acentos demasiado modernos, e tenham os sentimentos uma gradação demasiado sutil para uma época onde ainda não se manifestara a influência da poesia. A natureza mais pesada e mais áspera da atmosfera parece igualmente ter sido de molde a temperar mais fortemente os caracteres. Mas é a essa deformação, se é verdade que podemos recorrer ao têrmo, que o poema deve a sua vida pungente e evocadora. Na transação entre o presente e o passado, à qual o romance histórico não poderia fugir, parece mesmo que Sigrid Undset escolheu o caminho mais fecundo.

A sua narrativa é vigorosa, ampla e, com muita freqüência, um tanto pesada. Flui como um rio, que recebe a todo instante novos afluentes, cujo curso a autora descreve também, com o risco de cansar a memória do leitor. Isto resulta, em parte, da própria natureza do tema: no imenso acúmulo das gerações, os conflitos e os destinos assumem uma forma muito concentrada, são verdadeiras massas de nuvens que se entrechocam ao fulgurar do relâmpago. Todavia, esta lentidão se deve também à imaginação ardente e direta da autora, que extrai uma cena e um diálogo de cada incidente da narrativa sem jamais consentir no recuo necessário à perspectiva geral. E o vasto rio, cujo curso é difícil abranger em panorama, avança torrentoso, arrastando o leitor imerso numa espécie de torpor. Mas o bramido das águas tem o eterno frescor da natureza; nas corredeiras e nas quedas, o leitor acha o encantamento que emana da potência dos elementos, tal como no vasto espelho

dos lagos percebe um reflexo do sem-fim, com a visão de tudo o que pode haver de grande na criatura humana. Depois, quando o rio alcança o mar, quando Kristin Lavransdatter agüentou até o fim o combate de sua vida, ninguém pensa em queixar-se da extensão do caminho que acumulou no seu destino uma grandeza e uma profundidade tão excessivas. Não existe, na poesia de todos os tempos, muitas cenas que atinjam tal majestade.

O último romance de Sigrid Undset, Olav Audunsson, está, em conjunto, no nível do precedente, pôsto que não se alce ao final trágico daquele. Quanto ao mais, alcança quase a mesma grandeza na cena em que Olav mata o islandês: esta cena constitui um quadro magnífico, expressão a mais magistral da vida interior, com um sentimento de nobreza e de justiça e uma largueza de visão quase sôbre-humanos, que pairam acima de tôdas as atrocidades. Aqui, encontramos o mesmo desabrochar de fôrças que em Kristin Lavransdatter. No que toca ao estudo dos caracteres, não parece possível alguém elevar-se mais do que a autora o faz com Eirik, a personagem principal da última parte do romance. Assiste-se aí à evolução completa do ser humano, levada com a lógica mais rigorosa desde as primeiras manifestações da infância, mas também com uma impressionante superposição de traços novos, à medida que a caracterização adquire consistência. Vemos desenvolver-se, aos nossos olhos, uma alma humana, verdadeira criação de uma arte realmente superior.

É na plena posse de seu talento que Sigrid Undset recebe o Prêmio Nobel de Literatura, homenagem prestada a um gênio poético que não poderia ter as suas raízes senão em um espírito verdadeiramente grande e poderosamente organizado.

VIDA
E OBRA

DE

SIGRID UNDSET

POR
A. H. WINSNES
Professor da Universidade de Oslo

SIGRID UNDSET

Nos primeiros decênios do século XX, a literatura norueguesa se caracteriza por um nôvo surto no desenvolvimento da poesia lírica e do romance.

E sobretudo do romance! Na primeira fila encontramos Sigrid Undset. O eminente crítico sueco F. Böök escreve em 1927: — o ano anterior ao do Prêmio Nobel — "Ela faz parte do pequeno número dos mais insignes autores contemporâneos que ousamos qualificar de grandes".

Não é fácil dizer qual o critério de uma grande obra literária. Mas no que concerne ao romance, não pode haver dúvida: o essencial está na profundidade e na amplitude da visão da vida humana evocada diante de nós. O objeto do romance, escreve François Mauriac, é "o conhecimento do coração humano". Nesse domínio, poucos escritores da nossa época nos exprimiram tantas coisas como Sigrid Undset acêrca do coração humano. Do berço ao túmulo, pintou com grandes pinceladas um quadro completo da vida humana: desde os movimentos do embrião no seio materno até o desvanecimento do corpo depois da morte; desde os instintos e as paixões até os desejos mais profundos e o conhecimento espiritual mais elevado.

E não são apenas os homens do nosso tempo que ela estuda. O seu pensamento e imaginação movem-se com a mesma segurança convincente nos tempos afastados ou vizinhos. Ora conduz-nos através da cidade de sua juventude — então chamada Cristiânia — dos lares modestos da classe média, das

pensões familiares, dos sótãos e escritórios, ora leva-nos pelas cidades e pelos campos, na Noruega medieval dos séculos XIII e XIV, aos castelos dos grandes e às choupanas da gente miúda, aos claustros e às igrejas. A tudo isso vê com igual acuidade e igual clareza. Em tôda a parte ela se encontra à vontade. "Creio que, se compreendo tão bem a nossa época", escrevia uma vez à sua amiga Nini Roll Anker, "é porque sempre tive uma época desaparecida com que compará-la."

Uma infância alimentada com a história

Sigrid Undset nasceu a 20 de maio de 1882, no lindo vilarejo de Kalundborg, Seeland ocidental, Dinamarca. Seu pai, o norueguês Ingvald Undset, era um conhecido arqueólogo. Propôs-se a explorar a mais longínqua pré-história do povo escandinavo e adquiriu nomeada internacional graças, sobretudo, a um estudo sôbre *O Início da Idade do Ferro na Europa Setentrional*. Sua mulher, Anna Charlotte Gyth, muito culta e intelectual, era dinamarquesa e pertencia a uma família oriunda da Escócia. Desta forma, Sigrid Undset tinha nas veias ao mesmo tempo sangue norueguês, dinamarquês e escocês.

Dois anos após o nascimento de Sigrid Undset, em 1884, sua família voltou para a Noruega, onde seu pai obtivera um pôsto na Universidade de Cristiânia. Mas uma triste sorte se abateu sôbre a família. Ingvald Undset adoeceu. Paralítico, passou os últimos anos numa cadeira de rodas. Morreu antes de haver completado 40 anos. Sigrid Undset tinha então 11 anos. *Onze Anos* é o significativo título das encantadoras recordações da infância que escreveu muito tempo depois, e que se encerram com a morte do pai.

Ela amava o pai e o admirava. São em grande número os que julgam que êsse amor profundo se reflete no romance *Kristin Lavransdatter*, que exprime o amor filial de Kristin. É possível. Mas o certo é que Ingvald Undset deu à vida espiritual e sensível da filha uma orientação determinante. Despertou-lhe o interêsse pela história, alimentou com isso a sua imaginação. Nas reminiscências da infância conta ela que, quando menina, ficava sentada a escutar, fascinada, as con-

versas entre o pai e seus doutos amigos. Encantava-se especialmente quando evocavam os contos e os mitos obscuros, a época das Edas, as inscrições rúnicas, os Vikings e os antigos caminhos comerciais. Ela viveu e respirou um clima histórico e pôde dizer com razão que fôra "alimentada com a história".

Primeiros contatos humanos

A diretora da escola freqüentada por Sigrid Undset incitava-a a fazer o exame vestibular e continuar os seus estudos na Universidade. Mas Sigrid Undset preferiu entrar para uma escola comercial, depois do que obteve um emprêgo no escritório de C. Wisbeck, lugar que ocupou durante dez anos ao todo. O trabalho não lhe agradava. Mas ela possuía no mais alto grau o sentimento do dever. Um dos chefes da grande firma à qual pertencia contou que ela era quase indispensável, principalmente em virtude de sua memória extraordinária e do seu senso de ordem.

Os dez anos que passou nessa casa representam um capítulo essencial da vida de Sigrid Undset. O trabalho no escritório e os contatos que acarretava com homens de negócio, com os colegas que moravam em pensões e quartos miseráveis, tudo isso era, a muitos respeitos, um mundo nôvo para ela. Tornou-se curiosa. Sentiu vontade, conta-nos, de saber como êsses homens "eram no íntimo". Em resumo, mergulhou na realidade cotidiana que lhe deu o material de suas composições da vida contemporânea.

Primeiras obras

Em 1907, Sigrid Undset estreou-se no romance com *Sra. Marta Oulié*. A êste seguiu-se tôda uma série de histórias que descrevem também gente de seu tempo: *A Idade Feliz* (1908), *Jenny* (1911), *Destinos de Gente Pobre* (1913), *Primavera* (1914), *O Brilho do Espelho Mágico* (1917), *As Virgens Prudentes* (1918).

Aparentemente nada há de excepcional nesses livros. Tratam de pessoas comuns, inteiramente simples, e estão escritos

no estilo realista tradicional. Mas o que é digno de nota é a associação de objetividade, ternura e profunda simpatia que as suas descrições humanas revelam. É objetiva e lógica, faz verdadeiras experiências com essas personagens para ver o que têm em si ou para descobrir os valôres aos quais se prendem.

Altamente considerável é a visão da humanidade que se manifesta desde o comêço de sua obra. Esta representa uma clara ruptura com a visão humana que, em larga escala, dominara a literatura norueguesa desde 1880: o naturalismo. O homem era então reputado, antes de mais nada, pura e simplesmente, por um produto da natureza, da hereditariedade e do meio, ou de instintos cegos. Esta visão não tinha o homem por um ser inteligente, ou uma pessoa dotada de livre arbítrio, isto é, com a faculdade de escolher ou de estar em relação com uma ordem objetiva, uma fôrça espiritual divina situada além do mundo material visível.

O tema que volta constantemente é a descrição do isolamento ou do egocentrismo que espera o homem, quando não vive de acôrdo com uma realidade maior ou mais elevada do que a sua.

Carlota Hedels, uma das môças de *A Idade Feliz,* é uma das personagens que sente mais fortemente o vácuo espiritual da época, a sua ausência de absoluto, de perspectiva da eternidade. Numa de suas conversas, ouvimos a própria Sigrid Undset: "Não pomos nada em jôgo; não há nem perda nem ganho que mantenha o nosso pensamento em suspenso... Estamos apaixonados por nós mesmos" diz ela. E a amiga responde: "Tudo como a personagem da história, Narciso, que amava a própria imagem e se afogou".

As duas obras modernas mais importantes dêste período são *Jenny* e *Primavera.*

Jenny é a obra mais triste que escreveu. É mesmo a única obra verdadeiramente triste! Não apresenta nenhuma solução. Jenny se enovela em si mesma e mata-se.

Mas, em *Primavera,* é o raiar de um nôvo dia. Em casa de Rosa Wegner, a heroína do romance, alguma coisa cresce, e germina. Ela descobre o caminho de um plano superior, de uma comunidade social: o lar. As principais personagens, tôdas elas, são postas em relação com o lar de onde saíram, e são explicadas, julgadas e justificadas segundo as suas faculdades, enfrentando os problemas e as obrigações que resultam do lar como fonte ou "célula primitiva" da vida social e da vida cultural superior.

Uma profunda inspiração ética atravessa êste primeiro período da obra de Sigrid Undset. Mas o heroísmo ético glorificado comporta um elemento de resignação. A própria Rosa Wegner, em *Primavera,* tem algo de obstruído. Um lado de sua vida espiritual não se desenvolveu.

Descobrimento do cristianismo

Em 1924, Sigrid Undset voltou-se para a Igreja Católica. Não foi o resultado de uma súbita vocação, ou de uma conversão. Não há, na história de sua evolução religiosa, nada comparável ao acontecimento religioso que de repente, num dia de julho de 1886, na Igreja de Notre-Dame, sobreveio a Paul Claudel, então com 18 anos, acontecimento qualificado com razão de "choque espiritual", e que o levou desde aí a ver o mundo com olhos totalmente novos. Em Sigrid Undset, tem-se a impressão de que o cristianismo se lhe abre progressivamente, como uma confirmação do que o pensamento e a experiência da vida lhe haviam ensinado. O seu descobrimento do cristianismo aparentou-se estreitamente, pelo que parece, com o que G. K. Chesterton conta em *Ortodoxia:* "A minha abaladora descoberta é que tudo já fôra descoberto, e isso, pelo cristianismo".

Quando Sigrid Undset escreveu os primeiros romances, era indiferente à religião. "A bem dizer, não acreditávamos em nada", escreve acêrca de si mesma e de seus contemporâneos da época da Primeira Guerra Mundial. "A Igreja", escrevia em 1915 a uma amiga, "eu a vejo mais ou menos como a uma ruína muito pitoresca, nalgum ponto do último plano."

Sigrid Undset era uma natureza crítica, para não dizermos cética. Mas o seu ceticismo contribuiu, ativamente, mais para aproximá-la do que para afastá-la da religião. Ela reagiu contra as crenças progressistas e o otimismo evolucionista que estavam tão difundidos no tempo de sua juventude. Era uma natureza religiosa e tinha necessidade de crer em fôrças superiores e divinas, mas não podia contentar-se com sucedâneos da religião.

Entre as circunstâncias que lhe revelaram o cristianismo, nenhuma atinge a importância da Primeira Guerra Mundial. "Em tempo de catástrofe", escreve o historiador inglês Arnold Toynbee, "os espíritos fracos podem experimentar a sensação de que a realidade não é nada mais que um caos. Noutros, a situação exerce uma ação contrária. A observação da desordem exterior e da precariedade de todos os bens externos pode aguçar a visão do eterno, do imperecível e da unidade, que tem seu fundamento na crença em um mundo espiritual eterno."

Assim, Sigrid Undset: "A Igreja", escreve em 1917, "representa, não obstante, os ideais que por um momento julgamos poder dispensar, mas dos quais, em definitivo, reconhecemos impossível privar-nos."

Descobre o cristianismo não só como experiência subjetiva, senão como realidade objetiva, fato histórico concreto. O seu vigor enche-a de pasmo e admiração. Apesar da maioria das tentativas enérgicas para exterminá-lo, para refutá-lo como crença inatual, que não acompanhou "a evolução" e "o progresso", o cristianismo entretanto permanece inabalável, e ensina a mesma coisa hoje como ontem, isto é, que "o homem foi criado à imagem de Deus e chamado a ser o colaborador de Deus neste mundo".

O que fica, no entanto, como fator decisivo pessoal na história de sua adesão à Igreja Católica, não pode ser expresso por quem não estiver em causa. Ela própria escreve: "Só uma intervenção sobrenatural pode salvar-nos de nós mesmos".

Romances medievais

Os dois grandes romances medievais, *Kristin Lavransdatter* (1920-1922) e *Olav Audunsson* (1925-1927), são as duas maiores contribuições literárias de Sigrid Undset. Foram êles que levaram o seu nome pelo mundo e fizeram dela um escritor da literatura universal.

Desde a primeira juventude, sentira-se atraída pela Idade Média. Mergulhou nesse período, sob o duplo aspeto escandinavo e europeu, e formou um fundo de conhecimentos que ela aumentou incessantemente, inspirada em grande parte pelo renascimento, no comêço do século XX, dos estudos da Idade Média escandinava e particularmente norueguesa, com representantes tais como Fredrik Paasche, Harry Fett, etc. Uma nova imagem da Idade Média norueguesa foi evocada. Enquanto havia antes a tendência para considerar a civilização norueguesa da alta Idade Média como regularmente isolada do resto da Europa, descobriram-se então contatos com a Europa. Ao passo que outrora se olhara a influência da Igreja e da cristandade como fenômenos supérfluos, apresentavam-se agora documentos que mostravam, claramente, quão profundas raízes a predicação da Igreja devia ter lançado na vida espiritual e na sensibilidade do povo. Aos olhos de Sigrid Undset, as manifestações realmente admiráveis da Idade Média norueguesa não eram as expedições dos Vikings, mas a maneira pela qual o povo, no curso de algumas centúrias, pudera criar uma sociedade cristã de alta cultura, tal como a que aprendemos a conhecer nos séculos XII, XIII e na primeira metade do século XIV. É nesses dois últimos períodos que Sigrid Undset situa a ação de seus dois romances medievais.

Sigrid Undset tivera, dantes, a intenção de escrever um romance acêrca da Idade Média norueguesa. Chegara até a fazer uma tentativa, quando empregada no escritório de Wisbeck. Entregara o manuscrito a um editor, que lho devolvera. E, sem dúvida, com razão! Ela ainda não estava suficientemente preparada para a publicação.

Só depois de viver o seu próprio período de crise cultural, e sentir o sôpro do vazio espiritual, é que Sigrid Undset

alcançou uma visão justa, e que uma civilização inteiramente secularizada a levou, por contraste, a realizar o sonho de sua juventude: uma grande composição épica acêrca da Idade Média. Só nesse momento pôde interpretar a fundo a Idade Média e todos os conhecimentos precisos que possuía sôbre essa época. Agora, podia analisar o que exprimia o gótico e o seu arremêsso para o alto, certa concepção da vida que êle significava, traduzi-lo como a expressão do que, aos seus olhos, era o essencial para o homem: o esfôrço da humanidade contra o que os insetos e a ferrugem não podem devorar, isto é, o desejo de eternidade.

Uma obra sacudida por uma poderosa paixão religiosa

A história da peregrinação, penosa e contudo cativante, de Kristin e de Olav através daquelas regiões magníficas mas perigosas, Sigrid Undset a criara com a sua própria carne e o seu próprio sangue. Eis por que êsses romances históricos assumem um caráter bem diverso dos romances medievais de Walter Scott. São romances simbólicos para o nosso próprio tempo, uma obra sacudida por uma poderosa paixão religiosa, que atinge o seu máximo em *Olav Audunsson,* mais próximos malgrado tôda a dessemelhança, de Dostoievsky que de Walter Scott. Dostoievsky pudera utilizar os niilistas da época para inspirar a sua visão de um mundo sem cristianismo. Sigrid Undset remonta à Idade Média a fim de novamente tornar o cristianismo visível para a nossa época.

Os romances históricos de Sigrid Undset não tratam de personagens históricas conhecidas. Nêles, como nos seus romances modernos, são criaturas de todos os dias que ela descreve. E o tema de base não difere essencialmente de sua obra sôbre homens do nosso tempo.

Tem-se criticado Sigrid Undset por descrever nos romances medievais homens modernos e seus conflitos morais. Ela estava, contudo, convencida de que a natureza do homem era e permanecia a mesma nas épocas culturais que conhecemos. "Os costumes e os hábitos mudam muito", escrevia, "mas o coração dos homens não se modifica absolutamen-

te todos os dias." Os romances medievais e os romances modernos edificam-se todos no tema formulado por Santo Agostinho: "Tu nos criaste para Ti, e o nosso coração se inquieta pelo que repousa em Ti".

Entretanto, há uma diferença essencial. Enquanto, nos primeiros romances modernos, ela descrevia um mundo em que a noção de eternidade tendia a desaparecer da consciência, nos romances medievais trata de homens inclinados a revoltar-se contra a vontade divina — de algum modo poderíamos chamar-lhes "servos insubmissos" — mas, no entanto, convictos de que dependem da palavra divina. Sabem que a humanidade é o lugar de encontro entre dois mundos, entre o tempo e a eternidade, a terra e o céu. Sabem que, afinal, o bem e o mal se defrontam na consciência da humanidade. E, levando-se tudo em conta, o único campo de batalha possível. E o mais importante: sabem que nenhuma circunstância exterior, afora êles próprios, é responsável pelo infortúnio que os fere.

Uma penetração psicológica excepcional

Com uma faculdade pouco comum para ir ao íntimo ao mesmo tempo da vida espiritual das mulheres e dos homens, de maneira concreta e realista, Sigrid Undset pinta a luta interior de Kristin e Olav.

Essa luta manifesta-se de diversas maneiras. Em Kristin, o seu egocentrismo, e mesmo o amor de sua própria infelicidade, opõem-se ao amor divino que quer habitá-la, mas ao qual ela se recusa obstinadamente. Em Olav, a luta se trava a princípio com o sentimento da honra. Êle teme o julgamento dos homens mais que o julgamento de Deus. Mas sabe que está a caminho do tribunal onde cada homem será julgado pelo que é, de fato, e não pelo que parece aos olhos dos outros.

Nos dois romances, um papel principal é desempenhado pelo sentimento de culpa, de contrição e de expiação. Êsse complexo de sentimentos é descrito com tanta agudeza psicológica em Kristin como em Olav, em ambos sob o ponto de

vista cristão, mas de maneira mais premente em Olav. O capítulo característico é o que leva o título: "A felicidade de Olav Audunsson". Poder-se-ia pensar que assim é dito por ironia, tão pouca razão há para o que habitualmente se entende por "felicidade". Ora, não se trata de ironia, mas de uma expressão do otimismo cristão. A "felicidade" de Olav Audunsson é a de poder sentir o pecado e o arrependimento. Consta de duas coisas: a certeza de que viola uma disposição sagrada quando faz desaparecer furtivamente a inimiga — sua pérfida amante — e, ao mesmo tempo, a consciência nascente de uma reparação possível. É uma possibilidade de reconciliar-se com o seu Criador. Parece-lhe ouvir dizer a Nosso Senhor: "Porque finalmente me amas, venho ao teu encontro. Porque enfraqueces junto de mim, persigo-te. Afugento-te, porquanto me chamas enquanto foges diante de mim".

Podem-se ler os romances históricos de Sigrid Undset de diversas maneiras. Encantam-nos o processo graças ao qual ela ressuscita os séculos desaparecidos, a intimidade das vivas imagens que evoca da Idade Média norueguesa, o ambiente onde se movem as suas personagens. Não nos cativam menos a ação interior, a descrição dos homens. Mas a idéia religiosa, a perspectiva de eternidade, é que são a característica essencial dessas obras.

Retôrno ao romance moderno

Depois do último volume de *Olav Audunsson,* Sigrid Undset tornou a voltar-se para os homens modernos. Na segunda série de seus romances contemporâneos encontram-se: *A Orquídea Branca* (1929), *A Sarça Ardente* (1930), *Ida Elisabeth* (1932) e *A Mulher Fiel* (1936).

O mais apaixonante é *A Orquídea Branca,* assim como a sua continuação *A Sarça Ardente*; ambos narram a evolução da personagem principal, Paulo Selmer, livre-pensador moderno, ou agnóstico, a caminho da crença em uma realidade espiritual cujo fiador é o Cristo.

O processo desta evolução religiosa parece refletir os estádios essenciais daquela por que passou a própria Sigrid Undset. Pode-se, pois, até certo ponto, falar de autobiografia. Mas não há analogia nas circunstâncias exteriores, salvo que ambos são filhos da mesma época — os anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial — e, socialmente, um meio equivalente. A analogia reside antes de mais nada no plano moral e espiritual. Assemelham-se uns e outros pela disposição intelectual e pelo temperamento, pela idêntica mescla de fria razão, realismo e necessidade de união com valôres mais profundos do que aquêles passíveis de serem oferecidos por um otimismo evolutivo; Paulo Selmer é constantemente assaltado pela objeção de que a Igreja está em luta contra o "progresso". Era exato, até certo ponto. "Com efeito", afirma êle, "quando os homens não têm base metafísica em que apoiar-se, não lhes resta mais que abandonar-se à tirania do progresso."

O pensamento e a reflexão representam um papel importante na história da conversão de Paulo Selmer, mas só quando aprende a considerar-se cúmplice da revolta contra a vontade divina é que chega à escolha decisiva.

Em *Ida Elisabeth* e em *A Mulher Fiel,* o tema religioso não atinge a fôrça expressa em *A Orquídea Branca* e *A Sarça Ardente.* Não obstante, tem aí um papel essencial. Êsses romances assentam no contraste que opõe duas concepções fundamentalmente diferentes da vida: uma, naturalista, a outra, supranaturalista; o contraste entre uma necessidade de transcendência não desenraizável no homem e uma concepção da vida que só vê no homem um "cidadão dêste mundo". O conflito entre essas duas concepções da vida ilumina um domínio primordial para Sigrid Undset: o casamento. Ela confronta o romantismo sensual moderno e a idéia cristã do casamento, e demonstra, por assim dizer experimentalmente, que esta última participa da realidade da vida humana, ao mesmo tempo "que penetra em regiões espirituais infinitamente mais vastas".

Os romances contemporâneos de Sigrid Undset talvez não estejam ao nível dos romances medievais, e nem mesmo ao nível do primeiro grupo de suas narrativas contemporâneas. A concentração, a clareza, são menores, e, nos romances

de conversão, essa fraqueza às vêzes é evidente. Mas possuem um ambiente delicado e as faculdades de criação da autora não se ressentem por intervir na vida moral de suas personagens, especialmente na vida moral de homens inteiramente vulgares. Desde cedo, Sigrid Undset possuiu esta faculdade, mas talvez nunca se tenha desenvolvido com um sentimento tão vivo de compaixão como quando descreve existências anônimas no gênero de Lúcia Snipper em *A Orquídea Branca* ou de Ida Elisabeth no romance de igual nome, ou da Natália de *A Mulher Fiel.*

Um casamento infeliz

Depois do êxito obtido por seus primeiros romances, Sigrid Undset sentiu-se bastante confiante em sua arte para poder renunciar tranqüilamente ao emprêgo de escritório e consagrar-se inteiramente à sua obra. Em 1909, fêz a primeira viagem ao estrangeiro. Demorou-se alguns meses na Alemanha, mas não se deu bem. A viagem a levou a Roma. O encontro com a cidade eterna, descreveu-o em *Jenny.* Parecia-lhe estar realizando um sonho: sentiu-se logo à vontade na cidade eterna.

Foi lá também que conheceu o pintor de talento A. C. Svarstad, com quem casou alguns anos depois. Êle trazia três filhos de um matrimônio anterior. Sigrid Undset, por sua vez, deu-lhe mais três. Teve assim uma esplêndida ocasião para exercer os seus dons de mãe e madrasta. Todavia, a união não foi feliz. Viveram separados durante certo tempo; depois, o fôsso entre os esposos se aprofundou cada vez mais. A entrada de Sigrid Undset no seio da Igreja Católica acabou de dissolver *ipso facto* o casamento.

De 1919 até a ocupação da Noruega pelos alemães, em 1940, Lillehammer, idílica cidadezinha à beira do lago Mjosen, serviu de quadro à sua vida. Comprou ali uma casa primitivamente vinculada a uma granja velhíssima. Quem penetrava no seu interior tinha a impressão de haver recuado alguns séculos. Da vida em "Bjerkebaek" — era êste o nome que dava

à sua casa — fêz uma encantadora narrativa num livro escrito durante o exílio nos Estados Unidos, *Dias Felizes na Noruega*, 1943.

Exílio nos Estados Unidos

Quando, em abril de 1940, a Noruega foi invadida pelos alemães, Sigrid Undset recebeu ordem das autoridades militares norueguesas para sair do país o mais depressa possível. Temia-se que os alemães a constrangessem a falar pelo rádio, entre outras coisas a respeito da maneira correta com que se comportavam.

Havia boas razões para se acreditar que os alemães a tinham em vista. Dantes, nos anos do decênio de 30, ela já se fizera ouvir em jornais, revistas e outras publicações, especialmente num ensaio primeiramente publicado em alemão sôbre *Progresso, Raça, Religião*. Seu desafio ao nazismo despertara atenção. "As suas produções literárias não devem mais figurar em jornais alemães, em bibliotecas alemãs ou em livrarias alemãs", escrevia o *Westdeutscher Beobachter*.

Depois de uma viagem aventurosa e arriscada, parte feita em esquis, através das montanhas, passando pelo Gudbrandsdal, pela Suécia, e além, pela Rússia e Oceano Pacífico, chegou em agôsto de 1940 aos Estados Unidos. Empregou-se a princípio no serviço de informações norueguês na América. Com o seu renome, não lhe foi difícil ter acesso aos grandes jornais e revistas. Desenvolveu intensa atividade jornalística, totalmente centralizada na explicação dos valôres morais e cristãos fundamentais que estavam em jôgo. Em artigos ponderáveis aniquilou o "mito nórdico" do nazismo, confrontou as elucubrações insensatas dêste com uma explicação realista dos povos escandinavos e não cessou de mostrar quanto a civilização ocidental estava estreitamente ligada às idéias cristãs. "Acima da nossa triste época de caos", escreve, "elevam-se vozes que clamam por uma volta à religião. Existe aí o sentimento — às vêzes claramente expresso, porém mais amiúde percebido vagamente — de que a humanidade, quando

tenta romper com o seu Criador e bastar-se a si mesma, perde na realidade a fonte que alimenta e sustém, mesmo, a sua vida temporal."

Volta à Noruega

Em agôsto de 1945, depois de cinco anos de ausência, Sigrid Undset voltou à Noruega e pôde reinstalar-se na sua velha residência de Lillehammer. A guerra, o trabalho intensivo e a mágoa causada pela morte do filho mais velho, morto no campo de honra, haviam-lhe desgastado as fôrças. Retomou a atividade literária. Não teve ânimo para se lançar a uma obra nova, mas terminou, entre outros trabalhos, uma biografia de Santa Catarina de Siena.

A história dessa grande cristã, que numa época repleta de violências e de crimes sangrentos, de epidemias e de guerras, freqüentou os grandes dêste mundo e os influenciou no sentido da paz e da justiça, encontrou profundo eco no coração de Sigrid Undset e, em sua pena, adquiriu uma atualidade especial. A *Catarina de Siena* de Sigrid Undset não é uma hagiografia idealizada. É de um pronunciado realismo. A personalidade sobressai de um fundo concreto e perceptível. Essa obra aparenta-se estreitamente com seus romances medievais.

Nos seus últimos anos, Sigrid Undset consagrou-se à preparação de um trabalho acêrca do político inglês Edmund Burke. Êste também, pelo que pareceu à autora, possuía uma missão a cumprir com relação ao nosso tempo. Tinha, como a própria Sigrid Undset, o profundo sentimento de uma ligação orgânica na vida do povo. Ela não pôde, porém, concluir o livro. Caiu doente, e morreu em Lillehammer a 10 de junho de 1949.

SIGRID
UNDSET

PRIMAVERA

PRIMEIRA PARTE

I

Axel passeava diante do Banco, de um lado para outro, à espera do irmão.

A chuva caía miúda e cerrada. Atrás das casas, a montanha se erguia encapuzada em névoa. Era a rua principal da cidade, e as casas de madeira, quase tôdas sobrados de dois andares, tinham côres claras, ácidas: ocre, cinza desmaiado, chocolate pálido. Mais longe, na direção da ponte, uma casa de pedra e tijolo quebrava esta harmonia, lembrando tristemente a cidade grande.

"Se houvesse sol", dizia consigo Axel, "eu acharia isto lindo."

Olhou o relógio: havia um quarto de hora que estava esperando.

No mesmo instante, a cadelinha de caça, de pêlo amarelo-avermelhado, pertencente ao irmão, veio roçar-se entre as pernas de Axel, deu meia volta e foi festejar o dono. Torkild estendeu a mão:

— Desculpa a demora...

— Eu pensava — disse Axel — que vocês, bancários, fôssem pontuais pelo menos na hora de sair do Banco.

Torkild disse:

— Ôpa, agora estás falando dinamarquês! Tens de voltar à língua materna, meu velho.

— Àh, sim, a língua materna. De fato, é isso mesmo.

Pareceu-lhe, de repente, que todo o seu mau-humor se condensava num sentimento de tristeza e intensa repulsa. Por

que então tinha vindo? E finalmente pôde exprimir o que o preocupava desde a manhã:

— Escuta, Torkild, achas que, sem melindrar papai, tu compreendes, posso ausentar-me por algum tempo... dar um giro pelas montanhas, por exemplo?

— Claro. Tu sabes, papai não espera que fiques todo o verão aqui neste buraco.

— Evidente! — disse Axel, aliviado. — E só daqui a seis semanas é que tenho de me iniciar no nôvo emprêgo.

— Sim, é claro, ficar aqui para não fazer nada, durante seis semanas, quando não há obrigação, ninguém seria capaz disso.

Tinham chegado ao hotel. E quando, livres dos sobretudos, se viram sentados perto da janela, na sala de jantar, mal iluminada, grande e lúgubre, nem um nem outro dos dois irmãos soube como começar a conversa. Olharam, então, para a rua, onde a chuva continuava caindo. Depois, Axel disse:

— Então é amanhã que ela chega, Rosa Wegner?

— É.

Torkild enrubesceu levemente. Mas Axel prosseguiu, sorrindo:

— Era bonita, quando menina, se não me engano. Talvez se possa matar o tempo arrumando um flêrte. A não ser que já esteja comprometida por aí.

— Eu não sei de nada. Aliás, penso que ela não te interessará.

Axel julgou perceber que o assunto não agradava muito a Torkild. Mas, como não achasse outro, prosseguiu:

— A Sra. Wegner morreu, não foi?

— Sim, faz alguns anos.

Serviram o jantar e, durante certo tempo, ambos comeram em silêncio. Depois Torkild ergueu seu cálice:

— À tua saúde! Tiveste uma boa idéia, essa de voltar, finalmente!... Isso causou muito prazer a papai também, podes ter certeza — acrescentou, ao cabo de um momento.

— Achas? — perguntou Axel, erguendo a cabeça. — Achas mesmo?

Torkild fêz que sim:

— Papai também sentia a tua ausência, compreendes?

Axel, porém, não respondeu. Agora que se apresentava a ocasião de conversar com o irmão acêrca da família, perdera tôda a disposição para isso.

Ficara contente, de manhã, quando Torkild lhe propusera jantasse com êle, à saída do Banco. Porque pensava que o irmão desejasse, tal como êle, conversar francamente para chegarem a conhecer-se: afinal, eram irmãos...

Êle também tivera um lar, havia muito tempo... e, afastado dos seus durante todos aquêles longos anos, conservara a lembrança dêsse lar... tal como fôra... Sim, pensara em Hellerud.

Como se lembrava bem da granja de Hellerud: a casa de moradia, que era branca e cuja porta dava para o pátio, o anexo pintado de amarelo, ocupado pelo rendeiro, os paióis e dependências pintados de vermelho, o elevado arco de tijolos do depósito de feno, a cujo lado se erguia um alteroso freixo; as estacas para o feno[1] ficavam encostadas ao tronco da árvore. No meio do pátio havia um ácer de grande porte; Axel lembrava-se de que, no outono, ao sol poente, a sua copa se inflamava de vermelho e ouro, enquanto lá embaixo a vila já estava imersa na sombra, e os pequenos amieiros ao longo do rio continuavam lustrosos e verdes. Lembrava-se das fôlhas amarelas chovendo no pátio e misturando-se, à passagem das rodas, na lama de outubro; via também a árvore na primavera, quando suas flôres de um louro de mel juncavam o chão e cobriam o capim tenro e nôvo. Ah! Julgava conhecer perfeitamente cada brôto daquela relva do pátio, rasteira e escoriada, e a vegetação de urtigas, para a banda do chiqueiro, e as trilhas que iam de uma a outra porta, e o talude... Êste, êle o via diante de si enquanto quisesse... semeado de destroços de tôda a ordem, de feno, de cacos. Naquele tempo remoto, talvez seus olhos andassem tão perto do chão porque era menino e sua alma nova descobria maravilhas por tôda a parte onde cresciam as urtigas.

Do pomar conservava uma lembrança muito menos exata. Recordava-se apenas que estava cheio de ervas e entregue ao abandono, com as macieiras de ramos torcidos e cobertos de líquens amarelos. Talvez ali não entrasse com freqüência.

---

[1] Na Noruega, país chuvoso, para facilitar a sêca do feno e evitar que apodreça, êle é freqüentemente exposto, depois de cortado, sôbre arames estendidos entre estacas cravadas no próprio campo.

Na casa do rendeiro, em compensação, e no estábulo, no paiol de feno, na estrebaria, e na ferraria para lá das lavouras, reconheceria cada trave de telhado, degrau de porta, tábua de soalho. Quanto às peças da casa de seus pais, não as evocava muito bem. E lembrava-se dos dois filhos do rendeiro, Mário e Even, do rendeiro e sua mulher, e do peão Antônio, da velha Emília, que trabalhava na lavoura — lembrava-se muito mais dêles do que do pai, da mãe, do irmão e da irmã.

Falando a verdade, não devia ter tido muita afeição por êstes, naquela época. É que então era um autêntico arbusto silvestre, e na vizinhança do rio, ao pé dos morros barrentos, ou no mato acima da granja, sentia-se melhor do que em casa. Em casa, aliás, a situação não era lá muito boa: seu instinto de criança, no tempo em que começavam as suas recordações, sem dúvida o advertira de que tivera início a desagregação do lar. Os pais tinham vivido febrilmente a sua própria vida, que não lhes permitia ocuparem-se dos filhos; talvez, até, êle nunca houvesse possuído um verdadeiro lar, durante todo o tempo em que os pais viveram juntos.

Naquele período, Torkild e Dóris eram, para êle, "as crianças". À maioria das vêzes ficava furioso quando tinha de levá-los consigo; esgueirava-se então ao longo da cêrca, com os filhos do rendeiro, e escondia-se no mato, enquanto o pequeno Torkild vagava abandonado, choramingando e chamando-o.

Lembrou-se bruscamente disto e ergueu seu cálice, de chôfre, tocando o do irmão:

— À tua saúde! Lembras-te, Torkild, quando Mário e eu te largávamos e não queríamos saber de ti para brincar? Muitas vêzes me arrependi disso.

Torkild balançou a cabeça negativamente:

— Não me lembro.

Axel tinha onze anos quando a família se desmantelou. Fôra enviado para a casa do tio, na propriedade de Hindevad, na Dinamarca. Lá, como na casa de seu outro tio, em Copenhague, e, mais ainda, como na escola de Hanôver e na fábrica de Berlim, sentira-se um desenraizado. E pouco a pouco a idéia de procurar emprêgo na Noruega, seu país natal, se fizera nêle uma idéia fixa. No dia em que o obtivera, escreveu ao irmão... e agora que estava sentado aqui, a sós com

êsse irmão, tinha vergonha de haver escrito a carta. Porque, para êle, o irmão era um estranho. Primeiramente, odiara o pai, por muito tempo, depois viera a julgá-lo de outro ângulo; acabara por dizer a si mesmo que afinal de contas êle tivera o direito de viver a própria vida como a entendesse. Conhecia a família da mãe e, agora que atingira a idade adulta, fàcilmente achava escusas para o pai.

Enquanto tomavam café, vários senhores entraram na sala. Cumprimentaram Torkild, de quem um dêles se aproximou — um homem baixo, de rosto vermelho e cabelos côr de linho cru:

— Ôba! É êle mesmo, Christiansen! Não é com freqüência que a gente encontra você por aqui. Como diabo passa o tempo? Bordando, quem sabe?

— Sim, a maior parte do tempo — respondeu Torkild, rindo-se.

Axel foi apresentado aos recém-vindos: dois engenheiros um chefe de escritório e um diretor de fábrica. Muito pouco simpáticos, segundo Axel, que a si mesmo perguntava se podiam ser bons amigos para Torkild. No mesmo instante notou, surprêso, quanto seu irmão era diferente daqueles homens e da maior parte das pessoas a quem conhecera: pareceu-lhe que o seu corpo delgado e a sua palidez tinham algo de degenerado; as mãos, de dedos longos, afilados, eram de uma brancura doentia.

De repente, tudo lhe pareceu estranho e irreal: viera perder-se nesta cidadezinha provinciana da Noruega, que nunca vira, para achar o seu lar, a sua família, entre gente desconhecida... De fato, o pai, o irmão, a irmã, a cuja casa chegara inopinadamente oito dias antes, não passavam de uns perfeitos estranhos, de conhecidos de havia uma semana, e que êle tentava considerar como parentes. Era isto o que pensava, agora. E, desde que tinham aparecido êsses quatro homens terrivelmente provincianos e vulgares, desde que êle se inteirara das relações de sua família, a sua idéia tornara-se grotesca, achava ter agido irrefletidamente.

— Não pareces muito encantado com a nossa cidade — disse Torkild, enquanto tornavam a andar sob a chuva.

— Eu queria saber como vocês fazem para ficar aqui — respondeu Axel.

— Ora... Dóris tenciona passar o inverno em Copenhague. Preciso falar a respeito disso com papai. Ela foi convidada para se hospedar na casa do tio Holger... Mas eu não sei ainda... isto é... Eu absolutamente não conheço aquela gente. Vou providenciar para que ela faça, lá, um curso de arte doméstica. Quanto a mim, candidatei-me a um emprêgo em Cristiânia[1]; espero obtê-lo; o Banco é interessado na casa em questão e me recomendou.

— Nesse caso, o pai ficaria sòzinho — disse Axel.

— Não adianta nada continuar aqui.

Seguiram calados, por um momento. Um esperava que o outro retomasse a conversa. Foi Torkild quem falou.

— Êle não vai ficar muito mais só do que agora.

Axel encarou-o.

— Sim. A vida lá em casa é sempre igual ao que tens visto êstes dias — disse Torkild.

— Não vejo vocês conversarem com o pai... a não ser de música.

Torkild sorriu:

— E isso não deve divertir-te muito! Tu mesmo dizes que não gostas de música. Aliás, é bem curioso... mamãe era muito dada à música, também.

— Talvez seja a única coisa que êles tiveram em comum — disse Axel. — A música, e além disso, nós...

— Nós? — Torkild esboçou um sorriso. — Nós... nada éramos para êles... Botaram a gente no mundo e nos abandonaram a nós mesmos. Papai não se importava conosco... e mamãe quase não podia importar-se.

— Então o mal vinha, antes, de se assemelharem demais em muitas coisas.

[1] Cristiânia: nome antigo de Oslo. O romance se passa na Noruega de antes da guerra.

II

Christiansen pai apareceu no jantar. Não se falou de música, naquela noite; aliás, não conversaram muito. Logo que terminou de comer, êle se levantou, beijou a filha e retirou-se para o seu quarto.

A criada levantou a mesa. Axel aproximou-se da janela e olhou para fora.

— Que tempo ordinário vocês têm neste país!

— Ah, pois é! — disse Dóris. — Se houvesse bom tempo, a gente poderia passear de barco no fiorde, logo mais.

Torkild, por sua vez, olhou para fora:

— Está ventando leste. Amanhã teremos bom tempo.

— Com certeza, para a chegada de Rosa — disse Dóris rindo. — Preciso dizer-te — acrescentou, voltando-se para Axel — que Rosa é o grande amor de Torkild.

Êste se voltou vivamente para ela:

— Tu sabes demais, hem?

— Que pena! — disse Axel, rindo-se. — Eu estava pensando na possibilidade de me apaixonar por ela.

— Tu? Credo! Rosa não te agradará, absolutamente!

— E esta agora! Hoje de manhã não paravas de me informar como era bonita e boazinha.

— E é. Mas não é o teu tipo, tenho certeza. É um pedaço de gêlo. Sim. Mas eu conheço uma pequena... queres que te apresente?

— Se quiseres... sempre se pode tirar um fiapo...

— Chama-se Eva Mönichen. Ah, quanto a essa, vais ficar tarado por ela. Que te parece, Torkild? Torkild não a suporta. Se soubesses como tem *it*! E essa é ardente! Creio que tu, Axel, és muito parecido com papai.

Torkild, perto da janela, voltou-se bruscamente:

— Eu já te disse, Dóris, que não quero que fales dessa maneira...

— Por favor, deixa-me em paz!

— Mas que é isso! Temos de achar um jeito de passar agradàvelmente a noite — interveio Axel.

— Eu proponho — disse Dóris — que se fechem as cortinas da sala e se acenda a luz... Fazemos um joguinho e nos imaginamos no inverno. Será formidável.

— Eu tenho uísque — disse Torkild. — Há água mineral na geladeira, Dóris?

— Nem uma gôta, meu caro. Mas água do poço à vontade.

— Bom. Então vamos subir para o meu quarto, bebe-se lá em cima. Venham!

— É muito agradável aqui — disse Axel, olhando o quarto do irmão, em tôrno.

— Sim — disse Dóris — o quarto de Torkild é a única peça atraente da casa.

Em seguida se acomodou no canto do sofá, as pernas dobradas debaixo da saia.

— O teu seria tão bom como êste, se te desses ao trabalho de arrumá-lo de vez em quando — observou Torkild.

— Mas como, Dóris, por essa eu não esperava! Um quarto de môça devia...

— Credo! Um quarto de môça — interrompeu Dóris. — Não, eu gosto é de quarto de rapaz... e, em seguida, de uísque! Saúde, meus filhos!

Torkild, recostado na cadeira de balanço, olhou para a irmã, bateu a cinza do cigarro e disse, com um risinho forçado:

— Podes ter certeza, minha pequena, de que não irás à Dinamarca enquanto falares como uma criança. Convém esperar que fiques um pouco menos nenêzinho.

Dóris assumiu um ar de meiguice.

— Ora, Torkild! Sabes muito bem que é por troça que eu digo tudo isso! Dize-me uma coisa, Axel, tu não compreendes que às vêzes me aborreço terrìvelmente? E aí me divirto

ralando um pouco Torkild, porque êle está sempre me passando sermão. Mas êle também sabe ser bonzinho. Devias ter sido padre, Torkild, nunca te entregarias à fornicação!

— Dóris!

Torkild se ergueu, de um salto. Axel, por sua vez, se empertigou.

Dóris encarou um e outro, com desafio. Depois, sùbitamente, rompeu em pranto:

— Oh, que horror, que horror...

Correndo, saiu do quarto. Torkild seguiu-a. Axel ouvia os soluços convulsivos de Dóris no corredor; seu irmão falava, procurando acalmá-la. Um momento depois, ambos voltaram juntos. Dóris retomou seu lugar no sofá, assoou-se duas ou três vêzes e apertou contra os olhos o lencinho amarfanhado:

— À tua saúde, Dóris! — disse Torkild, tocando o copo da irmã.

Axel o imitou.

Rosa agora sorriu e tirou um cigarro da caixa que Torkild amàvelmente lhe apresentava.

— De fato, Torkild é um rapaz simpático, sabes? — disse dirigindo-se a Axel.

Êste observava o quarto. Com um gesto da cabeça, indicou as espadas em panóplia.

— Praticas esgrima?

— Sim, houve um tempo que não esgrimia mal. Há alguns anos estêve aqui um tenente Moberg: nós nos exercitávamos com boa freqüência.

— Quando eu praticava, era bem forte em esgrima; queres experimentar, um dia dêstes?

— Muito; vai ser divertido; mas estou sem nenhum treino.

— Hum! Tu és fortíssimo em todos os esportes! E caçador apaixonado...

— Por favor, não me falem de caça! — suplicou Dóris. — Quanto a mim, detesto esporte.

Mas os dois irmãos estavam contentes por terem achado um tema de conversa que afastava os silêncios, as hesitações ou as incertezas.

Dóris sorvia uísque, fumava e, de vez em quando, bocejava.

— Acho vocês insuportàvelmente chatos! E dizer-se que Rosa acha graça em conversar com Torkild a respeito de caçada! No ano passado, acreditei, palavra! que estivesse apesar de tudo apaixonada por êle, pois passava horas inteiras ouvindo-o falar dessas coisas.

— Acho bom ires dormir agora — disse Torkild, consultando o relógio. — Senão não estarás de pé antes da chegada de Rosa.

— Sim, imediatamente, mas me dá mais um pouco de uísque, faze o favor.

— Não, não, não, já bebeste bastante, minha velha.

— Só uma gôta, sim?

Torkild deitou um pouquinho de uísque, a contragosto, no fundo do copo. Dóris bebeu-o.

— É interessante como Axel é parecido com papai, não achas Torkild? Tem os olhos castanhos, também. Não se parece em nada conosco.

— O tio achava que eu me parecia com mamãe — protestou Axel.

— Absolutamente. Eu é que sou parecida com ela, não é, Torkild?

— É. — E Torkild sublinhou com a cabeça a afirmativa. Em seguida acrescentou, hesitando um pouco: — É por isso que eu quero que prestes atenção... a muitas coisas.

— Tu também és parecido com ela — observou Dóris.

— Sim.

Torkild fêz, mais uma vez, o mesmo gesto com a cabeça. E, em tom baixo, como antes, acrescentou:

— Mas repara que, quanto a mim, eu sei disso.

Ficaram um momento calados, os três. Depois, Torkild repetiu:

— Tens de ir dormir, Dóris.

— E vocês?

— Nós também vamos, daqui a pouco.

— Ela não é demasiado nervosa? — perguntou Axel, depois que a irmã os deixara.

— Histérica, sim — respondeu Torkild. E balançou a cadeira. Depois acrescentou, como se se tratasse do resultado de uma longa meditação: — E seguramente que não lhe serve de nada viver aqui.

— Evidente.

Axel, no sofá, deu algumas pancadinhas nas almofadas. Eram bordadas com vidrilhos, em talagarça. Perguntou, rindo-se:

— É verdade que tu bordas?

Torkild se pôs a rir. Axel, surprêso, ergueu a cabeça. Depois, contagiado pela hilaridade franca e juvenil do irmão, estourou numa ruidosa risada, por sua vez. Ambos tiveram a impressão de estar, assim, mais perto um do outro.

— Pois é. Que queres? — disse enfim Axel. — Eu não conheço vocês. Mas talvez te queiras deitar?

— Qual nada, fica aí, estou contente com a tua presença. Sempre me deito muito tarde.

— Estás bem, aqui. Com um piano teu.

— Era o de mamãe. Todos os móveis eram dela. Estavam lá embaixo.

E, depois de um silêncio, acrescentou:

— Era aqui o quarto dela...

— E foi aqui que ela morreu? — perguntou Axel, em voz baixa.

Torkild desceu a cabeça antes de dizer que sim. Com voz ainda sumida, Axel perguntou:

— E ela se matou, não foi?

Torkild abaixou mais a cabeça e sua mão apertou o braço da cadeira:

— Eu pensava que soubesses.

— Eu suspeitava... pelo que o tio Holger falou, um dia. Sim, eu tinha percebido isso, adivinhando que queriam esconder de mim. Aliás, procuravam deixar-me na ignorância de tudo o que se passava aqui.

— É curioso. Pois tinhas dezoito anos, naquela ocasião.

— Penso que era por consideração a papai! — disse Axel.

Bebeu um pouco de seu copo e acrescentou, olhando para Torkild:

— No verão seguinte, quando vocês foram passar uma temporada na propriedade do tio, eu tinha vontade de conversar contigo e... enfim, tu compreendes. Sentia-me sempre tão sòzinho. Mas sabes que naquela idade a gente é arisca; tímida, se preferes.

Torkild se inclinou e tocou o seu copo no de Axel. Beberam em silêncio.

Axel continuou:

— E nunca tive ocasião de falar contigo a respeito de mamãe. É triste... mal me lembro dela... e, no entanto, eu tinha doze anos quando saí de casa. Mas sentia saudades dela... ou talvez imaginasse que sentia saudades, quando deixei vocês. Tinha um enorme desgôsto todos os anos, por ocasião das férias, quando o tio lhe escrevia dizendo que viesse e ela se recusava... E por que sempre recusava? Era de se acreditar, entretanto, com a vida que levava naquele tempo, em Cristiânia, que desejasse voltar para junto da família com vocês, para descansar, não é?

— Não tinha coragem, eu penso. E depois, decerto não queria que a família dela na Dinamarca ficasse sabendo da sua desgraça, e que ela...

— Tomava morfina?

— Sim. No comêço, era só a morfina. O que aconteceu posteriormente, quando retomou a vida em comum com papai, foi pior. Creio que é sempre assim com os morfinômanos. Mas, enquanto morávamos na Rua Teresa, houve longos períodos em que andava completamente bem.

— E depois... foi... terrível?

As mãos de Axel apalpavam as almofadas.

— Ela tentou parar. Pobre mamãe!... Não creio, aliás, que papai tivesse podido ajudá-la, mesmo que houvesse deixado a Sra. Ritter. Às vêzes, mamãe se trancava durante uma semana.

— E tu e Dóris ficavam sòzinhos no resto da casa...

— Sim... De tempos a tempos, quando ela ia melhor, falava comigo... e tocava música. Mas, no último inverno, antes de sua morte, quase nunca fazia isso. Sim. Lembro-me de uma vez, logo em seguida ao Natal. Eu estava sentado no quarto dela, êste aqui. Ela estava tocando uma balada de Chopin... papai entrou. "Permites que eu fique para te ouvir tocar, Regitze?" disse êle. Recordo-me de tudo isso porque fazia muito tempo que não ouvia papai chamá-la pelo nome. Passado um momento, êle me pediu que saísse. Desde êsse dia, mamãe andou melhor um bom espaço de tempo. E depois foi o desastre... recaiu... ficou doente... sempre doente... sempre.

Durante algum tempo, guardaram silêncio. Depois Torkild continuou:

— Acho que tinha querido lutar contra o vício, fazer um último esfôrço. Depois compreendeu que era inútil. Não podia mais dispensar o tóxico... Foi então que se matou com um tiro de revólver...

Axel não desviava os olhos do rosto lívido de Torkild.

— Eu dormia em frente, do outro lado do corredor, no quarto que estás ocupando. Estava tirando a roupa quando ouvi o estampido. A porta do quarto dela estava fechada a chave, mas desci correndo, subi para o telhado da varanda e entrei pela janela. Encontrei mamãe estendida na cama. Só morreu no dia seguinte, mas não voltou a si...

Torkild levantou-se e foi até a janela.

— Não estava sob a influência da droga, quando fêz isso. Uma hora antes, fôra ao meu quarto. Perguntou-me, penso, se eu não tinha meias ou roupa branca para consertar. E, em seguida, se eu não ia deitar-me... eu estava lendo. Respondi que sim. Fêz menção de me beijar...

Calou-se. Axel deixou o sofá e deu alguns passos na direção do irmão, mas deteve-se e ficou de pé, perto do piano. Torkild soluçava mansamente, a testa apoiada na vidraça.

Ao cabo de um momento, empertigou-se. Axel via-lhe apenas a longa silhuêta negra contra as vidraças.

— Fazia vários meses que eu não beijava mamãe. Quando ela se aproximava de mim para me beijar, eu fingia não perceber. Um dia, pediu-me que a beijasse, e eu mal toquei o rosto dela. Então pegou na minha cabeça e eu lhe disse: "Não, mamãe, não me beijes!" Ah, meu Deus, os olhos dela! E como lamentei em seguida não ter contado tudo... Mas tinha dezesseis anos... e tu sabes como a gente, nessa idade...

— Eu sei. A gente pode ser muito cruel, aos dezesseis anos.

— Não, não. Não foi isso... Eu tinha pegado uma doença... E não podia dizer a mamãe...

Calaram-se, por um momento. Finalmente, Torkild disse (e Axel percebeu, pelo som da voz, que êle sorria frouxamente):

— Papai descobriu oito dias depois da morte de mamãe. Topou com uns medicamentos...

Nôvo silêncio caiu entre ambos. Depois, Axel dirigiu-se à janela. Nuvens esfiapadas fugiam diante do vento leste... No céu azul-pálido boiava uma vaga claridade lunar.

— Creio que tens razão: amanhã vai fazer bom tempo.

— Sim, está com muito jeito...

— Já começou a clarear — disse Axel. — Nesta estação, as noites são ainda mais curtas aqui do que na Dinamarca.

Torkild olhou o relógio.

— Sim, dentro de duas horas sai o sol. Vais dormir agora?

— Vou. E tu também? Aliás, tens de ir buscar a Srta. Wegner no trem das oito...

— Sim, acho que vou recebê-la com Dóris.

— Creio que Rosa Wegner tinha dez anos, a última vez que a vi — disse Axel, em tom absorto. — Boa noite, então.

— Boa noite!

Torkild o acompanhou até a porta. Num gesto espontâneo, Axel pôs a mão no ombro do irmão:

— Obrigado por me teres falado de tudo isso... de mamãe.

Trocaram um apêrto de mãos, um tanto constrangidos.

— Boa noite, velho.

— Boa noite, boa noite.

Torkild apagou a luz e sentou-se no parapeito da janela. O ar da manhã o envolveu, estimulante como um banho salino; estava fresco e saturado do aroma da madressilva, que cobria, aos pés dêle, com um tapête verde, o telhado da varanda. Torkild deixou-se penetrar por êste frescor que o libertava do pêso do fumo, do uísque... dêste mal-estar que o atormentava no mais profundo do ser: a apreensão talvez de vir a lamentar, mais tarde, haver falado com demasiada franqueza.

O céu, agora quase livre de nuvens, ia-se fazendo todo branco. No zênite flutuavam as últimas nuvens, inteiramente azuis, e para Leste, sôbre o fiorde, um banco de névoa se avermelhava no ponto onde o sol ia surgir. O mar ainda estava cinzento e agitado; através do ciciar das grandes árvores do quintal, do frêmito das fôlhas de freixo, embaixo, perto da cêrca, e do ruído dos pingos de água que caíam de todos os ramos, ouvia-se o surdo fragor das ondas batendo no cascalho da praia.

Dir-se-ia que tôdas as côres, antes do aparecimento do sol, estivessem amortecidas... havia claridade, mas os cam-

pos tinham um tom cinzento-esverdeado, o mato se colorira de um verde sombrio, e o azul das montanhas era enfumaçado... As casas de Rokke, do outro lado do fiorde, distinguiam-se bem, como de hábito, amarelas, brancas, vermelhas, mas sem brilho. "Quando ela está dormindo, o seu rosto deve ser fresco e tranqüilo como esta região durante o amanhecer..."

— Rosa... quero dormir nos teus braços, Rosa... — exclamou, numa invocação ao dia que estava nascendo.

Dentro de algumas horas, tornaria a vê-la. Para êle, esta noite sem sono, em que revolvera lembranças que sempre lhe buliam com os nervos, preparara-o para revê-la. Ela era a única pessoa a quem já contara tudo aquilo. E todo o seu ser fugia para ela e vibrava na expectativa dos dias de verão que ia viver.

Não era que esperasse alguma coisa... Apesar de tudo o que haviam tido em comum, nada jamais se passara entre ambos. Nada acontecera, além de seus sentimentos.

E cada um dos dias que se aproximavam encher-se-ia de acontecimentos importantes para êle... mas, para ela, os dias decorreriam adornados de sol ou entristecidos pela chuva; recordar-se-ia dos banhos no fiorde, da colheita de murtinhos e dos dias de pesca numa das ilhotas, quando fariam fogo para preparar café. Êle, de tudo isso, lembrar-se-ia de como estava linda quando, meio escondida nas framboeseiras, estenderia os braços delgados para apanhar as frutas; e das noites claras nas ilhas não conservaria mais que a lembrança dos límpidos olhos dela, de sua fisionomia absorta quando contemplava o mar calmo, e do reflexo das chamas nos seus cabelos brilhantes; vê-la-ia subindo o jardim, acompanhada de Dóris, os cabelos úmidos, escurecidos e pesados da água do mar, soltos no dorso delicado. E se lembraria de seu próprio coração batendo surdo no peito, sempre, sempre, sempre, dia e noite, tamanho era o seu desejo de prostrar-se diante dela e pedir refúgio nos seus braços.

E cada noite em claro, cada noite passada insone, pensaria: "Talvez amanhã! Amanhã, talvez, poderei dizer-lhe". Quem sabe aconteceria alguma coisa, uma ocasião de tudo lhe confessar. Mas não aconteceria nada. Ela seria meiga, fresca e pura como uma manhã de verão, solícita e atenciosa como uma irmã. "Ela sabe que eu a amo, porque não pude deixar

de lhe dizer tantas vêzes, tantas vêzes. Sim, tantas vêzes porque ela não sabe o que é o amor."

Dissera-lhe: gosto de ti. Mas, como Rosa não compreendia o que isto significava, êle sentia pudor em explicar-lhe. Ah, o desejo que tinha de Rosa assimilava-se àquilo que êle próprio quisera ser, mas que não tivera serenidade para alcançar. Desde que a conhecia, Rosa sempre reunira em si tudo aquilo a que êle aspirava mais ardentemente, mais encarniçadamente. E passara a cobiçá-la; parecia-lhe que se chegasse a apertá-la nos braços, julgaria estar abraçando tudo o que desejara com raiva, com ódio, durante todos os longos anos de sua infância sem lar, e cheia de desespêro e vergonha.

Embaixo, na sala de jantar, um relógio deu três horas. Restavam-lhe três horas para dormir. Deixou o peitoril da janela, onde se sentara.

O quarto, na pálida claridade da manhã, oferecia um aspeto pouco atraente: a garrafa vazia, os copos viscosos, a mesa descomposta. Pontas de cigarro espalhavam-se por tôda a parte, nas arandelas do piano, no tapête. Na verdade, não era nada encorajador deitar-se com tudo isso em tôrno.

Enfiou a boina. A cadela Tosa, que dormia numa poltrona, saltou para o chão e se pôs a pular em redor dêle. Fê-la sossegar, desceu a escada sem fazer barulho e saiu.

Ao longo da vereda que atravessava o campo, tufos de flôres amarelas e azuis tinham sido acamados pela chuva. Um primeiro raio do sol nascente veio dourar a crista dos morros, atrás da casa. O dia estava fresco e quieto... Ao entrar no mato, onde a chuva arrastara as fôlhas agulheadas dos pinheiros, alinhando-as em pequenas séries que raiavam o caminho, ouviu um débil chilrear de pássaros. O musgo e as urzes empapadas de água estendiam-se vale a dentro. Colheu, de passagem, um punhado de murtinhos... o seu sabor, depois do uísque e dos cigarros, pareceu-lhe delicioso. A cadela corria em redor, farejando para a direita e para a esquerda. Quando chegou à queimada, o sol iluminava a copa dos abetos.

E Torkild entregou-se àquela esperança, àquela alegria altiva e resignada que alimentava desde tantos anos.

Não devia acaso contentar-se, apesar de tudo, com o que existia, com o próprio fato de que Rosa era assim, de que êle podia fruir a sua presença, e de que a amava? E,

dentro de algumas horas, tornaria a vê-la, estaria perto dela, ouvir-lhe-ia a voz, tocaria nas suas mãos... contemplaria a sua pessoa, que para êle constituía o que havia de mais belo no mundo...

Não deixaria fugir nada. Mas sim, de algo se privaria. Aconteceria tudo, menos o que êle desejava. E, se, agora, o que se passara entre ambos era pouca coisa para ela, não seria talvez, mais adiante, de outro modo? Para êle, essa pouca coisa seria o supremo pensamento no momento de morrer.

Fechou os olhos, durante um instante. Com arrebatamento e intensa alegria, absorveu-se em suas doces memórias. Era uma noite de primavera, na saleta da Sra. Wegner, na Rua Sten. Os últimos e resplendentes raios de sol entravam pela janela, avermelhando os pelargônios côr de fogo e indo morrer nos frágeis móveis Império, brancos, cuja sêda listrada, puída e sem lustre, dantes fôra verde. A peça estava tomada pela fragrância um tanto acre, mas fresca, da folhagem nova e das flôres primaveris que ornavam as jarras e as taças, um pouco por tôda a parte. Na mesa da costura, perto da janela, onde Rosa se sentara na poltrona grande de sua mãe, há um espêsso molho de violetas dentro de um copo. Sim, recorda-se do tênue raio do sol poente que veio dourar os cabelos brilhantes de Rosa, a fina penugem de suas faces de um arredondado de criança, os lábios semelhantes a framboesas transparentes ao sol, os olhos nos quais tôda a luz ia fundir-se como em águas mansas. O singelo costume de tecido escuro dava ao seu corpo um tanto magro uma aparência frágil e virginal, imprimia-lhe um jeito de menina.

De tarde, tinham passeado juntos ao longo do rio de Gausta, haviam colhido flôres. O céu estava cinzento e, de vez em quando, caíam algumas gôtas de chuva. Até o sopé dos morros côr de fôlha sêca as anêmonas estendiam um alegre tapête verde-pálido, constelado de branco entre os troncos cinzentos dos amieiros que orlavam o rio.

Ela falara, enquanto caminhavam... falara como às vêzes o fazia... ùnicamente para êle. Só êle conhecia a inquietação e a febre que Rosa escondia debaixo de suas maneiras doces e calmas. Naquele dia, sem dúvida a estação, o tempo, o céu côr de cinza, as pálidas flôrezinhas que estremeciam sob a chuva, o pesado vapor de tôdas essas fôrças que agitam a terra e as plantas, despertavam nela essa tristeza grande, essa

angústia de ver fugirem os dias sem que pudesse consumir o vigor juvenil que sentia em si. Ou, antes, era decerto o seu organismo sadio que se revoltava contra a inação... contra o longo dia de trabalho durante o qual os dedos deviam bater no teclado da máquina de escrever e o cérebro funcionar incessantemente, enquanto os músculos eram condenados ao repouso, e a circulação do sangue se tornava difícil e lenta no corpo imóvel.

Sim, êle compreendera: a melancolia de Rosa era a revolta da própria saúde. Ao passo que a dêle era a melancolia sem esperança de um enfêrmo. Ouvira-a falar, mantendo-se a si mesmo em silêncio, sentindo-se invadir pelo imenso pesar de não poder sofrer assim como ela. Enquanto percorriam o caminho de volta, as nuvens se haviam desprendido do horizonte, o sol deslizava debaixo da cúpula côr de cinza e os seus longos raios oblíquos vieram roçar nela, como para abençoá-la, segundo lhe pareceu. Quando entraram no pequeno apartamento onde ela morava com a mãe, a luz inundava as peças e, enquanto estavam sentados, Rosa perto da janela, em pleno sol, êle à sombra, no canapé, cedera a um repentino impulso e lhe revelara o que agora tinha contado ao irmão, algumas horas antes.

Quando parou de falar, ficaram um momento calados. Pelas janelas abertas, o ar primaveril entrava livremente, trazendo emanações da poeira úmida e as vozes das crianças que brincavam na rua. Sùbitamente, Rosa se levantara. Veio até êle, tomou-lhe a cabeça entre as duas mãos e beijou-o, primeiramente na testa, depois, bruscamente, na bôca.

Nada disse, e êle tampouco. Deixando-se cair de joelhos diante dela, assim ficou, a cabeça apoiada na anca de Rosa.

Depois, ouviu a Sra. Wegner introduzir a chave na fechadura da porta de entrada, e ergueu-se precipitadamente.

A mãe de Rosa entrou, cumprimentou-os e perguntou se êle não queria ficar para jantar. Torkild explicou que não podia aceitar: tinha de voltar para casa a fim de preparar as lições do dia seguinte. Mal sabia, porém, o que estava dizendo. Como uma visão fora do tempo e do espaço, como o símbolo de tôda a sua existência, via, uma ao lado da outra, na sala que a noite invadia, aquelas duas mulheres: esta, a

quem amara durante tôda a infância, e a outra, a quem amaria durante tôda a sua vida de homem.

Parecia-lhe que aquela noite, aquêle minuto, refletiam tôda a sua vida anterior e decidiam de todo o seu futuro. Tinha-o compreendido precisamente naquele momento, e isto lhe despertara todo o orgulho da adolescência em face do destino. Com puerilidade, pensara nos colegas — era aluno da Escola Superior de Comércio — e no que teriam dito, se soubessem. Provàvelmente teriam achado que não era nada... Em matéria de aventuras, tinham necessidade de coisas menos inocentes que um beijo fraternal concedido por uma amiga de infância. Quanto a êle, encontrara seu destino, reconhecera-o, aceitara-o. E agora que era homem, o acontecimento conservava ainda todo o seu caráter fatal. Se, um dia — e no fundo jamais duvidara que acontecesse — Rosa se tornasse a sua mulher, isso não seria, em suma, senão o remate de tudo quanto começara naquela noite. No fim da vida, reputaria sem dúvida o dia em que se dera a ela como mais importante que o dia em que Rosa se entregara a êle.

Se os sentidos de Torkild haviam despertado tão cedo — demasiado prematuramente — era talvez sobretudo porque o menino fôra levado a meditar constantemente nas relações entre seu pai e sua mãe. Conservava, dêsse período e de suas curiosidades de garôto, uma lembrança semelhante a um pesadelo em que se misturassem volúpia e remorso; semelhante às decisões seguidas da derrota e da vergonha. No verão que precedera à morte de sua mãe, voltando de uma excursão a pé com alguns colegas de mais idade, atravessara Cristiânia. De noite, após terem bebido muito, foram visitar prostitutas.

Naquela época, já dava o nome de amor ao sentimento que tinha para com Rosa. Sonhava acordado com ela, imaginava conversas, situações; mas tais devaneios eram imateriais. De fato, entendia o amor como coisa absolutamente imaterial... Naquele mundo azul-pálido e melancólico de sonho, em que adorava Rosa, excluía ferozmente o que fôra a aflição de sua vida de criança e a aflição de seu corpo: o desejo. Sim, parecia-lhe que o paraíso de seus sonhos, onde encerrava tudo o que para êle era a felicidade e a beleza, estaria irremediàvelmente perdido e maculado se, em pensamento, tocasse uma só vez em Rosa com mãos que não fôssem reverentes e trê-

mulas de devoção; tudo o que se permitia era roçar-lhe as faces e as mãos com um tímido beijo.

Contraíra uma doença, julgara-se perdido. E sentira a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, daria cabo da existência, como fizera sua mãe. Mas isso em nada mudou suas relações com Rosa. A sua vida, desde que alcançara a consciência de viver, fôra uma seqüência de desgraças horrendas e brutais... esta última desgraça significava o fim. Em compensação, Rosa vivia num outro mundo; um abismo os separava, e só os sonhos dêle logravam atingi-la na outra borda.

Fôra então que o beijara. No segundo em que sentira os lábios dela contra os seus, uma chama o percorrera. Já não havia um abismo entre ambos: ela tomara-lhe a cabeça entre as mãos, êle sentira o corpo dela contra o seu; enquanto permanecia ajoelhado diante dela, compreendera que ambos viviam o mesmo sonho e que podia tomá-la entre os braços e apertá-la contra si, a ela, o belo, a pureza, o verdor e a paz. Aquele corpo adolescente, vigoroso e cálido, era a maravilhosa realidade que encerrava tudo o que desejara durante a vida inteira.

Naquela noite, não voltou para casa... tornou a palmilhar os caminhos que percorrera com ela, de tarde. Era uma noite clara e fria; o céu estava amarelo e verde como o vinho do Reno, e as montanhas, cobertas pela floresta, se perfilavam em massas negras, denteadas pelas copas dos abetos, aqui e ali, alguma árvore solitária desenhava a rêde de sua ramagem no céu claro. Torkild caminhava no fundo da quebrada, subindo ao longo do rio na direção da nascente; quando abria passagem por entre os arbustos, a folhagem nova lhe fustigava o rosto, molhando-o e inebriando-o com seu forte odor de selva. No ar frio e saturado de umidade, flutuavam a débil fumaça das queimadas, o cheiro da terra e os aromas da primavera; e penetravam na sua roupa, iam-lhe fluir na pele como um banho purificador e salubre. Mais no alto, na aba do outeiro, lançou-se de rosto contra o chão, apertando com as faces, com os olhos, o tapête de anêmonas, colando os lábios ao solo úmido. Jamais pensara nisto: a beleza tôda da vida, eram precisamente o corpo, os sentidos, que a criavam. A alma não podia criar nenhum sonho celeste, se o corpo, se os sentidos não colhessem os elementos... as flôres do paraíso eram semelhantes às suas humildes irmãs da terra, os anjos entoa-

vam os cânticos que os homens compunham para êles; todo o esplendor do Apocalipse, o ouro das ruas, as pérolas das portas, as ametistas e os crisóprasos e tôda a pedra preciosa do muro foram transportados pelos homens até o céu, da terra dêles, feia e esplêndida...

Era pelos sentidos que sorvia a beleza infinitamente pura e fresca desta noite de primavera, seu ar balsâmico, a doçura das flôres, a claridade imaterial do céu, o canto dos tordos no mato de Gausta, o leve sussurro do regato ao pé do outeiro onde se estendera. E na mulher amada, a beleza, a bondade, o viço, eram tão terrenos, tão reais como tôda a vilania da vida dêle. Marchavam ambos lado a lado, na mesma terra, e tão juntos que seus lábios podiam unir-se em um beijo.

Quando chegou à praia, o sol projetava no fiorde um largo feixe luminoso. Torkild despiu-se e por um instante expôs o corpo nu aos raios do sol, antes de se deixar escorregar, as costas deslizando na parede lisa do rochedo, até o mar. As algas enlaçaram-lhe as pernas, deixou-se prender por elas. Ao pé dêstes rochedos, formavam como que um vasto prado submarino com reflexos de bronze. Durante alguns momentos, estendeu-se sôbre elas. Depois se foi, em largas braçadas, no rumo do sol.

III

A primeira recordação que Torkild tinha de Rosa começava num domingo de verão, em que Dóris e êle haviam acompanhado a mãe em visita aos Wegners. Sabia, no entanto, que já se encontrara com Rosa: num dos últimos anos em que seus pais viviam juntos, a Sra. Christiansen passara um verão na Dinamarca com os três filhos; lembrava-se de que, então, uma de suas tias viera um dia recomendar-lhes que fôssem a Nyborg conhecer uma menina norueguesa "graciosíssima", dizia ela. Certas imagens remontavam a êsse dia, segundo êle acreditava: a velha casa burguesa, vizinha da mansão, a rua tortuosa e batida pelo sol, debruada de um lado pelo canal de águas verdes e estagnadas, enquadrado entre caniços, e onde nadavam cisnes à sombra das grandes árvores que se debruçavam da outra margem; e atrás da casa dos Vogelius, o pátio amplo onde a grama crescia entre as pedras do calçamento, e os numerosos esconderijos das estrebarias e paióis, do compartimento da turfa, do depósito de feno e do aviário. Mas não se lembrava de ter visto Rosa, nesse dia em que fôra visitá-la numa bela carruagem tirada por dois esplêndidos cavalos de arreios reluzentes.

A primeira lembrança dela datava do tempo em que morava com a mãe e Dóris, em Cristiânia.

Tinham saído de Hellerud no outono precedente. Conservava da mudança uma vaga lembrança, semelhante a um sonho cheio de horrores. As três crianças não compreendiam o que se passava em redor delas. Só Torkild tivera a intuição

de algo espantoso, e sentira um mêdo terrível de saber o que era. Ouvira a criada dizendo a alguém no pátio (estava sentado na janela do quarto das crianças): — "As crianças, coitadinhas... como podem fazer uma coisa dessas com elas!..." — Saiu então da janela e foi esconder-se no corredor, de mêdo de ouvir mais. Tremia de angústia cada vez que surpreendia a expressão compadecida com que, naqueles dias, todos olhavam para êles, as crianças... e a tonalidade branda, quase chorosa, que imprimiam à voz quando lhes falavam, mesmo que fôsse apenas a criada dizendo que fôssem para a mesa. Sentia o mesmo terror que o empolgava nas noites muito escuras de inverno, quando tinha de descer do quarto das crianças, no segundo andar, para o primeiro. Avançava tateando a parede do corredor sombrio, temendo a cada instante que o soalho se rompesse ou que êle caísse de ponta-cabeça na escada, assim como acontecera uma vez, quando era pequenino.

Um dia, contaram-lhe que seu pai fôra viajar. Não voltou, e ninguém respondia quando Dóris perguntava onde estava. Quando a Torkild, êle compreendia que não devia perguntar. E certa manhã, algum tempo depois, tiveram ordem de descer para a sala de jantar: chegara o tio pelo lado materno. Ali estava êle, o tio das belas férias na Dinamarca, e em cima da mesa, à sua frente, um grande número de presentes para as crianças... mas, apesar disso, Torkild teve o pressentimento de que a visita não era uma coisa boa. E quando o tio e a mãe dêle se encerravam horas a fio na sala ou quando passeavam pelo jardim inculto e juncado de fôlhas sêcas, e as crianças eram mandadas embora logo que se aproximavam, Torkild sentia no peito um apêrto de angústia. Uma noite, Axel, no quarto das crianças, a testa larga sulcada por um vinco de obstinação sob o tufo dos cabelos em desordem (o que o assemelhava a um novilho enfurecido), repetia sem cessar: "Não quero! Não quero ir com êle!" A criada contou a Torkild que o tio levaria Axel para a Dinamarca, quando fôsse embora. E, no dia seguinte, Axel mostrava-se muito orgulhoso em razão da viagem que ia fazer, falava em tom jatancioso, para seu irmãozinho e os filhos do rendeiro, dos inúmeros cavalos de seu avô.

Por sua vez, Axel desaparecia, pois, de casa. E, um belo dia, vieram dizer a Torkild que êle e sua irmãzinha par-

tiriam, com a mãe, para Cristiânia. Ficou contente: tomariam o trem para a viagem, e isto era muito divertido.

Mas na manhã seguinte acordou num quarto grande, cujos móveis estavam amontoados a um canto, com tôda a sorte de bugigangas e de papéis de embrulho. Diante da janela, perto do sofá no qual dormira, tinham prendido um xale castanho, que não ocultava mais que a metade da vidraça, e, mais longe, a outra janela, escancarada e clara, nada tinha que a velasse. Uma luz baça e cinzenta enchia a peça, cujas paredes desbotadas exibiam numerosos vestígios de pregos arrancados e de quadros que alguém retirara dali. O ruído dos veículos, na rua, zumbia nos ouvidos da criança do campo. Correu para a janela a fim de descobrir esta cidade que estivera impaciente por ver. Exatamente à sua frente erguia-se uma casa enorme, de um branco sujo, com janelas por tôda a parte. Embora houvesse flôres nalgumas destas, o menino achou que parecia uma prisão, segundo as concebia. Era uma habitação de operários.

De mansinho, saiu do apartamento, onde móveis e caixas estavam dispostos ao acaso, e desceu uma escada de degraus gastos, a qual cheirava terrìvelmente mal: em todos os patamares havia privadas. Nas paredes, de um verde pálido, tinham rabiscado nomes próprios e palavrões. Lançou um olhar ao pátio; era calçado e, no fundo, havia uma casa, ainda mais feia e mais cinzenta que aquela onde moravam. O ambiente lhe causou mal-estar... e estava com fome; quando pedira para comer, sua mãe lhe respondera que ainda não tivera tempo de comprar nada. Torkild saiu devagarinho para a rua, pelo portão de acesso de veículos.

A rua pareceu-lhe interminàvelmente longa; as casas, imensas e maciças, cinzentas e totalmente construídas de pedra, dir-se-iam prestes a cair sôbre êle e esmagá-lo. Pôs-se a subir lentamente a rua e, pouco a pouco, esqueceu-se de sua opressão. Topou com lojas cujas vitrinas continham mais chocolate e gulodices do que jamais imaginara existir no mundo inteiro. Outras lojas exibiam quantidades incalculáveis de brinquedos, e, numa tabacaria, havia cartões-postais muito bonitos, cachimbos e bengalas. As casas eram muito mais altas que as de Nyborg; além disso, tudo era muito mais interessante aqui, já que era o lugar onde morava. Passou muito tempo

olhando cada vitrina... e esqueceu-se, momentâneamente, de tôdas as suas atribulações.

Chegou ao ponto onde terminava o casario. A rua ia dar num terreno baldio rodeado por uma cêrca alta, de estacas. Para além do terreno, havia morros com algumas granjas, raras e muito espaçadas. O que nem lembrava o país que acabava de deixar nem se parecia com uma cidade, tal como a imaginara... e sentiu-se levemente decepcionado ao contemplar tudo isso. Descobriu um vão na cêrca e passou para o campo. A relva, raspada e rala, estava sulcada por caminhos largos, que levavam aos morros. Um regato se estendia de uma a outra ponta, correndo no fundo de uma pequena depressão onde se erguiam grandes amieiros. Mas, quando desceu o barranco, viu que ali não era agradável: cacos espalhavam-se por tôda a parte, jornais velhos, amarelecidos, e grande quantidade de excremento. A água do regato era suja e fétida. No aclive, do outro lado, dois ou três homens estavam deitados, imóveis... Acudiu-lhe de repente a idéia de que tinham sido assassinados, que estavam mortos, pois presumia vagamente que, na cidade, as pessoas eram assassinadas à toa. Deu meia volta e correu sem parar até sua casa.

De longe, avistou Dóris na calçada. Parecia-lhe muito pequena, ao lado dos grandes edifícios cinzentos. Dóris gritou-lhe que subisse para comer. Na cozinha, estava uma senhora distinta a quem não conhecia, e que abria bonitos pacotes. Nunca tinha comido nada tão bom: havia cacau, bolinhos de carne recobertos de farinha côr de tijolo, pão branco, e, finalmente, para concluir, uvas. Quando acabou de comer, a senhora pediu-lhe que a ajudasse, a ela e à mãezinha dêle; passou-lhes, pois, a torquês, a cola, os pregos e o martelo, e ajudou-as a desmanchar tudo, a tudo arrumar. A senhora dizia: — Obrigada, meu amiguinho — e: — Torkild, faze o favor, vem cá... — Era muito distinta e muito boazinha. Falava dinamarquês, como a mãe dêle. Era a mãe de Rosa.

Um domingo da primavera seguinte, foram visitar os Wegners. Andaram a pé durante muito tempo e chegaram a um bairro que êle não conhecia. Aliás, até então, só vira da cidade a Rua Teresa, onde morava, e a Rua dos Salgueiros, que percorria para ir à velha escola da catedral, onde estudava. Neste bairro de agora, a cidade tinha um aspeto totalmente diverso, era rica, bela e feliz, com vilas cercadas

de pequenos jardins. Em dois dêstes, havia notado repuxos, e o grupo tivera de deter-se para que Dóris e êle olhassem bem. Trepadeiras forravam as fachadas das vilas; lindas cortinas e porta-vasos de cobre enfeitavam as janelas. Chegaram a uma rua branqueada pelo sol e por uma poeira que parecia de giz. De um lado, enfileiravam-se lindas vilas e jardins bem tratados, de outro erguia-se o flanco da montanha em cuja crista raros pinheiros e abetos se recortavam contra um céu limpo e doce de verão. Passava uma carroça de padeiro pintada de vermelho, e, obedecendo a uma obscura necessidade de protestar não sabia contra que (talvez contra o sentimento de não pertencer a êste mundo indiferente e orgulhoso), correu atrás da carroça e agarrou-se na traseira, enquanto sua mãe o chamava, gritando. Na varanda de uma das vilas, estava uma menina vestida de branco: era Rosa, e morava ali.

Na sala da casa dos Wegners, os móveis eram laqueados de branco e forrados de sêda. Como merenda, ofereceram chocolate às crianças. A Sra. Wegner tinha uma seta de ouro atravessada no coque castanho e usava um vestido branco, de verão. Diante dela, no sofá, sentara-se a mãe dêle... com seus cabelos de um cinzento de aço, que em largas ondas se afastavam do rosto fino, amarelo e enrugado. As suas pálpebras, delgadas e murchas, afundavam-se nos olhos graúdos, azul-claros, de esclerôticas congestionadas; e os lábios, carnudos e flácidos, eram castanhos e gretados. Trazia seu mantô bordado de vidrilhos, o único traje com que êle a viu durante todos os anos passados em Cristiânia. Êsse mantô, ao sol, tinha reflexos verdes e, em certos pontos, o bordado se desfizera e os vidrilhos, balançando-se, pendiam da ponta dos fios. Nas mãos, como sempre, as luvas pretas, que na ponta dos dedos estavam brancas e esfiapadas.

Depois de terem tomado o chocolate, as crianças tiveram permissão para ir colhêr frutinhas silvestres no "mato", um agrupamento de árvores que haviam sido deixadas intatas, rodeadas de todos os lados pelas cêrcas brancas dos jardins. Os pinheiros não apresentavam, era verdade, mais que um tufo de ramos, no alto; as sorveiras, despojadas até onde a mão alcançava, tinham o tronco alisado pelos garotos que as escalavam todo o dia. Cada árvore, cada moita, era assolada, despida de suas fôlhas, de sua casca; a rosa-de-cão lograra,

entretanto, abrir no seu ápice algumas pálidas flôres rosadas. As crianças acharam ainda algumas bagas. Rosa espetou sua prêsa, descorados morangos e bagas de murta ainda vermelhas, em hastilhas sêcas. Encheu duas. E, delicadamente, ao voltar para dentro da casa, ofereceu uma delas à mãe de Torkild, e outra à sua própria mãe. Quando ela se abaixava, Torkild via todo o fundilho de suas calcinhas brancas debaixo do vestido, e sentia vontade de bater-lhe com um pau. Uma nesga de epiderme, alva como leite, aparecia na curva das pernas.

Que não teria sentido sua mãe, vendo-se a visitar, com seu velho mantô de vidrilhos, a filha do comerciante Vogelius, nesta vila onde cada objeto parecia escolhido entre o que havia de mais lindo e raro, com o único fito de servir de moldura à beleza e à felicidade da dona da casa? Quando eram môças, na Dinamarca, Regitze Hammerich saía da mansão de Hindevad, suntuosamente trajada, para visitar sua amiga na residência patriarcal de Nyborg. Nenhum dos que então haviam conhecido Frederica Vogelius tinha achado estranho que obtivesse, na vida, tudo o que o dinheiro e o amor podem dar. Passava por ser a jovem mais bela de Fiônia, e, desde a mais tenra infância, fôra mimada e tratada com demasiada indulgência. Todos os rapazes da boa sociedade de Nyborg e arredores tinham-se apaixonado por ela; todo o mundo tolerava os seus caprichos e arrebatamentos, e, quando se casou, na Noruega, falou-se, em Fiônia, da adoração que o marido lhe dedicava, da riqueza e magnificência de sua casa. E todos acharam natural que Rosa Frederica tivesse escolhido outro país para morar e levasse uma existência tão maravilhosa.

Rosa parecia-se com a mãe, e, no entanto, eram muito diferentes. Quem as comparasse, registrava os mesmos traços: a pequena tinha o rosto da mãe, os cabelos, os olhos. Tudo, nela, era igualmente belo... e, contudo, sua beleza não se alçava ao deslumbrante, não tinha brilho.

A Sra. Wegner conservou todo o seu radiante fascínio até o fim, e, para Torkild, parecia mais bela ainda quando foi forçada a ir residir no pequeno apartamento da Rua Sten, bem perto da rua onde êle próprio morava.

O pai de Rosa morreu, sùbitamente, de sarampo, e nada deixou à viúva. Quando vieram contá-lo a Torkild, êle a princípio riu, tão inverossímil lhe parecia aquilo: êle próprio tivera

sarampo, era uma doença infantil, e nada podia parecer-lhe mais absurdo que ver êsse homem belo e alto, o pai de Rosa, morrer, e Rosa e sua mãe tornarem-se tão pobres como êles. E, no entanto, assim era. A vila e os móveis foram vendidos, e a jovem viúva deixou para os credores da herança o que possuía, roupas e jóias, a fim de que o marido, Paulo Wegner, pudesse descansar sem dívidas no seu túmulo. Tudo ajustado, restaram-lhe alguns milhares de coroas, o que lhe permitiu resgatar alguns móveis e certo número de quadros pequenos, que o marido lhe dera e haviam tido avaliação baixa. Um amigo de seu marido lhe arranjara um emprêgo numa grande firma de representações para fazer a correspondência em alemão e francês.

Tôdas as manhãs, vestindo-se na sala de visitas, que lhe servia de quarto, Torkild observava a Sra. Wegner descer a rua a caminho do escritório. Trazia a filhinha pela mão, mas de Rosa êle só via a cabeleira dourada, opulenta, esparsa sôbre a bôlsa de colegial que levava às costas. Nunca a Sra. Wegner fôra tão bela como quando, alta e ereta, com o singelo vestido de luto e o seu rosto bonito, delicado e expressivo, descia a rua triste e miserável. Seu caráter impulsivo e alegre achara uma oportunidade para se concentrar; as suas teimas, os caprichos de menina mimada, haviam-se transformado numa vontade estável, desde que se vira sòzinha na vida, sòzinha e pobre, trabalhando dia e noite, no escritório ou em casa, pela filha adorada.

Torkild esperava na janela que mãe e filha passassem, e que a Sra. Wegner lhe tivesse feito um aceno de amizade. Atrás dêle, nesta peça que conservara aos seus olhos o mesmo aspeto vazio de desordem e provisório da primeira manhã, sua própria mãe, de sapatos velhos e acalcanhados, levava o colchãozinho e a roupa da cama improvisada para guardá-los num quartinho escuro, que dava para o pátio e onde ela dormia com Dóris. Depois, vinha servir o pequeno almôço. Ela nunca dizia sequer uma palavra durante tôda a manhã. Após assistir à passagem da Sra. Wegner, êle ia sentar-se à mesa e recordava as lições enquanto comia. Mas o sorriso da Sra. Wegner continuava brilhando dentro dêle, repassando-o de uma melancolia infinitamente doce. Tinha pressa de revê-la, pressa de achar-se novamente na casa dela, na saleta

onde a esperava tôdas as tardes, atento ao leve ruído da chave na fechadura, na expectativa do sorriso e do simples "boa tarde" que tocavam a êle e a Dóris, depois do beijo em Rosa. Quisera tanto que o beijasse, a êle também. Para Torkild, o pequeno apartamento da Sra. Wegner era um mundo maravilhoso e encantado, diferente em tudo daquele onde vivia o resto do tempo.

Todos os dias era empolgado pela ânsia de visitá-la... mas raro o fazia mais de uma ou duas vêzes por semana. Temia que os seus colegas dissessem dêle que gostava de brincar com garôtas. Aliás, quase nunca brincava com as meninas quando estava em casa da Sra. Wegner. No quarto de dormir, onde as duas camas grandes de acaju estavam dispostas uma ao lado da outra (Rosa dormia na do pai) as meninas se entretinham com suas bonecas, representavam, vestidas extravagantemente com toalhas de mesa ou roupa de gente grande, enquanto Torkild, na sala, lia, olhava álbuns ilustrados ou tocava alguma música no velho piano de armário. Uma caixa, que a Sra. Wegner forrara de chita, transformando em pufe, continha cadernos de música de compositores dinamarqueses; havia também Mozart, Bach, Gluck e sonatas de Haydn, numa velha edição com as notas antigas impressas em papel macio e esverdeado, cheio de nódulos e de fibras, com uma capa ilustrada, muito bonita. No alto, um nome manuscrito: Maria Sofia Joana Vogelius, mas a tinta estava quase apagada.

O piano e os móveis brancos, estilo Império, como quase tudo o que a Sra. Wegner readquirira, provinham da casa onde passara a infância. As paredes estavam cobertas de fotografias, principalmente dos pais de Rosa, e também da família da Sra. Wegner; havia ainda vistas de lugares que visitara durante sua viagem de núpcias e reproduções de obras de arte antigas, sobretudo madonas com o Menino Jesus. Dos quadros, dois datavam do fim do século XIX e representavam igualmente uma mãe com o filho: e Torkild compreendeu, mais tarde, que eram belíssimos. De um a outro extremo do ano, flôres em profusão adornavam mesas e estantes colocadas perto das janelas, além do parapeito destas. Mas, nas tardes de inverno, o pequeno apartamento ficava escuro. Em cada peça, permanecia acesa uma pequena lâmpada de segurança, pendente de um gancho no alto da parede. — Se a lâmpada

começar a crepitar ou se sairem línguas de chama, vão logo prevenir o porteiro e não pensem em consertar vocês mesmos... — era a ordem que Rosa e Torkild recebiam, embora êste já tivesse quatorze anos. Pobre da Sra. Wegner, que transes vivia cada tarde, quando tinha de passar três horas no escritório com a filha sòzinha em casa! Rosa, que entretanto crescera e era ajuizada, não tinha o direito de tocar nem nos fósforos, nem na estufa, nem nos lampiões, nem nas facas, nem nas janelas. Todos os dias, à bôca da noite, a Sra. Wegner voltava esbaforida por se ter apressado demais, e beijava a filha como se esta acabasse de escapar de um perigo mortal.

Rosa não tinha licença de ir à cozinha porque lá estavam a faca do pão e o fogão a petróleo. Torkild ajudava a Sra. Wegner a pôr a mesa para o jantar. Era sempre uma festa para êle comer em sua companhia, embora a refeição se compusesse apenas de chá, pão, margarina e, alternadamente, queijo e salsichão. Quando vinha a Sra. Christiansen, havia, a mais, ovos e frutas. Comiam também, quase todos os dias, agrião que a Sra. Wegner cultivava em caixinhas e velhos chapéus de feltro... Na lembrança de Torkild, as mãos delicadas e pequenas da Sra. Wegner, que o trabalho doméstico avermelhara e tornara ásperas, sempre cheiravam a agrião e fôlhas de gerânio. De fato, todo o tempo que ficava em casa, a cada instante, ela ia à janela tratar de suas plantas; acariciava-as, por assim dizer, e chamava as crianças para que admirassem cada brôto que rebentava, cada flor que se abria.

Logo depois do jantar, se a Sra. Wegner, que costurava ela mesma a sua roupa e a da filha, não se ocupava com isso, lia em voz alta ou tocava piano para as crianças. Escolhia de preferência a velha poesia dinamarquesa e, igualmente, velhas árias, canções antigas da Dinamarca. Torkild sabia que ela não tocava bem, era antes como uma estudante aplicada (o marido, no cego amor, dera-lhe aquêle piano). Mas adorava essa música ingênua e as teclas delgadas e gastas do anoso instrumento; se, à tarde, na casa dela, êle próprio tocava, fazia-o imitando involuntàriamente a maneira infantil da Sra. Wegner.

Quando, em vez disso, costurava, a Sra. Wegner lhes falava de uma época e de pessoas que êles não conheciam, de sua vida de adolescente na Dinamarca, de gente antiga e rara que conhecera em menina e que agora estava morta; falava

também, freqüentemente, de viagens que fizera com o marido. Quando falava do pai de Rosa, sua voz assumia uma inflexão infinitamente terna e amorosa. Se o tema era outro, a voz e as entonações mudavam incessantemente... Tinha um modo engraçado de dizer as coisas, que levava as crianças a rir, e tudo o que contava se fazia vivo e luminoso.

Havia, porém, um período ao qual, pràticamente, jamais se referia: aquêle em que vivera feliz e rica em Cristiânia, em companhia do marido. Da numerosíssima sociedade que freqüentava na época, já não visitava absolutamente ninguém. E fôra ela quem rompera, não os amigos. Torkild ouvira sua mãe falar disso à Sra. Wegner. — "Contudo, êles foram muito gentis e prestativos no momento da morte de teu marido" — dizia sua mãe. — "Certamente" — respondia a Sra. Wegner. — "Por causa de Rosa, não achas que devias..." — continuava a Sra. Christiansen. — "Ela teria interêsse em manter relações nesse meio, para quando ficar môça. E seria convidada para passear um pouco, talvez." — Então, a mãe de Rosa dissera, sorrindo: — "Minha filha não sente falta disso. Achas que ela e eu sentimos falta de qualquer coisa que seja, na nossa modesta casa? Talvez convidassem Rosa para as festas de Natal ou para ocasiões semelhantes, em que se tem necessidade de fazer algum bem aos pobres e às pessoas solitárias. Não, não, Regitze, isso nunca!" — "Não tens o direito de supor que as pessoas que a convidassem iam considerar Rosa como objeto de piedade. E não podes saber se Rosa não sente falta dos divertimentos das crianças de sua idade." — "Mas, minha querida, eu não digo que Rosa será forçosamente considerada assim. É uma coisa que a gente não pode saber antes de feita a experiência... e eu não tenho a intenção de fazê-la. Quanto a Rosa, respondo: ela não é como as outras crianças. E te garanto que a conheço!" — A Sra. Christiansen a contraditara, sorrindo: — "A gente nunca conhece os filhos".

Se a Sra. Wegner se afastara dessa maneira de suas antigas amizades, era sem dúvida por orgulho de mulher bonita, estragada pela lisonja: queria ser a primeira, a mais adulada, a mais requestada, ou nada. Entretanto, a sociedade da alta burguesia, o antigo meio de Paulo Wegner, onde ela não encontrara nenhuma pessoa com quem de fato simpatizasse, certamente que não lhe fazia falta. A lembrança dos anos que

vivera nesse ambiente esfumava-se na distância, como teria sucedido com uma temporada de férias, sem relação com a sua vida: esquecera-se dos amigos de outrora como nos esquecemos dos amigos de cassino.

No fundo, teria tido algo em comum com o marido? Ou o seu casamento fôra um mero jôgo de azar? Seria porque Wegner falava norueguês, e era naturalmente elegante, que o preferira aos inúmeros jovens que lhe solicitavam a mão? Se, em sua viuvez, ficara profundamente ligada à lembrança do marido, usara luto até a morte e pedira que a enterrassem com o vestido de casamento, era porque se tratava do pai de sua filha.

Vários anos depois, Torkild conhecera um colega de escritório da Sra. Wegner. Contou êste que todos, desde o diretor até o empregado de menor categoria, tinham-se apaixonado por ela. E ninguém jamais chegara a decifrá-la, nem saber se procurava agradar a todos ou se nem chegava a notar que a estavam cercando. É provável que aceitasse tais homenagens como uma coisa que lhe fôsse devida e à qual, aliás, não dava nenhuma importância. O escritório fôra sem dúvida ùnicamente um meio, como qualquer outro, de ganhar a vida, e, uma vez na rua, não pensava mais nisso; entretanto, lá apreciavam-na por sua capacidade, especialmente pelo seu dom das línguas. Aliás, vivendo sempre cercada por adoradores, certamente nunca compreendera com clareza o que era enamorar-se; sem dúvida notara que isso mudava os homens em títeres, com os quais podia brincar. Depois, viera o momento em que, por instinto, deixara-se colhêr por um dêles, a fim de realizar o seu destino. E êsse homem, que se transformara no pai de sua filha, devia, por isso mesmo, tornar-se tudo para ela: apenas nessa relação um homem podia interessá-la verdadeiramente. Que êle tivesse criado, com ela, a filha saída de ambos, constituía, para a Sra. Wegner, um vínculo que a morte não poderia romper; Paulo Wegner continuaria vivendo, invisível, ao seu lado, até que a morte enfim a reunisse com êle para sempre.

Seus anos de jovem espôsa foram justamente os do famoso decênio de 1880. No seu meio, nutria-se, naturalmente, o mais violento desprêzo e a maior indignação por tudo o que cheirasse a boêmia. Hoje ela se faria porta-voz da mais alta indignação... e amanhã escandalizaria os amigos com as

opiniões mais avançadas que houvesse. Julgava-se que procurasse chamar a atenção. Quando mais tarde Torkild, já adolescente, conversou com ela a respeito de questões sociais, de religião e de outros temas associados, descobriu o princípio de seu espírito, alternativamente conservador intransigente ou radical sem peias: encarava tôdas as questões do mundo segundo o ponto de vista que, para ela, instintivamente era o único interessante: o da mãe e o da filha.

Torkild, tal como Rosa, recusara crismar-se, e a Sra. Wegner ficara indignada por causa disso: "Que tolice!" Tendo as crianças invocado, com tôda a veemência da juventude, a sua consciência de "livres-pensadores", ela ficou ainda mais furiosa: infantilidade, tudo isso! Procuraram explicar-lhe que não acreditavam mais nisto e naquilo; a Sra. Wegner olhou-os estupefata: ela também não acreditava mais em tôdas essas coisas! Ninguém mais acreditava nisso, sem dúvida! Mas a gente não era livre-pensador por não acreditar! Para ela, os livres-pensadores eram pessoas vulgares que falavam grosso e procuravam negar aquilo que, segundo ela, era um fato: a vida eterna. Efetivamente, para ela, os seus entes pranteados eram como se vivessem, tinha-os constantemente em redor de si e recebia dêles numerosas mensagens. Igualmente, não podia admitir que não estivesse sempre junto da filha, para velar por ela, mesmo quando chegasse a sua vez. E, como a Igreja lhe abençoara o casamento, batizara a filha e enterrara o marido, desejava que Ela abençoasse também à sua filha ao entrar na adolescência. Afora isso, não tivera muitas relações com a religião, da qual, exatamente, sabia que um menino nascido em uma manjedoura era o Salvador do mundo, tal como lia em voz alta todos os anos, no Natal. A religião cristã nunca lhe perturbara o paganismo da alma: a religião dela era muito mais antiga; acreditava nos presságios, nos sinais, no ferro, nas datas propícias ou funestas, nos amuletos, nas orações, cujo sentido absolutamente não lhe interessava. E adorava os seus mortos.

Não tivera necessidade de nenhuma outra religião; na sua vida íntima com os membros vivos ou mortos da família, jamais se sentira só. Talvez estivesse aí também a razão pela qual nunca amara verdadeiramente: jamais pudera deixar os seus para entregar-se inteiramente. Pelo contrário, o homem

que lhe dera uma filha é que fôra, no espírito dela, incorporado à família.

O seu amor-próprio e sentimento de dignidade eram determinados pelo fato de considerar-se o representante atual da família. Vivia tôda a sua existência como se as suas ações e os seus gestos fôssem vigiados e julgados, na sombra, atrás dela, pelos olhos dos pais, do marido, da mesma forma que seriam julgados, nos tempos que viriam, pela filha, pelas gerações futuras que não conheceria; mas, no fundo de sua noite, havia de seguir a todos com um olhar terno, e êles estremecer-lhe-iam a memória, mesmo sem nunca a ter conhecido, assim como ela queria bem e consultava a certos mortos de sua família aos quais jamais vira.

Assim feita, a bela Rosa Frederica Vogelius, quando enviuvou, talvez se achasse, mais do que qualquer outra mulher, armada para a vida, capaz de lutar contra a miséria e pelo pão cotidiano. Até êsse dia, entretanto, nunca tivera necessidade de se servir das mãos pequeninas, alvas e delicadas, para trabalhar; certamente que ela própria cuidara de seu nenê e não quisera que uma outra qualquer tocasse nêle: não considerava isso trabalho, mas apenas um brinquedo, uma ocasião de carícias. Também não conhecera o valor do dinheiro, que sempre servira para satisfazer cada um de seus desejos. Agora, todo trabalho, por assim dizer, se lhe tornava igualmente fácil e agradável, contanto que lhe desse tudo de que precisava para a filha.

Desde as primeiras horas da manhã até noite alta, a Sra. Wegner trabalhava, arrumava a casa, preparava a comida, ia fazer compras longe, nas lojas que vendiam barato, costurava, consertava. E, todos os dias, durante oito horas, lá estava no escritório. Mas havia, em sua casa e em tudo o que lhe dizia respeito, uma nota de requinte, de arte, que ela criava inteiramente com a sua riqueza de alma, com uma brilhante imaginação e o ardor de sua natureza. Ainda que a sua vida fôsse uma luta incessante contra a miséria, não falava mais da pobreza que dos dias despreocupados que vivera; e, se os evocava, era para trazer à tona, com alegria e sorrisos, as lêdas e felizes memórias que conservava dêles. Jamais se queixava das fadigas de cada dia, mas transformava em festa tôda hora de descanso que pudesse permitir-se; a menor coisa

que lograsse conceder a si mesma, além do estrito necessário, aureolava-se, para ela, de uma cintilação de felicidade.

Para Torkild, parecia que a atmosfera daquelas pequenas peças estava carregada de uma opulência e de uma beleza imateriais, que êle aspirava inebriado. Era o único lugar em que sua alma de menino sabia expandir-se. Não podia lutar contra as circunstâncias infelizes em que o destino o fazia viver os anos de infância; podia apenas impedir-se de ali soçobrar, com o único recurso das crianças e dos fracos: esquecendo, de vez em quando. A Sra. Wegner estimulava essa necessidade de distrair-se de tôdas as tristezas em cujo meio vivia; era o que ela lhe transmitira de sua saúde moral que o tornara apto para a vida.

Em casa, Dóris e Torkild viviam num estado de completo abandono. Quando sua mãe tinha as crises e ficava acamada, inerte e muda, no quarto de estores abaixados, as crianças deviam ocupar-se de tudo e fazer o que lhes fôsse possível. O coração de Torkild ardia de raiva e vergonha quando, a fim de adquirir o que comer para Dóris e para êle, tinha de remexer no porta-moedas da mãe, ou, se não encontrasse dinheiro, comprar a crédito nos comerciantes da rua. Além disso, sentia um mêdo terrível de que os companheiros troçassem dêle ao saber que esfregava os ladrilhos da cozinha, preparava a comida, consertava sofrìvelmente os buracos maiores de seu vestuário, e até, quando já não havia roupa limpa na casa, lavava. Arrebatado pelo desgôsto e pelo desespêro, cobria Dóris de insultos: nada era possível tirar dela; tão incapaz como a mãe para o trabalho doméstico, era-lhe indiferente, aliás, ver a casa em desordem e suja.

Quando a crise terminava e a mãe recobrava a lucidez, elogiava Torkild, em voz sumida e envergonhada, os olhos baixos, por tudo o que fizera ou arrumara. Torkild sentia então que as lágrimas lhe apertavam a garganta, queria atirar-se aos pés dela e implorar: "Oh, mamãe, mamãe, mamãe!" Mas nunca o fazia. Se a Sra. Christiansen tivesse ouvido os filhos queixar-se, acusá-la, suplicar, ou ameaçarem-na, se tivesse percebido que lhes faltava tudo quando se encerrava para esconder a sua desgraça e a sua vergonha, então talvez tivesse

podido corrigir-se. Mas as crianças permaneciam mudas, contentavam-se em segui-la com os olhos... E ela procurava o esquecimento, continuava a fugir daqueles olhares.

Aliás, enquanto moravam em Cristiânia, as crises tinham sido bem raras. Mas a angústia pairava sôbre as crianças, mesmo quando a Sra. Christiansen estava bem: sentiam essa angústia emanar da alma torturada e consumida da mãe e viviam ao lado dela sem se atreverem a falar-lhe, na constante apreensão de que tornasse a "adoecer". Havia, também, uma desordem e um desleixo em tudo, embora a Sra. Christiansen fizesse o possível, quando estava bem de saúde, para que as crianças fôssem felizes. Ela não acertava em nada: o interior da casa, apesar dos belos móveis antigos, era feio e sem atração; as flôres não conseguiam medrar por falta de exposição ao sol; a comida que fazia era insípida, sem gôsto; e freqüentemente escassa ou de todo ruim porque ela não sabia fazer o dinheiro render. E, com uma espécie de resignação desesperada, via os dois belos filhos empalidecer e definhar, como plantas cultivadas à sombra.

Foi, também, no primeiro ano após a mudança para a Rua Teresa que Torkild soube do que se passara com seu pai. Eis como isso ocorreu:

O primeiro inverno passado no pequeno apartamento fôra, para êle, satisfatório: tinha numerosos companheiros, com os quais passava dias agradáveis nos terrenos baldios dos arredores, onde brigavam, esquiavam, e, na primavera, jogavam futebol; Torkild pouco se ocupava, pois, com os trabalhos domésticos. Nesse período, aos nove anos, era alto e forte, relativamente à idade. Seu melhor amigo chamava-se Arno Sevaldsen e morava na casa situada no fundo do pátio.

Arno, um pouco mais velho do que Torkild, era espigado e louro, decidido e generoso; Torkild queria-lhe bem e o admirava. Ufanava-se de ser seu amigo. O pai de Arno, que trabalhava como operário no fabrico de instrumentos de música, parecia-se com o filho, para melhor, pois levava a vantagem de ser gente grande. Gostava dos meninos e várias vêzes os conduziu a excursões pelos arredores. A mãe de Arno, porém, aborrecia Torkild com tanta irreflexão quanto êste amava e admirava Arno e seu pai. Torkild tinha horror à solicitude da Sra. Sevaldsen, às suas tentativas para levá-lo a "falar a respeito de sua mamãe", às suas contínuas censuras ao marido

e aos filhos. Quando ela compreendeu que Torkild não a suportava, tornou-se má e dura com êle, e foi quem lhe informou que Ivar Christiansen fôra destituído das funções de pastor porque seduzira uma das jovens a quem preparava para a confirmação, e com a qual agora vivia... e que a mãe dêle bebia: sim, Torkild tinha de que orgulhar-se!

As mães de Rosa e de Torkild pouco se viam. A Sra. Wegner quase nunca ia à casa da outra, o que não melindrava Torkild. Mas, de vez em quando, a Sra. Christiansen ia tomar chá com os filhos na casa da amiga. E então as duas senhoras não esgotavam o assunto da amizade que unia as crianças. Na verdade, Dóris e Rosa eram amigas principalmente porque suas mães o desejavam, e não porque fôssem feitas para se compreender. Quanto a Dóris, tinha em grande número outras amigas, na escola, na rua, as quais, porém, não chegava a conservar muito tempo porque, tal como Torkild em relação com seus companheiros, não podia convidá-las a virem à sua casa. Quanto a Rosa, a Sra. Wegner tinha certo jeito para afastar da filha tôda amizade indesejável... e, companhia que ela aceitasse, só havia pràticamente os dois pequenos Christiansen.

Para essas duas dinamarquesas que viviam sós, sem amigas, encalhadas naquele bairro pobre de uma cidade estrangeira, parecia mesmo um secreto consôlo, apesar de sua grande dessemelhança de natureza e destino, verem os filhos ligados pela amizade. Pelo Natal e em seus aniversários, Dóris e Rosa se ofereciam presentinhos... constituídos, com freqüência, por essas delgadas argolas de prata que as meninas gostam de enfiar no braço. Quando ouvia o tinido dêsses adereços nos pulsos bronzeados de Rosa, Torkild punha-se a sonhar com o Ganges e as donzelas hindus de uma poesia que, num serão, a Sra. Wegner lera para êles:

Nunca a bela noite eu hei de olvidar
em que ela veio à minha tenda...

— Minha mãe não deve saber:
De meu artelho antes de vir
tirei pois as argolas de oiro
para que seu tinir me não desgrace...

O ritmo doce e calmo dêsses versos se fixara na memória de Torkild. Com freqüência, depois que a Sra. Wegner lera uma poesia em voz alta, lembrava-se de longos trechos que em seguida repetia para si, de noite, antes de adormecer. Quando a Sra. Wegner falava, Torkild achava que o dinamarquês era a língua mais bela do mundo... e, no entanto, não sabia de nada mais horrível que ouvi-lo de sua tia Karen ou do tio Ove, por exemplo...

Às vêzes, acontecia que sua mãe tocava piano, quando passavam o serão em casa da Sra. Wegner. A atmosfera especial daqueles pequenos aposentos parecia igualmente influenciar a Sra. Christiansen; fôsse como fôsse, Torkild achava que ela não tocava assim, em sua casa; e ficava sentado no chão, no canto mais escuro, a escutar; a música de sua mãe quebrava-se nêle como um inesperado vagalhão, e êle não desviava os olhos do rosto macilento e lívido: agora ela revivescia; no fundo dos olhos baços acendia-se uma brasa, os lábios castanhos e murchos estremeciam, crispavam-se. Uma vez sentada ao piano, a Sra. Christiansen tocava em geral durante várias horas.

Na volta, Torkild pegava no braço da mãe logo depois que a porta se fechara atrás dêles. E já em casa, deitado na sala, depois de apagar o lampião e quando a peça só estava iluminada pelo bico de gás da rua, gostava de chamar a mãe para que viesse dar-lhe boa noite. Quando ela vinha, cingia-lhe o pescoço com os braços e a beijava muito, sem nada dizer. Podia acontecer então que ela se acomodasse na beira do sofá-cama, soerguesse o filho já grande, embalando-o nos braços como se fôsse um nenê e sussurrando-lhe palavras de ternura que êle se lembrava de ter ouvido outrora, muito tempo antes. Ouvia-lhe a voz enrouquecida pelas lágrimas murmurando: — "Pobre criança... meus pobrezinhos, meus pobrezinhos..."

Cada vez que vinham de uma visita à Sra. Wegner, êle sentia intensamente com que terno amor queria à mãe — um amor situado entre a tristeza e a pena. E depois de a ouvir tocar, numa dessas noites, crescia dentro dêle um orgulho sombrio e selvagem. Ela e os filhos eram proscritos, abandonados, perseguidos, gente maldita... mas essa maldição recairia sô-

bre seu pai, o pastor infiel. Imaginava o seu encontro com êsse pai, um dia, quando fôsse homem e ganhasse muito dinheiro; a mãe e a irmã viveriam com êle, morariam numa vila no antigo bairro dos Wegners, Dóris andaria sempre de vestido branco e a mãe com trajes de veludo negro, como os da Sra. Gundersen no palco. E a ternura dêle teria acabado por vencer o vício abominável de sua mãe. Um dia, o pai voltaria; estaria velho, encanecido e encurvado, mas êle, Torkild, iria cortar-lhe o passo na alameda do jardim e lhe diria: "Não te conheço! Rejeitaste a tua espôsa, rejeitaste os teus filhos por uma prostituta! Agora nós é que te rejeitamos! Vai-te daqui, vai para junto da tua prostituta!" Sim, era o que havia de dizer.

Depois dos serões, Torkild conservava por muito tempo, no desempenho dos trabalhos domésticos, que detestava, e dos quais geralmente se envergonhava, um ardor fanático. E, enquanto na cozinha ia lavando a sua roupa branca e a de Dóris, invocava a mãe intimamente, com palavras fervorosas que nunca tinha a coragem de pronunciar em voz alta.

Uma noite, a Sra. Wegner levou as três crianças para assistir a um espetáculo. Nenhuma delas fôra antes a um teatro. Era uma representação em memória de Tordenskjold.[1] A única lembrança que Torkild conservou dêste espetáculo foi a da atriz, Sra. Gundersen, que declamava, alta e esbelta, de vestido prêto, na cena iluminada. A voz admirável da artista e a música penetravam-no; ao seu lado, na obscuridade, percebia o rosto da Sra. Wegner levemente inclinado para trás, branco e mudo, inundado de lágrimas, que lhe corriam docemente dos olhos semicerrados. Não sabia como acontecera, mas, na penumbra, a mão dêle foi aninhar-se no regaço da Sra. Wegner, insinuando-se devagar entre as dela. Quando o pano caiu e a sala sùbitamente se iluminou, pareceu-lhe que, em redor, tudo girava. A Sra. Wegner olhou por um momento a fisionomia perturbada do garôto, depois afagou-lhe afetuosamente os cabelos, duas ou três vêzes. Torkild sentiu-se alagado de felicidade.

Quanto às meninas, nada tinham compreendido da representação; limitavam-se a falar de Juel, uma jovem que recitara um prólogo, vestida com uma túnica branca, à qual es-

[1] Herói nacional da Noruega e Dinamarca, grande chefe naval do século XVIII.

tava prêsa uma fita com as côres nacionais, e que lhe caía do ombro até o chão. Tôdas as bonecas receberam fitas no ombro, e, pelo resto do inverno, Dóris e Rosa surgiam, cada uma por sua vez, à porta do quarto, declamando tôdas as poesias que sabiam; ambas tinham enfiado a camisola por cima do vestido; com alfinêtes de segurança ajustavam-na ao tronco e, nos ombros, flutuavam longas fitas de papel de sêda. Torkild as desprezava e as achava ridículas.

IV

O próprio Torkild não sabia a partir de que momento Rosa começara a desempenhar um papel na sua vida. A princípio, Rosa fôra apenas a filha da Sra. Wegner, de cujo mundo fascinante fazia parte. Por esta razão, a menina era diferente das outras, mais delicada, mais feliz. Ficou muito admirado quando, um dia, se deu conta de que Rosa vivia extremamente só naquele mundo encantado... sim, era muito mais solitária do que êle, que adorava sem nenhuma restrição a Sra. Wegner. Para Rosa, parecia nada haver no mundo que escapasse da crítica.

No comêço, foi através de fatos insignificantes que Torkild percebeu que ela recebia mal a autoridade da mãe. Esta exigia, entre outras coisas, que levasse os livros do colégio numa bôlsa pendente do dorso, o que nenhuma das outras alunas da escola fazia. Mas ela declarara a Rosa que "isso dava bom porte". E Rosa não falou mais no assunto. Aborrecia-se também por trazer os cabelos soltos, flutuando às costas: tôdas as suas amiguinhas usavam tranças... mas a mãe ufanava-se da cintilante cabeleira da filha.

— E por que — acrescentava com um sorriso orgulhoso — por que teríamos de ser como todo o mundo? Achas que os outros são melhores que nós?

A menina refletiu um momento e disse, devagar:

— Não, não acho. Mas repare que os outros andam juntos. E eu... eu não tenho ninguém.

— Tens Torkild e Dóris — respondeu-lhe a mãe.

— Sim — disse Rosa, ainda em tom absorto. — E Dóris se parece com as outras meninas da escola. Mas Torkild, êsse é como nós.

Desagradavam-lhe, igualmente, as roupas que vestia. Torkild sempre achara natural que Rosa não se assemelhasse, no vestuário, às outras meninas: não conseguia imaginá-la de costume, *canotier* e luvas de couro. E, entretanto, era precisamente o que ela mais cobiçava. Disto nada dizia à mãe; aceitava a dura necessidade de contentar-se com vestidos reformados, ou feitos em casa com tecidos baratos. — "Mas" — dizia a Torkild — "mamãe podia pelo menos fazê-los menos esquisitos." Certamente que, a maioria das vêzes, se vestia de maneira bem excêntrica.

Era Rosa quem dizia: — "Já que não temos recursos..." A Sra. Wegner nunca falava em falta de dinheiro. E ainda era Rosa quem dizia: — "Mamãe trabalha demais". A Sra. Wegner não falava de suas canseiras. Trabalhava em silêncio para ganhar o pão de cada dia, e só vivia verdadeiramente de noite, durante as horas em que o lampião estava aceso e as flôres mais belas colocadas perto da pantalha, para que as vissem melhor; era então que ela desabrochava, sob os olhares maravilhados das crianças. Entretanto, mesmo a admiração de Rosa pela mãe não era isenta de críticas.

Ora, segundo a opinião da Sra. Wegner, era necessário desprezar os inúmeros e pequenos desgostos que são diàriamente o quinhão de todos os necessitados. Era necessário que procurassem não tomar conhecimento dêles e, sobretudo, que nunca falassem nêles. Isto se harmonizava, admiràvelmente, com a maneira pela qual Torkild procurava adaptar-se às miseráveis condições de sua existência. Rosa, em compensação, não era assim: não queria fechar os olhos para nada; no seu círculo restrito, procurava enxergar o fundo das coisas, e gostava precisamente de falar daquilo que lhe desagradava. Mas nunca desabafava com a mãe, pois, "De que serve?" dizia com seus botões, "Mamãe nunca me dirá o que pensa de fato". Era pois com Torkild que desabafava.

Um dia, Torkild ouvira sua mãe e a Sra. Wegner falar de uma colega de turma de Rosa, que esta freqüentara durante certo tempo. E a Sra. Christiansen, educada dentro de princípios de esnobismo que de tempos em tempos afloravam em sua

conversa, observou-lhe que, infelizmente, o pai de Ellen (nome da amiguinha de Rosa) não passava de um padeiro.

— Ellen — respondeu a Sra. Wegner — é de uma educação perfeita: nunca dá uma rata quando conversa.

— Ora!... — retrucou a Sra. Christiansen. — Isso basta para ser muito bem educada?

— Evidentemente — disse a mãe de Rosa — é isso o que distingue uma mulher da sociedade de outra mulher: só diz o que pode sustentar tão bem diante de si mesma como diante dos outros. Não poderia mentir, fôsse pelo que fôsse. E sempre se domina para não vir a dizer o que deveria negar depois.

Esta definição de mulher da sociedade não se aplicava, aliás, à própria Sra. Wegner. Sem dúvida, na ocasião, era sempre sincera no que dizia, mas suas opiniões mudavam sob a influência dos impulsos, e era muito arrebatada. Mas, para Rosa, a definição era justa.

Durante todo o tempo que Torkild se recordava de a ter conhecido, Rosa lhe parecera essencialmente verdadeira. E ela nunca falava de nada sem o ter investigado e procurado compreender, sem levar em consideração a sua própria posição.

Foi principalmente no último ano em que Torkild residiu em Cristiânia, e que precedeu àquele em que ambos deviam fazer o exame final na escola, que se viram seguidamente a sós. No fim do curso, Rosa devia matricular-se na Escola Superior de Comércio.

— Então te agrada trabalhar num escritório? — perguntou-lhe Torkild.

— Não. Mas isso me permitirá ràpidamente ganhar um pouco de dinheiro — respondeu Rosa. — Se eu simplesmente chegasse a contribuir com um pouco para as despesas da casa, mamãe poderia ter alguém para ajudá-la no trabalho doméstico. Eu poderia ter um quarto para mim, e não seria obrigada a ficar sempre com ela.

— Mas então não gostas de tua mãe? — perguntou Torkild, com assombro.

Rosa sorriu-se com ar indulgente, antes de dizer:

— Meu Deus, que bôbo! Devias saber que eu adoro mamãe! Acho que não existe ninguém semelhante a ela. Mas, afinal de contas, agora sou quase uma môça, e é exatamente

como se ela ainda me estivesse chocando! Mal posso respirar debaixo das asas dela.

Torkild não pôde deixar de rir, e Rosa o acompanhou.

— Sim, tu sabes, eu acho que foi de fato um mal... aliás, mal, não, porque então mamãe estaria ainda mais cansada... mas enfim, teria sido melhor, penso eu, que mamãe tivesse tido vários filhos! Tôdas as mulheres deviam ser bastante ricas para tê-los muitos, principalmente as mulheres como mamãe, tão agarradas aos filhos. Olha, eu tenho a impressão de que se existo é ùnicamente para lhe servir de objetivo na vida. E não tenho o direito de ajudá-la em nada. Ela me pede apenas que exista para poder gostar de mim, cuidar-me e decidir tudo por mim. Às vêzes, tenho certa dificuldade em sentir que lhe quero bem, porque nada posso fazer por ela. Nem mesmo regar as flôres! Nem sequer consertar a minha própria roupa branca. Se o faço enquanto está no escritório, ralha comigo ao voltar e afirma que está mal feito. Anteontem, como foi forçada a tornar a sair em seguida ao jantar, lavei a louça. Pois sabes o que me disse, depois? Que eu é que tinha rachado o prato de vidro... e, no entanto, essa racha há oito dias que eu a vejo. E sustentou também que era por causa disso que eu não tinha tirado mais de 4 em matemática... como se quase sempre não tirasse 4! Mas quer que eu dependa absolutamente dela.

"Às vêzes, se passo a falar do que farei quando ganhar dinheiro, dizendo que poderemos ir ao teatro, pagar uma empregada que venha fazer a comida, enquanto ficamos ouvindo música, depois do escritório, etc., então ela se põe a chorar porque não pode oferecer-me, desde já, entradas de teatro e não sei que mais... Não consigo fazê-la entender que de nenhum modo lamento o que ela não me pode dar, mas que lamento, isto sim, não poder fazer nada por ela nem por mim. Sou uma inútil."

— Mas tu és muito forte na escola... em línguas, por exemplo.

— Ora, na escola! — exclamou Rosa, com todo o desdém de uma adolescente de quatorze anos por tal instituição. — Detesto a escola, pronto! Se pelo menos não fôssemos tão pobres, eu deixava de freqüentá-la amanhã mesmo, compreendes? e ia fazer um curso de horticultura. Sim senhor!

— Mas tu querias ser agricultora?! — exclamou por sua vez Torkild, em crescente espanto. — Isso não é sério! Com as mãos sujas de terra e vestimenta de trabalho? — E acrescentou em tom convicto: — Tua mãe nunca permitiria.

— Tanto pior, eu o faria igualmente — disse Rosa, com a cruel indiferença da juventude. — Ela se conformaria quando eu tivesse a minha própria lavoura. Repara só como mamãe gosta de flôres e de tudo isso... E havia de estar sempre comendo verduras e frutas. Eu arrendava, tu compreendes, algumas dessas velhas terras incultas fora da cidade, e havíamos de alugar um apartamento com peças grandes, onde mamãe pudesse ter tôdas as flôres que quisesse e a gente pudesse mexer-se, apesar delas. E, de noite, em vez de todos os alfarrábios dela, eu teria para examinar uma pilha de revistas, livros e catálogos relativos ao meu ofício. E as minhas mãos ficariam calejadas e tôscas... não como as de mamãe que se estragam num trabalho que na realidade ela detesta... não, as minhas mãos e as minhas roupas e tudo se consumiria num trabalho que eu teria escolhido. Enfim, tu compreendes, isso é quase impossível — acrescentou com um leve sorriso de resignação. — Pois seria preciso que eu estudasse vários anos, em que nada ganharia para ajudar mamãe. Além do que, necessitaria de capital para me estabelecer.

O que mais espantava Torkild, em Rosa, é que quisesse ter uma profissão. Quanto a si — como sucedia com a Sra. Wegner — não via no trabalho senão uma necessidade penosa. Era necessário trabalhar para comer, mas, para dar encanto à vida, eram necessárias outras coisas bem diferentes. Nessa época, os seus pensamentos tinham começado a girar, vaga, tìmidamente, em tôrno de Rosa. Mas esta, de sua parte, não tinha a menor atração por Torkild. Provàvelmente o considerava, sem se dar conta disso, como parte daquela casa onde começava a sentir-se sufocada.

Durante aquêle último ano em Cristiânia, Torkild e Rosa passavam a maior parte de seus vagares no bairro de Vestre Aker.

Torkild aprendera a amar aquêle terreno baldio, "o cerrado", que tão forte repulsa lhe causara por ocasião de sua primeira incursão. Intercalados entre pedaços de rua dêsse bairro afastado, cujos imóveis novos já tinham um aspeto sujo e desalinhado, estendiam-se vastos espaços cobertos de uma relva

raspada e rala, com proeminências que no comêço do verão se enfeitavam de uma opulenta e dourada floração de colza silvestre; esta planta crescia abundantemente no solo quente e sêco, e ultrapassava a cabeça das crianças que lá se reuniam para brincar; as flôres tinham um cheiro bom e nuvens de môscas as assediavam, zumbindo.

De um a outro extremo do ano, as crianças se agitavam no "cerrado"; no inverno, levavam seus trenós, seus esquis; na primavera, os meninos jogavam bola, e, já nos primeiros dias de calor, homens de macacão vinham dormir nos declives, ao sol. No verão, para o fim da tarde, chegavam as mães carregadas de bebês e cestas com provisões; era o ruído feito no "cerrado" que dominava todos os outros sons do bairro: petizes que mal andavam punham-se a berrar a cada tombo; crianças maiores chamavam-se umas às outras com gritos estridentes, durante os jogos; a voz penetrante das mães que ralhavam aqui e ali, gritando do alto das janelas... e sempre havia, longe ou muito perto, o clamor e os soluços, numa interminável melopéia, de algum menino que se machucara brincando e que voltava para casa a fim de contar tudo à sua mamãe.

Desde que não mais se encontrava com Arno Sevaldsen, Torkild não tinha amigos pròpriamente ditos. Não se sentia à vontade com os garotos da rua, mas não preferia a êles os alunos do ginásio. Se não eram maus, como geralmente o são os meninos com aquêle que não se lhes assemelham, era porque Torkild tinha punhos que podiam fazê-lo respeitado. Empalidecera e emagrecera desde que morava na cidade, mas era ágil, arrebatadiço e sabia brigar; esquiava bem e requestavam-no para jogar bola.

Entretanto, também para Torkild, o "cerrado" era cheio de atrativos. Muitas vêzes, no verão, lá passava dias inteiros, deitado na relva rasteira. Acima dêle, no céu de um azul limpo e brilhante, vogavam nuvens brancas; as môscas que enxameavam em tôrno dos montes de imundície, à margem do regato, tinham reflexos dourados quando passavam, como chispas, à sombra das pobres árvores anãs e maltratadas; mais longe, no barranco, um caco de garrafa projetava um feixe de raios multicolôres na direção do sol. A primavera semeava o cerrado, para alegria das crianças, de funcho e pálidas violetas, pequenas e raras, era certo, mas que todos os anos voltavam. O verão trazia rosas-de-cão, lençóis verdes de capim e tufos dou-

rados de colza, nas depressões do terreno. No outono, as uvas-espins ficavam salpicadas de bagos vermelhos sob a folhagem flava; nos dias de sol, no inverno, a neve cintilava, branca, com sombras azuis nos sulcos deixados pelos pequenos esquis das crianças.

Quando cresceu um pouco mais, Torkild começou a fazer passeios mais longos, a Bygdoe, Vestre Aker e Nordmarken. Descobriu também alguns companheiros, que se lhe juntavam para essas excursões, fora das quais não se viam. Havia um, principalmente, Lorentz Helsing, que dava a impressão de ser mais ou menos tão solitário como Torkild, e que fêz com êle uma amizade pouco loquaz.

Entretanto, em nenhuma outra parte do mundo como no "cerrado", Torkild experimentava essa calma da natureza, essa beatitude da alma, o esquecimento absoluto de si mesmo. Nem no mar, onde, nas calmas noites de verão, deitado no fundo do seu barco, via apenas o céu e a água em redor de si; nem, no outono, na crista dos altos montes, quando imensas extensões se avermelhavam e cintilavam, e as fendas das geleiras, cheias de neve, se destacavam contra o céu, umas após outras, ou quando o nevoeiro vinha traiçoeiramente cercá-lo; nem nas florestas selvagens, pelas noites de primavera, em que caçava galinholas ou lebres. Aquela nesga da natureza, já ameaçada pela cidade grande, pois ia em breve ser retalhada em ruas semelhantes àquelas onde à noite se arrastavam, em algazarra, prostitutas e rufiões bêbados, deixando atrás de si garrafas quebradas e sujeira, era boa e generosa para os adolescentes do bairro. Graças a ela, e até que a pedra de cantaria a tivesse invadido, esta terra inculta permitia às crianças viver a maravilhosa aventura das estações e dava-lhes as melhores horas da juventude.

As janelas do apartamento da Sra. Wegner abriam para o *Blaas,* pequeno rochedo plantado precisamente no centro urbano. Quando acordava de manhã, Rosa o avistava da cama: estava dourado pelo sol nascente. Ela amava os terrenos baldios e amava o *Blaas:* ali, à sombra das moitas de arbustos, Dóris e ela haviam preparado um canto para brincarem; Rosa, que sem dúvida nunca vira uma vaca, construía, com as pedras que debruavam um pequeno lago, uma cabana de vaqueiro, e conhecia todos os lugares onde podia colhêr violetas; quando a colza silvestre florescia, escondia-se no meio dela

com sua carga de bonecas. Sua mãe não gostava que fôsse brincar no "cerrado"; em todo caso, que o fizesse acompanhada por Dóris, e, de preferência, com Torkild também. O terreno baldio não era apenas um lugar de encantamento, sonho das crianças e das mães; ia lá também gente que bebia e que se atracava entre si, que gritava e que assustava os pequenos; debaixo dos arbustos havia homens deitados, que procuravam atrair as meninas para lhes dizer torpezas ou para "lhes mostrar alguma coisa". Nas escadas estreitas e mal-cheirosas, histórias semelhantes a môscas venenosas circulavam entre elas, aos cochichos. Eram crimes cometidos contra crianças, talvez nalgum bairro bem diferente, e anos antes; havia muito tempo que o autor de tais crimes terminara de expiar a culpa, e a morte piedosa levara talvez a vida da menina maltratada e poluída. Mas o ato subsistia; em tôdas as aglomerações onde a gente pobre vive amontoada num espaço exíguo, e onde as mães são obrigadas a deixar os filhos andarem sòzinhos na rua, nos terrenos baldios, no vão das entradas para veículos, e nas escadas, a mesma ameaça prossegue rondando como um espetro; os pobres nunca chegarão a ver-se livres dessa obsessão. Uma criança tarda a voltar, uma noite, e já a angústia aperta um coração de mãe: esta recomendou à filha que desconfiasse, mas não se animou a dizer de quê. As meninas, apesar disso, sabem-no, pois uma conta à outra; cada vez que uma rapariguita é violada, centenas de outras sofrem, em imaginação, a mesma sorte... e disso as mães pobres não as podem proteger.

No verão em que Torkild e Rosa tinham cêrca de quatorze anos, a Sra. Wegner, pela primeira vez desde que enviuvara, pudera deixar a cidade, com a filha, para gozar seus quinze dias de férias. Tendo ficado só, Torkild não sabia que fazer para se distrair. Uma noite de agôsto, depois de um dia de calor sufocante, sua mãe lhe disse que o pai dêle resolvera recomeçar a vida em comum com ela.

À princípio, Torkild a escutou estupefato, sem nada dizer. Depois explodiu. Menino já grande, que nunca dissera à mãe uma palavra de cólera, empregou agora em relação ao pai os têrmos mais grosseiros e as piores injúrias que ouvira. Não deixou à mãe tempo de protestar, continuou dando livre curso à sua fúria até finalmente dobrar-se, à míngua de fôrças,

soluçando consternadamente, a cabeça enterrada nas almofadas do sofá.

Sua mãe pôde, então, falar. Tìmidamente e em tom desanimado, procurou levá-lo a compreender que era por causa dêles, das crianças, que assim tinham decidido agir.

Novamente, Torkild se indignou:

Ah! Então acreditava que êle seria bastante vil para se abaixar diante do pai, agora, depois de tudo o que acabava de dizer? Tinha ela a intenção de acomodar êsse freqüentador de prostitutas na casa dêles? Como parte da família?

Docemente, sua mãe fêz-lhe ver que havia Dóris. Não percebia seu filho que a cidade era nociva para Dóris? Que seus modos não eram bons? E já não havia meio de vigiá-la: andava na rua com tôda espécie de mocinhas de reputação discutível. Dóris tinha necessidade de um pai que a guiasse. — Devias compreender, meu filho, que com a mamãe que ela tem... sim, talvez fôsse pior, para Dóris, do que se não tivesse mãe...

Ao ouvi-la falar assim abertamente, pela primeira vez, de sua própria degradação, Torkild, vencido, se pôs a chorar, mas desta vez como uma pobre criança desesperada. Sua mãe falou então de Axel, e ao pronunciar o nome do filho mais velho, a quem não via desde quatro anos antes, se desfez em lágrimas por sua vez; foi como se uma dor, que passara anos a fio escondida no peito, tivesse rompido inteiramente as peias e a sacudisse tôda. Oh, quanta urgência tinha de o rever, a êsse filho... e, agora, talvez voltasse para junto dela.

Quando Torkild tornou a falar, disse, simplesmente, em tom incisivo e duro, que ela poderia já que assim era, voltar para junto do pai dêles com Dóris e Axel. Quanto a êle, não iria: havia de se arranjar sòzinho. Far-se-ia marinheiro, procuraria um emprêgo num escritório ou iria trabalhar como aprendiz. Não queria ficar na casa do pai.

Então, a Sra. Christiansen cingiu-lhe o pescoço com os braços e suplicou-lhe. Era o filho preferido, não poderia ficar sem êle, e, se não a quisesse acompanhar, ela abandonaria aquêle projeto. Entretanto, era a única solução: que seria dêles, as crianças, se ela viesse a faltar? Por amor de sua irmã, por seu irmão, cedesse.

E como a única oportunidade de salvar os filhos era tentar aproximá-los do pai, passou a contar a Torkild como tudo se passara: desculpou o marido, assumiu tôda a culpa. Quan-

do Torkild alcançou mais idade compreendeu que a história que ouvira naquela noite era mesmo a verdade e que, por isso, tanto maior devia ter sido o sofrimento dela; todos os agravos que tinha da mãe desapareceram então, e só pensou no grande amor que ela dedicara, apesar de tudo, aos seus filhos.

O pai de Torkild fôra a Copenhague por ocasião de um congresso de pastôres e naquela cidade é que travou conhecimento com a Sra. Hammerich mãe, muito interessada em assuntos de religião. Era de nascimento aristocrático e fôra belíssima; afirmava-se que tinha venerado o amor temporal antes do amor divino. Fôsse como fôsse, tomou-se de uma atração inteiramente maternal pelo jovem teólogo e o convidou a acompanhá-la ao velho palácio de Hindevadgaard. Ivar Christiansen tinha vinte e quatro anos, era imponente, alto e forte, com um andar desengonçado e tôsco de jovem camponês; ficou encantado com o convite para visitar uma mansão dinamarquesa — sem fausto, aliás — e cheio de entusiasmo e gratidão pelas considerações de que foi cercado.

Na mansão, travou conhecimento com a Srta. Regitze, a mais môça de três irmãs solteiras. Com trinta e quatro anos, possuía uma deplorável alma descontente e torturada, cheia de amargura para com a mãe, cuja verdadeira natureza adivinhava, e de piedade misturada com desprêzo pelo pai, que jamais percebera que era enganado; era ácida e revoltada por sentir sem fim nem fito os seus loucos desejos de ternura e dedicação, porque ali estava o exemplo da mãe. Suas maneiras rígidas, pesadas, lhe tiravam todo encanto; contudo, o rosto de tez pálida tinha as feições delicadas e distintas, os cabelos eram bastos e negros; os olhos graúdos azuis, eram porém muito claros para que os homens, em geral, os achassem belos.

Enamorou-se perdidamente do protegido norueguês de sua mãe, dez anos mais môço do que ela. E manifestou de modo tão aberto êsse amor, tanto acossou o pastor, com tamanho ímpeto exibiu os seus sentimentos, que tôda a região murmurava e ria; Ivar Christiansen acabou por dizer lá com seus botões que, como homem de bem, devia pedi-la em casamento. Aliás, sentia-se muito lisonjeado em ser o objeto dessa adoração por parte de uma môça da elevada categoria dos proprietários de terra, e a paixão que Regitze lhe dedicava acabou de algum

modo influindo nêle: imaginou, pelo menos durante certo tempo, que a amava.

Descobriu, no entanto, muito pouco tempo depois do casamento, que se havia iludido quanto aos seus próprios sentimentos. De vez em quando, experimentava mesmo uma espécie de repulsa pela mulher. Entretanto, durante os primeiros anos de convívio, tudo aceitou como uma prova de Deus, e tentou o possível para suportar os caprichos de sua mulher e responder com ternura à paixão que ela manifestava e que lhe repugnava. Tiveram três filhos, que Regitze amou com fanatismo, mas aos quais não soube assistir, apesar de todo o trabalho a que se entregava. A Sra. Christiansen era a mulher mais imprópria para ser a espôsa de um pastor de aldeia: absolutamente irreligiosa, não era boa dona de casa e não sabia conviver com os moradores locais.

Êsse casamento feriu fundo a simplicidade e a fé de Ivar Christiansen. Passou a encerrar-se com os livros, mas o que achou não foi nem a paz nem a certeza que procurava. E tudo terminou quando apareceu Clara Bertelsen.

As coisas não se haviam passado exatamente como Torkild tinha ouvido contar, quando criança. Era certo que seu pai crismara Clara Bertelsen, neta do prefeito, mas sem dúvida nada se passara entre ambos, nessa ocasião; só no ano seguinte, quando Clara tomava lições particulares com êle, é que começara aquilo. Christiansen pedira exoneração. Escreveu que "as paredes da Igreja haviam desabado em redor dêle, e que êle se vira a céu aberto".

Homem ingênuo, Ivar Christiansen assim foi até a morte; com um feroz amor à verdade, fêz confissões, deu os motivos de sua deserção da Igreja e, em confidência, contou à espôsa e ao prefeito as relações que mantinha com Clara. Êste velho não contribuiu para atenuar o escândalo tentando obter o castigo do sedutor. Malogrou-se, e Clara, que fôra enviada para o estrangeiro, escapou e voltou para a Noruega, onde foi morar com o amante. Durante algum tempo, permaneceram em Cristiânia, depois mudaram-se para Bergen. Christiansen agora trabalhava como jornalista e fazia traduções; escreveu também alguns romances, visìvelmente ruins; um dêles, porém, teve a sorte de ser confiscado, e lhe deu certa notoriedade literária.

O que levou Torkild, quando chegou à idade da razão, a perdoar ao pai e a experimentar por êle uma espécie de piedade indulgente, foi que êste era essencialmente ingênuo e estava convencido de ter-se portado bem. Cada vez que Torkild pensava na mulher pela qual seu pai tudo sacrificara, fazia-o com uma piedade matizada de desprêzo. Na escrivaninha de Ivar Christiansen havia sempre uma fotografia de Clara Bertelsen, com o vestido branco e comprido da confirmação: era uma môça corpulenta, precocemente desenvolvida, com um ar de ter vindo ao mundo cheia de experiência.

Depois que Christiansen se separou da espôsa, Clara foi para Hamburgo; lá encontrou emprêgo e pretendia ficar até a declaração do divórcio. Ao cabo de um ano, casou com um alemão, certo Ritter, representante comercial. Isto acontecera alguns meses antes de Christiansen e sua mulher haverem decidido retomar a vida em comum. O velho Christiansen acabava justamente de morrer, e o filho fôra morar na granja do pai, onde nascera, nas cercanias de Frederikshald; arrendou as terras e ocupou-se com seus trabalhos de tradução. Defendera, aliás, uma tese de letras.

A experiência foi desastrosa. O restabelecimento da vida conjugal, nessas condições, ultrapassou finalmente as fôrças da Sra. Christiansen, embora sem dúvida amasse ainda ao marido; no fim de muito pouco tempo, entregou-se à bebida e achou meios, com extraordinária habilidade, de obter morfina. Depois, Clara Ritter, que deixara o marido, voltou para Cristiânia, reconciliou-se com Ivar Christiansen, e Regitze sabia que êste ia procurá-la cada vez que viajava a negócio para aquela cidade. Não foi senão após o suicídio da Sra. Christiansen que a ligação terminou.

Desde que voltara a viver em casa do pai, Torkild se submetia à sua sorte com uma espécie de resignação apática e desconsolada. E assim, depois da morte de sua mãe, não lhe ocorreu sequer por um instante a idéia de abandonar o pai: pelo contrário, quando obteve emprêgo num escritório da cidade, continuou vivendo com êle; pagava pensão e se atribuía a responsabilidade de guia espiritual da irmã e, um pouco também, do pai. Ao fim de certo tempo, resolveu fazer estudos complementares na Escola Superior de Comércio; para isso, e por sua própria conta, tomou dinheiro emprestado, recebeu

também mais um pouco do avô que ficara na Dinamarca, depois retornou para Cristiânia.

Na cidade pelo menos havia a Sra. Wegner e Rosa. Olhava-as, agora, de um ângulo um pouco diferente: percebeu que a Sra. Wegner estava cansada, envelhecida, que o arranjo da casa indicava pobreza e decadência. Rosa tinha precisamente começado a trabalhar num escritório: oito horas por dia e quarenta coroas por mês. Torkild era dominado, como dantes, pelo fascínio da Sra. Wegner e de tudo que a cercava, mas agora êsse fascínio lhe parecia infinitamente doloroso e comovente. E Rosa, tão linda, tão séria, tão jovem, estava, aos dezessete anos, entregue à mesma existência de trabalho sem alegria. De nôvo, o pequeno apartamento da Sra. Wegner se transformou, para Torkild, num lugar sagrado... Mas, pouco a pouco, a figura da mãe passou para o segundo plano, apagou-se nêle para dar lugar à filha.

Torkild tinha de estudar dois anos na Escola Superior de Comércio. No comêço do segundo ano, descobriu-se que a Sra. Wegner, enfêrma havia algum tempo, tinha diabetes. Seu estado se agravou ràpidamente.

Havia já muito tempo que Rosa obtivera permissão da mãe para ajudar nos cuidados da casa. E, depois que a Sra. Wegner adquiriu o hábito de deixar a filha ocupar-se com o serviço doméstico, Rosa se ajustou perfeitamente. Revelou-se ótima dona de casa: em silêncio observara o sistema complicado e pouco prático da mãe. De antemão aprendera como devia agir, e tão bem que se sentiu experiente e entendida desde o comêço. Dir-se-ia até que achava prazer real em esfregar o chão, limpar, lavar e cozinhar: empregava nisso fôrças não utilizadas no escritório, cujo trabalho sedentário lhe era tão penoso. Quanto à Sra. Wegner, sentia-se feliz; que a casa estivesse mais ou menos bem arrumada não tinha muita importância para ela, mas aceitava o trabalho da filha, as entradas de teatro, as flôres e os bombons que lhe trazia; aceitava-os com a mesma candura de alma que tivera quando era ela quem trabalhava, e cobria Rosa de mimos; no seu espírito, tudo o que então dera com alegria, e tudo o que agora recebia comovida, não era senão um sinal a mais da inteira dedicação de uma à outra; achava, aliás, que tudo o que Rosa fazia estava bem feito, e a menor delicadeza da parte desta era, para ela, um tesouro inestimável.

Chegou o momento em que compreenderam, ambas, que a morte espreitava.

Mas nem uma nem outra se referiam a isso. Enchendo com novas e ternas atenções cada minuto que lhes restava ainda de convívio, mostravam entretanto que sabiam. Era a Torkild que confiavam o seu desespêro.

Êle trazia flôres raras para a Sra. Wegner, iguarias requintadas e os vinhos que ela podia tomar. Impôs-se privações durante os últimos meses em que ela viveu a fim de poder levar-lhe, todos os dias, alguma coisa; Rosa fazia o mesmo, e Torkild experimentava assim uma espécie de alegria entre inebriante e melancólica ao sentir que ela e êle sofriam juntos. Tão diferente isto lhe parecia daquilo que antes provara sòzinho, daquela tristeza onde se confundiam constrangimento e vergonha, que agora êste sentimento era bem-vindo e doce, porque ligava suas vidas. E julgava que a mãe de Rosa tivesse o mesmo pensamento.

Recebia os presentes de ambos com um sorriso calmo e radioso, sem jamais desculpar-se dos sacrifícios e privações que isso lhes custava: compreendia perfeitamente que ao privarem-se para fazer-lhe um agrado achavam exatamente um consôlo e uma alegria, e que isso os fazia esquecer momentâneamente que ela em breve ia deixá-los.

Entretanto, imensa era a dor de Rosa; sofria sòzinha nas horas arrastadas do escritório e nas longas noites, quando a mãe dormia. Esta abrigava a convicção mística de que o amor materno, o amor que dedicava à sua filha, prevaleceria sôbre a morte. Quanto a Torkild, seu amor juvenil poderia procurar alimento e fôrça em qualquer coisa, até no mistério da morte e na cruel separação. Mas, para a dor de um filho que chora o pai ou a mãe, não existe consolação. A mãe pode conservar até o fim de seus dias um amor vivo e inalterado pelo filho que perdeu; o coração do amante pode viver, durante tôda uma longa existência, da recordação da amada que a morte roubou. Porque o amor de mãe e o amor do amante conheceram um comêço; conquistaram um lugar em nossa vida; rivalizaram em fôrça com outros sentimentos... Mas o amor do filho pelos pais fêz parte do seu ser desde sempre; seguiu-o enquanto o menino crescia, sem nunca trazer ao seu espírito a ventura da novidade. Eis por que a mágoa do filho pela morte do pai ou da mãe é digna de dó e sem consôlo: é uma parte da própria

vida do filho que lhe é arrancada. Quando o tempo tiver cicatrizado a chaga ou um nôvo amor lhe encher o vazio do coração, não será o consôlo, será o esquecimento.

À noite, depois do entêrro, Rosa e Torkild se viram a sós no pequeno apartamento. Rosa estava sentada na poltrona de sua mãe, junto da mesa de costura. Havia alguns meses que emagrecera e perdera as côres, e seu vestido de luto lhe acentuava a palidez e a leveza do corpo. A expressão que a dor gravara no seu rosto juvenil se assemelhava à cólera e à obstinação.

Torkild, de pé junto da janela, contemplava o céu, para o lado do poente, atrás de Blaasen. O outeiro tinha uma tonalidade amarela, pois o gêlo crestara a grama que o cobria, e os arbustos presos aos seus flancos estavam negros e sem fôlhas. Torkild sentia uma extrema fraqueza, a cabeça lhe andava à roda; compreendeu que êsse mal-estar provinha de ter-se alimentado mal por um longo período: tudo o que possuía, gastara-o em flôres para cobrir êsse túmulo onde repousava aquela que fôra a sua salvação através das piores aflições da infância. Além disso, dormia muito pouco; parecia-lhe que a sua alma era tôda vibração na expectativa do futuro... Sim, acontecia que, no mais fundo do ser, apesar da dor de ter perdido aquela amiga a quem tanto amara, tinha sem dúvida a esperança do maravilhoso porvir que seu amor juvenil lhe abria. E, sem olhar para Rosa, falou.

— Mesmo morta, não a perdemos. Não achas que ela se prolonga em nós? Parece-me que não somos como todo o mundo... Sim, quando pensas nisso, não é exato que tu também nos vês diferentes dos outros? E isso é porque ela nos educou... Quero dizer que nos ensinou a achar a felicidade naqueles dos quais gostamos. Sim, foi isso mesmo que nos ensinou: a sermos felizes... e a sê-lo não pelas coisas que podemos adquirir ou ganhar por meios diferentes do amor, mas a sê-lo ùnicamente por aquêles dos quais gostamos...

Rosa começou a soluçar docemente e respondeu como num queixume:

— Mas mamãe era justamente a única pessoa de quem eu gostava! Eu só tinha a ela no mundo. De quem queres que eu goste agora?

Torkild se abaixou e afagou-lhe os cabelos, mas disse apenas:

— Podes gostar de ti mesma. Ela nos ensinou isso também (e nela talvez fôsse a coisa mais maravilhosa, essa convicção), ensinou-nos que a gente pode gostar de si mesmo. Ela sempre se sentia feliz quando contemplava a sua alma, pois só via nela amor, coragem, lealdade, nada mais que a beleza, nada de baixo, de feio, nenhuma vileza. Oh, Rosa, parece-me que se vivermos apenas de acôrdo com o que julgarmos certo, sem nunca nos deixarmos arrastar para nada de mal nem nada de desonroso em face de nós próprios, ainda teremos tua mãe conosco.

Rosa, porém, com um gesto de impaciência, repeliu a mão de Torkild:

— Ora, tu falas e falas. Não faço caso disso que estás dizendo. Eu quero é falar com mamãe, e nunca mais será possível. Quero fazer um carinho no rosto delicado dela, e naquelas pobres mãozinhas estragadas, e isso nunca mais será possível. Queria que ela me sorrisse, e me beijasse, e nunca mais ela poderá fazê-lo. Ah, mamãe, mamãe, mamãe querida, tanto que eu queria te ver, te beijar... e tu nunca mais voltarás, mãezinha, mãezinha querida...

V

Era uma manhã de novembro, e Torkild ia a caminho do escritório. Fazia um nevoeiro espêsso e gôtas de água borrifavam seu fato de lã.

Atravessando o parque do Palácio, uma corrente humana seguia em direção à cidade; no sentido contrário, vinham apenas alguns colegiais. O nevoeiro tragava esta caravana, sumindo-a a alguns passos de distância.

Torkild reconhecia a maior parte dessa gente atarefada, sempre a mesma, àquela hora. À sua frente, meio escondido na cerração, percebeu o dorso largo do diretor Ring. Marchando ambos com o mesmo passo, conservavam a distância que os separava. Aquela senhora baixa, de meia idade, chapéu de fêltro côr de fogo, já o ultrapassara. A coitada, sempre a correr daquela forma, como um animal acossado, sem dúvida demandava um escritório afastado, para a banda da estação. E êle, por sua vez, deixara para trás o jovem casal de namorados que nunca mostrava pressa.

Conhecia também os escolares. As duas meninas feias e quietas, com seus olhos graúdos e negros como amoras, e os rostos bondosos, corados. O menino espigado, louro e vivo que marchava sempre com vários colegas e que falava alto e com animação. E o garotinho pálido em que já havia reparado no outono: freqüentemente vagava pelo relvado, à cata de fôlhas sêcas ou castanhas-da-índia, ou então ficava imóvel, o nariz no ar, a contemplar os dois esquilos que viviam nas ár-

vores do parque. Um dia, passando por êle, Torkild lhe tirara a boina, e o menino fitara nêle os olhos azuis, assustados.

— Que dizem teus pais, de chegares sempre atrasado à escola? — perguntou Torkild.

O menino parecia embaraçado.

— E por que não podes juntar as tuas castanhas ao voltar da aula?

— Porque não, senhor; aí eu me atrasava para o jantar... e também porque os outros garotos já as teriam juntado...

— Ah, sim; vejo que não és tolo, meu rapaz.

Como o petiz se mostrasse ainda mais assustado, Torkild lhe deu uma moeda de vinte e cinco *öre* e o aconselhou a não recomeçar.

Posteriormente, o menino em geral lhe perguntava pelas horas, quando se encontravam. Torkild balançava então a cabeça com um ar sinistro, puxava o relógio e lho apresentava. O menino murmurava um imperceptível obrigado e punha-se a correr, o coitado, com enorme ruído do estôjo das canetas e dos livros, que chocalhavam dentro da bôlsa.

— Torkild!

Voltou-se, bruscamente.

— Rosa!... Então estás aqui?

Ficou pregado no chão, olhos arregalados. Mas era mesmo Rosa, ali no meio da alameda, de impermeável prêto e, nos cabelos louros, um gorrinho de peles, prêto também. Em redor de ambos, aparecendo e logo desaparecendo no nevoeiro, os pedestres continuavam no rumo do centro.

— Minha querida... que quer dizer isto?

— Pois é, eu te conto tudo, mas vamos andando, se quiseres, pois vou para o escritório. A firma onde eu trabalhava vai fechar... foi comprada pelos suecos, mas não é para falar nisso, tu compreendes. Quanto a mim, eu tinha sido avisada pelo diretor, para que pudesse procurar outro emprêgo. Aí, há oito dias, li um anúncio no *Aftenposten,* escrevi uma carta e obtive resposta favorável; mas, para pegar êsse emprêgo, tinha de começar em seguida. É na Lahn Ltda... Telefonei dizendo que viria. Depois arranjei tudo com o meu diretor, fiz a mala, e cheguei anteontem de noite, e ontem assumi o lugar no escritório.

— Por que não me preveniste? Eu teria ido esperar-te...

— Queria fazer uma surprêsa, tu compreendes... Tentei telefonar ontem, diversas vêzes, mas da primeira vez a linha estava ocupada, e depois me responderam que o chefe do escritório estava em conferência...

— Ah, eu vou ensinar aquela pequena!...

— Mas não, não, deixa em paz essa boa môça! Pelo que vejo, no nosso meio os carões são muito apreciados... Acho que o nosso diretor é muito difícil.

— Pois eu o achei extremamente cordial... é verdade que só falei com êle duas ou três vêzes, a propósito de umas máquinas que tínhamos de comprar... Mas, escuta aqui, será que posso esperar-te na saída do trabalho, às duas horas?... Seria ótimo se quisesses almoçar comigo...

— Mas claro, muito obrigada, é uma boa idéia. Vão pensar, na pensão, que eu sou uma pessoa muito pouco séria...

— Meu Deus... Mas onde moras?

— Rua Holte, na pensão da Srta. Stenersen... exclusivamente para senhoras sós.

— Livra!

Rosa se pôs a rir:

— De fato, isso não tem nenhum jeito divertido... mas eu tenho um quarto regular, e não é caro... Ah, escuta: Axel veio visitar-me ontem de noite (telefonei para êle também) e me convidou para jantar no restaurante.

— Hum! — fêz Torkild. — Então estiveste com Axel.

Andaram um pouco em silêncio. Depois, Rosa disse:

— Pedi notícias de vocês todos, mas êle não sabia nada. Dóris não lhe dá sinal de vida desde que foi embora, e quanto a ti, fazia uns quinze dias que não te via...

— É meio exagerado: êle foi comigo à cabana, há oito dias, no outro domingo...

— Vocês não simpatizam muito um com o outro, tu e Axel?

— Simpatizamos, sim. Mas... tu compreendes, essa coisa é muito difícil, quando a gente cresceu cada qual para seu lado, em condições tão diferentes. Saber que somos irmãos torna-se quase um obstáculo para o nascimento da camaradagem... Eu diria que a gente se sente constrangido um com o outro, por causa disso...

— É possível. Tens notícias de teu pai, de vez em quando? Como vai êle?

— Muito bem, obrigado. Está trabalhando num livro. E qualquer coisa dêle foi traduzida para o alemão... o que lhe causou muito prazer...

— Ótimo! Ah, aqui é o meu escritório. Adeusinho, até logo!

tava sentado.

Torkild fazia andar à roda a cadeira giratória onde estava sentado.

...Ela saíra com Axel, ontem de noite. Que pena que a Srta. Pedersen não tivesse pedido o número de Rosa quando ela telefonou... ou então devia tê-lo chamado. Não tinha havido "conferência", coisa nenhuma: simplesmente um empregado de fábrica que viera pedir uma ordem. Tão tola, esta Srta. Pedersen! Nunca se podia ditar-lhe a correspondência inglêsa: sempre era preciso corrigir alguma coisa.

Acendeu a luz e examinou ràpidamente a correspondência... Bem, a Srta. Lindvik poderia responder ela mesma a quase tôdas as cartas... êle ditaria a resposta para o cônsul Aas e o contrato com Seymour; as cartas em francês êle mesmo as escreveria.

Olhou pela janela. Nesta época, na oficina de costura da casa do fundo do pátio, as costureirinhas trabalhavam todo o dia de luz acesa. Hoje, através do nevoeiro, só enxergava as manchas dos globos luminosos, não distinguia as môças. Havia uma delas, pequenina, loura e alegre, muito parecida com Rosa; mas a coitada capengava terrìvelmente. No pátio, os guindastes rangiam com tôda a sua estrutura de ferro, o elevador de carga vinha de alto a baixo com um ruído surdo. No escritório das datilógrafas, ao lado, as duas máquinas batiam em côro.

— Senhorita Lindvik, pode avisar-me quando dispuser de um momento?... Tenho algumas cartas...

— Será que a Srta. Pedersen não poderia encarregar-se delas? Tenho tanto que fazer para o diretor...

Tanto pior! Torkild tornou a sentar-se e acendeu um cigarro.

...Ela saíra com Axel. Na realidade, que havia de mais natural que também tivesse telefonado para Axel? E que tivesse saído com êle? Se bem que... se bem que... Então Rosa não podia ter imaginado que êle sofreria ao sabê-la com o irmão, enquanto êle até mesmo ignorava que ela estava em

Cristiânia? Bem podia ter deixado o seu número com a Srta. Pedersen e um pedido para que lhe telefonasse.

Axel. Pouco se haviam aproximado um do outro. Pelo contrário. Aquilo que começara a germinar entre ambos, por ocasião da conversa naquela decantada noite, desvanecera-se completamente, depois. E, entretanto, fôra uma coisa diferente de uma conversa ôca, inspirada pela noite e pelo uísque. Seria porque, no dia seguinte, Rosa chegara?

Na verdade, não podia dizer que tivesse acontecido fôsse o que fôsse, nos quinze dias em que Rosa ficara na casa dêles. Era natural, já que Axel estava lá, que os passeios, as conversas que antes havia entre os dois, enquanto Dóris se ocupava com o serviço da casa, nem sempre fôssem possíveis. Era natural igualmente que Rosa e Axel tivessem numerosos assuntos: os amigos comuns da Dinamarca, etc. Rosa queria muito bem a Axel, segundo dizia. E por que não haviam de querer-se bem, ela e o irmão dêle? Axel não a cortejara. Não. Êle, Torkild, não tinha nenhuma razão para crer que seu irmão estivesse enamorado de Rosa Wegner. Em compensação, as primeiras vêzes que Eva os visitara, Axel ficara encantado com ela. Sem dúvida, muito depressa se haviam cansado um do outro.

No entanto... Quando Rosa estava na cozinha ajudando Dóris, ou então quando as duas iam tomar banho, a conversa entre Axel e êle tornara-se, de modo inexplicável, penosa. Não era fora do comum que Rosa tivesse pedido a Axel, de noite, que tocasse música: era um costume dela, e, para Axel, um prazer. Era também natural que Axel fôsse sentar-se ao lado dela, perto da janela... todos, quando estavam na sala, gostavam de sentar-se perto da mesinha redonda.

Mas, havia o passeio de barco... E, para falar a verdade, significava alguma coisa? Axel declarara que estava ventando muito e, com aquêle tempo, não queria sair de barco com Rosa e Dóris. Mas as meninas tinham insistido, queriam ir a tôda a fôrça e, por fim, Axel perguntara se podia usar o barco: tinha prática das águas dinamarquesas e era prudente. Torkild respondera que sim, mas, como Axel não conhecia o fiorde, êle os acompanharia. Axel mostrara contrariedade e observara que, quem sabe, então não iam?... Talvez fôsse preferível. Mas Dóris quisera ir a tôda a fôrça... Enfim, nada se passara de grave, a não ser que os três se haviam

encharcado até os ossos, e seu irmão compreendera que o fiorde podia tornar-se bem perigoso. À noite, quando subiam para se deitar, Axel lhe dissera:

— És de fato muito prudente, Torkild... as meninas não são medrosas.

E Torkild respondera:

— Claro, quem não sabe manobrar um barco nunca tem mêdo.

Fôsse o que fôsse, desde êsse passeio no mar, havia um arrefecimento persistente entre Axel e êle. Logo que Rosa viajou para Vermland, Axel fôra fazer uma excursão pelas montanhas. Nunca tinham tocado de nôvo no projeto de morar juntos em Cristiânia: por um acôrdo tácito, cada um tomara um quarto numa pensão diferente.

Não havia absolutamente nenhuma razão para sentir ciúmes do irmão. Mas êle os sentia.

— Onde vocês foram jantar ontem de noite? — perguntou Torkild, enquanto se encaminhavam para a Rua Karl Johan.

— No Café do Teatro, no salão do primeiro andar.

— Talvez queiras ir ao Salão dos Espelhos? Ou a outro restaurante, se preferires.

— Palavra — disse Rosa, com um leve sorriso — que nunca fui a êsse, o Salão dos Espelhos... aliás, também não conhecia o Café do Teatro.

— Então vamos ao Salão dos Espelhos! — disse Torkild com um sorriso, embora sentindo uma pequena decepção. Ficaria igualmente bem, mas a verdade era que imaginara durante todo o tempo que iriam ao Café do Teatro, no primeiro andar. E agora, como Rosa estivera lá ontem com Axel, perdera todo o entusiasmo por êsse restaurante.

— Escuta uma coisa, Rosa — disse, logo que ocuparam uma mesa. — Temos apenas duas horas para ficar juntos. Permite-me que te leve ao teatro, hoje de noite, e em seguida iremos a um café, a algum lugar onde a gente possa conversar à vontade.

— Muito obrigada... mas, tu sabes, não terei tempo de voltar à pensão para me vestir.

— Acho-te muito bem assim — disse Torkild. — Ficas ótima de gola, nunca te vi vestida assim.

— Credo! Não hás de querer que eu vá ao teatro em traje de escritório?

Seu vestuário, extremamente simples, saia escura e blusa de listras cinzentas e azuis, gola branca e gravata, lhe dava um ar impessoal, e Torkild mal a reconhecia; obscuramente, sempre sentira que Rosa, também no tocante ao vestuário, era diferente das outras jovens. Quando pequenina, seus vestidinhos, originais no talhe, eram-no ainda mais pelas côres vivas que sua mãe escolhia. Naqueles últimos anos, quando só se haviam encontrado durante as férias de verão, sempre a vira com vestidos claros, o pescoço livre. Parecera-lhe então, quando ela falava, que os gestos da cabeça sôbre o pescoço longo e flexível, levemente arqueado, davam-lhe ainda maior pêso às palavras. O traje de hoje era severo e sem brilho como a farda de um soldado raso. Mas, também, como uma farda, colava-se bastante às linhas daquele corpo de môça para lhe revelar a firmeza das formas esbeltas e torneadas. Torkild achava também que êste traje dava relêvo ao caráter original do rosto de Rosa: a testa branca e ampla, sob os cabelos de um louro-dourado, repartidos em bandós, os olhos cinzento-aço, vivazes, atentos, e um tanto frios, as pálpebras espêssas e claras, que se erguiam e abaixavam devagar, tranqüilamente. O que impressionava no rosto dela era o contraste existente entre a redondeza inteiramente infantil das feições, a tez resplendente de saúde, e as sobrancelhas bem delineadas, assim como a bôca, lindíssima e muito pessoal, um tanto grande, mas claramente desenhada, vermelha, e de um contôrno puríssimo; sob o lábio inferior desabotoava-se uma bonita e volutuosa covinha, como nas Vênus antigas.

À juvenil sensualidade do rosto opunha-se o olhar calmo e um pouco frio; a delgadeza curvilínea do corpo contrastava com as mãos grandes, magras, estreitas e compridas, que permitiam adivinhar os ossos e os tendões; os dedos, não afilados, tinham as unhas largas e ovais. As mãos de Torkild eram compridas e finas, também, mas muito diferentes das de Rosa; nêle viam-se as veias azuis debaixo da pele, e as unhas eram esguias e raiadas.

Êle sabia que tinha um jeito indolente. Era bastante elegante: alto, delgado, ágil, tinha contudo o peito um tanto cavado e os ombros caídos. E sua pele, ao lado dos cabelos de um negro azevichado, era demasiado branca e de aparência doen-

tia; os olhos azuis pareciam claros demais, a bôca era rubra, de lábios excessivamente grossos, o nariz estreito, reto, demasiado curto; o queixo, quadrado e forte, não chegava a desmanchar a impressão geral de fraqueza.

Sua irmã, Dóris, era parecida com êle... Torkild suspeitava, com uma inquietação constrangida, da impressão, que devia causar nos outros homens, de mulher provocante e indefesa.

Axel, em compensação, não se lhes assemelhava; êsse não tinha aparência de debilidade. Baixo, alcançava apenas a altura de Rosa. Mas era corpulento, sólido... Torkild se lembrava do braço de Axel quando jogava esgrima, de suas mãos pequenas, quadradas e robustas. Do pai, Axel herdara a testa baixa e larga sob os cabelos castanho-escuros, anelados, os olhos com reflexos de bronze, o nariz largo e forte, a bôca reta e grande, os lábios finos. Depois de um único passeio de iate, Axel voltava queimado pelo vento e pelo sol, ao passo que êle, Torkild, podia expor-se durante semanas, sôbre as águas ou nas montanhas, sem maiores conseqüências que um tênue crestado da pele.

Perguntava consigo mesmo se Rosa notara ou sentira a diferença existente entre êle e o irmão. Já o teria percebido no último verão?... E acaso êle próprio notara que seu irmão era mais forte e mais apto para a luta? A fôrça devia agradar a Rosa, tão sadia. Estaria aí o que o tornava, por instinto, irresistìvelmente ciumento de Axel?

— Gostas de estar de nôvo em Cristiânia?

— Gosto... — Rosa sorriu vagamente. — Resumindo, eu nunca morei na cidade, tu sabes. Viver com mamãe não era viver em Cristiânia.

Torkild confirmou de cabeça.

— Na verdade, não conheço ninguém aqui. Sabes quem mora na minha pensão? A Srta. Antonsen, que era guarda-livros na firma Lande & Ludvigsen, meu primeiro emprêgo. É engraçado: fiquei muito contente de revê-la... aliás, ela sempre foi muito boa para mim. Falou-me dos meus antigos colegas (ela ainda está lá) e tive a impressão de que todos eram os meus melhores amigos; entretanto, naquela época, eu não os visitava; mas são, por assim dizer, as minhas únicas relações. Senti também que devo ter envelhecido, pois, naquele

tempo, a Srta. Antonsen me parecia respeitável, e hoje, quando as duas envelhecemos cinco anos, parece-me que temos quase a mesma idade.

"Aliás, é um gozado jardim zoológico, uma pensão para senhoras sós. No quarto pegado ao meu, mora uma mulher môça, de Bergen (não me lembra o nome). Hoje de manhã, enquanto me vestia, entrou para me pedir uns grampinhos. E sem mais aquela senta-se, inspeciona tôdas as minhas coisas, as fotografias... "Êstes aqui são teus namorados? Meu Deus, como são bonitões!" Era o teu último retrato e uma fotografia de Bengt Stenbock, fardado. Que achas de Bengt?"

Torkild respondeu, sorrindo:

— Não vou muito com êsse Bengt.

Rosa apoiou a palma das mãos uma contra a outra e disse, com um sorriso meio travêsso:

— Para falar a verdade... eu também não. Confesso que tinha pôsto lá a fotografia porque eu mesma achava que era um rapaz bonito... muito decorativo, palavra, com aquêle uniforme. Mas, depois que essa môça de Bergen reparou nêle...

— Que houve?

— Houve — acrescentou ela, rindo-se — que resolvi engavetar o môço bonitão.

— À tua saúde! — disse Torkild.

Não era uma delicadeza da parte dela? E agora, tôdas as manhãs, fariam juntos o caminho do escritório, isto era certo. Subitamente, pensou: sim, seria êle quem a veria agora todos os dias: nos domingos havia de levá-la em excursão pelos arredores, como dantes, Rosa conversaria com êle como quando eram adolescentes. Seriam novamente êle e ela... fora dêles não haveria ninguém, nem para um nem para o outro. Êle era dela... e ela dêle; mas Rosa ainda não o previa. A riquinha!

— Eu pensava, aliás — disse Torkild — que os Stenbocks fôssem os teus amigos mais chegados.

— Briten, sim. Gosto muito dela. E Bengt também tem coisas que me agradam muito... mas...

Procurava as palavras:

— Sim, tu compreendes, afinal Bengt nada mais é para mim que o irmão de Briten.

Torkild sorriu:.

— E tu, decerto, eras para êle algo mais que a amiga de Briten?

Rosa não respondeu em seguida. Depois, disse:

— Estás percebendo que achei essa senhora de Bergen totalmente absurda; senti-me contrafeita, e achei que de minha parte tinha sido um tanto... não sei como dizer... por ter exposto a fotografia dêsse rapaz de quem não gosto, mas cuja cabeça acho bonita, e o uniforme, elegante.

Torkild tornou a sorrir:

— Portanto os irmãos das tuas amigas se apaixonam por ti?

Uma expressão de cólera alterou o rosto de Rosa.

— Mas eu, Rosa, tu não me vais engavetar, não é? Ainda que eu também não seja para ti mais que o irmão de uma das tuas amigas... e que essa senhora de Bergen me ache bonitão?

Rosa respondeu, sem erguer os olhos:

— Sabes muito bem, Torkild, que sempre me tive por muito mais amiga de ti que de Dóris.

— É uma delicadeza de tua parte, Rosa. Deixa-me beijar a tua mão, como consolação?

Rosa levantou a cabeça e o encarou com uma expressão de incerteza: como involuntàriamente escondesse as mãos na saia, Torkild acrescentou, falando ràpidamente:

— Escuta. Não vou aborrecer-te com o que tu sabes. Comprometo-me a não falar nisso durante seis meses. Nesse caso, não poderias encontrar-te comigo seguidamente, sem me esconder numa gaveta entre as velhas lembranças? Não podemos ser amigos como éramos antigamente, quando crianças, e depois, ainda muito jovens, enquanto tua mãe era viva?

Rosa manteve-se calada por um momento, durante o qual o sondou com um olhar penetrante.

— Ora, Torkild. Eu gosto muito de ti, sabes disso. Não gosto de ninguém tanto como de ti. Mas não da maneira que pretendes... e sei com certeza que jamais gostarei de ti de outra maneira. Bem que eu queria gostar assim. Prefiro que compreendas, de uma vez por tôdas, o que acontece. A ti, eu sempre te conheci, pràticamente desde que existo, e sempre te quis bem... do mesmo modo que queria a mamãe... e como teria gostado de um irmão, se tivesse tido um. Mas tu compreendes, Torkild... — e seu rosto juvenil sùbitamente se

alterou, os lábios carnudos se contraíram num frêmito sensual, ao mesmo tempo de felicidade e dor.

Desceu as pálpebras, ao prosseguir:

— Eu sei que poderia gostar de um homem de outra maneira totalmente diferente. Sei que poderia sentir uma coisa que ainda desconheço. E estou ansiosa que isso aconteça. Estou ansiosa por encontrar na minha vida alguma coisa que me transfigure. Eu sempre fui a mesma. Sempre. Quando estou contigo, não mudo.

"...Quando conheci Bengt, pensei que talvez fôsse êle... Foi por isso que achei essa história da fotografia tão bêsta... Uh!"

"Ah, Torkild!..." A sua voz de repente se revestiu de um quebranto de queixa. "Repara só como a minha vida tem sido monótona. Depois da morte de mamãe, passei a morar numa pensão, com pessoas que me eram estranhas. Depois arranjei êsse emprêgo na Suécia e me mudei para lá... mas foi a mesma coisa... sempre a mesma coisa, tu compreendes. Oh, Torkild, nunca me aconteceu nada."

Torkild procurou os olhos dela.

— Pois sim, Rosa. Mas eu também sempre te conheci. O único acontecimento da minha vida foi que passei a gostar de ti. Isto é tão importante que já nada mais do que houver comigo poderá mudar-me. Foi uma transformação para mim, ficaste completamente diferente aos meus olhos; a minha infância, o meu futuro, tudo no mundo foi iluminado por uma luz nova, quando compreendi que te amava, a ti que sempre conheci e por quem sempre tivera afeição. Essas claridades não nos vêm nem das coisas nem dos sêres exteriores, mas se produzem em nós mesmos.

"Mas não vou falar mais disso. Não te aborrecerei. E quando estiveres em minha companhia, não te esqueças de que não és apenas, para mim, a mulher que eu amo. Lembra-te que tua mãe foi para mim tanto quanto a minha própria mãe."

O garçom trouxe o café. Rosa serviu-o e, por um instante, ficaram em silêncio. Depois ela disse, a meia voz, como se o fizesse contra a sua própria vontade:

— Acredito que um dia conhecerei alguém e então tudo em mim há de me dizer: Vai com êle, faze tudo o que êle te pedir... tu és a coisa dêle, a sua propriedade, como um anel

do seu dedo, que êle pode pegar e levar, ou esquecer... tu és dêle.

Torkild não a olhou, quando respondeu em voz baixa:

— Deve haver um para quem assim será.

Depois balançou a cabeça e acrescentou rindo:

— Olha, eu não falo mais nisso. Queres ir comigo ao Frognersaeter,[1] hoje de noite?

Rosa não respondeu.

— Como velhos amigos... — acrescentou Torkild, com um sorriso propiciatório.

— Como velhos amigos... — Ela também procurou, tìmidamente, esboçar um sorriso. — Sim, obrigada. Combinado.

Levantaram-se. Continuando a sorrir, Torkild disse:

— Posso beijar a tua mão, nesse caso... como velho amigo... para selar o nosso pacto?

Rosa mirou-o com uma expressão grave e embaraçada, enquanto êle se inclinava para tocar com os lábios a mão que lhe era estendida. Torkild, porém, sorria com um ar de desafio.

[1] Bar-restaurante nas montanhas, perto de Oslo. Ponto de afluência de excursionistas e, no inverno, de esquiadores.

VI

Torkild se deteve no gêlo e ficou esperando, com certa ansiedade, que Rosa o alcançasse. Hoje, sôbre a nova camada de neve, ela conseguira descer a rampa, mas provàvelmente cairia no último salto.

Surgiu velozmente por entre os abetos... a neve rodopiava em volta dela, que apelava o máximo possível para o bastão. Venceu a primeira rampa, na segunda vacilou terrìvelmente, fazendo molinete com os braços... Bom, agora vai cair de ponta-cabeça... não... ainda estava de pé.

— Bravo! Agora podes-te gabar de ter descido as rampas do Tryvand — disse Torkild.

— Sim, mas acredito piamente que não descerei a segunda vez — disse Rosa, com desalento.

— Está aí justamente o que não se deve dizer... tu só cais se esperas cair. Mas te apóias muito no bastão, todo o tempo!

— Sim, é verdade — disse ela, dòcilmente. Concordava de boa vontade com o parecer de Torkild quando esquiavam juntos, e caía ao menor contratempo.

Avançaram na direção do lago.

— Vem atrás de mim — disse Torkild. — Não fica mais fácil assim?

— Não, prefiro ir ao teu lado. É tão bom ter diante dos olhos o grande lençol de neve caída há pouco.

— Não sei! Se não te cansares demais... Assim a neve ficará mais pesada para ti, compreendes?

Deslizavam em silêncio, os olhos fitos na ponta dos esquis, que iam lavrando a neve alta e fôfa. Os bastões afundavam na imaculada espessura e levantavam, a cada impulso, pequenos aglomerados de neve. Desde a manhã, nevara com abundância, e o céu, de um cinzento de chumbo, continuava ameaçando. Os morros que cercavam o lago, graças às grandes massas de neve que cobriam os ramos das árvores fazendo-os pender, se diluíam num suave colorido.

Parecia que ninguém atravessara o lago, nas últimas horas. Diante dêles, a superfície branca estaria deserta, não fôssem duas pequeninas silhuêtas negras prestes a tocar o outro lado, onde em breve desapareceram no arvoredo.

— Achas que são Lund e Helsing? — perguntou Rosa.

— Não, acho que são os jovens Kjendli. Os outros com certeza estão acompanhados por Isabel e Aagot. E sempre vão para o Frognersaeter.

Continuaram avançando em silêncio. Era uma tarde de sábado do fim de abril, e a neve aderia um pouco aos esquis. Nos bosques, as pequeninas bétulas, com a copa enterrada na neve, estavam deitadas transversalmente na pista dos esquiadores. A cada instante, os galhos dos abetos sacudiam nos seus ombros uma saraivada de neve.

A noite caiu rápido. Quando chegaram no alto, mal podiam distinguir o lago, pequena mancha redonda e clara no crepúsculo côr de cinza. Não havia luz na cabana: eram os primeiros a chegar.

Quando Torkild abriu a porta, o ar gelado e úmido da peça escura lhe fustigou o rosto. Acendeu o lampião suspenso do teto e pôs-se a fazer o fogo na lareira.

— Que maçada que êles ainda não tenham chegado!... Como está frio aqui... E tu, molhada.

— Não faz mal, Torkild...

— Daqui a pouco estará melhor — disse êle, em tom animador. — Chega-te para a lareira e muda de calçado; enquanto isso, vou buscar água...

Quando voltou, Rosa começara a abrir as mochilas. Torkild trouxe a cafeteira e a frigideira.

— E a neve está recomeçando a cair. Vamos cozinhar aqui; assim, não preciso acender o fogão. Ou quem sabe preferes esperar os outros?

— Não, por que havia de preferir esperar?... Talvez nem venham! — acrescentou, ao cabo de um instante.

— Isso te aborreceria?

— Não — acudiu ela, enrubescendo. E, para mudar de assunto, perguntou: — Posso ajudar-te?

— Sim, obrigado. Se quiseres, prepara as costeletas enquanto eu arrumo a mesa. Podemos aproximar a mesinha da lareira para comermos, não é?

Torkild trouxe da cozinha os pratos e as xícaras, e pôs a mesa, enquanto Rosa preparava a refeição. Na verdade, não valia a pena preocupar-se... Que importava que ela e Torkild passassem a noite sòzinhos, aqui?

E ainda que os companheiros não viessem amanhã também, seria muito agradável. De qualquer forma, ela não desejava a visita da Srta. Helsing... Com essa, Rosa não simpatizava.

Entretanto, a conversa esmorecia um pouco. Torkild, freqüentemente, punha-se a cismar... e Rosa não era das que podem entreter uma palestra acêrca de assuntos diversos. Depois de terem acabado de jantar e levantado a mesa, ficaram sentados em silêncio, fumando e vendo as achas arder.

De repente, Torkild perguntou:

— Não foi no dia 12 de novembro que chegaste a Cristiânia?

— Foi — respondeu Rosa em voz baixa. E acrescentou, descendo os olhos: — Eu também estava pensando justamente nisso.

— Não, não; não penses que eu queira aproveitar a situação. Não te direi nada, agora.

— Mas por quê? — disse Rosa, sempre sem o encarar. — Os seis meses já se passaram. E uma vez que os dois pensamos nisso, podemos falar, também. Pouco a pouco, cheguei a compreender que não tinha o direito de aceitar aquêle trato. Tu me deste tantas coisas: a tua amizade, a tua boa camaradagem... sim, sem ti, eu me teria sentido terrìvelmente só, aqui. Não poderia dispensar-te. Mas o jôgo é desigual: quanto a mim, sinto-me feliz com êsse estado de coisas, e não desejo nada mais... ao passo que tu... tu esperas...

— Sim, Rosa, tinhas o direito de aceitar. Deves saber quanto prazer me dás cada vez que te vejo e fico um pouco

junto de ti. Achas mesmo que eu poderia estar contente se não estivesse contigo aqui hoje?... Ainda que não me possa impedir de pensar que esta noite poderia ser mil vêzes mais bela do que é...

"Olha, Rosa... não é possível que não nos vejamos mais, tu e eu... Não havias de querer, eu acho, que a gente se separasse e se tornasse estranho um para com o outro depois de tudo o que temos tido em comum... simplesmente porque te digo, "eu te amo" e tu respondes, "não te amo"?

"E Deus sabe quanto te quero! E quanto ambiciono que pertenças só a mim. Mas não te esqueças de tudo o que já me pertence de ti e da tua vida de antigamente, e que eu te pertenço, e que te pertenço inteiramente. Há algo entre nós que nunca poderia desaparecer. Ainda que te entregasses a um outro homem, não sentirias que um pouco de ti seria meu? Não poderias fazer-me desaparecer da tua vida, não é?"

De repente, Rosa respirou fundo. Ergueu a cabeça e fitou nêle, pelo espaço de um segundo, um olhar estranhamente selvagem:

— Torkild! — Havia uma violência contida na sua voz. — Eu creio que poderia... apesar de tudo o que houve de comum entre nós... parece-me que seria possível que chegasse um dia em que tudo isso para mim não existiria!

Desviou a cabeça, e suas mãos se crisparam na madeira do banco; depois, continuou:

— É exatamente o que acho abominável, Torkild. Sinto que isso poderia acontecer... e até desejo que aconteça. Estou ansiosa que aconteça!

Ficaram ambos em silêncio. As achas de lenha crepitavam no fogo, quebrando-se com um pequeno ruído sêco, à medida que se iam consumindo. Rosa e Torkild não se entreolhavam, mas, cada vez que êste se inclinava para a lareira a fim de atiçar o fogo, ela examinava seu rosto. Torkild, com aquela bôca enérgica, a sombra das pestanas negras projetadas nas faces, era um belo homem. E Rosa, de repente, disse, quase num sussurro:

— Eu não tenho a culpa. Não posso mais. Estou cansada de viver sòzinha comigo mesma. E se agora me aproximasse de ti, e te deixasse beijar-me, e te pedisse que me tomasses nos teus braços...

Fêz com a mão um círculo em tôrno de si:

— Pois ainda assim haveria alguma coisa que nos separaria... como se eu tivesse uma concha em redor de mim. É medonho sentir isso, e tu não me podes arrancar de mim mesma... mas eu não me posso impedir de desejar a vinda daquele que fôsse capaz disso.

Torkild se voltou para ela:

— Seja como fôr, Rosa... eu gosto de ti. E nunca desejarei não gostar.

Torkild se revolvia na cama, sem poder conciliar o sono. Rosa certamente dormia havia muito tempo, embaixo, no quartinho.

Êle dissera a verdade: sentia-se feliz cada vez que estava com ela. Suas relações, no pé em que se encontravam, eram preferíveis a nada... mas êle sempre as considerara provisórias. No fundo de si mesmo, nunca duvidara um segundo de que acabaria por conquistá-la... Menos ainda admitira que outro homem, talvez...

Esta noite, pela primeira vez, a angústia da perda o atenazava. E isto, sabia-o, êle não poderia suportar. Tinha a impressão de que seria capaz de qualquer coisa para que esta mulher fôsse dêle. Todos os meios seriam bons, para isso.

Esperar... desempenhar o papel do leal e fiel amigo de infância, isso êle o fizera enquanto a julgava ignorante do amor. Continuara a ver nela a criança que conhecera no pequeno apartamento da Sra. Wegner, e que na vida se comportava como uma menina que brinca na praia e apanha tudo o que trazem as ondas, tudo examina com os grandes olhos curiosos, tudo classifica no espírito. Julgara-a calma e sem desejo; dissera, de si para si, que êle ali estaria quando o desejo despertasse...

Entretanto, Rosa descobrira o amor, o amor que tudo transfigura, e cria, e renova. Para êle, o amor transformara a sua infância desgraçada numa legenda maravilhosa. Rosa pedia ao amor que criasse um mundo nôvo. Claro, era natural que assim fizesse. Passara tôda a infância numa estufa, e a sua juventude se consumia num trabalho que a extenuava sem libertar as suas fôrças. Não tinha a oportunidade de empenhar-se em algo em que despendesse o seu vigor físico e a sua iniciativa. Uma só coisa poderia ter-lhe dado a plena

consciência de viver... de viver cada átomo do seu ser, de viver inteiramente em função de um alvo pelo qual valesse a pena lutar, de viver na exaltação extrema de todos os seus sentimentos.

Rosa aspirava ardentemente a isso... Aspirava ardentemente a afastar-se dêle porque havia muito que o tinha na sua vida, na sua vida limitada e calma, que nunca fazia vibrar nada de nôvo nela. Um dia, êsse desejo poderia ser mais forte do que ela... uma vertigem poderia empolgá-la turvando-lhe os olhos frios e claros... e então se entregaria ao primeiro homem que aparecesse... Ou então, enfastiando-se da ardente e vã espera, cansada, poderia entregar-se a êle.

Rosa poderia deixar-se surpreender por êle... Sim, que isto era possível, êle o sabia. Estava certo de que a partida era jogada entre ambos. Não tinha a certeza de que estivesse fazendo jôgo limpo. Quanto a ela, o jôgo era limpo. A confiança que tinha nêle não conhecia limites. Dissera que estava pronta a sacrificar àquilo que desconhecia tudo o que existia entre ambos. De sua parte, êle sabia que ùnicamente procuraria encerrá-la nesta vida mesquinha... e colhê-la quando estivesse com as fôrças esgotadas pela longa espera, quando estivesse muito cansada para continuar a espera.

Era insuportável refletir por mais tempo nessas coisas. Melhor levantar-se e ir procurar um livro lá embaixo... deixara alguns na cabana porque, nesses últimos domingos, Helsing e êle tinham vindo sòzinhos. Mas, quando voltou para o quarto, percebeu que estava muito frio para ler na cama. Enrolou-se, pois, no cobertor de lã e procurou adormecer.

Rosa dormia embaixo, A noite já havia caído, ontem, quando tinham saltado as últimas encostas. Êle pegara nela... como sempre o fazia quando esquiavam, a fim de ajudá-la a erguer-se... Oh, o leve contato daquele esplêndido corpo esguio, de músculos bem delineados.

E, se tentasse possuí-la de surprêsa... eis o que não ousava. Temia ferir a confiança que Rosa depositava nêle... pois era graças a essa confiança que julgava poder envolvê-la... O que não valia muito mais que surpreendê-la pela violência... era mais covarde, eis tudo... Porque sabia, sim, esta noite sabia-o com assustadora certeza que, se algum

dia Rosa lhe pertencesse, não seria porque êle fôsse aquêle que ela estivera esperando.

Prouvesse a Deus que o fato de terem passado a noite a sós, na cabana, não desse margem para murmuração, caso se propalasse. Não receava nem Lund, nem Helsing. Mas Isabel... Tomara que ela não viesse! Porque certamente Isabel não poderia calar o lindo bico.

Adormeceu tarde e, a primeira coisa que ouviu, ao despertar, foi a voz de Isabel Helsing, que estava falando na sala de jantar, embaixo. Conversava com Rosa.

— Não, a neve não estava grudando quando subimos ontem — dizia Rosa. — Não estava lá muito boa, é verdade. Mas você sabe que eu não gosto muito quando está resvaladiça demais.

Torkild apareceu no alto da escada.

— Aí está êle! Eu não disse? — exclamou Isabel. — Lorentz e Nils garantiram que dormirias todo o dia, mas eu disse: "Quando sentir cheiro de café há de vir, vocês vão ver!"

— Vocês são umas boas meninas — disse Torkild, bocejando.

Rosa, Isabel e Aagot Holm-Hansen tinham preparado o almôço.

— À Srta. Wegner o elogio: já tinha passado o café quando chegamos...

— E você nos roeu a corda ontem de noite...

— Sim, fui ao baile, tu compreendes... — Era Isabel quem dominava a conversa. — E previno uma coisa: logo depois de almoçar vou-me deitar e dormir até anoitecer. Mamãe estava com tal tromba hoje de manhã que não me animei a ficar em casa e, apesar de tudo, saí com os outros, quando me foram buscar.

— Mas pelo menos divertiu-se?

— Palavra que não, os rapazes eram tão bêstas! Digam-me uma coisa, vocês conhecem o Tenente Lökke, Finn Lökke?... Pois fiquem sabendo que é meio pancada, tenho a certeza. Ficou tarado por mim, a noite inteira, fêz questão fechada de me levar para casa, e eu permiti, claro... por que ia recusar-lhe êsse gostinho? Mas, vejam só, de repente quis beijar-me...

— Aí — disse Nils Lund — também não lhe recusaste "êsse gostinho", eu acho?

— Muito obrigada... Por favor, sim? É engraçado, Nils, como nunca compreendes que deves desistir de fazer espírito. Isso não é o teu gênero... Olhe, eu me dou ao respeito o bastante para não permitir que me beijem senão os cavalheiros que trato por tu... — A própria Isabel riu-se com mais disposição ainda que os outros. — Torkild — prosseguiu ela — devias andar sempre de suéter branco de gola, não fazes idéia como te fica bem! Srta. Wegner, insista com êle para que se vista sempre de branco... faz bem ver uma coisa tão bonita... Vou-me sentar ao teu lado, Torkild, porque tu cortas fatias finas de pão. Nils e Lorentz cortam talhadas tão grossas que nem consigo mordê-las.

Torkild alugara a cabana com Lund, Helsing e Fjeld. Os três últimos já a ocupavam havia alguns anos, e todo um grupo de amigos e amigas a freqüentava quando Torkild se lhes associou. Isabel governava a casa como se fôsse a proprietária. Era prima afastada de Lorentz Helsing, e Albert Fjeld estava perdidamente apaixonado por ela.

Torkild a conhecera no comêço do outono, antes da chegada de Rosa. Ela dançava muito bem, tinham sido pares, e Isabel declarara em seguida que o jovem lhe agradava e que iam tutear-se... como o fazia, aliás, com todos os outros amigos da cabana.

Quanto a Torkild, achava-a, em resumo, muito simpática. Era divertida, sem dúvida, e, como fôsse requestada por todos os outros jovens, ficara lisonjeado ao ver-se alvo de suas atenções. Sentira falta dela quando de repente desaparecera: Isabel descobrira outras terras de caça, afirmava Helsing. Tendo Fjeld viajado quase em seguida para a América, todo o alegre bando cessara, por assim dizer, de freqüentar a cabana. Na verdade, Torkild preferia ter, lá no alto, apenas a companhia de Lund e de Helsing. Nisso os três estavam de acôrdo: era muito agradável, em suma, disporem da cabana apenas para si.

Quando Rosa apareceu, Torkild achou melhor ainda que se tivesse acabado a alegre vida do bando. Porque Rosa certamente não se teria dado bem naquela situação. Lund e Helsing, em compensação, eram muito sossegados; Rosa gostava dêles e êles de Rosa. Nils Lund enamorara-se mesmo dela, mas se havia inclinado diante do direito de antigüidade de Torkild, que não chegou a ter ciúmes dêle. E Rosa os acompa-

nhava corajosamente nos longos giros de esqui; saltava sem mêdo, caía muitas vêzes e ela própria ria de sua inépcia; antes nunca tinha esquiado, pois sua mãe considerava tal esporte perigosíssimo, e como tal lho proibira. Os rapazes troçavam um pouco de Rosa, impacientavam-se às vêzes, mas absolutamente não se indispunham com ela, pois nunca se queixava nem era presumida. Durante todo o inverno, êsses quatro amigos haviam, pois, encontrado grande prazer em reunir-se.

Depois, num dia de fevereiro, Isabel reaparecera, acompanhada naturalmente por sua inseparável amiga, Aagot. E a partir daí, quase todos os domingos, viera encontrar-se com êles na cabana.

Desde o primeiro dia, nascera uma antipatia surda, mas invencível, entre ela e Rosa. Assim, Isabel escondia-se, incessantemente, atrás de uma polidez excessiva para com Rosa. — Minha cara Srta. Wegner — dizia ela, e, às vêzes, como que por inadvertência, tratava-a por "você" para em seguida se corrigir. Rosa respondia: — Não faz mal — mas não lhe propunha um tratamento familiar. Era extremamente cortês com Isabel e nunca fêz sentir, nem a Torkild nem aos outros, que esta implicava com ela.

No entanto, Isabel lhe desagradava em tudo: nas mentiras, na linguagem, nos menores gestos: mas Rosa a reprovava em silêncio.

Sem ser exatamente graciosa, Isabel tinha encanto. Sua pele era oleosa, fàcilmente irritável; o rosto, redondo e bochechudo, parecia esconder os olhos. Mas o olhar estava sempre sorrindo, a bôca era pequena e muito delicada, os cabelos de um louro acinzentado, um tanto gordurosos, mas exuberantes, e, além disso, erguidos com riço e frisagem; baixa, tinha o corpo bonitamente torneado e cheio; dançava admiràvelmente, esquiava como um campeão e, apesar de seus vinte e quatro anos, tinha o andar e a maneira de falar de um rapazote de dezessete... e talvez a mesma alma — embora Torkild sôbre isto tivesse as suas dúvidas. Não acreditava, igualmente, que fôsse assim tão ingênua e inocente como gostava de fazer crer. Soava-lhe falso ouvi-la falar como o fazia e logo exclamar: — "Oh, meus amigos, então é horrível o que acabo de dizer?... Será que disse alguma coisa que não era conveniente? Abaixo os maldosos! Vocês têm o espírito deformado..."

— Mas, enfim, isso não a impedia de ser engraçada, e não era, felizmente, nem irmã, nem noiva dêle.

Aagot, a sua amiga, parecia ter sido escolhida por astúcia, embora Isabel se mostrasse sempre muito solícita com ela e não quisesse ir a parte alguma sem a sua companhia. Em todo o caso, a presença de Aagot era utilíssima para Isabel. Não é que dançasse menos bem, fôsse menos perita com os esquis... não; mas não sabia fazer valer os seus talentos; pequenina, franzina, de pouca fala, seguia Isabel como uma sombra. Helsing afirmava mesmo que cada vez que Isabel se apaixonava, Aagot também se apaixonava pelo mesmo rapaz, mas ùnicamente com o fito de assistir Isabel junto dêle; nunca agia por conta própria.

— Que cheiro ruim é êsse que puseste em ti, Isabel? — gritou-lhe Helsing, por cima da mesa.

— Também achas que êste cheiro é ruim, hem, Torkild? Tem mesmo cheiro ruim? Mamãe sustenta que não é um extrato decente e que não devo usá-lo... Foi Larsen quem me deu de presente quando voltou de Paris; tem um nome francês muito chique que eu não sei pronunciar. Torkild, cheira um pouquinho aqui e vê se é mesmo um perfume inconveniente! — disse encostando a mão no rosto dêle.

— Puf! É nefando!

Um instante depois, quando Torkild saiu para a cozinha, encontrou Lund, mangas arregaçadas, lavando a louça. Ao perceber a presença de Torkild, pôs-se a rir à sua curiosa maneira, feito um relincho.

— Mas que é que tens? — perguntou-lhe Torkild.

— Eu? Nada...

— Mas então por que diabo estás rindo? É de mim?

— Não... são as pequenas... é tão gozado quando as mulheres se desentendem por causa de um homem...

— Gozado, hem? Vou dizer-te como Isabel: não te mêtas a espirituoso! — Calou-se por um momento, depois acrescentou: — Quem sabe achas que Isabel está procurando enciumar Rosa?... Lá isso é possível, afinal de contas... Mas ela perde o tempo.

— Hum... Não precisas mais que dar em cima de Isabel e vais ver. Rosa não gostou muito que Isabel passasse a mão no teu rosto.

— Isso é bobagem! — retrucou Torkild, e saiu com os baldes para ir buscar água.

"Sim, bobagem!" repetiu consigo mesmo. Faltava muito, coitado dêle! para que Rosa sentisse ciúmes de Isabel... embora não visse com bons olhos as liberdades que Isabel tomava com êle... Enfim, pensando bem, era possível que Rosa se enciumasse: isso não queria dizer que gostasse dêle.

O tempo limpara: um sol pálido acariciava o encarneirado dos cabeços brancos de gêlo. Ergueu a cabeça: um raio dourado brincava na ramaria acima dêle, e, muito no alto, atrás de nuvens tênues como um véu, o céu anilara-se de todo. Pelos arredores, no mato, a neve escorregava dos galhos com um ruído suave, farfalhante.

Era um comêço de degêlo. A longos intervalos, ouvia as gôtas caindo do beiral da cabana.

VII

Sentados na escada, Torkild e Helsing fumavam. Havia horas que ali estavam, em silêncio... Helsing tinha as pernas dobradas à altura do queixo, e segurava-as pelos joelhos. Torkild, a cabeça apoiada na ombreira da porta, contemplava uma grande estrêla que brilhava no ponto onde o céu, iluminado acima da copa das árvores, conservava um pálido azul de crepúsculo... Era uma noite de maio, e os dois amigos estavam sòzinhos na cabana.

— Escuta os tordos — disse Helsing, em voz baixa. — Esta noite é como se estivessem doidos.

De todos os lados da floresta ouviam-se pássaros soltando trinados, silvos, pios de apêlo. Torkild se inclinou para diante e amparou o queixo nas mãos... Tinha ânsias de se lançar de bôrco no talude verde, úmido e cheiroso, e chorar, chorar. A natureza era bela demais, esta noite, e isso lhe cortava o coração... Oh, um homem devia poder chorar até que esta aflição se aplacasse e êle se erguesse, aliviado e livre como uma criança que chorou até se fartar. Ou então... ou então... enterrar um punhal no coração aflito e fazê-lo sangrar até a última gôta de sangue, libertando-o assim do sofrimento.

Voltou novamente os olhos para o céu... acima da coberta da cabana, dir-se-ia que um orvalho prateado descia da cúpula do céu.

— A lua vai sair...

— É, parece que amanhã vai ser cheia — disse Helsing, sem se mexer. — Trouxeste água?

Torkild se levantou e foi apanhar os baldes na varanda. Na pequena ponte de atracação ficou imóvel um momento, escutando, no profundo silêncio, o tênue ruído causado pelo excesso de água que pingava docemente dos baldes e ia cair no lago, por entre as tábuas. O ruído desaparecia devagar, à medida que as gôtas rareavam; o baque dos baldes, quando os atirara na água, o estridor das asas de ferro, como que haviam dilacerado o silêncio, que agora recaía, emoldurando aos poucos o cantar dos tordos e os mil sussurros da noite.

O lago estava quieto e refletia, como um espelho, o céu pálido e o sombrio arvoredo em tôrno. As copas dos abetos se erguiam no ar como ferros de alabarda; mas a noite estava tão clara que se distinguiam, à beira da água, os esboços cinzentos dos vimeiros e das bétulas contra o fundo negro do mato. E o luar, à medida que se elevava o disco amarelo, estendia cada vez mais o seu véu opalescente semeado de gotículas... À retaguarda de Torkild, o campo de pedras já estava de todo inundado pela luz desbotada e incerta.

— Não ficas sentimental com um tempo assim? — perguntou Helsing, quando Torkild voltou com os baldes. Permanecia sentado na escada.

— Claro — respondeu Torkild. — Acho que se passa o mesmo com tôda a gente.

— Quanto a mim, fico um sentimentalão... às vêzes tenho até vontade de me matar... — Helsing se calou durante um momento. Depois continuou: — Ou então a gente precisava da companhia de uma criatura por quem estivesse terrìvelmente apaixonado. E era preciso estar com ela bem no fundo do mato e abraçá-la e beijá-la até a sufocar. E depois morrer, a gente mesmo, naturalmente.

Torkild se debruçou na balaustrada. Subindo do talude, vinha envolvê-lo o cheiro fresco e acídulo da terra em gestação.

— Sim — respondeu, em voz baixa. — É isso mesmo. A gente chega a aspirar a algo de violento, de brutal... capaz de nos arrancar desta espécie de nostalgia vaga, sem sentido, que nos cerca como fios invisíveis, que nos agarra com milhares de tentáculos e chupa-nos o sangue...

Helsing sacudiu a cabeça, concordando. E por um longo espaço de tempo se mantiveram calados. De repente, Helsing observou:

— Escuta aqui. Estamos sem batatas. Amanhã temos de ir a Myra buscá-las...

— Sim.

Um pouco adiante, Helsing disse ainda:

— Quem poderá ter acendido aquêle fogo na outra ponta do lago?

— Os jovens Eriksen, talvez.

Do outro lado das águas, ardia uma fogueira. Projetava na superfície negra do lago um amplo feixe vermelho, brilhante. Dir-se-ia que a sombra, em redor dêsse facho cintilante, se tornava mais densa, porque o luar não ia até lá. Mas, acima da cabana, nos rochedos e, além, na floresta, os raios brancos da lua desciam em chuva prateada.

A fumaça do fogo extinto flutuava, como uma névoa, por cima da superfície espelhenta do pequeno lago na manhã do dia seguinte, quando os dois amigos tornaram a atravessá-lo para irem até Myra em busca de batatas.

— Estás ouvindo o cuco? — perguntou Helsing, e pararam para escutar os pios distantes do pássaro. — Cuco a Leste significa lágrimas — acrescentou.

— Uma vez atirei num cuco, quando era rapazote — prosseguiu, enquanto retomavam a marcha. — Dizem que nesse caso a gente está fadada a suicidar-se, um dia...

— Hum... Dizem tanta coisa! É verdade que eu também não gostaria nada de atirar num cuco, mas enfim...

— O pessoal é supersticioso, lá em casa — disse Helsing. — Lembro-me de uma vez, no pátio da granja, quando a criada disse, vendo-me apontar para o arco-íris, que eu não devia fazer isso, porque então morria um passarinho se esvaindo em sangue... Eu pergunto se êsse passarinho não era justamente o cuco...

— Nunca ouvi dizer isso.

— Mas dizem, sim. A mesma empregada me contou que, na noite de S. João, alguém vinha botar quebranto na copa de tôdas as árvores... tu sabes, as árvores de fato não crescem mais depois de S. João. E, nessa noite, quem sentasse debaixo de uma sorveira, podia ver a pessoa que desejasse... só que aquêles que tinham feito isso haviam enlouquecido, tamanho era o pavor que tinha tomado conta dêles. Anos a fio, apesar disso, prometi a mim mesmo que tentaria a expe-

riência. Mas a criada, essa ficava prudentemente na cama tôdas as noites de S. João. Um ano, o peão me levou até a pastagem; na noite de S. João tinha de dormir com a criada... porque ela sentia muito mêdo, acrescentou em seguida.

Riram-se ambos.

Nos vãos entre os outeiros, a neve persistia, meio fundida, e dos pântanos vinha um murmúrio de água. Sob o arvoredo, o solo estava glutinoso e coberto de teias brancas de aranha, estendidas entre raminhos secos, rasteiros. Embaixo, nos charcos amarelos, as bétulas ainda estavam despidas e cinzentas, e as águas geladas sempre cobriam suas raízes; mas onde se haviam agarrado ao flanco das rochas, e nos pontos batidos pelos ardentes raios do sol, haviam-se revestido de tenra folhagem.

Ficaram muito tempo sentados no alto do morro, contemplando a paisagem. A floresta renovada pela primavera ondulava à feição das encostas; os abetos aspiravam o sol, e suas fôlhas aciculadas, tanto tempo impregnadas pela neve do inverno, tinham um esmorecido reflexo amarelo. Tão puro era o ar que, nos vales distantes e estreitos, cada uma de suas folhudas árvores se desenhava numa silhuêta cinzento-prateado, e tamanho era o silêncio que, se o vento agitava os abetos, ouvia-se a sua passagem de um a outro vale, como um zumbido de sino. Ao longe, na ilharga dos morros, a bandeira vermelha e azul se abria sôbre uma choupana, e, na superfície da água azulada que se estendia embaixo, perpassavam longos arrepios ondulados, côr de aço. E à medida que as nuvens ligeiras, com reflexos aquosos, se deslocavam no claro céu estival, grandes sombras cobriam ora um ora outro cabeço.

Na encosta de Myra que olha para o Sul, era pleno estio: ao longo dos ribeiros, os botões-de-ouro desabrochavam amarelos e lustrosos, e os pequenos arbustos que cresciam entre as pedras se cobriam de verde. Entretanto, havia pouca gente: no estrado da balança do celeiro se haviam sentado alguns meninos, que comiam ovos cozidos e tomavam limonada, e, perto da casa, debaixo das groselheiras, estavam deitadas duas raparigas; umedeciam o rosto com água de Seltz e depois os expunham ao sol para bronzear a tez. Quando Torkild e Helsing entraram na cozinha, a dona da casa disse:

— A Srta. Helsing está aqui, com aquela amiga que vocês conhecem... e um môço. Estão lá fora, na grama... Perguntaram por vocês.

Isabel os recebeu com gritos de júbilo, brandindo uma garrafa de licor, "uma malvada", que ela própria fabricara, e oferecendo-lhes bombons ao mesmo tempo que apresentava o Tenente Lökke, um homenzinho magro, em traje inglês de esporte... tudo isto sem tomar fôlego. O chão, em redor, estava juncado de papéis sujos, e cascas de laranja e de ovos.

— Finn, sê camarada e vai depressa apanhar dois copos para Lorentz e Torkild... hoje pretendíamos passar o dia na cabana de Lökke, mas o tempo estava tão bonito que não tivemos vontade de ir lá imediatamente bater um papo com os outros meninos.

Depois notou alguns pés graúdos de ervilhaca do outro lado do campo, e intimou Torkild a ir apanhá-las com ela.

— Mas estarão murchas antes que chegues à tua casa...

— Qual nada... Eu as envolvo em musgo e ponho na mochila.

Arrastou-o consigo para além do campo de pedras. Ali havia uma profusão de ervilhacas roxas, desenvolvidas e, num pequeno talude verde que descia para um lago brilhante, grande quantidade de primaveras e violetas.

— Não posso deixar de te contar — começou Isabel — mas não fales a ninguém, é segrêdo... sim, se falares tu me pagas. Imagina só: Aagot noiva de Fjeld. Não é uma maravilha? Fiquei satisfeita por causa de Aagot, a coitada! Vai viajar para onde êle está, em setembro, a fim de se casarem. Não podes calcular como a carta de Fjeld era bonita. Insisti, até que me mostrou. Fjeld está tarado por ela... mas é um absurdo que não possa ser dama de honor, não te parece? Mas eu acho tão bom que ela se case! Escuta, não achas gozado que alguém a chame "minha belezinha querida"? E dizer-se que ficou noiva antes de mim!

— Aagot é realmente uma môça boa e corajosa — disse Torkild. — E Fjeld pode mesmo entusiasmar-se com a idéia de casar com ela.

— Sim, é claro — disse Isabel, soltando um suspiro. — Mas, meu Deus, como êsse homem estêve apaixonado por mim!

— Mas tu agora tens Lökke... E vocês se tratam por tu — acrescentou Torkild, rindo-se.

— Pois é, o pobrezinho! Êle me pediu tanto!

— Acho muito natural.

— O quê? Aonde queres chegar, seu peste? — E também desatou a rir. Depois deu-lhe um "direto". Como êle se achasse um pouco mais abaixo, no declive, vacilou e agarrou os braços de Isabel. Perderam ambos o equilíbrio e rolaram juntos, pelo talude.

Viram-se em seguida deitados na base da encosta, no capim alto, casquinando em surdina.

— Estás louco, Torkild? Vamos, larga-me!

Tentava beijá-la, mas Isabel desviou a cabeça e êle só lhe atingiu o pescoço, onde deu um beijo abaixo da orelha.

— E esta agora! Tens mesmo topête, hem, seu guri sujo!

— A ocasião faz o ladrão, Isabel... e será que tenho mesmo mais topête que Lökke, por exemplo?

— Larga-me, estou-te dizendo...

Isabel libertou finalmente uma das mãos e fêz menção de bater em Torkild, mas êste lhe agarrou a mão e continuou imobilizando-a.

— E Lökke não te beijou?

— Acho que estás louco... — Isabel mal podia falar, tolhida pelo seu acesso de riso. — Isso te diz respeito?

— Vou confessar-te, já que és minha prisioneira...

— Ah, é o que tu pensas!... Livrou-se, de repente, dos braços de Torkild, ergueu-se de um salto e subiu correndo a ladeira. — Traze a minha boina, sim, Torkild?

Êle apanhou a boina, correu atrás dela, alcançou-a, enfiou-lhe a boina na cabeça. Depois, tornou a abraçá-la.

— Não sei realmente o que é que tens, Torkild!

— Estás braba comigo porque te beijei, Isabel?

— Estou! — respondeu Isabel, rindo-se até as lágrimas.

Torkild e seu amigo voltavam com a provisão de batatas. Torkild fêz todo o percurso assobiando em surdina. No momento em que iam entrar na cabana, Helsing voltou-se:

— Não são teu irmão e Rosa, aquêles que vão indo lá embaixo, do lado do riacho?

Torkild também se voltou:

— Sim...

E ficou imóvel.

— Vamos chamá-los?

— Não.

— Talvez tenham subido até aqui enquanto não estávamos — disse Helsing.

— Não. Êles vêm do rumo de Gröttum.

O próprio Torkild notou que sua voz vacilava. Deu meia volta e entrou.

Um instante depois, Helsing foi à cozinha. Torkild descascava batatas. Mas suas mãos tremiam, e Helsing mal reconheceu o rosto do amigo. Parou, indeciso:

— Christiansen!

Torkild soltou o que tinha na mão, ficou um momento parado, depois foi atirar-se na cama do quartinho.

Helsing descascou as batatas. Torkild ouvia o ruído da faca e isto afetava agradàvelmente os seus nervos, que o torturavam até o mais profundo do seu ser. Helsing deitou as batatas no tacho, retirou as tampas das bôcas do fogão, pôs costeletas a fritar. O cheiro de fritura chegou até Torkild. Fora, diante das janelas, os abetos rumorejavam; entrou uma mamangava, vogou com suas asas douradas, foi bater no teto. Torkild continuou imóvel, os olhos fitos, as mãos debaixo da nuca.

— Escuta... tu vais comer alguma coisa, não é?

— Hoje de noite... — Torkild se levantou, deu um sôco na guarda da cama. — Hoje de noite vou tomar uma bebedeira, e se isto continua...

Depois, virando vivamente a cabeça, acrescentou:

— Não agüento mais.

Helsing se aproximou e, com um gesto hesitante e tímido, pôs a mão por um curto instante no braço de Torkild:

— Não deves levar isso assim...

A lua subia acima dos abetos e de tôdas as partes do mato vinha o pio dos tordos. Jovens desciam para a cidade.

— E se fôssemos ao Frognersaeter? — propôs Helsing.

Torkild seguiu-o sem vontade. Ao entrarem, Helsing, um pouco assustado, deteve-se na soleira da porta; acabava de ver, numa mesa perto da Lareira, Axel Christiansen e Rosa Wegner. Mas Rosa lhes acenou e desembaraçou a mesa, à sua frente, dos grandes molhos de folhagem e de flôres que colhera.

— Há muito que não te vejo — disse Axel. — Vocês vêm da cabana?

O sol queimara o colo de Rosa, avermelhando-o em tôda a extensão do decote. Parecia meio embriagada pelo ar da primavera; ria-se, sonora e alegremente, com os três rapazes. Passara todo o dia fora, com Axel; tinham feito fogo para preparar café, tinham vagado ao acaso sem se preocuparem nem com caminhos nem com atalhos, tinham comido bagas geladas de murta, colhidas nos pântanos; fôra um dia formidável, dizia ela. De vez em quando, sorria sòzinha, com uma expressão absorta e feliz, e aninhava o rosto nas flôres meio murchas, das quais subia um perfume acre.

— Axel, onde puseste as violetas?... Vocês nem imaginam como achei violetas. E que perfume!...

Axel retirou as violetas de uma caixinha de lata, que estava no fundo de sua mochila. Rosa fêz três pequenos molhos e os ofereceu a cada um dos jovens:

— Os três vão ganhar... porque hoje estou muito contente.

Debaixo da mesa, Torkild machucou as flôres, amontoando-as e apertando-as com as mãos ardentes.

— Vocês são bons comigo, os três... À saúde de vocês todos, meus amigos!

Inclinou-se para trás e seu pescoço apareceu, branco e redondo.

— Axel, em parte alguma faz uma primavera tão bonita como aqui na Noruega, não achas?

— É verdade, em parte alguma — respondeu Axel, num tom de convicção.

Os quatro saíram juntos, e desceram em direção ao ponto do bonde. Tão clara estava a noite que, a despeito da lua que iluminava o leito branco do caminho e as matas de abetos, as sombras mal se mostravam. O luar inundava todo o vale, descolorindo milhares de baças luzinhas urbanas que pontilhavam a depressão. Um largo rasto de prata cortava a pálida superfície do fiorde, cujas margens e ilhotas apareciam como formas vagas, vaporosas. Apenas para o Sudoeste, sôbre o fiorde de Bund, onde o céu conservava um débil matiz avermelhado após o ocaso, formara-se um aglomerado de nuvens; embaixo, havia um negrume, como se ali fôsse a toca da noite.

Rosa afrouxou o passo. E depois que Axel e Helsing passaram à frente, aproximou-se de Torkild:

— Que há contigo? Estás diferente, esta noite! Não te sentes bem?

Passou a mão, docemente, no braço dêle, que estremeceu ao contato.

— Não tenho nada. Só um pouco de dor de cabeça — respondeu com voz sumida.

— Outra vez? Escuta, Torkild, o que deves fazer é falar com o médico. Acho que são os nervos, sabes?

— Não, nada disso... É a primavera. — Depois acrescentou, mais baixo: — E tu, Rosa? Também estás muito diferente, hoje.

Ela riu de leve ao responder:

— É a primavera, para mim também.

Ao cabo de um instante, acrescentou, em tom grave:

— Um dia como hoje é lindo para se morrer. A gente perde a serenidade... sim, tôda a serenidade... não se sente contente e despreocupada como geralmente acontece debaixo das árvores. A gente é capaz de ficar alucinada...

Seguiu durante um momento olhando para a frente, na noite limpa. Depois, de repente, cochichou com voz triste:

— Oh, Torkild... eu queria tanto poder ser como me queres.

E, num gesto rápido, suavemente, como fazemos a uma criança junto da qual passamos, afagou-lhe o rosto. Um estremecimento tornou a sacudir o corpo de Torkild.

"Agora eu a beijo", pensou. No mesmo instante, os dois outros estacaram para esperá-los.

— Prefiro voltar a pé — declarou Torkild. — Estou com dor de cabeça.

Com Helsing, esperou que Rosa e Axel tomassem o bonde e que êste partisse. Depois, sem se falarem, continuaram a descer para a cidade. De vez em vez, passavam por casais de namorados que se escondiam nas sombras, ternamente enlaçados. Por todo o arvoredo, havia gente.

— Ela estava coquete, esta noite — disse de repente Torkild, em voz baixa. — Seja como fôr, eu a achei bondosa. Mas isso não é natural nela. Rosa se porta dessa forma como uma menina que deseja mostrar que está grande e que sabe proceder como todo o mundo.

— Achas — perguntou Helsing em voz mal perceptível — achas que ela gosta de teu irmão? Eu não tenho essa impressão, apesar de tudo.

— Não gosta; mas êle, sim, gosta dela.

E, como a contragosto, as palavras continuaram a sair-lhe da bôca:

— Um dia, êle há de lhe dizer isso. Talvez esta noite mesmo. E ela nunca ouviu isso dêle. Axel é o desconhecido... e é primavera... e ela aspira a uma coisa nova... Quanto a mim, ela sempre me conheceu. Disse-lhe tantas vêzes que gosto dela! Comigo, ela viu tôdas as primaveras, desde a infância...

Estendeu a mão para a planície inundada pelo luar:

— Acredito piamente que não há um único trilho aí por onde eu não tenha passeado com ela.

Abriu a porta do quarto. Dentro a atmosfera estava pesada e quente, e Torkild sentiu um ranço de charutos e o perfume dos narcisos: a proprietária fechara a janela. Abriu-a e ficou um bom momento olhando o jardim fronteiro, onde as cerejeiras em flor resplandeciam ao luar.

Sentou-se ao piano: *Auf Flügeln des Gesanges*... Cantarolava suavemente, fazendo o seu próprio acompanhamento. Alguém bateu no fôrro do andar inferior. Voltou para a janela.

Aquilo não podia prolongar-se mais. Aquilo o estava minando: dir-se-ia que milhares de finos tentáculos lhe sugavam a substância da alma e do corpo, e que, sentindo-se doente, tinha o desejo físico de se libertar dêsse abraço.

Afinal de contas, de que se tratava mesmo? Que maravilhosa aventura era essa que ela esperava? Puerilidades, em resumo.

Transformara-se no humilde escravo dela, e era êsse o seu êrro. Se, um dia, a agarrasse e lhe perguntasse: "Que queres? Desejas que eu vá embora ou que fique? Não posso mais continuar assim..." Sim, se um dia a surpreendesse com carícias violentas, com beijos de homem... "Eu te quero, compreendes? Tu és minha, és a minha prêsa."

Jogou-se na cama e soltou um leve gemido... "Mas nunca farei isso. Nunca farei, eis tudo. Não posso... com ela, não..."

VIII

Torkild subira à cobertura da cabana, e ali encostado à chaminé, se deixava queimar pelo sol.

Eram doze horas e fazia um dia quente e lindo de verão. Os amieiros da beira do lago tinham agora uma folhagem verde-escuro, exuberante, e só deixavam ver uma estreita faixa de água que faiscava ao sol, acima de suas copas. Atrás da mata de abetos o sol resplandecia, e os ramos tinham brotos novos, de um verde suave. Nas matérias em desagregação, as plantas vivazes, coloridas pela fôrça do verão, rebentavam em flôres.

Não se ouvia nenhum ruído, salvo o ciciar do vento na copa das árvores e o canto dos insetos. Para o lado dos amieiros, um enxame de mosquitos subia e descia sem cessar, desaparecia na sombra, fundia-se em seguida ao sol, numa fumaça matizada de ocre.

Agora, devia ser uma hora. Talvez não viesse ninguém. Talvez Isabel não aparecesse.

Acendeu o cachimbo. Para distrair-se, chegou o fósforo ao capim sêco da coberta da cabana. O fogo propagou-se, mal perceptível ao sol; mas os talos se enegreciam e reduziam a cinzas. Com a mão apagou o fogo. Não se deve brincar com fogo. Hui!

Tinha de passar o dia aqui, sòzinho, frente a frente com Isabel. A sós com sua noiva. E a noiva era Isabel.

Estava farto de remoer aquela sucessão de fatos.

Fizera um mês, anteontem, que acontecera. E, na noite fatal, quando fôra ao baile na casa dos Ramms, não chegara a pensar um minuto em Isabel.

Em suma, só pensava nela quando estavam juntos. Se alguma vez acertava de pensar nela, pelo espaço de um segundo, sorria de leve, como se faz rememorando uma ninharia agradável. Para falar a verdade, às vêzes se cansava de suas idéias negras e de seu caso com Rosa, e sentia necessidade de ver Isabel, com aquêle sorriso e aquela veia gaiata. Mas os beijos que trocavam de quando em quando não passavam, em resumo, de um brinquedo.

A noite em que fôra ao baile dos Ramms — dado em honra de alguns oficiais da marinha holandesa — sentira-se cansado e indisposto. Mas comparecera apesar de tudo, porque não suportava a solidão por mais tempo: havia várias semanas que não queria ver ninguém, nem sequer Rosa.

Fôra ao teatro com Rosa pouco antes do fim da temporada. Pedira-lhe novas de Axel, e ela respondera, corando, que não tornara a vê-lo desde a noite em que tinham estado todos juntos, no Frognersaeter. Êle compreendera por quê, mas isso não lhe dera nenhum sossêgo... pelo contrário. Rosa lhe parecera esquiva e distraída. E perguntara-se, com angústia: "Terá saudades dêle?" Axel, com sua maneira de ver as coisas, tê-la-ia impressionado? A imaginação dela não estaria embelezando Axel, aquêle Axel cujo caráter decidido contrastava com a humilde adoração de que êle, Torkild, a cercava? Axel não era como êle... era um nôvo homem, um desconhecido. E assim, em seqüência, iam os seus pensamentos girando, constantemente em volta do mesmo tema.

No baile, sentira ciúmes de um tenentezinho holandês. Habituara-se a ser requestado por Isabel, e não gostava de vê-la ocupar-se com alguém mais. Além disso, estava muito bonita, naquela noite. Tinha nas orelhas uma espécie de coroa de rosas com fitinhas e trazia um vestido azul-claro sem mangas, sustentado no decote apenas pelas alças de contas de coral. Ficava-lhe muito bem. Depois, tivera com ela um pequeno mal-entendido a propósito de uma valsa. E, quando afinal pôde dançar com ela, fê-lo de cara contraída, como se se tratasse de castigo. Enquanto dançavam, ela dissera em voz muito baixa:

— Garanto-te, Torkild, que era mesmo esta valsa que eu tinha-te prometido. Quanto às outras, eu já estava comprometida. Foi exatamente como eu disse...

— Pois sim. Está entendido. Não se fala mais nisso. Devo ter compreendido mal...

— Mas sabes que é contigo que prefiro dançar, sim senhor, e muito. Adoro dançar valsa contigo, já te disse isto.

Sorriu. Formaram-se pronunciadas covinhas nos cantos de sua bôca. Diversas vêzes Torkild lhe dissera que não podia furtar-se de beijá-la, quando sorria assim. Durante todo o tempo em que dançaram, continuou sorrindo. E dançaram durante muito tempo.

— Devias saber, no entanto, que gosto mais de dançar contigo do que seja com quem fôr — repetiu ela depois, quando passeavam no jardim.

— Não, eu não podia saber...

— Ora, Torkild!

Disse isto num tom sério.

Quando se afastaram um pouco da casa, êle passara o braço em volta dos ombros dela e apalpara-lhe a pele nua, quente, debaixo do xale. Isabel protestara vagamente, dizendo:

— Pensas que permito aos outros rapazes, meus amigos, tudo o que sou bastante bôba para te deixar fazer comigo: os beijos, as carícias?...

Levantou os olhos para êle, a cabeça atirada para trás, sorrindo, talvez com uma ponta de tristeza... mas, para Torkild, de um jeito muito sedutor. Absolutamente não tivera a intenção de beijá-la exatamente naquele momento, mas entendeu fôsse impolido não o fazer. Beijara-a, portanto, dizendo:

— Por que te achas bôba por me permitir que te beije, uma vez que tu gostas, e eu também?

Ela afastou-se um pouco dêle e disse:

— Não, eu não gosto, Torkild. Não gosto mais, agora... porque tu não me amas, de fato.

Surprêso e perturbado, êle respondeu:

— Mas claro que te amo, Isabel...

Ela se desfez em lágrimas e saiu correndo. Êle a seguiu até o caramanchão de lilases, onde se escondera.

— Ora, ora... Que é isso, minha queridinha...

Então lançara os braços em tôrno do pescoço dêle, que lhe secara as lágrimas com os lábios... depois a beijara com

sofreguidão, a essa môça estranha à sua alma, e que chorava em seus braços. Cobrira-lhe de beijos a garganta redonda e macia, os ombros lisos e, como as alças de coral se rompessem, beijara-lhe os seios. Ajoelhado junto dela, e enquanto a atraía para esconder a cabeça no seu peito, deixara jorrarem tôdas as palavras que o seu coração dissera a uma outra...

Quando finalmente Isabel se afastou dêle, suas lágrimas tinham desaparecido, ela tornava a rir, enquanto, anelante e retendo no peito com as mãos o corpete sôlto, fazia correndo a volta da casa, a fim de entrar pela porta de serviço sem ser vista, e alcançar o vestiário das senhoras para consertar as alças do vestido. Sacudindo o pó das calças na altura dos joelhos, êle voltara lentamente para o salão.

Estava como que atordoado, sentia um estranho cansaço na nuca. Receava que a vertigem não passasse e não se animava a pensar no dia seguinte. Ao cabo de certo tempo, quando ela entrou no salão, levando uma fita escarlate no lugar das alças arrancadas, feito um pendão de vitória, êle correspondeu com um sorriso à sua fisionomia radiante de felicidade. Durante tôda a noite, fizeram sinais um para o outro, como duas crianças travêssas. À ceia, sentaram-se na mesma mesa, com outras pessoas. Torkild estava ao lado de Aagot, mas, debaixo da mesa, suas mãos iam encontrar-se com as de Isabel; bebiam tocando os copos e, aos olhos de todos, pareciam loucamente enamorados um do outro.

Foram pares na última dança; Torkild procurava perdidamente entregar-se. Dançava com arrebatamento, sem esmorecer. Depois, fôra acompanhá-la até o carro, subira com ela. Não tentava lembrar-se nem dos seus gestos, nem de suas palavras, recordava apenas que ficara de joelhos diante dela, no fundo do carro... tamanha era a sua excitação que Isabel tivera um terrível mêdo dêle; e, nêle, tudo isso não causara mais que uma pequena satisfação. Porque, no fundo de sua alma, sabia que tinha ficado indiferente.

Depois, tinham-se visto todos os dias, e Isabel lhe prodigalizara jovialmente pequenos afagos, chamando-lhe tôda a espécie de nomes de carinho, seu "querido", seu "lobinho", seu "coelhinho", seu "boneco de nata". Êle achara isso feio, tolo e triste, mas a beijara e tornara a beijar, e também descobrira nomezinhos de ternura igualmente estúpidos, igual-

mente enjoativos: tudo para se convencer de que estava apaixonado.

Se pelo menos tivesse a possibilidade de desposá-la num futuro bem próximo, teria para sempre banido de sua vida qualquer maravilhosa esperança. Porque, diante do que vira na infância, sabia que, uma vez casado e pai de família, nunca poderia pensar em divórcio ou qualquer outra complicação dêsse gênero. E era provável que, vivendo com Isabel, os seus nervos doentes se restabelecessem para sempre. Isabel era uma criatura amável e, a certos respeitos, êle gostava dela; sabia que seria uma espôsa perfeita e tudo faria que o lisonjeasse... e que êle não seria insensível a isso. Estabeleceria, assim, os seus pontos de apoio, tornar-se-ia um bom burguês e, numa existência totalmente descansada, havia de adquirir uma gordura salutar aos seus nervos.

Ora, segundo tôdas as probabilidades, decorreriam pelo menos dois anos até que pudesse pensar em casamento. Era uma loucura enfrentar um noivado de tão longa duração, e durante o qual prosseguiriam naquela pequena comédia.

Ainda não fôra à casa dos pais de Isabel, mas em breve se tornaria difícil adiar essa visita. Vira os seus futuros sogros na rua. O pai de Isabel era capitão de infantaria, um homem alto, curvado, gasto, pálpebras caídas; o nariz, o bigode, tudo nêle sugeria cansaço. A mãe de Isabel tinha a aparência vulgar, era gorda, de tez amarela, falava com ênfase e passava por ter má língua e ser devota. Isabel tinha uma irmã mais môça casada com um representante comercial, um irmão na América, uma irmã adolescente, e uma enfiada de irmãozinhos e irmãzinhas, das quais preferia a mais nova, de quatro anos. Aliás, Isabel adorava as crianças e por duas vêzes Torkild e ela as haviam levado à confeitaria, para merendarem. Afora isso, parecia, felizmente, desinteressar-se bastante pela família.

Não podia deixar de pensar na primeira vez em que a beijara. Fôra pouco tempo antes de Rosa chegar à cidade. Havia já alguns dias que nevava, e êle a convidara para irem ao Frognersaeter. Tinham jantado lá no alto e pretendiam descer em seguida, de trenó, até a cidade. Mas a pista não estava favorável: muito pouca neve, e meio fundida. Havia luar. Num ponto em que o trenó empacou, ficaram um momento indecisos com relação ao que deviam fazer. Então, como

ela se voltasse para êle sorrindo, beijara-a... sem saber por quê!

— Christiansen, você está louco! — exclamara, melindrada, pondo-se bruscamente de pé. E acrescentara, escandindo as palavras: — Eu não o acreditava capaz disso... Não tinha você por um môço dessa laia...

— Que laia? — perguntou, agastado.

Ela própria sentiu que se exprimira com inabilidade, mas o que disse em seguida não foi melhor escolhido:

— Sim, dessa laia de homem que, quando convida uma môça para passear com êle uma noite, se imagina com direito a uma porção de coisas...

— A senhorita não sabe o que está dizendo. De qualquer modo, peço-lhe desculpas. Eu agi por distração, Isabel Helsing. Porque, quando a vejo sorrir daquele jeito, sempre fico doido por beijá-la. E foi assim que vim a fazê-lo, sem saber como... Tinha esquecido que não era permitido.

Ela rira, então. E depois, cada vez que a beijava era porque ela ria; e Isabel passara a considerar a coisa uma farsa inocente. De fato, Torkild com muita freqüência a beijara apenas porque Isabel fizera aquela expressão picante, que êle achava irresistível. Pouco a pouco, deixara-se prender por êsse jôgo infantil.

"Não tinha você por um môço dessa laia..."

Esta frase voltava-lhe à memória quando pensava na família de Isabel. Ela pertencia a um meio cuja linguagem êle podia imitar ao pé da letra. Mas certamente não o considerava como o seu próprio meio. Para Isabel, êsse tom era familiar e estava habituada a defender-se das conversas ofensivas das pessoas sem tato e sem delicadeza de sentimentos.

Para Rosa, "essa laia" era desconhecida e inconcebível.

Uma môça apareceu, sòzinha, no caminho. Era Isabel. Torkild deslizou da coberta da cabana e foi ao seu encontro.

Hoje estava muito bonita, com um chapelão de palha nos cabelos rebeldes, as formas arredondadas fazendo boa figura no vestidinho de tecido azul e, no cinto de couro vermelho envernizado, um molho de rosas-de-cão.

Beijaram-se demoradamente. Depois êle perguntou, com voz calma:

— Vieste sòzinha? E Aagot?

— Aagot não vem. Mas eu te disse que ia tratar de escapar sòzinha. Gosto de ter o meu coelhinho só para mim, uma vez!

E tornou a beijá-lo.

— Mas, Nossa Senhora, como tive de mentir a todo o mundo lá em casa! Papai e mamãe nunca teriam permitido que eu saísse só, tu compreendes, aí tive de inventar uma história completa...

Torkild pôs a mesa na varanda. Mas nenhum dêles estava bem disposto. Terminada a refeição, Isabel sentou-se nos joelhos de Torkild, tomou café na xícara dêle, puxou algumas fumaças de seu charuto. Mas as carícias que trocavam já se haviam transformado em hábito, e ambos procuravam apenas esconder o seu constrangimento. Isabel não falava contìnuamente, como de costume. Quando êle propôs que fôssem embora cedo e, atravessando os morros de Ullevold, descessem até a cidade, concordou com um simples aceno da cabeça.

Jantaram no chalé de campina de Ullevold, no alto do talude; quase não conversaram. Ao fim de um momento, os jovens Eriksen vieram cumprimentá-los. Então Isabel novamente se tornou extremamente loquaz. Torkild, ao contrário, se deitou na relva, a certa distância, e ficou a contemplar o mar entre as ilhotas e os raios vermelhos do sol poente, que iluminavam os cabeços do outro lado do fiorde.

— Não foste muito amável com os Eriksens — disse Isabel com uma entonação irritada, quando estavam novamente no caminho do mato, de volta. — A verdade é que não te preocupas em ser amável quando estás de lua!

— Acho que absolutamente não era necessário. Tu chegaste para alimentar a conversa, com folga, parece-me.

— Certamente! Seria o cúmulo que não tivesse mais o direito de conversar com os meus amigos, por que Sua Senhoria está com o seu gênio!

Torkild resmungou, entre dentes:

— É isso mesmo. E provàvelmente tínhamos de passear com êsses dois cafajestes!

Isabel pegou no braço dêle:

— Foi por isso que te mostraste tão pouco amável com êles? — perguntou, a voz doce, encarando-o.

— Anton Eriksen é o sujeito mais ordinário que eu conheço. Quanto ao outro...

— Pois olha, eu os acho corretos. Nem todos podem ser príncipes como tu.

— Vamos, cala essa bôca! Não tem graça.

— Claro que não tem graça. Tens tôda a razão. Mas eu vou dizer-te uma coisa, meu velho: eu não suporto mais os teus caprichos. E fica sabendo, também, que estou noiva do Tenente Lökke.

— Que é que estás dizendo? — Torkild estacou.

— Estou noiva de Finn Lökke, entendes?

— Puxa! — disse Torkild, lentamente. — E eu que imaginava que fôsses minha noiva! Mas talvez seja teu costume noivar com dois homens ao mesmo tempo?

— Puf! — fêz Isabel. — Eu não sou tua noiva de verdade, ouviste?

— Noiva de verdade... Que quer dizer êsse negócio?

— Tu não gostas de mim...

— Não gosto de ti? Como te animas a dizer uma coisa dessas... Mas por que mesmo eu não seria teu noivo?

— Ora! Eu é que não sei. Não foi porque me queres bem que arrancaste o meu vestido no baile em casa dos Ramms. Lembro-me, perfeitamente, de tudo o que me disseste quando estavas ajoelhado diante de mim, no carro... Sei muito bem o que querias de mim... Se sei! Nunca te casarias comigo se eu fôsse bastante bôba para te permitir o que querias...

— Por favor, Isabel... Estás exagerando!

De repente, Isabel jogou-se no meio das urzes, o corpo sacudindo-se a cada soluço. E assim, aniquilada, pronunciou num gemido o nome de Torkild. Mas, quando afinal êste se ajoelhou perto dela e a quis erguer, ela mesma o fêz. Respirava opressivamente, passando nos olhos o lencinho amarfanhado. Depois, assoou-se e disse em tom calmo e doce:

— Não era assim, aliás, que eu devia ter-te dito...

— Mas, minha querida, que quer mesmo dizer tudo isso? Não estou compreendendo nada...

— Foi assim. Êle me pediu em casamento. E eu respondi que sim.

— Mas e eu?

Enlaçou-a docemente, com um braço. Isabel ainda estremecia dos soluços e aninhou-se contra êle, mas ficou calada.

— Eu não compreendo nada — continuou Torkild, com doçura. — E tu vieste ao meu encontro na cabana, passamos

o dia inteiro juntos, fizeste exatamente como nos outros dias, e não me disseste uma só palavra a respeito disso tudo...

— Se me quisesses bem, não me terias achado igual ao que sou habitualmente. — Engoliu em sêco. — Eu ia com a intenção de te contar. Foi por isso que hoje quis ficar só contigo. Mas queria passar ainda um dia agradável junto de ti, compreendes? E, se êsse dia tivesse mesmo sido agradável... se eu tivesse percebido que de fato me querias bem...

Tornou a soluçar.

— Nesse caso, Torkild, eu certamente iria desmanchar o compromisso com Finn...

— Mas Isabel, minha querida... — Tornou a abraçá-la. — Eu te quero bem, mesmo, Isabel, minha queridinha.

E se acreditou sincero.

Isabel levantou a cabeça e o encarou, perguntando:

— Tens coragem de me olhar nos olhos, Torkild, e dizer que me queres mais, a mim, do que à Srta. Wegner?

Torkild sentiu que mudava de côr. Mas empertigou-se e respondeu:

— Não tens nenhuma razão para ter ciúmes de Rosa Wegner, Isabel.

— Não, em relação com a indiferença dela por ti. No entanto... — Isabel balançou a cabeça. — Seja como fôr, ela tem ciúmes de mim... Bem que eu senti. Depois, ainda que antes não fizesse o menor caso de ti, seria possível que agora... E sei perfeitamente, Torkild, o que aconteceria se tivéssemos de esperar anos para nos casarmos. Tu te fartarias de mim muito antes que pudéssemos pensar em casamento. Certamente que teria sido bem diferente, se tivéssemos podido casar em seguida... E eu não poderia continuar vivendo com os meus pais, principalmente sentindo que te afastavas cada vez mais de mim. As coisas já não são muito fáceis, lá em casa, para mim... É isso mesmo! Sempre me fazem sentir que não sei fazer nada, porque consideram como nada o meu emprêgo num escritório... Mas, uma vez que nunca quiseram que eu aprendesse fôsse o que fôsse, parece que deviam estar satisfeitos por eu ter achado alguém que me paga quarenta coroas por mês para atender o telefone tôdas as manhãs. Além disso, mamãe me repreende porque sou desfrutável, como ela diz, e passeio com rapazes que ela não conhece. Mas, se a nossa casa se enche de velhas beatas abobalhadas,

que vão lá fazer intermináveis reuniões para ler a Bíblia, então eu tenho do mesmo modo o direito de me distrair um pouco, não é? E nunca me tratam como adulta, passam-me carões, brigam comigo... Olha, eu quero é casar, compreendes? Porque não posso mais viver naquele meio... E também estou farta de andar sempre fora de casa rindo e fazendo o papel de menina terrível, de moleca...

"Além disso", acrescentou, abaixando a voz, "sabes muito bem como isto acabaria, se tivéssemos de ficar noivos anos a fio. Talvez fôssemos obrigados a casar de uma hora para outra... sabendo perfeitamente que não seria por amor..."

Torkild, sentado, contemplava a paisagem à sua frente. O caminho descia diante dêles através de uma clareira cercada de altas paredes lisas; ao longe, atrás dos pinheiros, aparecia o fiorde e, acima dos morros azuis, o céu era côr-de-rosa-pálido.

— Mas Isabel — disse êle finalmente, em voz baixa. — Eu te quero muito. E achava que tu também me quisesses...

— Sim — disse Isabel, suspirando. — Eu gosto muito de ti, Torkild. Talvez tenhas chegado a gostar de mim, mais do que eu pensava. Mas o teu amor maior pertence à outra...

— Ora, Isabel, por favor não fales nela — murmurou êle, a voz sufocada.

Isabel meneou a cabeça.

— Mas Finn Lökke... êsse é louco por mim, Torkild. Não podes fazer idéia da delicadeza da declaração dêle. Muito melhor que tu, ouviste?

Isabel tentou sorrir... mas saiu-lhe apenas um triste esgar.

— E tu, Isabel, gostas dêle?

— Sim... gosto. Gosto muito.

Em silêncio, puseram-se em marcha. O lago de Sogn estava negro e brilhante, a fumaça das casas que o circundavam estendia-se sôbre a sua superfície; o crepúsculo descia sôbre os declives cobertos de mato, enegrecendo-os, e sôbre os grandes campos verdes. No arvoredo, ouviam-se as risadas de rapazes e môças em seus folguedos bruscos e o som dos acordeões e berimbaus subia de todos os barezinhos da beira do lago; era ali que, nos domingos, se instalavam as famílias em excursão, com crianças irrequietas e barulhentas, e carri-

nhos de bebê; o vozerio chegava até o caminho, como um murmúrio contínuo e sem variações.

O Capitão Helsing morava em Hügdehaug, num edifício nôvo que já tinha um ar meio decrépito. Isabel abriu a primeira porta com uma chave, e Torkild a acompanhou até a porta do apartamento, no segundo andar. A escada estava escura e quente, cheirava a pó e madeira aquecida pelo sol. Diante da porta, ficaram parados. Torkild não compreendia por que lhe custava deixar a môça nem por que estava tão triste. Sabia, entretanto, que no fundo de sua alma se escondia um sentimento composto de um pouco de vaidade humilhada, mas também de um grande alívio.

— Não sabes — disse Isabel, com voz doce e plangente — com quanta freqüência me desgosto de tudo. Vocês, os homens, acreditam que, se uma môça é alegre, simples e cândida, é assim naturalmente. Mas eu não creio que alguma o seja. Môças como Rosa, que são quietas e sérias, e se fazem respeitar, de fato são como parecem. Rosa é natural e inocente. Mas aí é que está: quem é mesmo assim não quer parecer. Ah, nem podes imaginar, Torkild, quantas e quantas vêzes tenho ficado triste, triste mesmo! Achava a vida estúpida. É de ti que eu gosto, Torkild. É de ti que eu gosto mais. Sim, não há ninguém de quem eu goste mesmo, a não ser tu. Mas, de tua parte, não me queres bastante, é só isso. Mas não se deve concluir que Finn venha a ser infeliz comigo. E eu hei de ser feliz com êle. Vamos casar no outono que vem. Talvez me case antes de Aagot. E quando eu tiver a minha casa... Sim, prometi a mim mesma ser uma dona de casa modêlo. E quando tiver filhos... Sei que hei de ser muito feliz.

Ficaram um momento calados. Depois, Torkild a atraiu para si e a beijou. Com pungente melancolia, sentiu que agora, quando a beijava pela última vez, era a primeira vez que a beijava com amor.

— É para o bem de todos nós que faço assim — murmurou Isabel.

— Querida... oh, minha querida Isabel...

E, deixando-se cair de joelhos no capacho, cobriu-lhe as mãos de beijos.

— Tu és tão boa... Eu te quero, eu te quero muito, minha Isabel!

— Sim, mas não me queres com amor... não é?

Êle balançou a cabeça negativamente, enquanto permanecia ajoelhado, e tornou a beijar as mãos de Isabel.

Ela introduziu a chave na fechadura, abriu a porta, entrou, e fechou-a vivamente atrás de si. Torkild percebeu que Isabel abria outra porta, no interior do apartamento; depois, tudo caiu em silêncio.

Nessa noite, ficou muito tempo sentado no seu quarto, antes de se deitar.

Julgava-se meio ridículo por se ter ajoelhado diante de Isabel, em cima do capacho da casa dos Helsings. Mas aquilo fôra mais forte do que êle, não pudera proceder de outro modo. E Isabel, com êsse gesto, decerto se sentira feliz, a pobrezinha...

IX

Rosa colocou um vaso com ásteres azuis e brancos no túmulo de seus pais. Ficou um momento olhando as flôres.

Torkild espetava a ponta da bengala nas fôlhas amarelas de ácer, que em espêssa camada juncavam a passagem. Rosa, pensava êle, com êste vestido prêto, junto do túmulo, no crepúsculo do outono, tinha um ar tão juvenil, tão frágil, tão solitário! O período que fôra iluminado por aquela que repousava ali e durante o qual êle se sentira tão estreitamente unido com ela e com Rosa, havia algum tempo que se tornara distante e, por assim dizer, irreal. Até para Rosa, tanto a infância dela, como sua mãe, sem dúvida pareceriam muito longínquas; a vida os afastara, a ambos, daquele lar que fôra dêles, de tudo que tinham tido em comum, e os separara igualmente um do outro. Sim, neste instante, êle tinha a impressão de que a vida o separava impiedosamente de Rosa, e cada vez mais.

O sino do cemitério soou, anunciando a hora de fechar. Rosa repôs as luvas. Bruscamente, aproximou-se de um jazigo modesto, ao lado do túmulo de seus pais.

— Reparaste no retrato do meu tio Jacob, Torkild? Que bela cabeça, não é?

Torkild se aproximou do jazigo de pedra clara, que representava um altar Império encimado por uma pequena urna, cuja tampa era ornamentada por uma grinalda de flôres. Na face anterior, uma borboleta coroava um medalhãozinho com o retrato em relêvo de um belo jovem; seus cabelos anelados

se erguiam sôbre a testa e a gola da farda subia-lhe até as orelhas. Um gênio, com um archote apagado, contemplava-o, tristemente.

Rosa leu a inscrição:

ERIGIDO EM MEMÓRIA
DE JACOB BROCH WEGNER
TENENTE DO 2.º REGIMENTO DE DRAGÕES
NASCIDO EM FREDERIKSHALD EM 8 DE JUNHO DE 1785
MORTO EM CRISTIÂNIA EM 12 DE MAIO DE 1816
VALENTE — FIEL — LEAL — BOM.

Repetiu em voz baixa as quatro últimas palavras.

— Foi o único homem por quem me apaixonei. Desde a idade de doze ou treze anos, e muito tempo depois que fiquei môça, era sempre êle que eu via quando pensava no amor. O seu rosto belo e puro, e essas belas palavras... Quando vinha aqui aos sábados, com mamãe, sempre trazia flôres para o túmulo dêle.

— Nunca te ouvi pronunciar o seu nome — disse Torkild.

— Naturalmente. A gente não fala nessas coisas... enquanto não vê em tudo simples criancice — acrescentou, com um leve sorriso.

O túmulo dos Wegners situava-se numa elevação do terreno, na extremidade mais afastada do pequeno cemitério, encravado num bairro operário. Abaixo de onde estavam, a parte nova, cujas sepulturas e jazigos ostentavam sua alvura entre os áceres amarelos das passagens, descia em direção às casas altas e cinzentas da Rua dos Moinhos. Ao longe, atrás dos telhados da cidade, os outeiros de Ekeberg erguiam as suas massas roxas. De um lado, ao longo do cemitério, na estrada de Fredensborg, brilhavam as luzes das fábricas, enquanto no outro, em Hammersborg, se comprimiam os pardieiros de sacadas de madeira, telhados esburacados e vidraças irregulares.

Não havia ninguém no cemitério, salvo os gatos, muito numerosos ao findar o dia. Com movimentos de animais selvagens e sem se preocupar com os visitantes, insinuavam-se por entre os túmulos, encolhiam-se nos galhos das árvores, faziam equilibrismo na crista das hastes do gradil.

Devagar, Torkild e Rosa se encaminharam para a saída, passando diante de velhos túmulos de oficiais ali enterrados com suas famílias: magníficas colunas de ferro, à moda antiga, ornamentadas com urnas, troféus, inscrições eloqüentes. Não havia mais flôres: a chuva e a geada as haviam destruído, e do chão emanava um cheiro de barro e de fôlhas em decomposição. Descobriram, contudo, uma roseira que exibia ainda, na ponta de um longo e têso ramo, uma rosa côr de púrpura, recém-desabrochada. Pararam e permaneceram por um longo espaço de tempo contemplando a flor isolada, cujo colorido adquiria um brilho extraordinário à claridade roxa do crepúsculo.

— Êle vinha da guerra, onde se tinha portado com distinção — disse Rosa, de repente. — Casou-se... e morreu seis semanas depois do casamento. A cerimônia se realizara em abril, e para ir ao presbitério, onde devia celebrar-se, e que estava situado em plena montanha de Dovre, teve de fazer uma viagem muito longa e muito difícil, debaixo de uma tempestade de neve. No dia seguinte ao do casamento, foi para a cama com uma pneumonia e morreu algumas semanas depois, de tísica galopante, como diziam na época.

— E a viúva? — perguntou Torkild. — Está enterrada ao lado dêle?

— Não. Pelo Natal do mesmo ano, casou, em Drontheim, com um homem idoso, do comércio em grosso de pescado. Mas, quando ficou viúva dêste, mandou construir o jazigo que viste, em memória do primeiro marido. Palavra que dava uma história. Mas eu achava que, se tivesse sido mulher dêle...

— Teria sido como na canção: *Mal passara um mês — enterrada ela era?*

— Exatamente! — disse Rosa, com uma breve risada.

— Aliás, eu pensava — disse Torkild, um momento depois — que detestasses devaneios e tôdas essas divagações...

— Sim, detestava — disse Rosa, em tom sêco. Mas acrescentou, pouco depois: — Detestava os devaneios dos outros e que mamãe quisesse impor-me os dela.

Subiram lentamente o caminho de Ullevold.

— A que horas embarcas amanhã? — perguntou Rosa.

— Não sei... saem trens todo o dia.

— Vou acompanhar-te à estação — disse ela.

— Muito obrigado. Não é uma viagem de grande importância, aliás, mas eu ficaria muito contente, tu sabes... e, na realidade, eu me mudo daqui.

— Sim, mas virás com muita freqüência, eu acho... a viagem é de uma hora apenas, não é?

— Uns cinqüenta minutos. E tu, não irás ver, nalgum domingo, como estou instalado? Queres ir esta noite dar um passeio até o outeiro de São João? — propôs Torkild.

Os patos ainda não tinham sido recolhidos; nadavam mansamente nas águas negras do lago dos cisnes, fazendo dançar o reflexo dos bicos de gás acesos em todo o contôrno do lago, atrás da cortina amarela e transparente dos áceres e das bétulas.

Fora do parque, os bondes passavam iluminados, com um ruído de torrente, enquanto fagulhas azuis saltavam das roldanas. O parque estava deserto, quieto; os relvados tinham um colorido verdete-escuro e as árvores formavam grupos negros contra o céu de um roxo sombrio. Não havia ninguém mais além de alguns garotos que se precipitavam pelos gramados, brincando de esconder atrás dos arbustos.

Era assim que Rosa e Torkild, muito tempo antes, haviam brincado nas tardes de outono: escondendo-se agachados atrás de alguma árvore. De mãos dadas, tinham aberto passagem nas moitas, enquanto as fôlhas amarelas e fulvas choviam sôbre êles. Ficavam espreitando os companheiros, cochichavam, a respiração ofegante por causa da corrida; o brinquedo na obscuridade os tornava selvagens e enchia-lhes o coraçãozinho de sonhos, de aventuras e de fantásticos perigos, dos quais fugiam de verdade...

A noite invadiu o parque e fê-lo parecer imenso. O hálito das grandes florestas bravias se elevava das pequenas massas de árvores cuidadosamente dispostas; o regato artificial, que corria por esmerados canaletes e sob minúsculas pontes, enchia o jardim escuro de um rumorejar de rio; debaixo das moitas que beiravam o lago, as águas tinham profundezas ne-

gras e insondáveis, enquanto se cobriam de espuma sob a ponte onde estavam sentados, e um pouco mais adiante iam brincar com o reflexo dos lampiões.

— Lembras-te — perguntou Torkild, em voz baixa — que tua mãe nos trouxe em excursão ao outeiro de São João?

— Lembro-me. — Notou, pela voz de Rosa, que ela sorria. — Lembro-me da primeira vez que vi pavão. Quando abriu a cauda. Tenho a impressão de que depois nunca mais vi nada de tão belo. E, em seguida, mamãe me levou ao restaurante e me deu um sorvete côr-de-rosa. Acho, aliás, que era a primeira vez que tomava sorvete. Sabes uma coisa, Torkild? Quando penso nisso... vejo que, depois daquele dia, nunca mais senti com tanta fôrça o maravilhoso sentimento de existir.

Ficaram calados um momento, sentados no parapeito da ponte.

— Pois é. E amanhã eu vou embora — disse Torkild, em voz baixa.

Inclinou-se, dentro da noite, e sùbitamente cobriu a mão de Rosa com a sua.

— Rosa... tu me dás um beijo? Um só?

Por um curto instante ela hesitou. Depois, voltou-se para êle, oferecendo os lábios; no escuro, seu rosto parecia branco. Mas, quando percebeu que os lábios dêle se entreabriam para receber os seus, fêz um leve e instintivo movimento de recuo, como se quisesse afastar-se. Imediatamente, êle a soltou.

— É melhor que tu me beijes — murmurou.

Rosa apoiou delicadamente a mão enluvada na nuca de Torkild e, a bôca em botão, deu-lhe um beijo rápido, neutro e infantil.

— Não te lembras — tornou êle a murmurar — de que já me beijaste uma vez?

— Sim.

— Como pudeste?

Rosa tocou-lhe de leve na mão, numa breve carícia:

— Eu estava com tanta pena de ti, Torkild. E tu sabes que sempre te quis muito... tanto quanto posso.

Torkild sacudiu a cabeça, concordando:

— Sim, como irmã. Sim. Mas Rosa, depois do que te contei, não achaste que poderia ser perigoso me beijar?

— Achei.

— Mas tu gostavas tanto de mim... como irmã, certamente... que me beijaste assim mesmo?

Rosa permaneceu calada um instante, antes de responder:

— Sim. Tu compreendes, quando me contaste tudo aquilo a respeito de tua mãe, senti vontade de me aproximar de ti e de te beijar. Não achava justo que fôsses infeliz. Mas antes que tivesse podido beijar, tu me contaste a outra coisa. E então fiquei satisfeita, a princípio, por não ter dado o beijo. Sim, porque o pastor nos falara disso ao preparar-nos para a primeira comunhão, mas explicando-o de uma forma repulsiva... como se ignorasse que existiam o amor, a altivez, o respeito próprio. A acreditar nêle, a virtude era uma espécie de bom negócio que êle podia fechar em nosso nome, ao passo que tudo o que êle não preconizava como interessante, ou vantajoso, era nocivo à saúde e econômicamente mau. Meu Deus, como eu o desprezava!

"Pensei em tudo isso e disse comigo que não queria seguir os conselhos dêle: ser covarde e calculadora. Concluí que, como te queria bem e estavas tão infeliz, e como tinha vontade de ser boa contigo e de te fazer um carinho, não devia indagar se estavas doente ou não. Queria que jamais me impedissem, pelo mêdo, de... ser leal comigo mesma."

Torkild nada respondeu. Achava singularmente frias essas palavras. Mesmo nessa única vez em que Rosa lhe dera aquêle beijo, com o qual o transformara em seu escravo, não tinha pensado nêle. Em função de si própria é que o beijara. Era de si mesma que estava enamorada, então, e agora, e sempre... de si ou antes dessa imagem ideal que fizera de si mesma e que desejava realizar a todo custo. Imagem branca e fria como o retrato daquele jovem tenente, seu tio: Valente — Fiel — Leal — Bom.

X

Uma sexta-feira, no fim de junho, Torkild telefonara a Rosa para lhe dizer que Tösa, a sua cadela, morrera, deixando quatro filhotes que, a grande custo, êle e a dona da casa estavam criando com mamadeira. Amanhã, os cachorrinhos iam abrir os olhos. Rosa não queria ir vê-los, no próximo domingo?

Estava, pois, na estação, esperando-a pelo trem das dez horas e meia. Pusera seu terno nôvo de verão, sapatos de verniz, uma rosa na lapela e lenço de sêda côr de malva no bolsinho do paletó. Seu cão de caça, malhado de branco e prêto, cavava por tôda a parte, fêz uma inconveniência no lado de uma caixa verde de garrafas de cerveja, abandonada no cascalho rosa-desbotado da plataforma; afinal, deitou-se e passou a caçar as suas pulgas; as malhas brancas do pelame brilhavam ao sol.

Chovera durante a noite, e o ar tinha um brilho úmido... Nuvenzinhas azuladas, de contornos claros, vogavam no luminoso céu de verão, e, quando o trem surgiu barulhento no túnel, a fumaça se estendeu em volutas espêssas e brancas ao longo das matas de abetos recém-lavados, que atapetavam as encostas dos outeiros.

— Parabéns pelo vestido nôvo! — exclamou Torkild para Rosa.

Esta riu e pegou na mão que lhe era estendida para ajudá-la a saltar do vagão. Trazia um vestido nôvo de tecido azul-celeste, chapelão pardo de palha, com abas negras, meias

arrendadas e sapatos de verniz. Quando apanhou a saia para não a sujar ao atravessar os trilhos onde a graxa negra se emplastrara, Torkild notou que as solas também eram novas.

Enquanto andavam, falaram do bom tempo.

— Teria sido uma pena — dizia Rosa — se houvesse chovido.

— Claro — respondeu êle. — Seria menos divertido.

Passaram pelos telheiros dos lenhadores, de onde se espalhava o cheiro bom e fresco da madeira cortada. Numa velha ponte, cujas pranchas estavam gastas e lavradas pelas rodas das carroças, pararam um momento para olhar a água barrenta e baça do rio, que lentamente deslizava para o lago. O sol se refletia na sua superfície formando grandes placas resplandecentes, mas, ao longo das paredes vermelhas da fábrica, a água era negra e tinha um aspeto oleoso. Torkild apontou para o sopé dos taludes e os ramos baixos dos amieiros, que estavam manchados de lôdo cinzento:

— A semana passada as águas subiram até aqui.

O caminho, que passava entre os diversos anexos da fábrica, estava coberto de aparas de ferro vermelhas e enferrujadas, que rangiam sob os pés. Passaram diante de um comprido barracão amarelo; os operários, que estavam sentados nos degraus da escada, olharam para o chefe do escritório e a môça, e cumprimentaram. Na orla do mato, as moradas dos operários se escalonavam por quase tôda a parte; eram pintadas de amarelo, verde-claro, rosa; mas, salvo a côr, tôdas se assemelhavam, com água-furtada, varanda e jardinzinho à frente.

Um instante depois, entraram numa pequena mata de abetos, de solo pantanoso, e onde nada mais lembrava a fábrica. Seguiam uma velha estrada tomada pelo ervaçal, e que costeava o rio. Entre os amieiros, a água era parada e polida como um espelho; em certos lugares, o caminho subia; por tôda a parte, era verde, encharcado, e cheio de arbustos. À saída do mato, erguia-se uma casinha branca, de dois andares.

— Chegamos — disse Torkild, rindo. — É muito mais confortável do que em Fensal, onde passei o último inverno. Não achas?

Havia um pátio invadido pelo capim e cercado por anexos cinzentos e devastados, e por grandes árvores; galinhas catavam seu alimento costeando as paredes. Uma mulherzinha de idade, vestida de prêto, com um grande avental branco,

apareceu sob o alpendre da escada. Torkild apresentou a Sra. Stranden, a dona da casa.

— Podes contar com um lauto almôço — disse Torkild, enquanto Rosa se libertava do chapéu, no pequeno vestíbulo azul, onde predominava um odor de ar confinado e de limpeza, como ocorre nas casas das pessoas antigas e meticulosas que moram no campo.

— Sim, de fato, é muito melhor que em Fensal — disse Rosa, quando entrou na sala.

Saiu para a varanda:

— Tenho inveja de ti! Como estás bem aqui!

O madeiramento da pequena varanda, diante da sala, estava empenado e carcomido pelas chuvas e pelo caruncho; três degraus meio podres davam acesso ao jardim, que estava tomado pelo capim e pela vegetação silvestre. Ao pé da escada, erguiam-se exuberantes tufos de roseiras, que lançavam por cima da balaustrada seus ramos carregados de rosas amarelas, brancas e vermelhas. Mais adiante, hemerocales amarelos, acônitos azuis, peônias purpurinas, bordavam o pomar, onde cerejas de charão vermelho brilhavam sob a folhagem e das groselheiras pendiam cachos verdes, em filas compactas.

— Torkild, que sorte a tua! — disse Rosa, estendendo-se numa das espreguiçadeiras; seu olhar percorria o jardim, os livros, a caixa de charutos, a xícara de café vazia em cima da mesa. — Como desencantaste isto? E com certeza a dona da casa te estraga com mimos... Vi logo que ela era uma dessas pessoas...

— Se me estraga! Com as atenções de que me cerca e os hábitos que me leva a adquirir, nunca mulher alguma poderá contentar-me.

— Torkild, tenho inveja de ti — repetiu Rosa, tornando a entrar na sala. — É uma casa de verdade.

As paredes de madeira estavam pintadas de verde-gaio, e entre as cortinas brancas e engomadas havia gerânios vermelhos, mirtos e pequenas roseiras. Os móveis eram simples e modestos: cadeiras estofadas com crina, um pequenino e engraçado guarda-louça cheio de copos azuis e côr-de-rosa, e de outros objetos baratos de metal branco; depois, o piano de Torkild, que êle trouxera, as suas poltronas de palhinha, as fotografias penduradas numa parede e colocadas em frente às dos netos americanos da dona da casa. Por tôda a parte,

em cima de guardanapinhos redondos e brancos, de tricô, vasos de flôres.

O almôço ia ser servido; Rosa foi até a mesa, sobrecarregada de pratos apetitosos e trincou rabanetes. Mas a porta do pequeno quarto azul, de dormir, estava aberta. De seu interior saíam gritinhos, débeis ganidos.

— Ah, êles estão ali! Com licença, quero ver!

Ajoelhou-se ao lado da cesta onde gemiam os quatro cachorrinhos de pêlo café-com-leite, que ela aninhou no regaço, um a um:

— Que mimosos! Meu Deus, como são bonitinhos!

Torkild, as mãos nos bolsos, contemplava a cena com um ar de ufania inteiramente paternal. Os cãezinhos de caça agitavam-se no regaço de Rosa, dando gritinhos, passando-lhe o focinho nas mãos e nos braços nus.

— De fato, êsses cachorrinhos são uma beleza — disse Torkild.

A Sra. Stranden bateu à porta: podia servir o almôço, ou devia alimentar primeiro os cachorrinhos?

Rosa fêz questão fechada de ver primeiramente a refeição dos cachorrinhos. A Sra. Stranden trouxe, pois, duas autênticas mamadeiras com suas chupetas. Queriam que ela os ajudasse? Ou, quem sabe, a senhorita gostaria de dar-lhes a mamadeira?

Torkild já se acomodara na cama com um dos cachorrinhos, que sugava com entusiasmo. Torkild desempenhava-se muito bem, enquanto Rosa encontrava dificuldade em ajeitar a sua cria. Estava, também, sentada na cama coberta com uma colcha branca, de croché.

— Mas como são lindos, Torkild! O meu é o mais bonitinho. Não achas?

— Queres ficar com êle? — perguntou Torkild.

— Eu queria! Infelizmente não posso aceitar: moro em pensão...

— Ah, sim, é verdade. Então não podes ter cachorro?

— É engraçado que a gente possa criá-los com mamadeira. Mas... achas que darão bons cães de caça? Será que não ficarão meio... degenerados?

Torkild estourou numa risada e Rosa acrescentou, rindo-se também:

— Mas é mesmo, as crianças alimentadas a mamadeira freqüentemente ficam meio patetas... pelo menos mamãe afirmava isso. Ela me deu de mamar até os dezesseis meses...

— Pelo jeito, o resultado foi ótimo — disse Torkild, rindo. Os braços de Rosa apareciam, ao sol, cobertos de uma delicada penugem dourada e tôda ela irradiava juventude e saúde.

Honrou o almôço da Sra. Stranden, composto de bife, ovos estrelados, carnes frias, conservas, diversas espécies de queijo, doces, manteiga fresca, pão feito em casa, bôlos, cremes, tudo em profusão, como para um banquete.

— Torkild, tu vais engordar, se ficares muito tempo aqui.

— Sim, acredito que sim, infelizmente. Tenho licença de caça mas... Ah, é verdade, tenho de te transmitir lembranças de Dóris; recebi carta dela, um dia dêstes. Ela virá passear em Cristiânia, com certeza, durante o verão, mas diz que deseja voltar para Copenhague no inverno que vem.

— Para mim ela não escreve mais. Mandei três cartas que ficaram sem resposta. É verdade que não é muito interessante o que tenho para contar a ela... A propósito, sabes quem te mandou lembranças, por mim? Adivinha em casa de quem tomei chá ontem!

— Onde foi?

— Em casa da Sra. Lökke. Isto é, de Isabel... e agora nos tratamos por tu... foi ela quem propôs. Encontrei-a no teatro, um dia dêstes, e ela me telefonou ontem para me convidar. Está esperando nenê para muito breve, sabias?

— Sim, parece...

Não pôde deixar de sorrir, pois Isabel já lho anunciara no Natal.

— Aliás, gosto muito mais dela, agora. Perdeu, ou quase perdeu, aquela tagarelice travêssa. E está tão feliz com a perspectiva de ser mãe! Mostrou-me todo o enxovalzinho. Não fazes idéia de como é mimoso; ela mesma costurou e bordou tudo, forrou e enfeitou o berço com rendas e fitas.

— Sim, eu sei que ela está muito contente. Aliás, é muito natural...

— Sim, evidentemente... — disse Rosa, com um leve suspiro.

Depois do almôço, Torkild propôs um passeio pelo mato, pois agora fazia muito calor. Debaixo das árvores, o ar estava

fresco; por quase tôda a parte, no solo muito úmido, o musgo se arredondava em espêssas camadas de um verde delicado, rompidas por tufos de murta de folhagem cinza-claro. Quando, por fim, descobriram um lugar bastante sêco para poderem estender-se na colcha que Torkild levara, estavam na orla do arvoredo, numa pequena colina arenosa e sêca, totalmente revestida de perfumadas flôres amarelas.

Aos seus pés, estendiam-se campos verdes e terras de pasto, às quais a grande quantidade de ervas em flor imprimia uma tonalidade rosada. Aqui e ali, casinhas cinzentas ou vermelhas. Em tôrno de tudo, interrompendo a vista, a muralha baixa e sombria do arvoredo. Leves nuvens de verão flutuavam no límpido céu azul-claro.

Rosa estendeu-se na colcha e, cansada, fechou os olhos. Torkild tirou o blusão e, à maneira de travesseiro, introduziu-o sob a cabeça dela. Rosa entreabriu as pálpebras e olhou-o: em mangas de camisa, Torkild fumava; e ela disse, com uma ponta de despeito:

— Tu já engordaste, Torkild. Ah, tu levas boa vida.

Bateu o pé, com impaciência.

— Ai, quando olho as nuvens, lá em casa, e o arvoredo, fico ansiosa pelas férias.

Torkild lembrou-se então de que ela não descansara no ano precedente, porque era o seu primeiro verão no nôvo emprêgo. Perguntou que período de férias teria neste ano.

— Quinze dias... — respondeu, com um suspiro. — Lá nunca dão mais que isso.

— E quando pretendes tirá-las?

— Em agôsto... não antes.

— E onde pensas gozá-las?

— Em uma pensão, nalgum lugar. Sou obrigada. Queria muito fazer uma viagem a pé, mas não achei ninguém para me acompanhar. Queria ir para as montanhas, tu compreendes.

— Se pudesses tirar as tuas férias em fim de agôsto, quem sabe... — Torkild refletiu um instante. — E se Dóris também quisesse vir... Lorentz e eu alugamos uma pequena cabana nas montanhas, para o outono... Queremos caçar perdizes brancas. Fica do lado do vale de Fol... De qualquer forma, seria mais agradável para ti do que uma pensão...

Rosa encarou-o. A voz e os gestos de Torkild não denunciavam nada mais que uma solicitude absolutamente fra-

ternal. Hoje, aliás, não havia em tôda a sua atitude senão uma amizade de irmão e de companheiro. Tinha uma aparência de perfeita satisfação; era sua vez de mostrar-se alegre, de conversar; de qualquer forma, engordara mesmo um pouco. Não restava mais nada do apaixonado tolhido e todo suspiros. E Rosa, a despeito de suas idéias bem assentadas, sentiu-se levemente despeitada.

Fôra visitá-lo duas vêzes em Fensal, no inverno, e êle não se portara assim, de modo algum. Teria sido ùnicamente porque se sentira só, sem lar e descontente por viver numa água-furtada, que a perseguira com seu desconsolado amor? Aliás, não estava instalado com comodidade, em Fensal, onde fôra pensionista de um engenheiro da fábrica, chamado Lied. Lembrava-se do quarto de Torkild: os móveis forrados de moqueta, a um canto uma cama escamoteável, nas paredes más reproduções de Böcklin com molduras no estilo de Munich... O apartamento do engenheiro estava, aliás, cheio de móveis forrados de pelúcia e de molduras do mesmo estilo... Brinquedos espalhavam-se por tôda a parte; havia três belas crianças, grandes amiguinhos de Torkild, a quem chamavam "Tio!" O engenheiro era simpático, mas Rosa não gostava de sua espôsa; esta se jactava de possuir dotes literários e de vez em quando conseguia encaixar um artigo nalgum jornal feminista ou em fôlhas de segunda ordem; Rosa tinha certeza, sem saber entretanto a razão, que a Sra. Lied procurava atrair seu pensionista, o que não devia ser muito agradável para êste... embora ela nunca tivesse notado que Torkild achasse incômodo o assédio de Isabel.

Furiosa contra si mesma, e um pouco também contra êle, disse de repente, rindo:

— É verdade o que diz a Srta. Podersen, que vocês, os homens, não passam de uns animais? Se têm um quarto confortável e se a dona da casa os empanturra com coisas boas, não desejam nada mais no mundo?

Torkild sorriu, com ar malicioso:

— Confessa que comer bem é alguma coisa!

Rosa suspirou, com uma expressão de desgôsto, ao responder:

— Confesso de boa vontade que o que a gente come nem sempre é bom. Puxa! Estou tão enjoada de comida de pensão...

— Coitadinha! — disse Torkild, com voz grave e terna.

Rosa detestou-se por se ter sentido contrariada com êsse tom puramente fraternal.

— Rosa... Temos de descobrir um meio de te arranjar umas boas férias... nesses pobres quinze dias de que dispões em dois anos...

Pegou-lhe na mão e a beijou... sem pedir permissão. Ela compreendeu perfeitamente por quê: não era ela que concedia um favor. Torkild dava-lhe êste pequenino sinal de afeição porque tinha pena dela e porque não sabia que fazer para ajudá-la.

— E não pretendes ir visitar Dóris lá em casa, êste ano? — perguntou Torkild.

— Não, para falar a verdade, isso não me interessa, pois não estarás lá...

Corou de confusão ao dizê-lo... Então era exato que procurava levá-lo a retomar o antigo papel?

Mas Torkild se limitou a dizer:

— Sim, eu compreendo, agora, lá em casa, é calmo demais. Mas Rosa, quem sabe seria possível ires conosco, no outono, para as montanhas? Ainda não fui até lá, mas parece que o lugar é lindíssimo; há um lago, grande, logo abaixo da cabana. A gente poderia ir pescar de barco e, se tu e Dóris quisessem fazer pequenas ascensões, seria fácil subir de lá até os Rondanes... poderíamos passar as noites fora e fazer café esperando o nascimento do sol... Seria como antigamente, lá em casa...

Rosa ouvia-o falar com humildade e reconhecimento pela sua boa vontade. Sem dúvida, não viria: a sua presença estragaria tôda a festa de Torkild e Helsing... Mas deixou-o descrever a vida nos montes e expor-lhe seus projetos para melhorar a existência dela: haviam de lhe arranjar um emprêgo mais agradável, uma família com quem pudesse morar e fazer as refeições, em vez de viver numa pensão qualquer... de preferência devia estar localizada um pouco para fora da cidade, para o lado de Vinderen ou de Slemdal, por exemplo. E, no inverno, fariam juntos excursões de esqui...

— Torkild, tu és a bondade em pessoa — disse, finalmente.

— Qual nada! Sou um sibarita impenitente que se sente feliz de ser bem alimentado pela Sra. Stranden — disse êle,

rindo-se. — E o que é preciso é descobrir uma Sra. Stranden para ti, minha filha...

O jantar foi copioso: sopa de ervilha fresca, vitela assada com nata, e, como sobremesa, morangos à vontade. Rosa confessou espontâneamente que, havia anos, não comia tão bem. Rindo, acrescentou:

— Na realidade, nunca comi tão bem. É verdade: nunca tive boa mesa. A boa mesa não era a especialidade de mamãe. E, desde que ela faleceu, sempre morei como pensionista na casa dos outros... Ao passo que aqui... deve ser em todos os pontos semelhante à cozinha da "Tia Maria".

Torkild esboçou um sorriso. Não queria deixar transparecer, mas estava comovido com o que ela dizia. Não é que fôsse terrível o fato de Rosa nunca ter comido bem. Mas isso lhe mostrava de maneira palpável quanto ela estava só. Depois da morte da mãe, ninguém a convidara a participar de uma mesa de família; tivera de se contentar em sentar-se onde todos podiam fazê-lo, com a condição de pagar. A sua vida, repartida entre o escritório e a pensão, decorria no meio de estranhos. Não tinha amigos; era-lhe difícil fazer relações. Quando Rosa se encontrara na cabana com suas companheiras e os amigos destas, êle notara a sua quase impossibilidade de ligar-se com esta espécie de gente, que constitui o único recurso das jovens sòzinhas que moram em pensão. Rosa não era nem melindrosa nem severa em seus julgamentos, mas simplesmente nada tinha em comum com as outras. E isso êle achara ótimo: Rosa ficava assim reduzida a tê-lo por única companhia. Nunca sequer vislumbrara que era lamentável, para ela, passar a juventude na solidão mais triste de tôdas: aquela em que jamais se está só consigo mesmo. Durante o trabalho, como durante as refeições, Rosa era cercada por estranhos; quanto às horas de lazer, tinha a opção de ficar na "sala", com desconhecidos, ou no quarto, que tinha vista para um pátio negro, ou então ir passear sòzinha naquela cidade onde não conhecia ninguém. Mas, quanto a passear pelos arredores de uma cidade grande, nem isso uma môça podia fazê-lo desacompanhada.

Sim, na realidade, nunca tomara conhecimento da existência de Rosa tal como era de fato. Êle, que era o seu único amigo, perseguira-a com um mal-aventurado amor. E, dos dois, sentira-se o mais só. Certamente, êle era só; certamente, Rosa

era a única pessoa do mundo com a qual se achava em comunhão. Mas isso não o impedira de ter amizades de tôdas as espécies, amizades efêmeras, mas relativamente agradáveis, em suma. Uma parte do seu ser pertencia ùnicamente a Rosa. Entretanto, nêle havia ainda outra coisa: a sua amizade sem efusões, mas profunda e sincera, e cujo valor sabia avaliar, por Lund e sobretudo por Helsing. Afeiçoara-se a Isabel, o que nunca considerara, apesar das conversas livres, das carícias e dos beijos que tinham trocado, como uma infidelidade para com Rosa, a sua Rosa ternamente amada. E no entanto... um pouco mais e ter-se-ia deixado levar até o irremediável!

A Sra. Stranden serviu o café na varanda. Torkild estava sentado na balaustrada e olhava o jardim através da folhagem das roseiras enlaçadas no madeiramento.

— Não é sempre que faz um dia lindo como hoje — disse êle de repente, em voz baixa. — É a estação mais bonita... Quando vieres visitar-me, há de estar fazendo um tempo assim.

Ela enrubesceu. Torkild, porém, interpretou-o como se Rosa temesse vê-lo encaminhar-se para um assunto mais delicado. Levantou-se e foi sentar-se ao piano.

Executava músicas da Sra. Wegner, cujos cadernos Rosa, que não tocava bem, lhe havia dado.

Ela permaneceu na varanda. Entre as flôres, as abelhas zumbiam a sua monótona canção, e o ar estava carregado de cálidos fluidos perfumados. Olhos semicerrados, Rosa escutava aquelas árias que Torkild tocava, cantando, e que lhe haviam embalado a infância e os primeiros anos de adolescência.

Num dado momento, Torkild apareceu à porta. Ficou parado um instante, olhando o jardim.

— Rosa... Sempre achei que havia, aqui, alguma coisa que lembrava tua mãe. Não sei de onde vem isso, mas, em qualquer lugar onde sinto esta graça, esta harmonia de um interior simples e modesto, penso nela. E, resumindo, foi ùnicamente na casa dela que conheci tudo isto, até que descobri aqui êste pequeno *home*. Tu também não achas que aqui há algo que lembra o teu lar?

— Sim — disse Rosa, em voz baixa — Quero dizer que aqui é verdadeiramente um *home*. Eu nunca conheci outro além do de mamãe.

Durante um momento, ficou calada. Depois disse:

— Lembro-me da grande freqüência com que me cansava... daquele sossêgo dentro de casa, apesar da graça e da harmonia que constituíam o seu encanto. Eu, por mim, achava que aquela harmonia, que resultava da ausência de tudo o que teria podido perturbá-la, não era uma vantagem tão grande assim. Eu tinha pressa, ao contrário, de conhecer e compreender tudo o que mamãe afastava da nossa vida... Estava impaciente por me atirar de corpo e alma a um trabalho que me absorvesse e exigisse de mim um esfôrço de todos os instantes, e graças ao qual me tornasse uma mulher muito capaz. E ansiava por conviver com tôda essa gente comum, vulgar mesmo, com quem minha mãe não queria relações: eu imaginava que ia achar entre êles coisas extraordinárias e um elevado valor moral. Desejava aprender a amá-los, a servi-los, a ajudá-los, a merecer a sua afeição. Pois tentei isso, depois, mas é inútil. Amo o próximo, todo o mundo é bom comigo, nunca me desentendo com ninguém, mas simplesmente tenho a impressão de que êles sempre estão dizendo lá consigo: "Até aqui, sim, mas não mais longe". O mais grave é que eu própria sinto exatamente a mesma coisa: desejo conhecê-los até êsse ponto, mas não além...

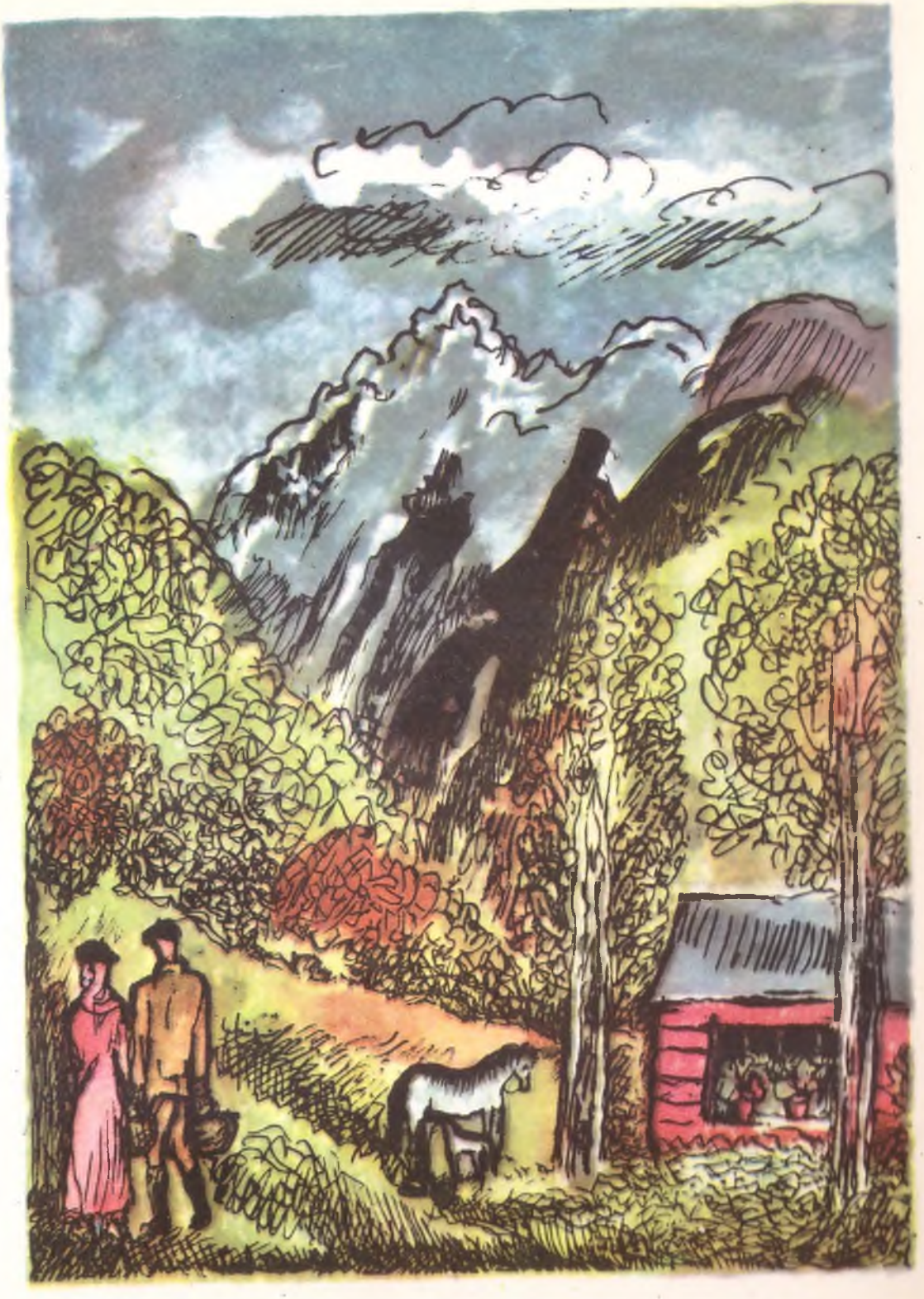
Torkild foi sentar-se novamente em cima da balaustrada. Pegou na mão de Rosa, colocou-a sôbre o seu joelho e pôs-se a afagá-la docemente, com dois dedos. De repente, colheu uma rosa dos ramos que se erguiam atrás dêle, introduziu-a debaixo dos dedos de Rosa, fechando-lhe em seguida a mão sôbre a flor. Ela não fêz gesto algum nem o olhou, durante êsses movimentos. Torkild colheu outra rosa, e mais uma, e jogou-as no regaço dela.

— Por que fizeste isto? — perguntou Rosa finalmente, num sussurro.

— Por quê?... Ah... — E jogou-lhe ainda uma flor. — São os votos que eu faço por ti, Rosa. Quero que obtenhas tudo o que desejas.

— Torkild... tu sabes que eu desejo que tudo o que se passou não recomece.

— Eu sei. Tu me disseste que querias algo de absolutamente nôvo na tua vida. Algo que te empolgue e te leve a esquecer tudo o que se foi. Tudo e todos.



— E me desejas isso? Tu?

— Sim, eu desejo. Porque é preciso, para te dar calma e sossêgo.

Rosa ficou um momento calada, depois disse, em voz baixa:

— E tu?

— Eu? Eu recebi meu quinhão... e não desejaria não o ter recebido... não desejaria, por nenhum preço, apagar essa lembrança... Talvez não me seja permitido esperar mais que isso... *I've had my time and nothing can take away the taste of it...*

— Torkild — disse Rosa, com a voz sumida — tu és mais resignado do que eu nunca serei, ou então és mais altivo do que posso compreender...

— Talvez venhas conhecer alguém que te ensine a compreender isso — disse êle, igualmente baixo.

Rosa ficou um momento em silêncio.

— Toca mais — pediu, de repente... — Aquelas velhas árias de mamãe... faze o favor...

À noite, quando ela se dirigiu para a estação, levava um grande feixe de rosas, de peônias e lírios. Torkild carregava uma cesta cheia de morangos e cerejas.

— Vou acompanhar-te até a tua casa por causa da bagagem. Volto por um trem que passa pouco depois da meia-noite.

Não conversaram muito, quer durante o trajeto que fizeram sòzinhos num compartimento mal iluminado, quer depois, na noite clara de verão, enquanto atravessavam a cidade para a pensão de Rosa. Na escada, onde o calor era opressivo, e enquanto Rosa abria a porta, Torkild lhe recordou seus planos de férias:

— Pensa nisso, Rosa. E muito obrigado por teres ido visitar-me. Não desejarias voltar lá?

— Sim, Torkild, com muito prazer. Obrigada.

— Então, boa noite, dorme bem!

Deu-lhe um demorado apêrto de mão.

No seu quarto, Rosa dispôs as flôres em jarras. Não as tinha em número suficiente e teve de colocar a sobra na jarra de água de beber.

Enquanto escovava os cabelos, diante de um espelhinho suspenso acima do lavatório, mirou-se longamente.

Até agora, jamais compreendera o que aquêle jovem era para ela. O amor que êle lhe dedicava parecera-lhe uma coisa natural, uma coisa devida, e nunca procurara definir o que representava para ela. Sabia-o agora. Torkild não era aquêle a quem esperava; não obstante, sabia que nunca poderia apagá-lo de seu coração sem sentir-se magoada. E sabia que também não poderia privar-se do seu amor.

XI

Rosa passeava pelo molhe acostável da doca; afastou-se um pouco para dar lugar à multidão que passava cheia de pressa, agasalhos e bagagens. Dois vapôres de cabotagem iam partir; era a antevéspera do Natal, e os viajantes afluíam em grande número. As malas de camarote, caixas e fardos que eram trazidos pelo molhe batiam nas pranchas com um ruído surdo: ouviam-se gritos e apelos, no meio das idas e vindas dos carregadores; enquadrando todos êsses ruídos, havia o das águas debaixo das hélices e as pancadas das máquinas trabalhando a tôda a pressão.

No cais pavimentado do interior do pôrto, veículos avançavam aos solavancos e com grande estrépito. De vez em quando, um estridente apito de locomotiva ou de navio cortava brutalmente o tumulto. Em conseqüência do gêlo sem neve, todos os sons eram secos e nítidos.

Rosa foi até a extremidade do molhe. O atrito dos pedaços de gêlo entre si, na água cinzenta e fria, produzia um som calmo e sedativo. Acompanhou com o olhar um vapor prêto, cheio de passageiros, que passava através do arquipélago sombrio, em cujas águas côr de chumbo o sol baixo e fôsco lançava uma rutilante esteira de cobre. O céu estava cinzento, denso... No ar havia uma promessa de neve...

Atrás do pôrto e dos terrenos negros de picumã da estrada de ferro, levantava-se o morro de Ekeberg, sombrio e pesado, apesar de uma leve camada de escarcha nos arbustos desfolhados e nos declives nus. As tintas vivas das casinhas

de madeira, que se agarravam à escosta, pareciam ter perdido todo o brilho sob o efeito do frio.

Um nevoeiro saturado de fumaça envolvia a cidade. No pôrto as luzes estavam acesas; contra o céu de chumbo erguiam-se brancas lâmpadas de arco; nos armazéns eram as luzinhas vermelhas; e, nos enormes painéis de vidro da estação, grandes manchas de luz amarela e imóvel pareciam filtrar-se através de papel engordurado.

Rosa tinha a impressão de que suas faces estavam roxas de frio. Seu costume prêto era, realmente, de meia estação; êste ano, não tivera com que comprar um mantô de inverno; as férias haviam-lhe consumido tôdas as economias. Enfiava uma blusa de lã sob o casaquinho e bastava; felizmente, como emagrecera, êste recurso se tornava possível. Mas, parada assim, na ponta do molhe, ficou gelada; teve um calafrio e pôs-se a andar. Tiritando, sentiu a nudez de seu corpo debaixo da roupa... e, sem saber como, teve a sensação muito clara da pobreza e do isolamento daquele pequeno corpo nu, pálido e frágil, que escondia sob um envoltório negro. Êsse corpo era delgado e bonito, mas ninguém, a não ser ela própria, jamais o vira; nenhuma mão quente e amorosa o acariciara. Talvez viesse a esmaecer, definhar-se, emurchecer, com os anos que se iriam passando, sem que ninguém o visse nem tocasse. A cada calafrio, sua pele se arrepiava tôda... e experimentou uma violenta necessidade de sentir contra sua carne o contato quente de outra carne.

Esta sensação de frio, na qualidade de solidão totalmente física, não a deixou enquanto se afastava do molhe e perambulava pelo cais. Via-se literalmente nua, debaixo de vestes invisíveis. Parecia-lhe que estava nadando sem rumor, e sem que ninguém pudesse vê-la, no fundo de um mar de nevoeiro misturado com fumaça. Que lhe importava todo êsse vaivém de gente atarefada? E tôdas aquelas pessoas, nenhuma das quais lhe era conhecida? Êsses também escondiam, debaixo da roupa, um corpo nu, êsses também tinham um "eu" que para ela era invisível. Êste pensamento parecia-lhe justificar o seu desejo de solidão. Tentara, lealmente e com a melhor disposição do mundo, fazer relações, mas não o conseguira. Agora, quando descobria que tôdas essas criaturas, além do que via delas, tinham um corpo, uma individualidade, sentia-se justificada por ter tido aquela repulsa a quase tôdas as pessoas

com quem topara... "Tenho todo o direito de evitá-las e de exigir delas que não se dispam diante de mim..."

Freqüentemente passeava no cais, à hora em que o sol se põe e em que se acendem tôdas as luzes da cidade laboriosa. Com um toque de enternecimento e orgulho, lembrava-se de todos os seus passeios solitários: bairros perdidos e decadentes nos confins urbanos, de onde dominava o oceano de telhados que abrigavam famílias desconhecidas, ruazinhas tortuosas cortando o miserável casario de madeira onde moravam pessoas que ela não conhecia. "Sou excluída das alegrias dos outros", dizia consigo... "Os outros, êsses possuem alguém a quem amam, ou com quem privam, ou de quem falam mal, ou com quem fazem o mal, dançam, saem à rua. Quanto a mim, tenho pequenas alegrias diferentes, só minhas, e protejo-as com estas mãos, como se fôssem cálidos passarinhos."

Pensava no quartinho que ocupava, desde o outono. Era no alto da Rua Teresa, e sua janela deitava para um jardim onde havia uma velha casa amarela, de madeira: um asilo de de velhice.

No mês de outubro, quando se mudara para êste quarto, só vira as copas ruivas das árvores diante de sua janela. Sentira um júbilo no coração porque, durante mais de um ano, ocupara um quarto que dava para um pátio exíguo, e sombrio como um poço. Travara relações com as velhas do asilo, especialmente com uma delas, que se chamava Nora. Eis como acontecera: um dia, Rosa deixara cair pela janela um trabalho de agulha; Nora, que estava no jardim, apanhara-o e, quando Rosa fôra buscá-lo, haviam conversado. A velha era oriunda de Eidsberg, mas viera muito môça para Cristiânia, como amasêca na família de um pastor. Com dezenove anos, tendo levantado uma carga demasiado pesada, tivera de ir tratar-se no hospital e, em seguida, durante quarenta dias, vivera à custa da assistência social, ora num, ora noutro abrigo. Depois, durante alguns anos, morara, com quinze coroas mensais, em pequenas trapeiras, nos subúrbios da cidade. Só Deus sabia como! Passara fome, sentira frio, mas parecia que então se sentira feliz. Por fim, haviam-na alojado neste asilo. Aqui, nada lhe agradava. Tinha saudades da água-furtada, onde podia arranjar sua modesta casa como bem quisesse. Rosa a compreendia perfeitamente. Os antigos patrões de Nora nunca se

haviam preocupado com ela. Um dos filhos era hoje ministro de Estado, e Rosa, julgando interessá-la, tentara contar-lhe a carreira dêste homem. Em vão: para a velha ama, continuava sendo o menino que ela conhecera: "Ah, sim, Eduardo era um desgôsto, urinava na cama tôdas as noites, sabe? E já era crescido, tinha quase onze anos!" Agora, cada vez que Rosa via os comentários dos jornais sôbre o último discurso do ministro, não podia deixar de sorrir.

Comprara uma camiseta de lã para oferecer a Nora, na noite de Natal, e encomendara um bôlo para tôdas as velhinhas.

E o Natal dela, Rosa? No seu quarto, tinha um pinheirinho enfeitado com velas que acenderia de tarde, antes de ir jantar em casa do tio, ou então de noite, ao voltar. Seria a sua verdadeira noite de Natal. Recebera pelo correio um presente de suas tias da Dinamarca, do lado materno, as quais lhe permaneciam fiéis, embora só a tivessem visto quando criança, e lhe enviavam uma lembrança duas vêzes por ano: no Natal e no seu aniversário; colocara os presentinhos debaixo dos ramos do pinheiro. Congratulava-se por ter-lhes remetido um pacotinho com bordados... e por haver descoberto êstes velhos candelabros de bronze para oferecer a Torkild.

Ah, sim, Torkild, disse consigo. Era com êle que devia encontrar-se dentro de vinte minutos: prometera ajudá-lo na compra de presentes para as meninas dos Lieds, em cuja casa ia passar a noite de Natal.

Irritava-se com ela mesma por não aceitar a mudança que se operara em Torkild, a seu respeito. Era o companheiro mais solícito, o cavalheiro mais perfeito, o mais fiel amigo... e jamais se dizia apaixonado por ela. Dantes, quando Torkild não podia deixar de falar nisso, ela se convencera de que o lamentava e de que sentia vergonha de aceitar tôdas as suas bondades, inspiradas num sentimento ao qual não podia corresponder. Pobre dela, que agora se sentia muito mais humilhada ao descobrir que tais atenções eram ditadas por um sentimento de caridade fraternal.

Mas não; também não era por aceitar essa piedade que se sentia descontente cada vez que se via junto de Torkild. Na realidade, a situação de outrora, dramática e teatral, à feição de seus desejos, muito a lisonjeara: ela marchando só, os olhos postos no futuro, chamando com impaciência aquê-

le que devia vir trazer-lhe a felicidade... e, atrás dela, prêso aos seus passos, êsse jovem cujo coração transbordava de amor e desejo dela; dela que teria podido fazê-lo feliz, mas que nada queria conceder-lhe. Fôra, para êle, a mulher fatal.

O fim dêsse drama se desenrolara naquela noite de outono, no outeiro de São João, onde tinham trocado um beijo de adeus com uma solenidade que, de modo algum, era justificada por ter êle obtido um emprêgo à distância de quarenta e cinco minutos de trem. Depois, fôra aquêle dia do último verão em que fôra visitá-lo, quando se haviam sentado ao sol, na varanda, entre as flôres, e quando êle lhe introduzira uma rosa na mão dizendo-lhe, com uma voz tão doce e tão firme, que lhe desejava tôda a felicidade do mundo... essa grande felicidade graças à qual ela o esqueceria. Sim, tudo isso não tinha mais, para ela, o mesmo sentido profundo, desde que Isabel lhe confidenciara, havia alguns meses, que fôra noiva de Torkild dois anos antes, durante quatro ou cinco semanas.

Rosa sorriu com despeito: que lhe importava isso! Pelo contrário, deveria ter-se sentido feliz se Torkild fôsse noivo ou mesmo casasse com outra môça, se aí pudesse achar a felicidade. Mas o certo era que não se sentia feliz com tal idéia. Ambicionava continuar seu papel de mulher fatal em relação com Torkild, até o momento em que ela própria encontrasse o seu destino. Sentira-se profundamente humilhada ao saber que êle pudera, diante de uma oportunidade, introduzir outra mulher em sua vida. Sabia hoje que uma mulher, se nada concede, nem para o bem nem para o mal, àquele que a adora, não pode pretender continuar sendo sempre a única. Pouco lhe faltava, agora, para lamentar haver-se esforçado por permanecer leal e honesta com êle, e não ter usado de coquetismo ou de outras armas femininas para cativá-lo definitivamente.

Além disso, havia outra coisa: por mais que fizesse, não podia impedir seu pensamento de perder-se na exploração do passado de Torkild. Sabia que na adolescência dêle havia coisas equívocas; êle próprio lhe confessara, e ela respondera à confidência beijando-o. Naquela ocasião, não alcançara bem o que Torkild confessara, não se sentira escandalizada sequer um minuto, o seu pensamento só se fixara na angústia dêle. Mas hoje... Tôdas as coisas abjetas sôbre as quais não desejava ser informada, mas das quais não podia deixar de

ouvir falar no escritório e na pensão, assaltavam-na, por mais que procurasse bani-las do espírito. Perguntava a si mesma, de mau grado: Torkild será também assim?

Envergonhava-se de si própria, e por isso já não se alegrava na companhia de Torkild.

Quando chegou à estação, o trem já tinha encostado e Torkild estava esperando por ela.

— Boa noite, Rosa. É muita gentileza de tua parte ajudar-me a fazer essas compras. Sou tão estúpido para escolher presentes! A minha dúvida maior é quanto ao que vou oferecer à Sra. Lied... Pensava numa fivela de cinto... Que achas?

— Seria ótimo — respondeu Rosa.

— Além disso, talvez deva mandar flôres?

— Não, eu acho que uma ou outra coisa bastará. Mas eu tenho de encomendar flôres para tia Marga.

— Ah sim, vais à casa do pastor Wegner, amanhã de noite?

— Infelizmente! — disse Rosa, suspirando.

Seu tio paterno fôra pastor em Drontheim, durante muitos anos, mas, desde o outono, estava em Cristiânia.

— Tenho portanto de oferecer presentes a tôda a família. E isso não agrada nem a mim nem à minha bôlsa.

— Ora! Não precisas dar a êles mais que umas bagatelas.

— Não quero assim. Convidaram-me sem dúvida para fazer um favor a "essa pobre Rosa". Mas de minha parte não quero o papel de parenta pobre. Portanto, comprei para as primas uns lencinhos de renda que me custaram tanto como um par de botinhas.

— Escuta, Rosa. Decerto êles te convidaram com boa intenção.

— Claro. Mas eu fico terrìvelmente vexada ao sentir quanto se condoem de mim porque não tenho tudo o que elas têm. Refiro-me às primas. Elas têm pena de mim porque sou obrigada a trabalhar num escritório e porque não "passeio", porque não faço parte do seu meio, da sua vida, porque os seus amigos não me namoram e porque as suas amigas não me convidam para os bailes que dão, nem as senhoras elegantes para festas beneficentes, etc. E eu, no entanto, não acho nada mais horrível do que a existência de minhas primas...

— Sim, sim. Sou da tua opinião... mas tenho certeza de que só te querem bem.

— Sim, sim, sim. Além disso, não me acham bastante dócil. "És arrogante, exatamente como tua mãe", diz minha tia. "E é uma grande tolice de tua parte, minha filha..." Garanto-te que essa gente acha um despropósito inadmissível que môça pobre tenha opinião. Sei, pois, que ficarão escandalizados com êsses lenços de luxo. Mas tenho o direito de me permitir arrogância com pessoas dessa espécie.

"Não é agradável, aliás", acrescentou melancòlicamente, "festejar a noite de Natal em semelhante estado de espírito. É aborrecido e triste. Ah, Torkild!

"A família com quem moro (o marido é cobrador de ônibus) me convidou, em primeiro lugar, para passar a noite de amanhã com êles. Também procederam assim porque tinham pena de mim. Entretanto, não é a mesma coisa. Êles não teriam podido jantar alegremente, nem dançar com prazer à roda do pinheiro sabendo-me absolutamente sòzinha no meu quarto, nessa noite. Isso não impede que se sintam mais à vontade sem a minha presença, e que se convençam de que é muito mais divertido para mim ir à casa de meu tio, uma residência elegante na rua não-sei-quê. Mas garanto-te que fiquei contente e comovida quando a Sra. Hansen me convidou. E pensei, alegre, nos presentes que podia oferecer às crianças, brinquedos que eu sabia que elas cobiçavam."

— Êles não são agradáveis, os donos da casa onde moras agora?

— Muito agradáveis. Acontece apenas que, com as pessoas do povo, eu me sinto sempre muito tímida. Mas fico inteiramente à vontade com as crianças. Quando a Sra. Hansen não está, eu é que me encarrego delas. Temos uma casa grande de bonecas, as crianças e eu, e brincamos com ela; ensino-as a fazer mòveizinhos bonitos com caixas de fósforos e papelão, como Dóris e eu fazíamos, lembras-te? E no meu quarto recortamos papel, colocamos, colamos e costuramos. Acho que me divirto ainda mais que os pequenos. Queria, por isso, comprar para amanhã tôdas as espécies de coisas para a casa de boneca, xícaras, um lustre, castiçais, uma gaiolinha, um piano, vasos de flôres, um ferro de passar roupa, e não sei que mais! Mas agora ficarei privada do prazer de ver

Inga, Gyda e Helena abrirem os pacotes e porem tudo no lugar.

Entraram na Rua Grande. A cada instante, Rosa parava diante de uma vitrina.

— Parece-me que a gente não pode deixar de vir fazer as compras de Natal na Rua Grande. Quando eu era criança, sempre vinha aqui com mamãe. Principalmente, é claro, porque tudo aqui era mais barato... pelo menos ela assim achava. Mas dizia que era porque aqui havia a verdadeira atmosfera do Natal. As casinhas velhas lembravam-lhe Nyborg, sua cidade natal, assim como as lojas de teto baixo, pequenas, com uma escada que descia para a parte dos fundos. Espiávamos os velhos pátios internos, cercados pelas varandas superpostas, e mil recantos sombrios. Isto sempre me levava a pensar nos contos de Asbjörnsen.[1] Não achas curioso que minha mãe, uma estranha aqui, estivesse mais familiarizada com Cristiânia do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse? No bairro situado em redor da Fortaleza, ela sabia quem mandara construir aquelas casas antigas, quem morara nelas, e tôda a sua história.

"Tenho a impressão de que sempre estava nevando quando mamãe e eu fazíamos as compras de Natal na Rua Grande.

"Os flocos redemoinhavam diante das vitrinas iluminadas e, perto da igreja, as tendas dos bazares pareciam pretas. A própria igreja, como as casas ali são tão baixas, parecia altíssima, com o relógio luminoso muito acima da cabeça da gente. Sim, era mesmo lindo e havia também, em tudo isso, uma atmosfera de Natal."

Torkild se voltou e olhou para trás. Nunca prestara atenção ao cenário, antes daquela noite: a igreja, erguendo-se majestosa e sólida acima dos telhados baixos, com seu relógio iluminado contra o céu, era belíssima.

— Olha a neve! — exclamou, jubiloso.

Mostrou a Rosa o primeiro floco na manga do sobretudo.

É mesmo! Tomara que venha! — Rosa estendeu o regalo de peles para apanhar as minúsculas estrêlas brancas que desciam lentamente e a longos intervalos.

---

[1] Eminente folclorista norueguês (1812-1885).

Era magnífico: quando saíam de uma dessas lojinhas ligadas com a traseira da casa por alguns degraus, espêssas e alvas nuvens de flocos rodopiavam sob os raios luminosos das vitrinas e dos lampiões da rua. O calçamento já estava polvilhado por uma tênue camada branca que escondia as pedras empoeiradas e sujas.

A neve caía forte, enquanto subiam para a cidade. O ruído dos veículos nas ruas geladas, reduzido a um rodar macio, combinava perfeitamente com a acelerada animação dos dias festivos. Os feixes de luz das vitrinas já não cortavam brutalmente, como barras de ferro, o nevoeiro glacial e penetrante; envolviam suavemente a massa de partículas, que, ao turbilhonar, lembrava rolos de algodão. Os flocos acariciavam os rostos dos pedestres, branqueavam-lhes as roupas, e era bom respirar o ar puro.

— Como vamos fazer para saber quais são os teus pacotes e quais são os meus? — perguntou Rosa, rindo-se, pois Torkild levava todos êles.

— Temos de abrir e olhar. Senão deixaremos que o acaso decida quais os brinquedos das crianças dos Lieds e quais os das crianças dos Hansens. Resumindo, vamos ver tudo isso tomando chá. Queres ir ao Ingebret? Nunca há ninguém lá...

Desceram a Rua Real e, assim, passaram a cruzar-se com gente coberta de neve e carregada de embrulhos, que voltava para o alto da cidade. As lojas começavam a fechar-se. Era agradável andar a pé, acotovelar-se com tôdas essas pessoas apressadas e afastar-se pouco a pouco do centro, no rumo dos bairros sossegados, onde os estores estavam abaixados diante das janelas iluminadas, e onde era muito reduzido o barulho que vinha perturbar a silenciosa queda da neve.

— Quero apenas chá e pão com manteiga. Sim, bastante chá, e bem quente, vai-me fazer bem.

Rosa tirou o chapéu prêto, de fêltro, e sacudiu a película de neve. Os seus cabelos, na testa, estavam úmidos e levemente encaracolados.

O velho e discreto café, de teto baixo, com vigamento à vista, e paredes pintadas a óleo, estava quase vazio. À um canto, sòzinhos, senhores idosos e calvos, sem dúvida homens de negócio, comiam bacalhau. Rosa e Torkild escolheram o banco de canto, perto da porta.

Rosa passou imediatamente a abrir os pacotes, e em breve o banco e as cadeiras estavam cobertos de caixas de papelão e papel de embrulho.

— Não é lindo? — disse encantada, mostrando todos os utensílios domésticos para as bonecas. — Inga receberá êste serviço dourado de chá. Vai ficar contente, não achas? Eu teria ficado louca de alegria se me tivessem dado êsse presente quando era menina.

Veio o chá e Rosa teve de afastar os brinquedos.

— O Natal sempre é uma bela festa — disse, em voz baixa. — Eu acho lindo. Embora, para mim, não seja Natal.

— Para mim tampouco — disse Torkild. — Vamos, então, tu e eu, começar o Natal juntos um dia dêstes, hem?

Rosa sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Se eu arranjasse um pinheirinho — continuou Torkild — tu o enfeitavas para mim? Lá em casa, quero dizer.

Uma vez mais, ela concordou acenando com a cabeça. Mas Torkild notou que evitava encará-lo.

— Quem sabe preferes não ir lá, Rosa? Preferias que nos encontrássemos noutro lugar?

— Não, não.

— Não sei. Faz algum tempo que ficaste estranha — disse Torkild, em voz baixa.

— Eu? — perguntou ela, num sussurro.

E, depois de um breve momento de hesitação, acrescentou:

— Eu achei... não sabia se... Achei que talvez já não gostasses muito de estar comigo. E então me pareceu que não era delicado de minha parte aceitar tudo o que fazes por mim.

— Não sei como podes pensar uma coisa dessas — disse Torkild em voz muito baixa, mas escandindo as palavras; e seus olhos não deixaram os de Rosa enquanto ela não abaixou os seus.

— Teria sido muito natural que te acabasses cansando de mim — disse ela, a ponto de desfazer-se em lágrimas.

— Rosa — disse Torkild, sempre num murmúrio — se pudeste pensar isso é que nunca entendeste o que te disse tantas vêzes. Nada pode mudar no meu sentimento por ti, Rosa. Há muito tempo que não falo mais nisso porque, sabido o que eras para mim, não queria aborrecer-te... nem passar por mendigo. Pelo contrário, tenho procurado dar-te alguma coisa,

por pouco que seja, em retribuição a tudo o que és, a tudo o que foste e a tudo o que sempre hás de ser para mim...

Rosa, os olhos baixos, não se mexeu.

— Sim, mas Torkild... — sussurrou.

— Que é?

— Não, não é nada. Mas eu pensei, ainda assim, que estivesses farto de mim. Tu compreendes, disseram-me que tinhas estado noivo de Isabel...

— Quem disse isso? — perguntou êle, vivamente.

— A própria Isabel. É verdade?

— Sim, é verdade. — Esboçou um sorriso. — Incrível, essa Isabel! Não achas?

Rosa, confusa, encarou-o:

— Mas tu dizes que... me amaste... sempre... Como é? Não compreendo.

— Sim. Tu não compreendes — disse êle, com a mesma voz baixa e grave.

Rosa ficou na expectativa. Mas Torkild não prosseguiu. O cotovêlo fincado na mesa, e o queixo apoiado na mão, seu olhar se perdia, longe. Em certo momento, um leve, distante sorriso lhe aflorou ao rosto.

— Aliás, Isabel me disse que acreditava que tu não gostavas dela — disse Rosa, embaraçada. — Afirma que tinhas feito isso por despeito.

— Ela está enganada — disse Torkild, tornando a sorrir com o mesmo ar indecifrável. — Eu gostava dela. Mas de outro modo.

— Poderias ainda ficar noivo de outra? — perguntou Rosa. — De quem gostasses... de outro modo?

— Não — respondeu êle com um ar de riso.

Rosa, os olhos abaixados, estava escarlate. Não fêz nenhum esfôrço para desfazer o enrêdo de seus próprios sentimentos. Ignorava o que levava Torkild a sorrir. Mas sabia que, assim como acabava de vê-lo, jamais o vira. Acreditara conhecê-lo em todos os folhos e refolhos da alma... e agora tomava consciência de que se enganara. Torkild crescia aos seus olhos, e ela sentia-se enleada e tímida diante dêle.

Por um segundo o encarou, mas desceu os olhos, tornando a corar. Torkild não desviava os olhos dela e sorria docemente, como um momento antes.

Serviu-lhe mais chá. Comeram e beberam sem nada dizer. Rosa sentia-se pequenina, naquele banco; esta sensação nova e obscura de ser uma coisa pequenina, que levava êste homem a sorrir, punha-lhe o coração a saltar. Suas faces queimavam como fogo; os pés, molhados, pareciam gêlo. Quando, acabado o lanche, Torkild lhe estendeu a cigarreira, ela notou assustada, ao servir-se, que seus dedos tremiam levemente.

De repente, Torkild tirou do bôlso um pacotinho, que lhe apresentou.

— É um presente de Natal para ti. Queres vê-lo agora, ou preferes esperar até amanhã?

Ela apalpou o embrulho e percebeu que continha um estôjo. Disse:

— Prefiro ver agora. Mas estou com tanto mêdo, Torkild, que seja bonito demais para mim.

Desfez o embrulho e abriu um escrínio velho, que encerrava uma jóia antiga, um colar de ouro delicadamente lavrado e ornado com ametistas.

— Ai, Torkild, que loucura me ofereceres uma jóia destas!

— Gostaste?

— Nunca vi um colar tão bonito — disse ela, com doçura.

— Sim, eu também acho muito bonito. Vi-o no verão passado num antiquário, e comprei. Disse, cá para mim, que tinha todo o direito de te oferecer, uma vez, um presente que me parecesse bastante belo para ti.

— Fico-te muito obrigada — murmurou ela.

— Põe no pescoço — pediu Torkild, um instante depois.

— Oh, não hás de querer, Torkild, com esta blusa... Seria uma pena.

Olhou para a blusa desbotada.

— Qual nada! Experimenta, menina.

— Não, prefiro deixar para depois. Vou estreá-lo quando fôr à tua casa festejar o Natal.

Um pouco mais tarde, estavam na rua, diante do café. A nevada cessara. Acima do solo imaculado e das árvores, cujas copas se arredondavam entre as chamas amarelas dos lampiões, o céu parecia negro e sem fundo.

Nem Rosa nem Torkild falavam, mas, em vez de se dirigirem para o alto da cidade, atravessaram devagar a Praça do Banco, e seguiram pela rua sombria e quieta que leva à Fortaleza.

Rosa não pensava em nada. Todo o seu ser palpitava, numa grande expectativa; tinha mêdo, mas estava inundada de esperança. "É Torkild", dizia consigo... "é Torkild mesmo." No entanto, parecia-lhe que êste homem, que caminhava ao seu lado, era um estranho, um desconhecido. Apertava na mão o estôjo do colar; aceitando aquêle presente, parecera-lhe que se abandonara a algo de ignoto e misterioso.

O ruído de seus passos era amortecido pela espêssa camada de neve. Estava escuro ao longo da parede da escola de equitação, e grandes lanços de sombra mediavam entre os círculos luminosos dos lampiões, na rua cheia de neve. No parque, os arbustos cintilavam debaixo de suas alvas peliças.

Quando Torkild parou e inclinou o rosto para o dela, Rosa lhe ofereceu os lábios. Quieta, deixou-se beijar livremente, e, como êle a apertasse contra si, enlaçou-lhe o pescoço com os braços.

— Rosa, é verdade? — cochichou-lhe Torkild no ouvido, e sua voz fêz correr um arrepio ao longo do dorso dela.

Rosa fêz que sim com a cabeça e aproximou seu rosto do de Torkild, para que êste tornasse a beijá-la. Antes que êle o fizesse, pequeninos flocos de neve congelada caíram, da árvore que os abrigava, nas faces de Rosa.

— Tu me amas? — murmurava êle, entre cada beijo. — Tu me amas?

— Sim.

Quisera ter respondido: "Eu te amo", mas não pôde. Dir-se-ia que lhe era impossível articular essa frase, tamanho era o tumulto, a surprêsa de seu coração. Num sôpro de voz, disse:

— És tu mesmo, Torkild? És tu realmente? Parece-me que não és tu. É como se te tivesses transformado num outro...

— Não fui eu que me transformei num outro — respondeu êle, do mesmo modo.

— Tenho a impressão de que nunca te conheci.

— O amor é que tu nunca conheceste.

Ela repetiu em seguida:

— O amor é que eu nunca conheci.

Soava como uma música maravilhosa. Era pois isto, amar. Era isto, o amor. Tomou entre as mãos, num arremêsso, o rosto de Torkild e o contemplou demoradamente. Sim, era êle, o amado; êle era assim. Atraiu para si a cabeça dêle e, desta vez, foi ela quem o beijou, enquanto das árvores da rua tranqüila, êrma, uma poeira branca e fina caía sôbre ambos.

SEGUNDA PARTE

I

Torkild atravessou a sala de jantar, deu bom dia à criada que estava pondo a mesa e parou, por um instante, na sala.

As compridas cortinas brancas da porta envidraçada, que abria para o jardim, se enfunavam levemente, tocadas pela aragem. Um cheiro de tinta fresca flutuava por tôda a casa. O soalho, lustroso e imaculado, brilhava ao sol da manhã e dava à peça, embora os móveis fôssem desirmanados e na maioria antigos, um aspeto de interior recém-instalado.

Êste bom tempo se agüentava assim desde que tinham voltado, oito dias atrás. Que manhãs radiosas!

Achou os cigarros de Rosa na escrivaninha aberta, tirou um e o acendeu. Ali estavam igualmente, ao lado de um tinteiro porta-canetas, antigo, de porcelana, um "livro de contas, da dona da casa", nôvo, e, em moldura, uma fotografia dela quando bebê, sentada no regaço da mãe. Pegou na fotografia e acariciou o rosto com ela. Depois, abaixou-se e pousou os lábios no livro de contas em que sua mulher inscrevera seu nome de casada, *Rosa Christiansen*.

Foi fumar no jardim, à espera dela.

A vila, construída numa pequena elevação do terreno, era, salvo de um lado, circundada por uma mata de abetos. Diante da casa, estendia-se o jardim com uma grande bordadura em tôrno de um espaço coberto de cascalho, que a varanda dominava. No jardim não havia ainda mais que saquinhos de papel, que Rosa enfiara nas plantas tenras, para protegê-las.

Atrás da bordadura, onde se enfileiravam os saquinhos de papel amarelecidos pelo sol, um declive revestido de relva fôfa, com árvores frutíferas novas, descia até o regato, que banhava a parte inferior do terreno. Ali, o regato se alargava em um pequeno lago, que faiscava ao sol; as suas águas tinham inundado o prado da margem, onde cintilavam moitas de vimeiro.

Do outro lado do regato, campos de pasto e lavouras estiravam-se até o horizonte, fechado pela linha sombria do arvoredo que se recortava sôbre o céu claro... Torkild, em pleno sol, contemplava tudo isto. Sentia a sua felicidade como a uma deliciosa lassidão, e absorvia o calor do sol por todos os poros da pele; o ar perfumava a primavera; zumbia uma môsca; aos pés de Torkild, um inseto de crosta preta e brilhante escalava um talo de capim; como tombasse, ficando a debater-se de costas, Torkild, abaixando-se, o endireitou.

Acima de sua cabeça, as nuvenzinhas competiam em brancura com as cerejeiras em flor, pequeninas ainda: suas floridas copas não eram mais volumosas que um ramalhete de noiva.

Alguém caminhava no balcão do primeiro andar. Apareceu Rosa, de anágua e penteador claro; vinha estender toalhas na balaustrada.

— Ainda não estás pronta? — gritou Torkild.

— Quase. Só falta pôr o vestido.

Parou, antes de tornar a entrar pela porta de cortina de xadrez vermelho e branco, e acrescentou:

— Começa a comer, se estiveres com fome. Eu desço em seguida.

— Não, não. Anda, tenho uma coisa bonita para te mostrar.

Um instante depois, de vestido claro de verão, Rosa desceu pela escada da varanda. Enfiou o braço no de Torkild.

— Então, que é que tu querias? É algo de especial?

— Não. — Atraiu-a para si. — Não... nada de especial.

Ela roçou a testa na face do marido e perguntou:

— Que é que há de tão lindo, meu bem?

— Tu.

— Já sei. Mas querias mostrar-me uma coisa?

— E isto então não é lindo?

Encostou a mão numa pequena cerejeira, diante dêles.

— Sim, é lindo — disse Rosa, alegremente. E, libertando-se delicadamente do braço do marido, deu alguns passos até as macieiras. — Elas também não demoram a florescer...

— Como é, gostas da nossa casa? — perguntou êle, talvez pela vigésima vez.

E ela respondeu, voltando para os seus braços:

— Adoro.

De braço dado, entraram para sentar-se à mesa, onde reluzia o serviço de prata e porcelana. Rosa serviu-lhe café de uma cafeteira de cobre.

— Basta, basta para mim.

Torkild pegou-lhe no pulso e a impediu de deitar mais café na xícara.

— É só isso que vais tomar? Que tens, Torkild? Não te sentes bem, hoje?

— Mas claro que sim. — Riu-se. — E agora continua. Eu só queria um pretexto para pegar na tua mão.

— Hum! Ainda não a pegaste bastante? — E riu-se também. — Tens de tomar depressa o teu café, Torkild, senão vais chegar atrasado ao escritório.

— Não mais que todos os dias — respondeu Torkild, tranqüilo, e Rosa sacudiu a cabeça afirmativamente, sorrindo.

Depois, Torkild despediu-se dela, e Rosa, exatamente como fazia tôdas as manhãs, disse que ia acompanhá-lo até um pedaço do caminho. De braço dado, seguiram pelo mato.

Quando Rosa voltou para casa, a criada estava levantando a mesa.

— Escuta, Inês, não é preciso nada do armazém? Acho que temos bastante pão.

Passou em revista os vasos de flôres, nas janelas, depois desceu ao jardim e ergueu os saquinhos de papel, para ver se as mudas estavam crescendo. Atravessou em seguida o relvado para ir à horta. Os canteiros se alinhavam ao sol, bem delimitados e amanhados: na véspera, Torkild virara a terra e limpara os corredores com o ancinho; esta tarde, devia ser feita a semeadura. Pôs-se a arrancar hastes de ruibarbo: teria tempo, antes de ocupar-se com a comida, de cortá-los e limpá-los para fazer doce.

Realmente não era necessário criada, para o trabalho que havia. Torkild, porém, fizera disso questão fechada, primei-

ramente porque achava a casa demasiado grande para ela; tinham sido forçados a alugar a vila por não terem achado nada mais conveniente. E, em segundo lugar, porque não queria que ela ficasse sòzinha, nesta casa isolada, durante todo o tempo de suas ausências. Mas Rosa não tinha muito que fazer, nas longas horas do dia até a volta de Torkild, às quatro e meia.

À meia hora da tarde, quando a criada lhe trouxe o chá, ela já havia limpado um prato de ruibarbo.

Como ficavam feios os dedos, depois!

Para o jantar, havia sopa de ontem e peixe... nada tinha de fazer, portanto, quanto à comida.

Restava-lhe, certamente, muita costura do enxoval... mas suas mãos estavam demasiado ásperas. Durante um instante, procurou um livro nas prateleiras da biblioteca. Não tinha, porém, vontade de ler.

Para falar a verdade, sentia-se fatigada. Sorriu, meio envergonhada. Mas de fato estava sentindo cansaço. Nunca dormira de dia, e sempre considerara isso como uma desprezível fraqueza.

Entretanto, sempre hesitando um pouco, deitou-se, escondeu os pés na saia, ajeitou uma almofada debaixo da cabeça, sorriu duas ou três vêzes com ar misterioso e, um instante depois, adormeceu.

II

Exatamente no momento em que se preparava para sair — já pendurara o casaco de peles perto da estufa para aquecê-lo — a criada entrou com duas caixas grandes de papelão, que um aprendiz da fábrica acabava de trazer.

Rosa colocou as caixas em cima da mesa, ao lado do pinheirinho, ainda não enfeitado. Pôs-se a adivinhar: deviam ser flôres, que Torkild lhe mandava porque era a antevéspera do Natal.

Êle não sabia que inventasse para lhe agradar, e antecipava-se aos seus menores desejos. Parecia só pensar em lhe mostrar — sobretudo naquele momento — quanto a amava.

Na verdade, sempre fôra o mesmo. Se por instantes, no comêço do casamento, houvera incompreensões, isso acontecera sempre por culpa dela. Agora, compreendia-o. Comparado com o amor que êle lhe demonstrava, o dela era superficial e egoísta. Se, depois do casamento, de vez em quando se sentira descontente, via a razão disso nela mesma: os seus sentimentos não eram tão profundos como os do marido. Meu Deus, era apenas isso! Sim, quanto a ela, não era mais que isso. Às vêzes, achava maravilhoso ser amada, acariciada, desejada e admirada como era... e, se por momentos experimentava, de repente, uma espécie de repulsa pelos apaixonados contatos dêle, era porque sabia, no fundo de si mesma, que não tinha por Torkild o amor integral e grande que êste lhe dedicava. Agora, quando a criança que levava no seio reclamava tôda a sua capacidade de amar, compreendia isso. Ah, sim,

agora compreendia também os excessivos melindres de Torkild que, com tanta freqüência, a haviam irritado secretamente: era que, para êle, as relações entre ambos tinham uma importância muito maior do que para ela.

Hoje, quando finalmente sentia todo o seu corpo desabrochando e o coração a transbordar de ternura e amor, compreendia-o e amava-o, a êle pai do nenê que ia nascer dela. Enquanto costurava e Torkild tocava piano ou lia, não se cansava de contemplá-lo, como se o visse pela primeira vez. "O pai do meu filho!" dizia consigo. E não podia deixar de erguer-se, ir até junto dêle e apertar-lhe a cabeça contra o coração.

— Tu és bonito, Torkild, eu gosto tanto de ti.

— Gostas mesmo de mim? — perguntava êle então, num murmúrio, fazendo-a sentar-se nos seus joelhos.

— Gosto, sim. Sabes por que te olho assim? É porque nosso filho é parecido contigo. Quero que tenha a tua bela testa, os teus belos olhos, o teu nariz, a tua bôca e o teu queixo.

Enquanto falava, ia passando um dedo no rosto do marido.

— Êle tem de ser exatamente igual a seu papai...

Torkild a abraçava, acariciando-a, com um sorriso trêmulo de felicidade.

Uma das caixas continha mimosas e lilases. Arranjou-os num vaso largo, de um azul sombrio, em cima da arca. Na outra achou jacintos azuis, brancos e côr-de-rosa, e os dispôs numa jarra de cristal que colocou no centro da mesa. De olhos fechados, ficou um momento inclinada para a jarra, aspirando o penetrante perfume.

O velho relógio da sala de jantar deu três horas. Devia apressar-se, se quisesse estar de volta para o jantar. Para ir a Fensal, tinha de tomar o atalho do mato.

Havia gêlo, sem nevar, como no ano passado, nessa mesma data. Mas como tudo era diferente! Até um dia de frio sêco, como hoje, era belo no campo. Êste sol vermelho, nìtidamente redondo, por cima do mato, êste céu alto e puro que conservava, atrás da leve névoa, um azulado limpo, estas rendas deixadas pela escarcha nos ramos das árvores, nos arbustos e nos talos do capim amarelecido e prêso no gêlo, que cobria o prado inundado ao pé do pomar...

Durante todo o percurso ao longo do regato, Rosa ia pela beira do caminho, onde o gêlo tinha a superfície enrugada. Ao

menor resvalo, sentia mêdo. Mas, quando alcançou a vereda através do mato, a qual cruzava os trilhos e subia pelo flanco dos outeiros, apertou o passo. Começou a sentir-se mais pesada; contudo, isso não a embaraçava. Achava-se, pelo contrário, mais forte e mais robusta, pelo menos agora.

O atalho estava obstruído por fetos emurchecidos e raminhos de framboeseiras. Na próxima primavera, quando tudo começasse a germinar aqui, quando os pequeninos renovos em espiral apontassem debaixo dos fetos ressequidos, ela já não estaria tão forte, sem dúvida. Pensava nesse período com uma timidez estranha e dolorosa, em que havia também algo de altivez e orgulho. E quando as árvores frutíferas do pomar tornassem a florescer... Não tinha nenhuma apreensão, mas apenas uma expectativa impaciente e meio nervosa. Quando se levantasse, depois do parto, e pudesse sair para o ar livre com o carrinho do nenê... e ficar todo o belo verão no jardim cuidando de seu filho... Êste pensamento era como se alguma coisa estalasse nela sob a pressão demasiado violenta de uma infinita, alegre ternura.

Nunca haviam de morar na cidade: jamais, se houvesse um meio de o evitar. Desde que residia aqui, tinha visto as estações sucederem-se, e percebera a beleza de umas e de outras. Até o longo e chuvoso outono lhe parecera cheio de encanto: de manhã, ao levantar-se, vira as gôtas de chuva correndo pelos fios telefônicos e pondo milhares de pérolas luminosas nas fôlhas agulheadas dos abetos que cercavam a casa. Seu filho havia de crescer no campo.

Imaginava, cheia de felicidade, as múltiplas e divertidas ocupações que lhe tomariam os dias. Experimentara uma alegria pueril, no princípio, ao entregar-se à arrumação da casa e ao preparo das refeições, conforme os livros de culinária que consultava tôdas as noites, com grande satisfação de Torkild; mas, com o andar do tempo, isso não mais lhe bastara: não era um verdadeiro trabalho, e parecia-lhe ridículo que a criada e ela, duas mulheres robustas, ficassem da manhã à noite, como tôda ocupação, fazendo comida e limpando a casa para si e para Torkild. Achava que era malbaratar as fôrças de ambas. Tudo seria diferente quando passassem a ocupar-se com uma casa onde crescia uma criança. Sim, mesmo agora, quando tinham resolvido hospedar durante alguns dias uma

menina — que aliás só em parte lhe agradava — os preparativos para o Natal haviam assumido uma importância bem diversa.

A pequena Lill era muito boazinha, mas Rosa não desejava, contudo, que seu filho se lhe assemelhasse. Aliás, não havia perigo algum; os Lieds consideravam os filhos ùnicamente como brinquedos; em certas fases, ocupavam-se com êles excessivamente, depois, quando queriam divertir-se com outra coisa, devolviam-nos aos criados. A Sra. Lied sentira, de repente, uma louca necessidade de ir passar o Natal em Lillehammer. Remetera as filhinhas Ingar e Sonja, com dez e com oito anos, sòzinhas, para a avó das crianças, em Kragerö. Uma Sra. Mörch, que a Sra. Lied mal conhecia, prometera olhar por elas a bordo do navio, e com isso a consciência da Sra. Lied, se assim se podia dizer, descansara. Mas vira-se em grande embaraço por causa da caçula, Lill, que ela absolutamente não queria, era evidente, levar consigo. Ficara encantada quando os Christiansens lhe tinham proposto hospedar a criança durante as festas de Natal.

Em Fensal, a Sra. Lied, em traje esporte, cinzento, corria azafamada de uma peça para outra. Rosa descobriu a pequenina Lill sentada no chão, a um canto da sala, escondida atrás de uma grande poltrona forrada de pelúcia, partindo cigarros de uma marca de luxo — nada menos que uma caixa de cem! Tirou-lhe a caixa das mãos e reparou o desastre, pondo os cigarros quebrados no fundo, os intatos em cima; assim, não haveria ralhos enquanto estivesse ali. Agasalhos, sacos e malas de tôdas as dimensões estavam atirados por tôda a peça.

Uma criada trouxe chá, biscoitos e marmelada de laranja. A Sra. Lied atirou-se, extenuada, numa poltrona.

— Mas tome uma taça de chá, minha querida. Acho você admirável por ter subido até aqui. Evidentemente, se se sente bem, isso só a pode ajudar. Você é realmente favorecida... Quando penso como eu ficava achacada quando estava grávida! Deixe ver...

Rindo-se, pegou no braço de Rosa e fê-la virar-se de perfil:

— Hã, a jovem senhora começa a mostrar a barriga...

Rosa corou, meio chocada, sobretudo.

— Escute, eu só aprontei poucas mudas de roupa. A sua empregada há de ter alguma folga para lavar umas coisas,

não é? E você não trabalhe demais... Mas sirva-se de um biscoito, faça o favor. Ah, fêz tortas de Natal? Disse cinco espécies diferentes? Meu Deus, que coragem. É só no comêço que a gente se dá essa trabalhadeira. Palavra que estou contentíssima por escapar, êste ano, de todos êsses preparativos. Você compreende, as criadas ficando sòzinhas aqui... Mas que é que tens, Lill, para berrar dessa forma?

Lill chorava porque queria levar o vestidinho branco para a casa de tio Torkild. Rosa assistiu a uma discussão, cujo resultado sabia de antemão: mamãe tocou a campainha chamando a criada, e ordenou-lhe que pusesse o vestido branco com as outras coisas.

— Isso não é bonito, Lill, como é que podes ser tão má com tua mamãezinha que vai separar-se de ti vários dias?

Lill consolava-se comendo torrões de açúcar.

— Ah, antes que me esqueça: vou emprestar a você os números de Natal do *Acampamento dos Mudos* e de *O Porvir:* trazem qualquer coisa minha... oh, uns artiguinhos. É quase impossível para mim, com a vida que levo, fazer algo de bom. É por isso, aliás, que reajo: não quero deixar-me absorver demasiado pela casa. Não, Lill, agora chega, já comeste açúcar demais! Quem come açúcar demais fica com os dentes prêtos. Não estás ouvindo? Mamãe disse que não. Pois sim, só mais esta vez. Parece-me que o meu primeiro dever é defender a minha arte...

Rosa folheava as revistas; assumira uma atitude de menina bem educada. Tôdas as vêzes que a Sra. Lied falava de sua "arte", Rosa fazia um tremendo esfôrço para não rir.

— Você compreende, não é? Quando se tem para dizer alguma coisa de realmente importante, que se nos impõe... Estou com um grande romance totalmente na cabeça, o plano prontinho, só me falta escrevê-lo...

Rosa não pôde furtar-se: teve de ouvir de ponta a ponta o enrêdo do romance. Tratava-se de uma pintora casada com um engenheiro que não a amava. Ela queria viver para criar obras de arte e não desejava ter filhos... mas o marido, brutal e burguês, tendo-a embaído com falsos argumentos, a engravidara, e ela, malgrado seu, tivera de dar à luz uma criança; o sentimento materno, desviado, transformara-se nela em um ódio monstruoso à criança, etc. No decorrer da narrativa, o livro trataria de tôdas as principais questões sociais e sexuais.

Rosa arriscou-se, duas ou três vêzes, a falar de seu marido e de seu jantar.

— Tolices tudo isso! Torkild não vai brigar com você, disto tenho certeza, se você o fizer esperar uma ou duas horas! Conheço bem a vocês dois, sabe? Não acha interessante o meu assunto? E tudo nôvo, não é? Êste filho bastardo, embora legítimo? Você pode imaginar, não é? como Vera, sendo a mulher que é, há de odiar o filho concebido na infâmia!

— Não — disse Rosa. — Mas, Mary, são mais de quatro e meia...

— Espere um momentinho mais, por favor. Sem dúvida que você não compreende: pertence a essa categoria de mulheres que não passam de máquinas de fazer filhos, que vêem na criança uma coisa que lhes pertence; o pai é uma causa fortuita. Pretendo, aliás, escrever sôbre êsse tema, assim como sôbre uma mulher que engravida em conseqüência de um estupro, etc.

Eram mais de cinco horas quando Rosa pôde escapar da casa da Sra. Lied. No último instante, ainda houve um retardamento. Lill pediu que lhe pusessem o mantôzinho de veludo verde e o gorro e, ao cabo de uma longa discussão, durante a qual a menina não economizou nem gritos nem lágrimas, a autorização foi concedida. A criada teve de refazer o pacote: era indispensável que a garôta levasse também seu casacãozinho de peles. Quando Rosa finalmente se afastou, dando a mão à menina, que saltava e cabriolava ao seu lado, levava um embrulho bem pesado e volumoso com as numerosas coisas de Lill.

Rosa tinha, agora, de andar no escuro, e com a criança. Marchava devagar, respondendo com paciência às perguntas da menina. O tempo estava ótimo: no alto, o ar era puro e glacial, enquanto no vale uma névoa branca envolvia o regato, a fábrica e as casas, cujas vidraças se iluminavam de vermelho. Para o Sul, por cima da floresta, o céu conservava um débil reflexo dourado, mas, no zênite, já cintilavam grandes estrêlas. Seria noite, antes que estivessem em casa.

Na descida, encontrou-se com o engenheiro Lied. Parecia feliz por poder beijar a filha ainda uma vez.

— Tens de ser muito boazinha e obediente com a Sra. Christiansen, não é, minha queridinha? Espero que ela não

lhe dê trabalho demais, minha senhora. Então até a volta. E feliz Natal, senhora!

Perto da estação, Torkild veio encontrá-las. Já estivera em casa.

— Quando Inês me disse que tinhas saído às três horas, fiquei meio preocupado. Achei que talvez te tivesses sentido mal.

Passou o braço pela cintura de Rosa:

— Como está-se sentindo a minha mulher? Boa noite, Lill. Tu és bonita como uma estrêla, menininha.

— Estou-me sentindo ótima. Muito obrigada pelas flôres, Torkild. — Tomando-lhe o braço, pegou na mão dêle e apertou-a. — Tu és sempre tão delicado, tão cheio de atenções comigo...

— Achaste as flôres bonitas? — perguntou êle, contente.

De braço dado, seguiram para casa, Lill adiante, buliçosa, voltando aos saltos para agarrar-se à mão de Torkild e tornando a deixá-los, para deslizar no gêlo das valas.

Na mesa, o talher da menina estava entre o de Torkild e o de Rosa. Torkild prendeu o guardanapo ao pescoço da pequena hóspede e sentou-a numa cadeira alteada com uma almofada. Acariciou os cachos louros:

— Então, minha garôta, está com fome?

— Não gosto desta sopa — declarou Lill, enquanto Rosa servia a sopa. — Eu não como isto.

— Mas tem de comer. Aqui em casa, as crianças comem de tudo o que a gente serve — disse Rosa, em tom categórico.

Lill fêz beicinho como se fôsse chorar, mas arrependeu-se, pôs-se a rir e disse, fazendo seu acompanhamento com a colher, que batia na mesa:

— Mas vocês não têm filhos, aqui!

— Temos. Agora temos a ti.

— Sim, mas não têm filhos de vocês. Não é, tio Torkild?

— Nós pretendemos talvez comprar um lá para a primavera — disse Torkild. — A não ser que seja caro demais.

— Saem caro, os filhos — disse Lill, em tom adulto. — Mamãe diz que não tem bastante dinheiro para ter mais filhos.

Tornou a rir.

— Mas então por que não compram pro Natal, o nenê? Eu podia brincar com êle. É porque são menos caros na primavera, os nenês, tio Torkild?

— É, no Natal as crianças saem muito caro — disse Torkild, com gravidade.

Furtivamente, olhou para Rosa; ela os escutava em silêncio, um terno sorriso maternal a iluminar-lhe o rosto. Torkild sentiu a sua alma inundar-se de um calor de felicidade, e passou lentamente a mão na cabeça de Lill.

Quando terminaram a refeição, passaram para a sala, que estava na penumbra; Torkild abraçou a espôsa e beijaram-se demorada, ternamente; mas Rosa disse baixinho:

— Cuidado, Torkild, a pequena repara em tudo.

Acendeu o lampião suspenso do teto. Pegando com as suas mãos a jarra de cristal, por um instante aproximou os jacintos do seu rosto.

— Há anos que eu sonhava ter uma jarra assim, cheia de jacintos.

Torkild aproximou-se da mesa.

— São bonitos mesmo. Quem foi que te ofereceu?

— Mas... tu. Não foste tu? — perguntou Rosa, muito espantada.

— De modo algum. As mimosas sim, mas não êsses aí — respondeu êle.

— E eu que pensei... as caixas vinham da mesma florista...

— Talvez haja um engano! — disse Torkild.

Rosa foi à saleta de entrada procurar as caixas que traziam bem claro, uma e outra, o seu nome. Procurando mais, encontrou debaixo do papel de sêda de uma delas, um cartão de visita: Alex Christiansen, Engenheiro, Cristiânia.

— Olha, foi Axel quem os enviou — disse alegre e surprêsa. — Que gentileza dêle mandar-me flôres!

— Ah, foi Axel!...

Torkild ajudou-a a desembaraçar a mesa, dos livros e objetos de costura, a fim de fazer espaço para a bandeja com as xícaras de café.

— Acho que devias telefonar para Axel e convidá-lo a vir-nos visitar qualquer dia, durante as festas — disse Rosa, servindo o café. — Êle só veio uma vez à nossa casa. E

como queres convidar Lund e Helsing, convida Axel ao mesmo tempo.

— Pois sim. Já que assim queres.

— Mas claro. Parece um tanto estranho: teu irmão veio aqui uma única vez, Dóris nunca, e teu pai igualmente...

— É verdade — disse Torkild, olhando fixamente para o seu charuto. — Ninguém pode acusar-nos de ser uma família demasiado unida.

Um instante depois, Rosa foi para a cozinha e Torkild ficou fumando, os olhos fitos no teto. Respondia lacônicamente e com voz distraída a tôdas as perguntas de Lill.

Como era curioso: Rosa parecia ter-se esquecido totalmente de que Axel quisera casar com ela, noutros tempos. Na verdade, êle não sabia exatamente o que havia de verdade aí. Rosa nunca falara nisso... Mas, de uma coisa tinha certeza, de qualquer forma: Axel enamorara-se dela, naquela época. Não concebia que Rosa desejasse ver Axel em casa dêles, agora que o seu estado se tornava ostensivo e, por assim dizer, sancionava a união de ambos. E, assim como sentiria vergonha de acariciar Rosa na presença de outros, sentir-se-ia constrangido diante de um homem que se apaixonara por ela.

Ressentira-se quando ela falara em convidar Axel. Aquêle tom leve e natural da voz dela, naquele momento, lembrara-lhe de repente como ela esquecera o seu amor naqueles anos precedentes e quão pouco o entendera. Sentiu em seguida que a ferida não cicatrizara, mas, se desde algum tempo tinha deixado no olvido a sua dor, era porque a considerava como pertencente exclusivamente ao passado e achava melhor não pensar nela.

Entretanto, quando Rosa voltou da cozinha, achou Torkild sentado à sua escrivaninha, na sala de jantar. Lill estava empoleirada nos seus joelhos; a cabeça de Torkild, de cabelos castanhos, e a da menina, muito loura, inclinavam-se para os desenhos de cavalos e vacas que êle traçava com lápis azul e vermelho.

— Faz uma vaca azul, agora, sim, tio Torkild? — pediu Lill.

— Mas escuta, uma vaca nunca é azul. Já viste vacas azuis?

— Não, mas isso não quer dizer nada, tu bem podias fazer uma vaca azul. E depois eu vi uma vaca azul quando estive na América.

— Ah, tu estiveste na América, Lill?

— Estive, foi quando me casei com o imperador de "Namérica", antes que tu vieste morar com a gente, sabes?

Tendo tirado do guarda-louça o que viera buscar, Rosa ia-se retirando, a sorrir.

— Tia Rosa — chamou-a Lill — que é que tu estás fazendo na cozinha?

— Um bôlo, minha querida.

— Vai ter uva dentro? Então quero ver... — num arranco saltou para o chão, abandonando tio Torkild e os desenhos.

Nessa noite, no quarto, depois que Torkild desfizera o laço do calçado de sua jovem espôsa, beijando-lhe os pés antes de lhe enfiar os pantufos, ela circundou-lhe o pescoço com um braço, atraindo-o para o lado do canapé no qual dormia a menina junto da cama.

— Como é mimosa! Está dormindo a sono sôlto...

Permaneceram muito tempo assim, enlaçados, diante da caminha, ora olhando a criança adormecida, ora beijando-se ternamente.

III

No fim do mês de maio, Rosa teve uma criança natimorta. Vivia ainda durante o parto, que foi dificílimo e muito demorado, mas o médico não pôde afirmar, quando chegou, se o recém-nascido estava vivo ou não. Era um menino muito robusto e bonito. Tôdas as tentativas para reanimá-lo foram em vão.

Logo que Rosa tornou a si — fôra cloroformizada — quis ver o filho. O médico e a parteira lhe disseram que dormia no quarto de Torkild; que o veria quando o menino acordasse e depois que ela própria tivesse repousado.

— Torkild! — chamou ela, de repente.

Torkild estava de pé junto do leito, mas não a olhava. Sobressaltou-se, ouvindo o seu nome.

— Vem cá perto de mim! — pediu ela, com uma voz singularmente débil e aguda.

Torkild foi ajoelhar-se à cabeceira e apoiou a testa na mão ligeiramente úmida de sua mulher.

— Que aconteceu? — perguntou ela ainda. — Houve alguma coisa... Sinto que estás escondendo alguma coisa de mim...

— Escute, minha cara senhora — disse o médico, num tom profissional, alegre. — Precisa ser prudente e dormir um pouco. Bem que o merece. E é preciso também que o seu marido repouse um pouco; êle tem igualmente muita necessidade disso.

Vamos, Christiansen, dê boa noite à sua mulher. Não é hora de conversar. Amanhã, veremos...

— Torkild! — repetiu Rosa, como se não tivesse ouvido as palavras do médico; e a entonação de sua voz forçou Torkild a erguer a cabeça.

— Êle não está vivo — disse êste, e tornou a esconder a cabeça nas cobertas da cama.

Rosa não articulou uma só palavra; limitou-se a voltar a cabeça para o lado, e não fêz qualquer movimento quando seu marido se levantou e deixou o quarto.

O médico saiu atrás dêle e o censurou; deveria ter compreendido que sua espôsa necessitava de tranqüilidade e não suportava nenhuma emoção.

Torkild não achou que dizer. Não pudera fazer nada mais que obedecer a ela e revelar a verdade.

Que sabia, êsse estranho, de Rosa e dêle? Essa parteira, êsse médico, essa enfermeira... meu Deus, que suplício tê-los à sua volta, ter de escutá-los, de responder-lhes! E contudo, quando pensava no momento em que sua mulher e êle tornassem a ficar a sós, uma dor atroz e uma angústia sem nome o trespassavam: sua alma desejava implorar a piedade de um Deus.

Na manhã do dia seguinte, como a enfermeira tivesse ido descansar e Torkild estivesse só com Rosa, esta pediu, sùbitamente, para ver a criança. Tinha passado muito bem a noite, mas, desde que despertara, nada dissera afora algumas palavras à parteira e à enfermeira, quando estas lhe falavam.

Torkild se levantou e, por um momento, ficou indeciso.

— Devias compreender que eu tenho de vê-lo — disse Rosa, a voz fraca e queixosa. — Devias compreender isso. E prefiro vê-lo quando só tu estás aqui.

Torkild foi ao banheiro, do outro lado de seu quarto, onde o pequenino corpo repousava numa cesta. A enfermeira o lavara e envolvera num cobertor branco, de lã.

Quando voltou com a frágil carga ao quarto de Rosa, esta tentou sentar-se na cama. Torkild a impediu e, como Rosa lhe estendesse os braços, deitou o corpo da criança no leito, ao lado dela.

Ficou como que paralisado, não podia desviar os olhos daquilo que estava vendo e lhe causava tamanha dor que não sabia como conseguia suportá-la. Era uma sensação igual à

que se apossara dêle na véspera, quando vira os horríveis sofrimentos de sua mulher... Todo o seu ser se revoltara: era preciso que aquilo acabasse! Mas sabia vã a sua indignação. Agora mesmo, sua carne e seu sangue bradavam: não, não, não suporto isto! E sabia que era inútil recusar-se a aceitar aquela coisa tremenda.

Rosa apertara contra o peito o pequenino corpo nu e ternamente o protegia com as cobertas, até a cabeça. Pegou numa das mãozinhas e a pousou no seu seio, escondeu-a debaixo de sua própria mão, roçou os lábios na cabecinha revestida de uma fina penugem negra, nos olhos que nunca se haviam aberto para a luz do dia, nos lábios que jamais tinham respirado. Depois, sua mão deslizou sob as cobertas e Torkild adivinhou que acariciava o pobre e pequenino corpo frio, aquelas minúsculas mãos, aquêles pèzinhos inertes.

— Tu também não o achas lindo? — perguntou ela com voz sumida... e no mesmo instante se pôs a chorar desesperadamente.

— Rosa...

— Êles são enterrados no cemitério? — perguntou, ao cabo de um momento, a voz rouca.

Torkild não pôde responder em seguida, incapaz de dominar a sua própria voz. Finalmente, falou:

— Eu telefonei. Vai ser enterrado no túmulo de tua mãe. Achei que aprovarias...

Um momento após ela disse, mais calma:

— Sabes onde está o enxovalzinho que eu tinha separado quando comecei a sentir as dores? Vê se não ficou em cima do canapé. Está enrolado num lençol... queres trazê-lo para mim?

— Rosa... — suplicou êle.

Mas ela começou a enfiar uma camisinha no bebê.

— Rosa, meu bem, não podes cansar-te...

— Queres ajudar-me um pouco, então? — pediu ela. — Mamãe quer vestir o seu filhinho, ela mesma... mamãe e papai...

Em seguida, as lágrimas voltaram a correr; reprimiu um grito de angústia, e enterrou a cabeça no travesseiro, soluçando. Depois recomeçou a vestir a criança, e Torkild, as mãos

trêmulas, a ajudou, enquanto em seu íntimo lhe suplicava que poupasse a ambos desta espantosa tortura.

— Obrigada... Agora faze o favor de procurar, na última gaveta da cômoda... uma camisolinha branca, de festões azuis... Vais achar logo...

Êle a trouxe, ajudou a mulher a vesti-la na criança morta. "Ela está-me torturando", dizia consigo. "Faz assim de propósito, para nos dilacerar o coração. E eu não me animo a detê-la. Não me animo porque sei que ela quer torturar-me... quer fazer-me sofrer, a mim também."

— Meu pobre nenêzinho... Oh, Torkild... — Os soluços tornavam a sacudi-la. — Não terias preferido, como eu, que vivesse nem que fôsse alguns dias... que vivesse ainda que devêssemos perdê-lo em seguida?

Êle empertigou-se para não se desfazer em soluços: tinha de ser forte, por ela. Fêz que sim, com a cabeça...

Sim, de fato, se Rosa tivesse podido apoiar no peito, uma vez que fôsse, o corpo vivo e quente do filho de ambos... se a criança tivesse podido tomar-lhe o seio e ela sentisse até o fundo do coração, até onde o amor dêle nunca pudera penetrar, o ávido sugar dessa boquinha... sim, se as mãos de ambos tivessem podido unir-se no corpo quente e vivo desta criança, e suas almas tivessem podido encontrar-se no seu leito de morte, nada mais teria existido de tudo o que êle adivinhara e sofrera, e a sua dor, a sua resignação, haveriam para sempre desaparecido de sua alma. Ter-se-ia contentado com o que era, ter-se-ia mesmo sentido plenamente satisfeito, havia-o jurado a si mesmo. Porque ela teria dado à criança essa grande afeição que êle não pudera conquistar.

E com quanta ternura, com que profundeza êle também teria estremecido aquêle menino! Com que fôrça lhe teria dedicado êste grande amor de que ninguém precisava, como não o teria amado e protegido, tal como só pode fazê-lo aquêle cuja infância decorreu no abandono e sem alegria! Consigo mesmo dissera que essa entrega, assim com tôda a alma, teria bastado para lhe encher a vida e para fazê-los felizes, a ela, à criança... e a êle próprio... embora quanto a si conservasse, no mais profundo do ser, uma ferida aberta e uma grande desilusão.

Agora sabia que perdera a sua última oportunidade e que tudo acabara.

O único fruto daquele amor era êste corpinho inanimado. Um cadáver pequenino e frio, que vestiam com mãos trêmulas.

Quando reconduzia o corpo para o banheiro, desabou na cama de seu quarto. Mordeu o travesseiro para afogar os soluços e, apertando nas suas as mãozinhas sem vida de seu filho, murmurou num gemido:

— Meu Deus, meu Deus, eu não agüento... eu não agüento... Meu filhinho... pede à tua mamãe que não me abandone!...

IV

Rosa parecia restabelecer-se com muita rapidez. Só depois de ir à igreja para a bênção de depois do parto é que se tornou evidente que não ia bem. As semanas passavam sem que recuperasse as fôrças. O médico prescreveu fortificantes e insistiu com Torkild para que a distraísse, procurando levá-la a esquecer a sua decepção.

As palavras do médico: "Não é como se a criança tivesse vivido e a perdesse em seguida. Não acha?" faziam-no sorrir imperceptìvelmente.

Viajar... sim, lembrava-se de ter ouvido dizer, efetivamente, que tal e tal jovem senhora, tendo dado à luz um natimorto, partira para o estrangeiro ou fôra internar-se num sanatório para fazer uma cura de ar... Era sem dúvida o processo habitual. Quanto a êle, não acreditava que fôsse um recurso aplicável a Rosa: tinha mesmo certeza disso. Por outro lado, como poderia pensar em confortar sua mulher, êle que perdera tôda a coragem?

Enquanto Rosa estivera de cama, Axel, por várias vêzes, lhe enviara flôres. Desde que passara uma tarde na casa dêles, durante as festas de Natal, viera espontâneamente visitá-los, com muita freqüência.

Torkild não conseguira libertar-se de uma sensação de constrangimento diante do irmão, diante de sua assiduidade durante os últimos meses da gravidez de Rosa. Não era que abrigasse qualquer desconfiança, qualquer suspeita. Era sim-

plesmente um sentimento indefinível, que a sua razão não conseguia dominar.

Uma noite, Axel tornou a aparecer; havia duas semanas que Rosa se levantara. Era uma bela noite do fim de junho e tomaram chá na varanda. Um pouco mais tarde, Rosa entrou na sala de jantar para trazer morangos, os primeiros da temporada, os quais desejava oferecer-lhes. Axel e Torkild, ficando sós, falavam de política. Tratava-se de um artigo do *Aftenposten;* Torkild não era assinante do jornal, mas Axel trouxera o número em questão, que lera no trem, e levantou-se para ir apanhá-lo na saleta.

Um instante depois, Torkild, por sua vez, levantou-se a fim de ajudar Rosa. Ao entrar na sala de jantar, viu sua mulher ajoelhada diante do guarda-louça; no chão, ao lado dela, pratos e copos que acabava de retirar ali, mas com os quais não parecia ocupada: estava sentada nos calcanhares, imóvel, enquanto as lágrimas lhe escorriam dos olhos.

Axel, junto de uma jardineira cheia de vasos de flôres, estava de costas para Torkild. Deu meia volta e, sem olhar para o irmão, saiu para a varanda.

Torkild ergueu docemente Rosa e a abraçou por um instante. Ela soltou um pequeno soluço e apoiou a cabeça, durante um segundo, no ombro do marido. Êste colocou os pratos e os copos na bandeja, que levou para a varanda. Axel, que o precedera, estava sentado no lugar que ocupava antes e estendeu o jornal para o irmão. Torkild leu o artigo indicado sem compreender uma única palavra.

Essas crises de lágrimas, em Rosa, eram provocadas por uma palavra qualquer, ou irrompiam às vêzes sem nenhuma razão exterior; era como se a sua alma fôsse um mar de pranto que, de quando em quando, extravasava sob uma vaga de dor. A cena era pungente e êle sentia-se absolutamente incapaz de mitigar o sofrimento dela.

Percebia que era também grande a aflição de Axel; notara-o logo; não que seu irmão tivesse dito fôsse o que fôsse a tal respeito, mas os seus nervos esgotados tinham antenas que lhe revelavam essa pena secreta; e, com isso, Torkild sentia crescer a sua própria dor.

Quando Axel se despediu, Torkild pôs o boné para acompanhá-lo até a estação. Rosa os conduziu até a extremidade

do pomar; quando estendia a mão para Axel, Torkild notou que tinha novamente lágrimas nos olhos.

Os dois irmãos seguiram, em silêncio, pelo caminho do mato. Não se ouvia nenhum ruído na semi-obscuridade da noite estival, apenas o pio das perdizes, na campina que confinava com o mato, ou o ladrar de um cão longe, nalguma granja.

— É de espantar como ela mudou — disse Axel, de repente.

Havia na sua voz certa violência contida, que inquietou vagamente a Torkild.

— Sim, realmente. O parto foi dificílimo. Nunca imaginei uma coisa tão terrível. Não se pode esperar, parece-me, que se restabeleça prontamente. Além disso, não é bom para ela continuar aqui, onde tudo lembra essa horrível desgraça. Penso que as coisas melhorarão, quando nos ausentarmos por algum tempo...

Axel respirou com fôrça, ràpidamente, e disse:

— Tu absolutamente não previste o que aconteceu?

Torkild estacou. Encarou o irmão, cujos olhos cintilavam de ódio.

— Quero dizer — prosseguiu Axel — tinhas mesmo, tu, o direito de te casar com uma môça pura e sã?...

Torkild vacilou, como se tivesse recebido uma pancada. Por um momento, os dois homens ficaram olhando-se de frente, fixamente. Depois, Torkild levantou o braço... e vibrou um sôco no rosto do irmão.

Axel cambaleou; fêz um gesto como se fôsse atirar-se contra Torkild; conteve-se, porém; como havia pouco, encaravam-se com ferocidade.

— Penso — disse Torkild, com voz alterada pela raiva — que não preciso dizer-te que não ponhas mais os pés lá em casa...

Sem responder, Axel passou à frente do irmão e se afastou pelo atalho. Torkild ficou pregado no chão. Sùbitamente, sentiu os olhos toldados e teve a impressão de que o coração lhe subia à garganta. Quando se recompôs, viu que estava agarrado a um poste telegráfico, compreendendo então que estivera a ponto de desfalecer.

A hipótese, que Axel acabava de levá-lo a entrever, tinha, era certo, passado a assediar-lhe ocasionalmente o espírito, havia já um mês. Mas conseguira expulsá-la: era, de fato,

quase impossível. Alguns anos antes, na época de seu noivado com Isabel, fizera-se examinar por um especialista, mais por descargo de consciência. E, antes do casamento, fôra mais uma vez consultar um médico.

Aliás, o nenê, muito lindo e robusto, nascera a têrmo. E a parteira o prevenira — demasiado tarde, sem dúvida — de que a falta de um médico seria mais perigosa para a criança que para a mãe. Ora, enquanto pudera falar, Rosa lhe implorara que não chamasse o Dr. Meyer. E, a êle, repugnava contrariá-la. Perdera, pois, um tempo precioso, telefonando a um ou outro médico de Cristiânia, todos ausentes, antes de recorrer aos serviços do Dr. Meyer.

Rosa não tinha nenhuma inclinação por êsse médico rural, e Torkild chegara, até certo ponto, a compreender sua aversão. Dantes, achara-o simpático; eram companheiros de caçada e isto bastara, de algum modo, para que se entendessem.

Apesar de tudo, logo no dia seguinte, foi consultar o médico.

Êste sacudiu a cabeça negativamente, com energia, às perguntas angustiadas do seu cliente.

— É difícil afirmar com certeza que um velho caso (mesmo depois de tanto tempo) não possa pregar uma peça estúpida. Mas, tanto quanto é possível a um médico afirmá-lo, você se saiu bem, muito bem mesmo de seu caso. Uma coisa é certa: isso nada tem a ver com a morte de seu filho.

"O que se pode censurar no seu próprio comportamento, digo com franqueza, é ter-se dobrado tôlamente ao desejo de sua mulher, ter respeitado o seu... como hei de dizer... o seu pudor incompreensível. Pergunto a mim mesmo, aliás, como pôde ela resistir nessa decisão por tanto tempo. É verdade que é uma mulher extraordinàriamente forte e corajosa.

"E afirmo que é, muito simplesmente, teimosia da parte dela continuar tão consternada. É muito penoso, evidentemente, no comêço, quando é preciso arrumar as coisas do nenê, guardar o berço e tudo o mais. Mas, meu Deus, são dêsses desgostos que o tempo apaga. Compete a você agora (e sem se entregar a grandes escrúpulos, acredite) levá-la a esquecer êsse desgôsto.

"É seu dever, compreende? impedir que sua mulher se feche no seu pesar e na sua dor. Não deve, como lhe fiz ver, dobrar-se a todos os caprichos dela. Digo-lhe com tôda a fran-

queza, como velho pai de família: a gente não deve conformar-se com tôdas as venetas das mulheres: não é esta a forma de ajudá-las, garanto-lhe. Há muitas coisas que não devemos tolerar.

"Você, pelo que um médico pode julgar, é um homem são e forte... sob a condição de cuidar um pouco dos nervos. Sim, quanto a isso, amigo, tem de prestar atenção desde já... senão... Aliás, vou-lhe passar uma prescrição..."

Enquanto o médico escrevia, Torkild folheou alguns números do *Jornal dos Caçadores,* que estavam espalhados pela mesa. Topou com um breve artigo redigido pelo Dr. Meyer. Que estranho que êste homem fizesse aquelas descrições concisas e bonitas, finas e sensíveis, dos matos e dos campos!

— A sua receita...

O médico veio até êle e bateu-lhe no ombro.

— Christiansen, você está demasiado apaixonado por sua mulher. Isso não presta. É inteiramente nocivo ao casamento. Felizmente, o grande amor é menos freqüente do que as moléstias venéreas. Nós, os médicos, vemos bastante os males que elas causam. Mas lhe repito, quando se trata de grande amor, então garanto-lhe que os desastres causados por êle são quase tão terríveis como os outros... e os filhos que nascem dêle são, também, nervosos e incapazes para a vida.

"O nosso destino, veja bem, é viver na terra, e temos de contentar-nos com isso.

"Agora, para começar, tratem ambos de ir fazer uma cura de ar na montanha. E quando sua mulher estiver completamente restabelecida, e você também (mas não antes, compreende?) então faça-lhe um filho, já que ela fecha a questão. Aliás, nisso eu dou razão à sua mulher. E não se pode negar, certamente, que um filho é um laço... embora êsse laço, no nosso tempo, nem sempre seja muito sólido."

Torkild cerrava os dentes enquanto voltava ao escritório. Não, ela não teria mais um filho, pelo menos por livre e espontânea vontade dêle, jurava-o. Apesar de tudo, êle também tinha um pouco de altivez.

Mas não se animava a representar no pensamento o que esta decisão poderia acarretar: o desmoronamento definitivo de sua felicidade.

V

Torkild havia decidido que viajariam juntos, a 10 de julho, para um estabelecimento de repouso nas montanhas, mas não pôde tirar suas férias nessa ocasião. Sugeriu, pois, a Rosa, que fôsse sòzinha, por seis semanas, até a abertura da temporada de caça. Então iria buscá-la e juntos passariam as férias de Torkild na pequena cabana onde, dois anos antes, Helsing e êle haviam estado.

Numa tarde de sábado, acompanhou Rosa até Lillehammer e voltou só, no dia seguinte à noite. Tinha plena consciência de que era melhor, para ela, que ficasse um pouco sòzinha, no comêço. Mas sofria por ter visto que ela, também, preferia que assim fôsse.

Em casa, não cessava de meditar no seu casamento. De vez em quando, procurava furtar-se a isso. Nesses momentos, de bom grado dava razão ao Dr. Meyer: estava demasiado apaixonado por sua mulher, o que era pernicioso. Mas, como êsse amor se tornara, decisivamente, a sua única razão de ser, que havia de fazer?

Assim fôra já no curto noivado. Certamente, nunca reconhecera diante de si mesmo, naquele período, que não acreditava no milagre que se realizara — em vez disso, acreditava demais nêle; sentia, então na maior parte do tempo, a alegria presunçosa que acompanha a fé num ato de audácia. Mas nunca tivera a calma certeza de que seu amor era uma coisa natural e simples, onde não pode haver imprevisto, como num afeto que não comporta dúvidas.

Se assim fôsse, o período do noivado teria sem dúvida sido outro. Lembrava-se de tôdas as tardes da primavera que tinham passado juntos aqui, quase sempre sós, nesta casa que ia ser o lar de ambos; azafamados e felizes, entregavam-se ao trabalho de arrumação, o que lhes parecia um brinquedo. Mas êle, vendo-se assim a sós com ela, freqüentemente ficava superexcitado e perdia tôda serenidade; tudo fazia para que Rosa não o percebesse. Uma única vez, não pôde dominar-se, e ela não se defendera; quando a levou para o canapé, ela envolvera-lhe o pescoço com os braços; Rosa tentava fazer-lhe carícias apaixonadas, mas êle sentia que agora era ela quem se forçava a esconder o seu profundo ressentimento. Com um terrível esfôrço, êle retomara o domínio próprio, êsse domínio que, depois, fizera parte integrante dêle em suas relações com Rosa.

Dissera pois consigo mesmo, e dissera-o a Rosa, que a sua união não devia começar assim. E, no entanto, se se tivessem pertencido naquele instante só conhecido de ambos, no lar que estavam construindo juntos, não teria sido tão belo como pertencerem-se na noite do casamento, em um quarto de hotel, em Cristiânia, depois de terem de manhã comparecido perante o juiz e haverem jantado no *Continental* com os padrinhos, Lund e Helsing? Certamente que sim... se se amassem. O hábito de dominar-se, determinado nêle pela atitude de Rosa a seu respeito, tornara-se a sua segunda natureza; se ela tivesse mudado, êle também teria mudado. Mas ela simplesmente permanecera a mesma. Na noite em que se haviam beijado, sob a neve de Natal que caía, tinham murmurado um para o outro: "É o amor, o que há de nôvo entre nós".

Mas, precisamente, o que havia de nôvo na vida de Rosa não era o amor. O nôvo era que ela estava cansada de esperar pelo amor, um amor quimérico, sem objeto, e que se deixava embalar pelo amor de Torkild tal como o conhecia, e pelos alegres preparativos nesta casa que seria dela.

Reviveu em pensamento a noite de núpcias, quando ela dormira nos seus braços e êle sentira no ombro a sua respiração sadia e regular. Rosa agora lhe pertencia, e êle sentira-se humilhado, invadido pela timidez, frustrado. Entretanto, sabia que não podia ser de outro modo. Para uma môça, era um mundo nôvo; e Rosa, pôsto que todo o seu ser houvesse aspirado ao amor, nunca explorara nem respirara a sua atmosfera.

Agora, ela se extraviara nesse mundo nôvo... sim, exatamente, eis o que êle tinha sentido: ela se extraviara nos seus braços.

Que doce coisa, no entanto, acordar ao lado dela! Rosa fôra de um fascinante pudor; e tornara-se comovente de tão convicta de que êle, quanto a si, era agora plenamente feliz. Êle próprio acreditara nisso... durante tôda a semana que permaneceram em Copenhague, Rosa mostrara-se tímida e reservada e, ao mesmo tempo, cândidamente ufana de poder conceder-lhe aquilo que êle desejara por longos anos. E, de sua parte, êle sentira-se humilde e reconhecido, temeroso de a escandalizar ou de traumatizá-la.

Veio então a maravilhosa noite de Berlim, a verdadeira noite nupcial.

Desde o primeiro dia, sob a impressão da intensa vida da cidade grande, imensa, barulhenta e sem beleza, ela se lhe aconchegara, como em busca de proteção.

Havia alguns dias que estavam em Berlim, quando tiveram a idéia, uma noite, de cear num dos grandes restaurantes de luxo. Rosa comprara um vestido de sêda, algo vaporoso, cinzento em fundo rosa; de pé diante do espelho do guarda-roupa, esperava que Torkild o abotoasse, mas êle não cessava de beijar-lhe o pescoço e os ombros, enquanto procurava orientar-se por entre os colchêtes e os botões da combinação e do vestido. Finalmente, como não acertasse, ela o empurrou e disse, num tom que atirava para a irritação:

— Anda, pára com isso e trata de acabar!

Os olhos de ambos se encontraram no espelho. Depois ela se voltou e, lançando-se ao pescoço dêle, com um risinho ao mesmo tempo terno, arrependido e atormentado, exclamou:

— Os meus sapatos, querido!

— Os teus sapatos?

Sim, os sapatos novos que comprara na loja Wertheim, na manhã daquele mesmo dia. Enquanto êle estava ali perdendo tempo, a beijá-la, e não acabava de abotoar e desabotoar, ela parecia ter os pés seguros por um tôrno de ferro em brasa, que lhe dava ímpetos de uivar de dor! Jogou-se na poltrona mais próxima. Torkild percebeu — não podia fugir disto — que os pés de sua mulher eram muito mais largos e mais longos do que os sapatos.

Não tinha outros. Torkild, então, propôs que jantassem e tomassem champanha no quarto. Amanhã, conprariam outros sapatos e iriam ao restaurante.

Enquanto a mesa era posta, foram dar uma volta pela cidade. Rosa pusera um comprido mantô por cima do vestido decotado e calçara umas botinhas folgadas. Muito juntos, caminhavam pelas ruas, que pareciam uma luminosa e barulhenta fornalha... Contra o pálido céu de primavera se inscreviam e apagavam, em letras vermelhas, brancas ou verdes, marcas de cacau, de cigarros, de bicicletas e de vinhos.

Quando voltaram, o quarto estava imerso em penumbra, salvo a mesa, cuja toalha branca e serviço de prata e cristal cintilavam sob dois candelabros com quebra-luzes vermelhos. Jantaram, pois, a sós e tomaram champanha. Ela com seu vestido claro, e os pés descalços, sob as meias de sêda côr de carne; êle de casaca e gravata branca — e achava delicioso trajar gala só para êles, além de ser o que mais lhe assentava.

Naquela noite, Rosa foi sua amante... sua esplêndida, adorável amante.

À volta para casa, seguira-se um período de completa felicidade. Rosa se entregava com alegria, com desejo. E êle convencera-se de que o milagre se realizara: como ela se dispusesse a pertencer-lhe com tôda a alma, acreditara possuí-la verdadeiramente.

Agora que estava só na casa, às vêzes dizia consigo mesmo que talvez tivesse sido vítima de uma idéia mórbida, quando pensara que sua mulher, em certos dias, se afastava dêle. O que lhe pedia: sentir sempre em tudo, em cada palavra, em cada frase sem importância, em cada gesto e olhar, que se pertenciam um ao outro, devia ser impossível. Tinham muitas lembranças em comum para que êle pudesse duvidar do amor dela. Eis por que estava certo de que ela o amava. Mas havia um grande número de pequenos fatos insignificantes que vinham assaltá-lo e dar-lhe a angustiosa impressão de ter perdido o amor de Rosa. Tinha, também, a certeza de que só o concurso de uma multidão de circunstâncias fortuitas acabara por lançá-la nos seus braços. E sua falta de confiança em si mesmo crescera ainda nos longos anos em que tentara conquistá-la, e em que sempre a sentia distante. Agora já não

se animava a alimentar a certeza de que poderia conservá-la. Estava, pois, condenado a perdê-la.

No fim de quinze dias, recebeu uma carta de Rosa dizendo que não suportava mais ficar na casa de saúde, cercada de tantas pessoas a quem não conhecia. Se êle não se opusesse, iria para um hotelzinho de Hövringen, num chalé suíço onde já passara uma temporada e do qual gostava: haveria menos gente, e o preço era a metade do que estava pagando. Torkild lhe respondeu que isto pouco importava, mas que ela podia, sem dúvida, ir para outro lugar, já que não lhe agradava êsse onde estava; devia apenas prometer-lhe que não cometeria nenhuma imprudência, não daria passeios longos demais, etc. Depois de ter terminado a carta, arriscou-se a acrescentar algumas palavras dizendo de quanta saudade tinha dela.

Rosa mudou-se, pois, para Hövringen. Trocavam em geral cartas breves, sem efusão, Torkild não mais lhe falou de seu amor, mas, à medida que a separação se prolongava, acrescentavam, tanto um como o outro, pequenas frases ternas no fim das cartas.

Quando, no fim de agôsto, Torkild chegou a Hövringen para se encontrar com ela, achou-a melhor do que esperava, e Rosa ficou evidentemente muito contente por tornar a vê-lo. E, como eram jovens e casados, e um e outro assumiam a culpa de não terem achado no casamento a felicidade com que haviam sonhado, despertaram, na primeira manhã, animados por uma fé nova no amor. As três semanas, que passaram juntos na montanha, foram marcadas por uma felicidade algo pálida e melancólica, mas terna e sincera.

VI

Uma noite, Rosa, que de manhã estivera na cidade fazendo compras, disse na mesa:

— Escuta. Encontrei Axel na Confeitaria Íris, onde fui tomar chá.

Torkild nada respondeu.

— Perguntei-lhe por que não aparecia mais aqui em casa, e êle respondeu que vocês tinham-se desentendido.

Como Torkild continuasse calado, acrescentou:

— Nunca tocaste nesse assunto, para mim.

Com efeito, não conseguira decidir-se a falar nisso a Rosa; quando, no decurso daqueles últimos meses, esta lhe pedira notícias de Axel, respondera evasivamente. Parecia que ela não suspeitara de nada: por tudo aquilo que não a interessava de perto, nunca manifestava uma atenção muito grande e o esquecia fàcilmente. Torkild a si mesmo dizia com amargura que, freqüentemente, assim se passava com as coisas que diziam respeito a êle.

— Não, eu não tive ocasião de falar nisso — disse, em tom sêco.

— Mas, meu Deus, por que motivo vocês se indispuseram?

— Não te posso dizer.

Cada vez que pensava nisso, subia-lhe a mesma raiva cega contra o irmão, uma raiva a que se misturava uma espécie de vergonha. Estava convencido de que o próprio Axel não acreditara no que havia insinuado, e lembrou-se das circunstân-

cias em que, uma noite, na casa de seu pai, confidenciara ao irmão aquilo que êste lhe recordara de maneira tão ignóbil.

Olhando, aflita, para as feições endurecidas do marido, Rosa perguntou:

— Mas, Torkild, que foi que houve? Axel fêz alguma coisa de mal?

— De mal?

Rosa se perturbou:

— Sim, eu quero dizer... êle me disse hoje, ou então foi o que me pareceu... que estava com grandes dificuldades... de dinheiro.

— Rosa, que é que pretendes insinuar com isso? — exclamou Torkild, com veemência.

Durante um segundo, de tudo se esqueceu, exceto que Axel era seu irmão.

— Prefiro que não me faças mais perguntas a êsse respeito — concluiu, finalmente.

Lamentou, posteriormente, que não tivesse inventado uma explicação. Poderia ter dito, por exemplo, que seu irmão faltara com a delicadeza ou abusara de uma confidência que êle lhe fizera noutros tempos. Mas Rosa talvez tivesse querido saber de que se tratava; teria imaginado uma porção de coisas, alguma ligação antiga, por exemplo. Por outro lado, talvez pensasse agora que se haviam desavindo por causa dela, e isso não lhe pareceu destituído de perigo. A sua confusão aumentou mais o ressentimento que tinha de Axel.

Deplorava não ter sabido achar uma explicação, Agora, já não teria ocasião de apresentá-la. Sabia que Rosa nunca mais tocaria nesta questão. E foi, efetivamente, o que aconteceu.

No comêço de outubro, tiveram como hóspeda, durante algumas semanas, a Srta. Stenbock, a amiga sueca de Rosa.

Rosa fôra recebê-la na estação, de manhã, e Torkild encontrou-a sentada na sala, quando entrou para jantar. Desde o primeiro instante, surpreendeu-se ao sentir, no íntimo, algo semelhante a uma atração por ela.

Notou que nada tinha de bonita... exceto para êle. Era alta e retilínea, mas o peito chato e as ancas estreitas lhe davam um ar de rapazote, que pode ser agradável numa mu-

lher... mas apenas se fôr muito jovem. Briten parecia andar perto dos trinta anos. Tinha uma esplêndida cabeleira, de um louro acinzentado, etéreo; os olhos eram azuis, a tez clara, mas o rosto, longo e fino, um pouco ossudo, com as maçãs salientes; a bôca, vermelha e fresca, tinha, porém, o lábio superior meio curto, não escondendo inteiramente os dentes largos e brancos. Nela, tudo era antes agradável e distinto que bonito.

Torkild ficou um tanto perturbado pelo efeito que Briten lhe causou. Quando disse a Rosa que achava a Srta. Stenbock simpática, sabia muito bem que usara um têrmo aquém de uma impressão que era mais funda. Até certo ponto, enamorara-se dela, ou, antes, comprazia-se nela. Era um sentimento puramente platônico, e êle sabia que no fundo não tinha nenhuma influência naquele que sua mulher lhe inspirava: seu amor a Rosa tinha sempre a mesma violência, a mesma ternura e a mesma inquietação. Mas parecia-lhe, quando estava só com Briten Stenbock, que momentâneamente se libertava daquele jugo, e tudo o que ainda conservava em si, de alegria de viver e de altivez, ressuscitava quando andava ao lado dela e lhe escutava a voz límpida e bonita.

Sempre ansiava por voltar para perto dela, quando estava fora de casa. Por outro lado, inquietava-o um pouco essa capacidade de experimentar um sentimento, por assim dizer, paralelo ao que tinha pela espôsa. Temia o momento em que Briten os deixaria, primeiro porque ia sentir saudades, depois porque receava as censuras que a si próprio faria quando voltasse a ficar com Rosa.

Rosa de nada parecia suspeitar. Estava contentíssima por hospedar a amiga e porque esta se entendesse tão bem com Torkild.

Uma noite de sábado, tendo sido retido na cidade pelas suas ocupações, Torkild só voltou pelo último trem. Achou em tôrno da mesa da sala, sua mulher, Briten e Mary Lied. Esta viera à tarde, de visita, e Rosa a retivera para o jantar. As três mulheres estavam comendo bolinhos, doces de frutas e bebendo vinho. Espêssa fumaça de cigarro enchia o ar.

Rosa trouxe um prato e um cálice para Torkild, que se sentou entre sua mulher e a Sra. Lied. Esta, voltando-se para êle, explicou:

— Estávamos conversando sôbre o amor. Dê-nos, pois, a sua opinião, Christiansen.

Torkild procurou em vão achar uma resposta espirituosa e teve de contentar-se em dizer:

— Não é fácil pronunciar-se à queima-roupa sôbre êsse assunto.

— Tem tôda a razão. Eu também sou de opinião que é, pura e simplesmente, um problema insolúvel. Assim, o casamento é uma instituição absolutamente grotesca, mas um mal inevitável, por causa dos filhos, até que se chegue a outra coisa: uma sociedade bem organizada que se encarregue dêles com tôdas as garantias.

— Como teria de ser organizada essa sociedade, para que você lhe confiasse os seus filhos, "com garantias"? — perguntou Rosa.

— Devo dizer que é ponto pacífico que tôda mulher possa ficar com os filhos, se se julgar uma vocação para os criar. Se preferir consagrar-se a essa missão, que é sem contestação da maior utilidade social, seria justo que a sociedade lhe pagasse êsse trabalho. Mas, para as mães que não têm vocação, e que talvez sejam dotadas para outras coisas, deveria haver instituições, dirigidas por mulheres especializadas em puericultura, para onde elas pudessem enviar os filhos logo depois de desmamados e onde êstes seriam assistidos conforme tôdas as regras da higiene. Certamente que seria um dever cívico, para cada mãe, aleitar o filho no seio. O Estado lhe daria, em troca, uma recompensa.

— E o pai das crianças? Não teria nenhum direito... ou pelo menos algum direito? — perguntou Torkild.

— Não, não, não. Absolutamente nenhum direito, nem nenhum dever para com o filho que tivesse gerado. Para com a raça, sim, no sentido de que não deverá tornar-se pai a não ser que seja absolutamente são. Além disso, contribuiria para a educação dos filhos... mas isso faria parte das imposições. O alvo da mulher de amanhã deverá ser que o filho seja propriedade absoluta da mãe, que só será responsável perante a sociedade...

— Mas... — observou Torkild — e se a criança só tiver afinidade com o pai e o preferir à mãe?

— Não sustento, certamente, que um homem não possa ter o direito de conhecer o filho. Se a mãe o considerar capaz, e digno, de ajudá-la na educação do filho, então...

— Uma mulher nunca deveria concordar em ter filhos de um homem indigno — disse Briten, em tom de desprêzo.

Estava de frente para Torkild e êste a olhou. Ereta e loura na sua cadeira, seus olhos pareciam negros à luz do lampião, e o lábio superior erguera-se desdenhosamente sôbre os dentes brancos. Era a única solteira, entre êles.

A Sra. Lied dirigiu-lhe um dêsses sorrisos condescendentes, que as mulheres de experiência sempre concedem às ainda virgens:

— Sim, mas os sêres humanos são tão fracos... E nem sempre é fácil saber ao certo o que vale o homem com quem a gente se casa. Pelo que dizia agora mesmo, a senhorita é pessoalmente, a favor da união livre, não?

— Sim, mas não dessa maneira.

E acrescentou mais baixo, como se fôsse uma confidência:

— Se algum dia eu fôsse entregar-me a um homem, seria preciso que tivesse uma confiança ilimitada nêle e um profundo respeito. E, nesse caso, parece-me que tôda essa atrapalhação de noivado e casamento é supérflua.

Torkild encarou-a. Jamais aquela bôca vermelha e altiva dera um beijo, e êle compreendeu que Briten preferiria chegar ao fim de seus dias, sem receber um beijo nem se deixar tocar pela menor carícia de homem, a consentir em qualquer coisa que lhe roubasse uma simples parcela de sua veneração pela vida.

— Meu Deus, Briten — disse Rosa, e sua voz tinha um tom cansado e cheio de amargura — não é certo que o respeito possa subsistir depois que a gente conviveu durante algum tempo. Ainda que se tenha começado com uma confiança recíproca ilimitada.

— Nesse caso — disse Briten, docemente — seria melhor não serem casados e poderem separar-se... sem disputas, nem cenas, nem intervenção de estranhos. Deveriam separar-se de comum acôrdo, sujeitando-se às conseqüências, tanto um como o outro...

— Acho que, nessa hipótese, casados ou não, é a mesma coisa — disse Rosa, igualmente com um sorriso de desdém.

Mas Torkild notou quanto êsse sorriso era diferente do de Briten: Rosa, ao sorrir, pensava ainda em si própria. Uma desprezava o que não compreendia, a outra compreendia plenamente o que desprezava.

— Absolutamente não é certo — prosseguiu Rosa — que um casal deseje separar-se, embora tenha terminado o "respeito", embora ambos discutam da manhã à noite. Existe o hábito. Depois, já não se tem tanto respeito por si mesmo. E, então, o fato de ser casado constitui, de qualquer forma, um pretexto atrás do qual cada um pode escudar-se contra si próprio.

Torkild teve a sensação de que sua mulher se despia. "Como pode falar assim"? perguntou-se, torturado. Não se animava a encarar Briten, mas a imaginava tal como devia estar, sentada, os olhos baixos. E compreendeu o que amava em Briten: assim como ela era, essa jovem forte e corajosa, com sua maneira de pensar e de falar, suas exigências elevadas com relação a todos e a si mesma, assim fôra a sua bem-amada antes de lhe pertencer e antes que êle a aviltasse. Assim fôra Rosa, com todo o ser pronto para desabrochar junto dêle... mas tudo havia murchado.

Quando finalmente, ao cabo de um longo momento, se animou a erguer a cabeça, Torkild viu que o rosto de Briten permanecia impassível: solteira, ela não fôra atingida por tudo o que acabava de ser dito, porque isso vinha de uma região da vida onde imaginava nunca poder aventurar-se.

Torkild absolutamente não pensava em Mary Lied; sem que desse por isto não a levava em conta, porque percebia que ela nunca ouvia o que os outros diziam, a não ser para espreitar sua própria vez de falar.

— Uma organização dêste tipo serviria tanto aos interêsses do homem como aos da mulher — prosseguiu a Sra. Lied. — De fato, o homem não teria mais de se preocupar com essa questão de fidelidade, que, não se pode negar, é tão contrária à sua natureza. Sim, afinal de contas, não se pode negar que o homem é, por natureza, polígamo. Não é? Você compreende, Rosa, até o seu marido será certamente forçado a confessar que um homem não é feito para satisfazer-se com uma só mulher...

— Satisfazer-se? — retrucou Torkild, de má vontade. — Diga antes que um homem se satisfaz com várias, se não pode ter aquela que deseja.

— Uh! E dizer-se que vocês têm a coragem de nos servir essas tolices fora da moda, com que todos os homens têm tentado engodar-nos desde o dia em que nosso pai Adão casou. Mas não, meu amigo, convenhamos: vocês querem ter mais prazer do que uma só mulher pode dar-lhes...

— Ou então, não queremos apostar tudo numa só carta — disse Torkild, esboçando um sorriso. — Nesse sentido, o instinto de conservação nos incitaria a conservar os nossos hábitos de poligamia.

— Escute, eu lhe afirmo uma coisa: um homem não sabe o que é amar — declarou a Sra. Lied, soltando um profundo suspiro. — Em mil, talvez um o saiba.

"Eu só queria saber", pensou Torkild, "se ela tem a intenção de nos chatear a noite tôda".

Quando ia vestir o sobretudo, para, finalmente, acompanhá-la, o engenheiro Lied apareceu para levá-la. Tiveram de oferecer-lhe um copo de uísque com água, e eram quase três horas quando o casal se retirou.

Enquanto as duas mulheres levantavam da mesa cálices e pratos, aconteceu que Briten e Torkild ficassem a sós na sala, por um instante.

— Simpatiza com a Sra. Lied? — perguntou ela.

Torkild sorriu, de leve, e não respondeu. De pé, atrás de uma cadeira, apoiando os braços no espaldar, olhava para Briten. Havia algo nêle que o impelia, malgrado seu, a tentar descobrir se ela adivinhara alguma coisa, e em que extensão.

— Acha Rosa muito mudada? — perguntou, sùbitamente.

— Fazia muito tempo que não nos víamos — disse Briten. — E, freqüentemente, o casamento muda as amigas da gente.

Calou-se um instante, depois acrescentou, mais baixo:

— Ela deve ter chorado muito o seu nenê.

"Ela deve ter chorado muito o seu nenê", repetiu Torkild, para si, quando subia para o quarto, que agora ocupava com Rosa; Briten dormia do outro lado do corredor, na peça onde êle ficara desde o parto de Rosa. A si mesmo perguntava se Briten, com suas palavras, quisera desculpar Rosa... do que pudesse ter observado da vida do casal. Teria Rosa conversado com Briten a respeito do seu casamento? Nunca imagi-

nara que sua mulher pudesse expandir-se com outros, acêrca da vida de ambos. De repente, sentiu uma penosa insegurança. Já não eram só êles, agora? Havia outros olhos que o observavam, sem que êle o suspeitasse. Isso lhe parecia inconcebível e alheio à natureza de sua mulher. Entretanto, não sabia mais nada quanto a ela, nada de certo, salvo que se apequenara.

Rosa entrou e, durante um bom espaço de tempo, enquanto se despiam, não trocaram nenhuma palavra. Êle já estava deitado quando Rosa, que trançava os cabelos para a noite, olhou-o pelo espelho e perguntou-lhe:

— Houve alguma coisa contigo na cidade? Parece que não estás de bom humor, esta noite.

— Não, não houve nada. Estou cansado. Pensei que ela nunca mais fôsse embora, essa peste...

— Pois é! Mary sempre fica uma eternidade.

Rosa terminara de fazer as tranças, que jogou por cima dos ombros. Pôs tudo em ordem no toucador, tirou o chambre, dobrou com cuidado cada uma das peças de seu vestuário. Aproximou-se do leito, apanhou a camisola e enfiou-a, deixando resvalar a camisa. Depois acendeu o lampião de cabeceira e apagou o do teto, mas continuou arrumando o quarto: retirou os vasos de flôres da janela e os pousou no chão, levantou o colête de Torkild, que caíra da cadeira:

— Torkild, é um péssimo costume que tens de deixar o relógio no colête... e sempre te esqueces de dar corda.

Depois de ter dado corda ao relógio do marido, verificou se o fizera no seu.

— Achas — perguntou Torkild, de repente — que o casamento tenha destruído assim tanto o respeito que tinhas por mim?

Rosa voltou-se, bruscamente.

— Como podes conceber uma coisa dessas?... Espero que não penses que era de nós que eu poderia ter falado assim!

Calou-se um instante, depois acrescentou:

— Ficaste realmente insuportável: Desconfias de tudo, e imaginas que as minhas menores palavras, os meus menores atos, se relacionam contigo e se destinam a te ferir...

— Será que eu sou mesmo assim? — perguntou Torkild em voz baixa.

— É. Talvez tu mesmo não notes. Mas sou obrigada a pesar cada palavra para ver se contém alguma coisa que pudesses interpretar mal ou que pudesse levar-te a crer que eu te quis ferir...

Meteu-se na cama, mas deixou a luz acesa.

— Peço-te perdão — murmurou Torkild, e pegou na mão dela.

Rosa abandonou-a por um instante, depois retirou-a suavemente.

— Tu dificultas a vida para nós dois — disse, num tom de branda censura. — Tens de deixar de ser assim. Ninguém, que fôsse tão desconfiado como tu, poderia suportar a vida...

— É porque sou apaixonado demais por ti...

— Sim, sim, eu sei.

Achegou-se a êle e passou um braço por debaixo da nuca de Torkild. E, como êle escondesse o rosto nos seus seios, pôs-se a afagá-lo docemente.

— Não podias ser um pouco mais indiferente... embora gostes tanto de mim? É preciso que, por tua culpa, todos êsses incidentes insignificantes arruínem a nossa intimidade? Torkild, a vida ficará demasiado difícil se te apegares a ninharias...

De si para si, Torkild se dizia que tudo quanto lhes interessava não podia ser ninharia para êle. Ao mesmo tempo sentia, através da camisola fina, a tepidez dos seios de Rosa, e seus beijos ternos, brandos, que vinham roçar-lhe os cabelos. Humilde e triste, refletia que era ela quem tinha razão. "Sou eu, com a minha desconfiança, que estrago tudo. Devia acreditar nas carícias dela e em nada mais, simplesmente."

— Ai! — sussurrou ela.

Soerguera-se, apoiada num cotovêlo, e olhava para o rosto de Torkild:

— Os olhos quebrados que êle tem, o meu amigo...

Beijou-lhe os olhos. Torkild sentiu-se imediatamente esfriar. Era algo que ela tinha lido. "Onde diabo já vi isso?" pensou. Mas, como começasse a afastar-se, ela o reteve e continuou a afagá-lo da mesma maneira, doce e consoladora... até que êle retribuiu os beijos, apertando-a contra si.

Rosa adormeceu nos seus braços; Torkild, porém, permaneceu muito tempo acordado. Tôdas as impressões da noite se confundiam num sentimento de tristeza e desgôsto.

VII

De quando em quando, Torkild chegava à conclusão de que era de um melindre mórbido, e que tinha de reagir. Por vêzes, chegava mesmo a achar que a desventura dêles era pura imaginação. O casamento não se tornara o que havia esperado, porque se convencera de que ambos tinham de sentir, vivendo sempre juntos, o que a Sra. Wegner parecera experimentar a cada minuto que passava com a filha: uma sensação de festa e de intimidade no lar... Era verdade que jamais conhecera um casamento em que as coisas se passassem assim. Vira sobretudo, no casamento, duas criaturas insultando-se e tolerando, tanto o marido como a mulher, ofensas que, feitas por quem quer que não fôsse esta de cujo leito a outra participava, teriam bastado para separar, irremediàvelmente, o agravado daquele que se deixasse arrastar a tais cenas. Palavras envenenadas, suspeitas infames, um procedimento desleal e impolido, um egoísmo cínico, eis o que um homem e uma mulher chegavam a aceitar um do outro... e, depois de se haverem tratado com os piores palavrões, dormiam juntos e procriavam.

Nunca haviam tido, Rosa e êle, a menor discussão. Até quando se diziam coisas desagradáveis, tinham sempre respeitado as regras da cortesia elementar. E, em suma, não era com freqüência que recorriam às palavras duras. Se a vida em comum se tornara baça e destituída de poesia, era pelo menos calma e tranqüila.

Naquele ano, o mês de novembro foi extraordinàriamente belo. De manhã, quando Torkild ia para o escritório, a escarcha polvilhava o arvoredo de uma leve nuvem cinzenta e o sol subia, vermelho, atrás da névoa. Durante o dia, geralmente a claridade aumentava, as estradas, prêsas de manhã no gêlo, se enegreciam e tornavam lamacentas e, ao sol, gôtas deslizavam, caíam, cintilavam no mato iluminado, onde as árvores e os arbustos conservavam as últimas e raras fôlhas amarelas, e algumas bagas, e as rosas-de-cão, purpurinas, uma ou outra frutinha. Pôsto o sol, o gêlo se refazia e, ao longo do regato, o nevoeiro se estendia sôbre o prado como um vapor branco e leve. Quando Torkild voltava para casa, à bôca da noite, a luz das janelas da cozinha e da sala de jantar furava o nevoeiro como um espêsso jôrro de holofote.

Rosa não vinha mais encontrá-lo no vestíbulo, mas gritava seu boa noite lá da cozinha. Eram claras e agradáveis aquelas salas bonitas, onde crisântemos brancos, amarelos e côr de malva, desabrochavam nas janelas. E, quando finalmente Rosa aparecia, sempre vinha com um sorriso alegre, segredando-lhe que hoje teriam uma coisa boa para o jantar. Ufanava-se infantilmente de sua comida, e de fato se tornara perita e encantada nas artes domésticas.

Contudo, Torkild sentia-se às vêzes um tanto irritado, ao vê-la tão absorvida pela casa. Depois do jantar, Rosa geralmente lhe pedia que executasse um pouco de música, mas, enquanto êle estava tocando, saía de repente para ir ocupar-se com a cozinha. Fazia conservas, e sucos ou doces de frutas em quantidades que absolutamente não correspondiam às necessidades do consumo doméstico; e variedades de pastelaria de que comia pouquíssimo e êle nada; isto constituía a felicidade da empregada e das crianças dos Lieds, que freqüentemente vinham de visita. Rosa enviava, também, muita coisa aos doentes e aos pobres da redondeza. Se acontecia ficar junto dêle todo o serão, ocupava-se com algum trabalho de agulha, algum consêrto de roupa, como se não pudesse ficar inativa um só instante; e Torkild interpretava essa agitação como um meio de remediar uma profunda angústia.

De tempos em tempos, parecia que ela própria se cansava de tôdas essas atividades. Assim, um dia, ao voltar para casa, Torkild foi recebido pela notícia habitual de que, naquela noite, comeria um jantar extraordinário: uma sopa francesa

com salsa, e legumes recheados. Torkild cumprimentou-a com exuberância e repetiu o prato.

— Realmente, fizeste com perfeição êsse prato... estás um legítimo mestre-cuca, sabes?...

— Que bom que isso te agrada — disse ela, mas num tom já não muito amável.

Um momento depois, acrescentou:

— E tu estás um terrível glutão.

Torkild ficou desagradàvelmente surpreendido com o tom ácido de sua mulher, mas, querendo a paz a todo preço, contentou-se em dizer, com voz muito calma:

— Palavra que não sei. Certamente que eu gosto de passar bem. E, aliás, tu te encarregas admiràvelmente de me estimular...

— Sim, eu faço o mais que posso, já que o destino quis que o meu trabalho fôsse êsse! Felizmente gosto de cozinhar. Mas isso não impede que me sinta às vêzes meio irritada, ao te ver sentado aí, contente de teres-te enchido de coisas boas, como se nada mais houvesse no mundo que te interessasse...

Rosa olhava-o com uma expressão agressiva, mas Torkild não respondeu e, tendo terminado de jantar, levantou-se e passou para a sala. Ela seguiu-o, serviu o café e lhe ofereceu uma xícara. Depois, sùbitamente, foi sentar-se no braço da poltrona em que êle se jogara, e agarrou-lhe a cabeça, virando-a para si.

— Perdoa-me, Torkild. Não fui delicada contigo.

Êle encarou-a.

— Sinto muito — insistiu ela.

Torkild puxou-a e fê-la sentar-se nos seus joelhos.

— Mas que foi que te deu? — perguntou, baixinho.

— Vou contar-te.

A criada tinha lavado uma toalha verde, bordada, e a deixara na água. A côr desbotara. E, no entanto, ela estava sempre dizendo a Inês que nunca deixasse de môlho tecidos de côr...

Torkild riu-se:

— É o cúmulo! Pois olha, também vou revelar que detesto legumes recheados. O teu prato estava excelente, sem dúvida, mas não gosto daquilo... dá a impressão de que foi mastigado...

Rosa ficara sentada nos joelhos de Torkild, mansa e meiga como uma menina que foi repreendida e perdoada. De repente, disse:

— Torkild, vai depressa telefonar... talvez a gente ainda possa arranjar entradas... Sinto ter dito, ontem, que não queria ir a êsse concêrto. Ainda é tempo, se nos despacharmos...

Tratava-se de um concêrto que Torkild desejava ouvir, mas Rosa não quisera... e êle não tinha vontade de ir sòzinho. Prometeram reservar as entradas e ambos subiram ràpidamente para vestir-se.

Uma bobagem, aquilo tudo! dizia êle consigo, enquanto se barbeava. Não valia a pena pensar nisso. Ela ficara desgostosa ao ver a toalha estragada, e precisava mesmo descarregar a raiva em alguém. Eram coisas que aconteciam em tôdas as famílias, e não passava de uma grande tolice dar importância a isso.

Rosa entrou no quarto dêle, com o vestido cinza e rosa, e pediu-lhe que o abotoasse:

— Nunca tive um vestido de que gostasse tanto e fico mais satisfeita ainda porque também te agrada — disse, à guisa de agradecimento quando êle terminou.

Torkild ficou encantado por ter assistido ao concêrto; cearam, depois, no restaurante e voltaram para casa de táxi. Seguiu-se um período de harmonia, que recordou a camaradagem outrora existente entre ambos.

Pelo Natal, resolveram ir passar alguns dias num hotel de Gudbrandsdal. Rosa não tinha facilidade para fazer relações: ficaram, pois, meio isolados: faziam sòzinhos longos passeios de esqui, dançavam à noite, de preferência um com o outro; formaram sôbre si mesmos a mesma opinião a que os outros hóspedes haviam chegado, isto é, que eram realmente um casal felicíssimo.

Que ficassem em tal medida entregues a si mesmos tinha, ao mesmo tempo, um lado bom e um lado mau. Cada vez que se viam em sociedade, sentiam quanto eram feitos um para o outro. Mas, como não conheciam ninguém com quem tivessem prazer em conversar, e como ficavam sempre isolados, era com freqüência que lhes faltava assunto.

Em casa, os livros, a jardinagem, as ocupações caseiras, não chegavam para distrair, de uma a outra ponta do ano, a monotonia dos dias sem fim, só interrompida pelas caçadas de Torkild. Durante as longas horas que passavam juntos, consigo diziam que não era preciso ser assim e que um homem e uma mulher, que se amam, nunca deveriam aborrecer-se na companhia um do outro.

De vez em quando, iam à cidade ouvir um concêrto ou assistir a um espetáculo, mas, pràticamente, não tinham relações em Cristiânia. Lund e Helsing vinham visitá-los com longos intervalos, mas tinham conservado a cabana, onde passavam quase todos os dias de folga, e viviam num plano bem diverso. Entre os vizinhos, Torkild e Rosa só freqüentavam com assiduidade os Lieds. Rosa encontrava-se amiúde com a Sra. Lied, não por simpatia, mas porque esta a cultivava em função das oportunidades de falar, que Rosa lhe dava com seus silêncios quase totais.

Para o fim do inverno, Torkild estava, uma noite, sentado no quarto de sua mulher; esta, que se despia, disse-lhe bruscamente, esboçando um sorriso:

— Mary, a coitada, achou o único homem entre mil.

— Que quer dizer isso?

— Mas não te lembras que Mary, enquanto Briten estava conosco, veio expor-nos as suas idéias sôbre o amor? Ela afirmava, entre outras coisas, que só havia um homem, em mil, que fôsse capaz de amar.

— De fato, lembro-me bem daquela noite. — Torkild ficou um instante calado, depois acrescentou: — Não é sem razão que se diz: Procura e acharás!...

— Mary não é tão desengraçada como pensas — disse Rosa, gravemente. — É meio aloucada, a pobre, mas fazendo-se abstração de tôdas as suas frases e daquele detestável palavreado de teatro, seu jeito é de quem está levando a sério essa história. Apaixonou-se de fato e está sofrendo...

Torkild não respondeu.

— Mary tem uma coisa que me agrada — prosseguiu Rosa — é que não quer enganar o marido; pretende divorciar-se, compreendes? E ainda não teve coragem de falar nisso a Lied... O amigo dela parece também que está apaixonadíssimo... Resulta que, no momento, a vida de Mary não é muito fácil. Contudo, jurou a si mesma que não se entregará

ao seu amigo enquanto morar debaixo do teto conjugal... não porque se julgue com deveres para com o marido, mas por si mesma e pelos filhos.

Torkild não pôde evitar um sorriso irônico: quando morava em Fensal, fingira não perceber que a Sra. Lied e êle tinham executado uma variante da eterna comédia da Sra. Putifar e de José. Mas contentou-se em dizer:

— Ah, então ela se julga sem nenhum dever de fidelidade para com Lied?

— Tu sabes como Mary é exaltada. E ela acha que, como já não o ama há muito tempo... Aliás, eu penso que êle não é muito bom para ela. Tens de admitir que, às vêzes, até quando estamos lá de visita, fala com Mary num tom muito desagradável. Além disso, como sabes, o casamento dêles teve de ser um pouco antecipado e foram morar, durante todo o primeiro ano, na casa dos pais de Lied. Nesse período, foi muito infeliz... e afirma que aí o seu amor por êle se extinguiu: é assim que ela diz...

— Acho que isso não foi mais agradável para êle do que para ela — observou Torkild, sêcamente. — Enfim, provàvelmente ela entende que é obrigada moralmente a prestigiar o divórcio... Eu, por mim, só reprovo o divórcio por causa dos filhos. Mas, neste caso, penso que as crianças dos Lieds serão tão bem cuidados com a mãe como sem ela. Bem, eu não tenho nada com isso.

— Mas Torkild, apesar de tudo, há um bom fundo em Mary, existe algo de verdadeiro por trás de tôdas as suas frases mal digeridas e todo o seu palavrório. E é isso o que Lied nunca compreendeu; êle considera tudo o que a mulher faz e diz como infantilidades.

Pois tem razão de sobra, pensou Torkild, mas não o disse.

— Ela me pediu permissão — continuou Rosa — para se encontrar com os filhos aqui, de vez em quando, depois que deixar a casa. Eu prometi, com a condição de que tu não visses inconveniente nisso.

— Concordo, contanto que Lied não tenha nada a opor a uma combinação dêsse gênero. Mas não te deves comprometer, sem o assentimento dêle, a organizar entrevistas entre a Sra. Lied e as filhas... Mas quem é mesmo êsse único homem entre mil?

— Chama-se Petersen, e trabalha no jornal *O Porvir*, onde Mary conseguiu encaixar alguns artigos, como sabes. É um pouco mais môço que ela...

— Pode sustentá-la?

— Sob êsse aspeto, não é lá que se diga, penso eu. Mas Mary acha que pode chegar a uma situação independente.

— Pois eu quero vê-la sair de casa, antes de acreditar em tôda essa história — concluiu Torkild.

Entretanto, Mary de fato saiu de casa. Mas, nos dois meses que precederam êste acontecimento, pedia incessantemente a Rosa que fôsse ter com ela em Fensal; ou, então, ela mesma vinha procurá-la.

— Não compreendo que admitas que ela te tome por confidente — disse Torkild, um dia, à sua mulher.

— Mas ela é tão infeliz, a coitada — respondeu Rosa. — Está louca pelo seu Halstein Petersen, e apesar de tudo é muito afeiçoada às filhas; por outro lado, em virtude de seus princípios, não deseja enganar o marido. Petersen a pressiona muito, mas ela não quer render-se antes de ficar livre. Ora, eu acho que se posso ajudá-la a não quebrar os seus princípios, se a posso consolar um pouco...

Torkild deu um beijo em Rosa. "Coitadinha!" pensou, "ainda é uma pura."

No fim de abril, os Lieds se separaram de corpos e de bens, e Mary foi viver com Petersen. E não mais se afastaram um do outro, trabalhavam juntos, faziam juntos as refeições no restaurante e viviam provàvelmente o perfeito amor, pois Rosa quase não via Mary. Um dia, esta a convidou a visitá-los, para conhecer Petersen. Rosa teve de confessar que Mary deformara levemente a verdade ao dizer que seu pretendente era "um pouco mais môço" do que ela: Petersen parecia ter no máximo vinte e dois anos.

Não se tornou necessário que Mary fôsse ver as filhas na casa dos Christiansen. Lied levou a coisa como homem moderno e emancipado: concedeu à mulher uma pensão bastante polpuda e permitiu-lhe que visitasse as crianças em sua casa, ou que as levasse à residência dela, na cidade.

VIII

A primavera e o verão decorreram sem acontecimentos para Rosa e Torkild. Tinham começado a visitar, de quando em quando, outro jovem casal sem filhos, o farmacêutico e sua mulher, que acabavam de mudar-se para aquela zona. Rosa, principalmente, parecia ter-se afeiçoado à suave e pequenina Sra. Vik, a quem o traje de luto dava um ar de adolescente. Os Viks haviam perdido, logo antes da mudança, uma filhinha de dezoito meses. O farmacêutico era um homem pouco expansivo, grande caçador, como Torkild, e, quanto ao mais, dotado de uma bela voz.

Em outubro, Torkild recebeu um telegrama comunicando que o pai estava muito doente, e desejava ver a êle e Rosa. Telefonando para Frederikshald e falando com o médico que sabia ser o assistente do pai havia alguns anos, soube que se tratava de uma peritonite; devia haver uma operação ainda naquela tarde, mas o cirurgião não alimentava muita esperança. Torkild e Rosa partiram à noite do mesmo dia. Ao chegarem, na manhã seguinte, só acharam Axel na casa. Ivar Christiansen havia sido transportado para o hospital católico; a operação fôra satisfatória, mas o doente estava fraquíssimo, e seus filhos, quando o quiseram ver na manhã seguinte, não obtiveram permissão para lhe falar.

Tinham igualmente telegrafado para Dóris, em Copenhague, mas ela não respondera.

Passaram-se três dias baços e tristes. Chovia e a tempestade soprava sem descanso, obrigando-os a ficar encerrados a maior parte do tempo, afora as saídas para as visitas ao hospital. Aquelas três criaturas viviam, pois, confinadas numa casa que para elas nunca fôra um lar. Torkild e Axel evitavam tanto quanto possível ficar a sós e, às refeições, ou quando faziam juntos o trajeto do hospital, se limitavam a falar do estado do doente; de Dóris, que não dava sinal de vida; do mau tempo, etc.

Esta situação deprimia terrìvelmente a Torkild; seu pai agonizava: o médico não dava mais que uma remota esperança. E debalde o filho procurava, no coração, algo que se assemelhasse a afeição por aquêle pai. Entretanto, acreditava que o pai devia, de algum modo, amar aos filhos; mas, para lhe oferecer em retribuição, não achava mais que uma piedade aflita, com laivos de desprêzo: que fizera êle, Ivar Christiansen, desta vida que ia deixar? Não muito, sem dúvida; e menos ainda pelos filhos.

E êsse irmão, que êle jamais conhecera, que êle esbofeteara, e a quem jamais conheceria. Para Axel, sem dúvida o pai significava ainda menos que para êle. Hoje, estavam reunidos em redor de um agonizante. Uma espécie de sentido das conveniências os obrigava a assistir à dissolução definitiva desta triste família.

O mesmo sentido das conveniências os levava a falar da casa paterna como de um lar. Torkild voltara a ocupar o seu quarto de outrora, aquêle onde sua mãe, havia muito tempo, morrera; agora dormia ali, com Rosa. E por causa das conveniências, e por outras razões que nada tinham que ver com as conveniências, chamava Rosa de sua mulher.

Nunca sentira tanto, como agora, que não pudera fazer dela a sua mulher. Por um curto momento, fizera-a sua amante... e Rosa continuava a sê-lo, por hábito, e porque nem ela nem êle tivera a coragem de romper a união. Calavam ainda, um diante do outro, esta coisa que sabiam: que tal situação não poderia durar. E foi ali que, pela primeira vez, sentiu que assim era. Aquêles dias, transcorridos em aflita expectativa, lhe mostravam, mais claramente do que nunca, que para Rosa não existiam nem êle, nem nada do que lhe dizia respeito.

Torkild e Rosa tinham de tal modo perdido o hábito de conversar um com o outro, que recuavam instintivamente diante da tentativa de um desabafo, que antigamente, antes de casarem, lhes teria parecido natural. Era por esta razão, e não por indiferença, que Rosa evitava o marido, e que agora lhe falava de qualquer outra coisa que não fôsse aquilo que preocupava um e outro. Ela também se comovia com esta permanência na casa onde o marido passara a infância, mas agora estava muito longe dêle para poder exprimir esta emoção; tanto mais quanto achava nesta atmosfera algo de inconcebível, de revoltante, antinatural. Via que o pesar dos dois filhos não provinha de verem o pai morrer, mas de não terem um pai a perder; sentia, entre os dois irmãos, a presença de uma inimizade tão profunda que nem o desgôsto por tudo aquilo, de que haviam sido privados, chegava para os levar a esquecê-la. E aqui, onde tudo lhe evocava a juventude dela, a de Torkild, a amizade entre ambos desde crianças, Rosa tinha por mais cruéis ainda, e até por ofensivas, a reserva, o silêncio do marido; com uma amargura que jamais conhecera, fazia o balanço de tudo o que, para êles, o casamento destruíra; por isso, a sua atitude diante de Torkild se tornou mais fria e mais distante do que teria acreditado, e do que teria desejado.

No quarto dia, à noite, um carro parou no pátio da casa. Quando para lá convergiram, Rosa procedente da cozinha, Torkild da sala e Axel do quarto, viram-se em presença de Dóris. Correndo, esta se lançou nos braços de Torkild e desfez-se num pranto convulsivo, sacudido por soluços.

Êle a introduziu na casa, mas, como fizesse menção de sair novamente para pagar o cocheiro, Dóris o impediu: reteria o carro a fim de transportar-se imediatamente ao hospital para beijar o pai. Só depois de ter telefonado ao médico é que Torkild pôde fazê-la compreender que uma visita ao doente, àquela hora tardia, era impossível. Dóris consentiu, então, em tomar chá com pão e manteiga, que Rosa lhe preparara às pressas.

Axel retirou-se para o seu quarto; Torkild e Rosa ficaram com Dóris, enquanto esta tomava o chá. Saíra na véspera, à noite, da Jutlândia, onde estava em visita a amigos; passara a noite em claro, partira de Copenhague na manhã seguinte, fazendo na terceira classe tôda a viagem. Parecia extenuada, nervosa, e falava do pai com grande ternura filial.

Eis o que esquecera, dizia consigo Torkild: Dóris amava o pai dêles, era o único dos filhos que se lhe afeiçoara. Em sua memória, êsse ponto se apagara... assim como se apagara, desde alguns anos antes, que tinha uma irmã: Dóris nunca respondera às suas cartas e êle cessara de escrever-lhe, enviando-lhe apenas algumas palavras pelo Natal e no aniversário dela. Isto lhe parecera natural. Dóris informara-o, por carta, que ganhava bem a subsistência dando lições de canto; êle sabia que Dóris tinha muitos amigos em Copenhague... e não se preocupara em indagar mais sôbre a sua vida. Agora, era demasiado tarde. Contemplava a môça em seu vestido exageradamente decotado, exageradamente moderno; os cabelos, arranjados com um excesso de bucles, tinham um aspeto empoeirado, sob a rêde que os prendia. A tez era cinzenta sob o pó-de-arroz, o desenho da bôca frouxo e cansado, as olheiras escuras e enrugadas. Não a via desde que fôra para Copenhague, dois anos e meio antes, em viagem de núpcias. Registrara, então, que ela era um pouco ousada na maneira de vestir-se, de andar na rua, de portar-se no restaurante; ficara irritado, dissera consigo mesmo que, em Dóris, aquilo era simples bravata: ela acreditava talvez, ingênuamente, que causava bom efeito. Enchia seus dias com o estudo, visitava numerosos parentes, e tinha, além disso, uma idade em que devia saber o que fazia... sim, ela ainda era séria. Infelizmente, hoje, todo o mundo (pelo menos os homens) podia ver que já não o era.

Logo depois de ter acabado de tomar chá e comer o pão, deu boa noite ao irmão e subiu com Rosa para o quarto.

Havia muito que a criada fôra deitar-se; Torkild levantou a mesa, agarrou o mantô e o chapéu de Dóris, que tinham ficado em cima do sofá, com a intenção de pô-los a secar. Enquanto estava com o chapéu de Dóris na mão — um gorrinho de veludo vermelho-vivo, enfeitado com um penacho de plumas de avestruz, côr de malva — Axel apareceu à porta da sala.

— Que achaste de Dóris? — perguntou êste, ao cabo de um instante.

— Está extremamente cansada da viagem, a coitadinha! — respondeu Torkild.

Axel esperou um pouco, depois disse:

— Não era a isso que me referia.

Torkild nada respondeu; sentiu que lhe subia uma onda de raiva contra Axel. Era isso tudo o que seu irmão encontrava para dizer a respeito da irmã dêles, naquele momento?

— É o cúmulo — prosseguiu Axel, a voz incisiva. — O último membro da família, que esperamos há quatro dias, chega afinal... daquele jeito!

— Que nossa irmã esteja dêste ou daquele jeito, ela não tem de prestar contas a nenhum de nós todos, compreendes? — disse Torkild, voltando-se para Axel. — Nem a papai, nem a ti, nem a mim. Porque nenhum de nós nunca fêz nada por ela. Todos a abandonamos... é tremendo!... E eu te proíbo, seja o que fôr que penses dela, de lhe fazer uma única censura! — acrescentou, aproximando-se da porta.

— Tu estás louco! Como podes julgar-me capaz de uma coisa dessas?

— Palavra que não sei — gritou-lhe Torkild, saindo pela porta. — Boa noite!

Na manhã seguinte, Dóris e Torkild foram juntos ao hospital. O doente dormia e, enquanto estavam sentados à cabeceira da cama, expirou sem despertar.

Torkild quis tomar um carro para voltarem, mas Dóris preferiu fazer o trajeto a pé. Seguiram, pois, de braço dado, pelo velho caminho lamacento, debaixo da chuva de outono. Dóris não cessava de chorar.

— Com certeza que êle sentiu saudade de mim. Sim, podes ter certeza disso, papai sentiu saudades de mim. Êle sabia perfeitamente que eu era o único dos filhos que gostava dêle. Ah, como me condeno por não ter vindo imediatamente... Até anteontem de tarde, eu não sabia se vinha. Não tinha coragem.

"Oh, como lastimo isso! Papai... teria compreendido tudo. Não ia censurar-me nada... teria compreendido... Eu tenho todo o direito de viver a minha vida como quero..."

Foram forçados a deter-se e afastar-se para a beira da estrada: a carrêta de um camponês passou por êles, salpicando-os de lama.

— Eu gostava de papai... inclusive porque tinha a coragem de viver a seu modo... sem considerações com os outros. Eu acho que é um dever sagrado de cada um viver a sua vida...

— Não — disse Torkild, com veemência. — Ninguém tem o direito de fazer isso, pois a gente não pode viver a sua própria vida sem fraudar a vida dos outros.

— Isso é com relação a mim? — perguntou ela, em tom agressivo.

— Não — respondeu Torkild, tornando a dar-lhe o braço... — Não: foi com relação a mim que falei...

Os dois irmãos partiram no dia seguinte, levados por suas ocupações, para só voltarem no dia do entêrro. Acertaram as coisas de modo a não fazerem juntos as duas viagens.

À noite do dia em que se realizara o entêrro, quando Torkild subiu para o quarto a fim de se deitar, topou com Rosa sentada no sofá, vestida, como que a esperá-lo.

— Torkild, deves procurar convencer Dóris que não volte para Copenhague. Seria melhor (por muitos motivos) que ficasse na Noruega.

— Conversaste com ela a respeito disso? — perguntou Torkild.

— Conversei, mas ela não quer. Ou antes, acredito que não sabe o que quer. Poderias tentar, por tua vez. De qualquer forma é a ti que ela respeita mais.

— Hum... — Torkild começou a despir-se. — Não és de opinião, naturalmente, que ela deva ficar aqui, em Frederikshald?

— Não, não. Eu a convidei para ficar lá em casa, pelo menos provisòriamente. Mais tarde, talvez possa arranjar alunos em Cristiânia, não achas? Não tens nada a opor, a que ela fique lá em casa, não é?

— Não, pelo contrário. Gostei que lhe tenhas proposto isso por tua própria iniciativa. Eu ia justamente te pedir que a convidasses... Ela te contou alguma coisa? — perguntou de repente, ao cabo de um instante... — A respeito dela mesma, quero dizer.

Rosa hesitou, antes de responder.

— Sim... isto é, contou-me coisas mais ou menos verossímeis, que na maioria me parecem inventadas. Mas, em tudo, há infelizmente uma coisa verdadeira. Penso que te posso dizer: parece que foi noiva do primo de vocês, Mogens. Mas agora Mogens voltou para a espôsa; estavam separados havia mais ou menos um ano, mas a mulher dêle está... sim, resumindo, está esperando nenê. Dóris certamente que sofreu

um grande desgôsto, e está furiosa com o primo por a ter enganado: êle escondeu-lhe, por vários meses, que sabia ser impossível o divórcio...

Torkild permaneceu calado, e Rosa acrescentou:

— Convém não dizer a Dóris que estás a par disso.

— De acôrdo.

Aproximou-se de sua mulher:

— Deves achar que, ao casar, entraste para uma bonita família.

— A tua família eu conhecia tão bem como tu, parece-me.

Pôs as mãos nos ombros do marido, forçou-o a abaixar-se e beijou-lhe a testa.

— Éramos, antes, tu e eu que não nos conhecíamos a nós mesmos tão bem como pensávamos... — disse.

No dia seguinte, durante um passeio, Torkild conversou com Dóris. Esta afirmou, enfàticamente, que queria voltar para Copenhague. E, como Torkild insistisse, ela declarou, num tom que era antes de mais nada desenxabido:

— Aliás, há um homem, lá em Copenhague, chamado Jens Lihme, com quem prometi casar no mês que vem.

Torkild caminhou um momento em silêncio. Perguntava, a si mesmo, se havia algo de verdadeiro no que ela acabava de contar.

— Não tens jeito de quem está encantada com o noivo — disse, finalmente.

— Encantada!... — Dóris riu-se. — Jens não é um homem por quem a gente possa encantar-se. Eu, principalmente. Mas, tu compreendes, êle foi o único homem que tôda a vida só me desejou o bem, que nunca me mentiu, que nunca procurou abusar de mim. Deixou que eu, sim, abusasse dêle, acreditou nas minhas mentiras, permitiu que o atormentasse, sem piedade. E, apesar de tudo o que sabe a meu respeito, ainda assim me quer. Tal como sou, quer que eu vá para sua casa, que me torne sua espôsa... no nome apenas, se eu não quiser de outro modo. Oh, não, ninguém pode apaixonar-se por um homem como Jens Lihme. Contudo, pelo menos uma vez é preciso que eu cumpra a minha promessa; e não adianta continuar falando nisso.

— Sim, mas Dóris — acrescentou ainda Torkild — não seria possível que ficasses aqui até o casamento de vocês... e que vocês se casassem aqui?

— Olha, é uma idéia — disse Dóris, conquistada por esta nova perspectiva. — Se Jens quiser. Na realidade, isso não seria tão tolo. Eu poderia ir até lá para arranjar tudo com os meus alunos... e depois podíamos voltar para cá juntos, a fim de nos casarmos. Eu te prometo... mas agora não precisamos mais falar nessa coisa tôda. Isso me deixa doente... — acrescentou, com um quebranto na voz.

Tudo o que Torkild pôde ainda saber foi que o misterioso Jens Lihme dava lições particulares, e morava no bairro de Christianshavn, em Copenhague.

No dia imediato, teve de voltar para a fábrica. Ficara decidido que procurariam vender a casa tão depressa como possível; Dóris e Rosa lá ficariam por algum tempo para encaixotar os móveis. Axel prometeu ajudá-las, quando tivesse oportunidade.

IX

Uma noite, cêrca de quinze dias mais tarde, Rosa e Axel, da escada da plataforma da estação de Frederikshald, faziam gestos de adeus para Dóris, que viajava para Copenhague.

— Acho — disse Rosa, quando em seguida atravessavam o recinto da estação — que convém regressarmos já para o hotel. Precisamos deitar-nos cedo. Temos de nos levantar às seis da manhã.

Axel confirmou de cabeça.

— Lá, agora, tudo está fechado e vazio — disse, depois. — Como serão os que vão reabrir aquelas portas? Como será a vida dêles na casa de papai, quando tiver mudado de dono?

— Se êsse norueguês que voltou da América quisesse comprá-la... — disse Rosa.

Axel prosseguiu:

— Na verdade, tu moraste lá mais do que eu. E provàvelmente guardaste boas recordações dela?

— Sim, tu compreendes... Antigamente, bem que lá a gente se divertia, Torkild, Dóris e eu. Éramos muito crianças, os três. E era lá que eu ficava, nas férias... muito curtas. Só o fato de estar em férias bastava, então, para eu estar contente...

Quando entraram no salão de jantar do hotel, para uma refeição leve, Axel se lembrou que tinha jantado com seu irmão exatamente nesta mesa, perto da janela, no dia seguinte ao de sua chegada à Noruega.

Rosa e Axel conversaram muito pouco, enquanto comiam. Quando terminaram, Axel quis pagar a conta, mas Rosa disse ao garçom:

— Eu pago um chá e três fatias de pão com manteiga.

Como Rosa não tivesse acabado de fumar o seu cigarro, permaneceram sentados, depois de paga a despesa.

— Por que — perguntou Axel — fizeste questão de pagar a tua parte?

— Por que não ia pagar? Sempre fiz assim.

— Não te perguntei por que não pagarias, mas por que insististe em pagar? É porque não ignoras que Torkild e eu estamos de mal?

— Quem sabe? Talvez um pouco por isso, também. Evidentemente — acrescentou, enrubescendo — não posso permitir-me passar assim por tua convidada, já que, por motivos que desconheço, não és mais recebido em nossa casa.

— Então Torkild não te explicou por quê?

— Não.

— Mas... suponho, ainda assim, que êle tenha dado a entender que a culpa foi tôda minha? — perguntou Axel.

— Torkild não fêz alusão a nada — disse ela, a contragosto. — Nem a pretextos nem a culpas. Eu, naturalmente, achei que havia culpa dos dois lados. Mas, como Torkild me fêz ver que desejava nada dizer-me a respeito do que se passara, peço-te que também não tentes explicar a desavença de vocês.

Axel tinha os olhos fitos no fundo de sua taça.

— Então, és extremamente leal para com teu marido?

— Naturalmente que sim — disse Rosa, lacônicamente.

Em seguida, esmagou a ponta do cigarro no prato e se levantou.

— Daqui a pouco serão dez horas, Axel... Boa noite para ti. Eu vou-me deitar.

— Eu subo também.

Percorreram juntos o corredor até a porta do quarto de Rosa.

— Tu te lembraste de avisar que nos acordem? Ótimo. Então, boa noite, Axel... — Estendeu-lhe a mão com um sorriso amável e entrou no quarto.

Tirou a roupa molhada pela chuva, vestiu um chambre, pantufos, e sentou-se perto da estufa com um livro e um cigarro. Na verdade, êste quarto era bem agradável, para um hotel; e os móveis, confortáveis, à antiga.

Havia uma hora que estava lendo. O fogo se apagara na estufa, e a peça estava cheia de fumaça de cigarro. Nalgum ponto do hotel, um relógio deu onze horas. Era tempo de ir para a cama.

Espreguiçou-se na poltrona. Sentia um pouco de frio e, com aquela noite escura e úmida, hesitava em levantar-se e abrir a janela. Bateram à porta.

— Rosa... ainda não te deitaste? — Era a voz de Axel, num cochicho.

— Não.

— Posso falar contigo um instantinho?

Rosa olhou-se ràpidamente ao espelho. O chambre roxo carregado, de lã, enfeitado com uma gola branca e apertado ao corpo pelo cinto, podia a rigor passar por traje de interior.

— Sim, entra.

Axel abriu a porta, entrou, e fechou-a sem fazer ruído.

— Ah, estavas lendo? Receava que já estivesses deitada.

— Não, era justamente o que ia fazer.

Axel folheou o livro que ela pusera em cima da mesa:

— Que tal é?

— É um livro que Dóris me emprestou. Ela o achou ótimo.

— Sim, sim! Mas tu, que achas? — perguntou Axel, num tom distraído.

— Eu não gosto. Acho um tanto escabroso.

— Escuta — disse Axel, em voz baixa, sentando-se na poltrona, perto da estufa... — Dóris não te causou uma impressão... meio desagradável?

— Não — respondeu Rosa, em tom sêco.

E acrescentou, como uma censura:

— Dóris, a coitada, sempre levou uma vida difícil. E estava desolada e muito nervosa. Pensei que pudesses compreender isso, pelo menos.

— Claro que posso. Mas não é divertido ver a irmã com um jeito equívoco, para falar com franqueza.

— Não devias falar assim de Dóris.

— Mas não podias-te sentar? — perguntou êle.

Rosa sentou-se no sofá e, arrimando a cabeça na mão, encarou-o gravemente.

— Sabes alguma coisa a respeito dêsse noivo de que ela falou? — perguntou Axel. — Quem é êsse tal Lihme?

— Não sei muito mais que tu. Mas êle deve estar aqui no mês que vem, e então o conheceremos. Aliás, se era disso que me querias falar, teríamos tido tempo amanhã, no trem. Agora é tarde, e...

— Não, não é de Dóris que eu queria falar contigo.

Continuou sentado.

— Eu queria perguntar-te: será que achas que estamos de relações estremecidas, tu e eu, porque Torkild e eu o estamos?

— Não vejo por que me perguntas isso — respondeu Rosa, em tom amável. — Creio que não tive, nestes dias, nenhum procedimento inamistoso contigo. Nós nunca nos temos encontrado muito e, como vocês só ficam juntos quando não podem evitar, é provável que, no futuro, ainda nos encontremos com menos freqüência. Para falar a verdade, tu e eu convivemos muito pouco para ficarmos de relações estremecidas.

— Já te esqueceste de que um dia eu te disse que gostava de ti? — perguntou Axel. — Esqueceste que te pedi que fôsses minha mulher? Pois eu me lembro.

Por um momento, Rosa ficou como paralisada. Depois foi assaltada por um leve tremor, que a assustou. Mal podia dar crédito a êste incidente; jamais alguém se atrevera a tanto, jamais acreditara possível que alguém ousasse isto com ela. E começou a suspeitar, vagamente, que Axel tinha a intenção de lhe falar de coisas que não poderia ouvir sem se sentir ofendida.

— Tu te esqueces de que sou casada — disse, dominando a voz. — Parece-me que isso deveria bastar-te, e que eu não devia ser obrigada a lembrar-te que sou casada com teu irmão.

— Acreditas de fato — perguntou Axel, lentamente — que Torkild e eu possamos ter o sentimento de que somos irmãos? Aí está justamente o que é terrível, Rosa: fomos privados de tudo o que representa essa palavra: irmãos. As duas criaturas que nos puseram no mundo, assim como a Dóris, recusaram-nos a felicidade de ter um lar, um irmão, uma irmã, e de conhecer o amor filial. Nós crescemos no abandono e sem alegria. Uma mesma fatalidade pesava sôbre nós três,

era a única coisa que nos unia. Quando nos conhecemos, já não éramos crianças. E quando, finalmente, nos vimos reunidos em casa de nosso pai, continuamos sendo estranhos uns para com os outros; eu, pelo menos, sentia-me um estranho com meu irmão e minha irmã... Éramos semelhantes a três filhotes de lôbo que se vissem criados, por acaso, na mesma toca.

— Sim, eu sei — disse Rosa, com voz sumida.

Seu primeiro assomo de cólera cedera lugar, à medida que êle falava, a uma grande piedade.

— Compreendes que é impossível, nessas condições, querer que Torkild e eu alimentemos sentimentos fraternos um para com o outro? Posso responder: êle nunca os teve, mais que... que...

— Acho que estás enganado — disse Rosa, em voz baixa. — Torkild possui em grau elevadíssimo o sentimento de família, e tudo isso a que acabas de fazer referência não conseguiu destruí-lo. Estou certa de que Torkild, com tôda a sinceridade, desejaria que as relações entre vocês fôssem melhores... Êle sempre aspirou, justamente, a um lar...

— Eu também, Rosa — interrompeu Axel. — E queres saber por que era impossível que êle e eu nos tornássemos amigos? Tu estavas entre nós! Tu. Estavas entre nós, linda e tranqüila, meiga e sadia. Tinhas em ti tudo aquilo a que aspirávamos, podias dar-nos tudo o que desejássemos mais ardentemente. Tinhas crescido num lar, via-se nos teus menores gestos... Onde moravas era um lar, e aquêle que amasses acharia um lar. Não fomos mais dois irmãos, Torkild e eu, e sim dois rivais em luta pela mesma mulher.

Rosa balançou a cabeça.

— Acho que não tens razão nisso tudo... porque, depois que me pediste que fôsse tua espôsa, passou-se um ano e meio até que Torkild e eu ficássemos noivos. Durante todo êsse tempo, não nos encontramos uma só vez. De qualquer forma, cedeste lugar a teu irmão sem muita resistência...

— Queres dizer que eu teria tido probabilidades? — perguntou Axel, a voz rouca.

— Não; acho que não.

Rosa fêz o possível para falar num tom neutro, porém, malgrado seu, a inflexão da voz não era muito persuasiva. No mesmo instante, algo a havia advertido que o acaso influíra,

consideràvelmente, para que Torkild se tivesse tornado seu marido.

Axel levantou-se.

— Foi por tua causa que nos desentendemos — disse, em tom ameaçador.

— Eu te disse que não desejava esclarecimentos a êsse respeito...

— Mas eu insisto em esclarecer. Tens de me ouvir!

— Pois então fala, se é preciso! — Rosa deu de ombros. — Mas vais esperar até amanhã, no trem... Principalmente porque tenho a impressão de que, agora de noite, poderias deixar escapar coisas que depois lamentarias ter dito.

— E se não estivermos sòzinhos no carro?

— Meu Deus! Vamos para a segunda classe, naturalmente! Ou então para a primeira. Teremos então um compartimento só para nós, pelo menos durante o tempo de que precisares para isso que fazes questão fechada de me falar...

Por um momento, Axel ficou de cabeça baixa. Depois, de repente, disse com ênfase:

— Não. Quero falar agora, esta noite. Tens razão, amanhã talvez me arrependa. E eu quero-te dizer...

Foi até a porta, torceu a chave e enfiou-a no bôlso.

Rosa o seguiu com os olhos. Em seguida, dirigiu-se à janela e abriu-a.

— Que queres com isso? — exclamou Axel, a voz sufocada.

— Mudar o ar — respondeu ela, sêcamente.

Calçou a janela contra o vento, voltou-se para Axel e disse:

— Acaba com essa tolice, Axel. E vai-te embora para que eu possa deitar-me.

— Não; não vou embora antes de ter dito o que quero dizer.

Rosa sentou-se no sofá, pegou num cigarro e o acendeu:

— Bem. Deves estar calculando que não tenho nenhuma vontade de tocar a campainha chamando o pessoal do hotel, de dar escândalo e comprometer a mim e ao meu cunhado. Portanto, se te queres aproveitar disso...

— É isso mesmo. Sei perfeitamente que é a última vez que tenho ocasião de falar contigo...

— Quanto a isso, não te enganas — disse Rosa, com frieza.

Axel foi postar-se em frente dela, do outro lado da mesa.

— Eu gostava de ti, e êle gostava de ti, e tu escolheste a êle. Enquanto acreditei que vocês fôssem felizes... Deus é testemunha de que eu desejava a felicidade de vocês. Podes acreditar ou não em mim, se quiseres, mas é a verdade. Se tivesse visto que eras feliz com êle... Se tivesse percebido que êle tinha conquistado tôda a tua ternura, tinha satisfeito tôda a tua capacidade de amar... apesar de tudo o que eu mesmo sofria naquela época... então eu nunca teria permitido, juro, que nenhum mau pensamento, nenhum ciúme de Torkild, o meu irmão, se apoderasse do meu íntimo. Mas, quando chegou o dia em que vi que êle não tinha podido fazer-te feliz, e que tu sofrias terrìvelmente...

— Eu acabava de perder o meu filho — murmurou Rosa.

— Êle nunca viveu, Rosa. E estavas como uma mulher que perdeu tudo e que não tem mais esperança.

— Quem concebeu uma criança, meses e meses, e sentiu que ela crescia e adquiria vida... Para mim, êle viveu, dia e noite, durante meses. Uma criança que a gente concebeu assim torna-se tudo para a mãe, Axel. Pelo menos, por muito tempo...

Axel permaneceu calado, por um instante.

— Depois, quando vi vocês juntos aqui... Se tivesse observado que se amavam, que tu eras feliz... eu teria estendido a mão para Torkild, teria pedido perdão. Sei que havia de fazer assim. Mas tu não és feliz, não o amas...

— Achas que o momento teria sido bem escolhido para mostrar do nosso amor e da nossa felicidade?

— Não é isso. Achas que eu não ia compreender e sentir que amavas o teu marido, eu que te amo? Achas que eu podia enganar-me? Não. Eu vejo perfeitamente que não és feliz; quando partires daqui, não o farás para voltar a um lugar abençoado, onde tudo o que viste aqui, a fúnebre casa de papai, a sua morte desgraçada e triste, a degradação de Dóris, a minha grosseria desta noite, não existirão mais e serão para sempre apagados da tua memória. Vocês, tu e Torkild, não vieram de um paraíso assim. E é por isso que não pedirei a êle que me perdoe, que não tenho nenhuma consideração pelo fato de seres casada com meu irmão, como me dizias há pouco. Êle não tem sôbre ti nenhum direito que eu respeite... Uma vez que não gostas dêle, aos meus olhos tu és livre.

— Ainda que isso que supões fôsse verdade, e que eu não gostasse de meu marido — disse Rosa, com uma voz que tremia de raiva — considero de qualquer forma que êle tem direitos sôbre mim, e que eu, de minha parte, tenho deveres para com êle, entre outros o de não te escutar mais. Agora já falaste que chegue, e tens de sair daqui.

— Primeiramente tens de me responder o seguinte: tu amas Torkild? Eu exijo, antes de sair daqui, que me digas a verdade.

— E eu, de minha parte, me recuso a responder a seja quem fôr que me faça uma pergunta dessas.

— Essa resposta me basta — exclamou Axel, com uma expressão de triunfo. — Tu não gostas dêle! E então êle não é mais, aos meus olhos, o teu marido. Êle te arrebatou de mim, roubou-me a única criatura no mundo que eu amo... e não soube conservar-te. Êle não tem nenhum direito sôbre ti, nós estamos em pé de igualdade, êle e eu, e lutamos pela tua posse. Tu és livre... E êle nem mesmo te deu um filho que possa ligar vocês um ao outro. Quanto a êle, não gosta mais de ti; pelo menos não tem mais a coragem de lutar para te conservar. E desta vez, eu não hei de desistir, podes ter a certeza disto, Rosa. Eu te quero, eu te quero, e hás de ser minha, fica certa disto! Tu também sabes perfeitamente disto: estás tôda trêmula, porque sabes que tenho razão... tens mêdo de mim, essa é a verdade...

— Não, eu não tenho mêdo de ti.

Levantara-se diante dêle.

— E agora paremos aqui. Ama-me se quiseres e tanto quanto quiseres, mas não me fales nisso se desejas que conserve a menor estima por ti. Uma coisa é certa: depois que te portaste como estás fazendo esta noite comigo... e mesmo que eu participasse de tua frouxa concepção do respeito que se deve ao marido, ao lar, à honra (o que absolutamente não faço) eu jamais corresponderia ao teu amor.

— Queres dizer — perguntou Axel, com um sorriso irônico — que, de um lado, a tua declaração diante do juiz e, de outro lado, a consideração para com a honra de teu marido, para com o lar, como dizes (um lar sem crianças nem felicidade, um marido de que não gostas e que não mais gosta de ti) que tudo isso constitui um obstáculo que não poderias trans-

por, quando a felicidade te aparecesse e só precisasses fazer um gesto para apanhá-la?

— Sim, é o que eu digo.

— Então é que nunca amaste Torkild. Não sabes que coisa é o amor.

— Não me preocupo em saber... pelo menos êsse amor de que falas. E estou farta de discutir contigo... Fica certo de que não és tu quem poderia ensiná-lo a mim.

— Tu mesma disseste... que não sabias se seria êle ou eu. Nunca o amaste, não, não, não. Se eu não tivesse tido o estúpido orgulho de me afastar de ti a primeira vez que me repeliste, agora serias a minha mulher! Tu mesma confessaste.

— Absolutamente não sei se confessei isso. — A indignação lhe cintilava nos olhos. — Mas talvez tenhas razão. Admitamos que eu não sabia definir os meus próprios sentimentos, quando me casei. Talvez pudesses ter sido tu... Eu te conhecia tão pouco! E ignorava, naquele momento, o que agora sei, que não tinhas, como nós temos, êle e eu, o que chamo de sentimento de honra.

Como êle desse um passo na direção dela, Rosa inclinou-se por cima da mesa e deu-lhe uma bofetada.

— Queres ir embora, finalmente? Ou é preciso que eu toque a campainha para que te tirem daqui à fôrça?

Axel levou lentamente a mão à face. Os seus olhos mudaram de expressão: assemelhavam-se aos de uma criança que acaba de acordar.

— Tu também me bateste? — disse com voz sumida, tomada de espanto e desolação.

Rosa não fêz nenhum movimento.

Axel ficou imóvel, por um momento. Depois, dirigiu-se para a porta, abriu-a e saiu sem se voltar.

Mal se viu só, Rosa, sacudida por uma crise de soluços, sentiu um esmorecimento e apoiou-se na mesa. Tinha a obscura impressão de haver sido infiel ao marido. Não se lembrava, exatamente, nem do que ela nem do que Axel tinham dito. Sabia apenas que deixara transparecer alguma coisa, sem atinar com quê e até que ponto. Entretanto, confessara, para si mesma e para Axel, que não amava Torkild, que o seu casamento fôra fundado num capricho, mercê das circunstâncias... e que resultara na infelicidade de ambos. Que tivesse

feito uma revelação era, sim, uma infidelidade... e em proveito de um homem que ela esbofeteara, que estava satisfeita por ter esbofeteado.

Por trás da vergonha que experimentava por haver assim exposto a sua vida conjugal, começava a entrever o alcance de sua confissão. Em seguida, foi assaltada por uma grande aflição... uma ânsia de rever o marido.

Ao cabo de um longo momento, empertigou-se, depois foi despir-se. Deitou-se. Mas não pôde adormecer. Fragmentos da conversa de Axel, de suas próprias respostas, continuavam a suceder-se no seu pensamento. Era verdade o que êle dissera: ela nunca amara Torkild. E o mais penoso ainda era que tal verdade lhe fôsse manifestada pela bôca de um homem a quem desprezava, e que era inimigo de seu marido. Pobre dela! Que poderia ter-lhe respondido?

No dia seguinte, não se levantou quando a vieram chamar, mas ficou no hotel durante tôda a manhã; embarcou no trem do meio-dia, depois de certificar-se de que Axel seguira mais cedo, noutro horário.

Durante todo o tempo da viagem, e à medida que se aproximava de casa, a ânsia de rever Torkild não fêz senão aumentar. Parecia-lhe que, depois do que se passara, seria impossível continuarem a vida em comum...

X

De Frederikshald, Rosa telefonara para Torkild avisando-o da hora de sua chegada; e o encontrou na estação de Cristiânia, à sua espera. Foram jantar num restaurante da cidade.

— Ah! A propósito — disse Torkild, enquanto jantavam. — A Sra. Lied estêve lá em casa, hoje de manhã. Encarregou Inês de te pedir que lhe telefonasses cedo, amanhã de manhã. Ela está em Fensal...

— Em Fensal?

— Sim, já faz uns quinze dias, creio.

— As crianças não estão doentes, não é?

— Absolutamente.

Torkild sorriu, ao acrescentar:

— É com Petersen que as coisas vão mal. Receio que, mais dia menos dia, essa pobre Mary apareça lá para te incomodar.

Efetivamente, a Sra. Lied apareceu na manhã do dia seguinte, cedo... isto é, não longe do meio-dia; mas Rosa sabia que Mary não se levantava antes das onze.

Instalada na máquina de costura, Rosa estava consertando roupa branca: substituía o colarinho de uma camisa velha, de flanela, do marido.

— Tire o mantô, Mary, vou mandar trazer chá.

— Obrigada... Não tomo nada...

A Sra. Lied acendeu um cigarro e pôs-se a percorrer a peça, de um lado para outro.

— Mas escute, eu tenho para lhe oferecer uns biscoitinhos recém-saídos do forno.

Rosa cortou o fio de linha, fechou a máquina de costura e abriu uma casa no colarinho. A criada entrou com uma bandeja.

— Obrigada, não vou tomar nada — repetiu a Sra. Lied, continuando a passear para cá e para lá, na sala de jantar.

— Prefere vermute?

Rosa tirou uma garrafa da mesa do guarda-louça e encheu dois cálices. Mary Lied esvaziou o seu de um sôrvo, depois retomou a marcha.

— As crianças vão indo muito bem. Mas eu... — Parou de andar. — Está tudo acabado entre Halstein e mim...

Rosa tornou a soltar a costura no regaço:

— Como? Acabado?... — e achou-se tôla por ter feito a pergunta.

— Sim, acabado.

E Mary deixou-se cair de joelhos; apoiou a cabeça no estôfo de uma cadeira e começou a soluçar.

— Sim, o meu belo sonho acabou-se — murmurou, a voz estrangulada.

Rosa, que se erguera para aproximar-se dela, sentiu no mesmo instante diminuir a sua comiseração.

— Ah, Rosa, se você soubesse a vida que tenho levado! Tenho sofrido tanto, desde o comêço do verão. E como fiquei decepcionada! Você sabia o amor que eu tinha por Halstein. Por êle tudo sacrifiquei, sem qualquer pesar. E agora rejeita-me, como um molambo... Oh, meu Deus, como sou desgraçada!

Rosa acariciou-lhe os cabelos:

— Pobre Mary, pobrezinha!

A Sra. Lied se ergueu e agarrou as mãos de Rosa:

— Sim, você pode falar assim, eu sou mesmo digna de dó. Todos os meus sonhos foram aniquilados. Não há nada mais, diante de mim, além de uma interminável seqüência de dias cinzentos e secos. Finn Lied e Fensal para sempre...

— Como? Vai voltar para junto de seu marido?

Mary tornou a desfazer-se em lágrimas:

— E para onde quer que eu vá? Não disponho de outro lugar...

— Mas... e o seu trabalho, Mary? Você começava justamente a criar para si uma situação independente, como sempre tinha ambicionado. Não vai abandonar tudo isso, não é? para voltar para junto de um marido de que não gosta mais? Você se libertou... Sempre é alguma coisa...

— ... se libertou? — Mary fêz um sinistro ar de riso. — Sim, libertei-me para morrer de fome... se não quiser prostituir-me... O meu trabalho? Quer saber até que ponto Halstein foi vilão? Conseguiu pôr-me para fora do jornal... a fim de ocupar o meu pôsto. Não é que eu pudesse viver dêsse emprêgo. Não. Tenho inclinação para o luxo, tenho um temperamento artístico, e cada um deve viver segundo a sua natureza... Mas, enfim, ainda assim era melhor que nada... e tiraram-me êsse nada! Seja, resignei-me. Ao mesmo tempo que ao meu amor, disse adeus ao meu trabalho. Renunciei ao trabalho, pelo menos por ora. Não tenho ânimo para ir de porta em porta em busca de um editor, e para cortejar os críticos: pedem-nos que suprimamos ou alteremos certos passos, outros implicam com tal ou tal capítulo... No fim, desfiguro o que escrevi com o corpo e a alma. A minha obra vale mais que isso. Êles são uns poltrões, eis tudo. Neste país, teme-se um livro que ousa dizer a verdade sem rodeios. Ah, você não pode fazer uma idéia de como são poltrões, os editôres, os críticos, a quadrilha tôda!

"Ai, para mim não havia mais que um só lugar no mundo para onde pudesse ir: ao pé de minhas filhas, Foi, pois, onde me refugiei."

— E seu marido? — perguntou Rosa, num tom meio frio.

— Meu marido? Finn Lied?... Ora... Julguei, por um instante, que fôsse um homem digno... Sim, acreditei que Finn fôsse, moralmente, maior do que eu supunha, quando lhe confessei tudo, absolutamente tudo, quando lhe disse abertamente que pertencia de corpo e alma a Halstein Petersen, porque o amara de todo o coração...

— Aí nada havia que o pudesse surpreender — observou Rosa. — Fazia seis meses que vocês viviam juntos.

— Certamente! — disse Mary, em tom de desprêzo. — Para as pessoas em geral, quando se diz isso, tudo está dito:

um homem e uma mulher vivem juntos durante vários meses, portanto dormem um com o outro; você não poderia supor que as coisas se passassem diferentemente, não é? Pois eu poderia... enfim, é outra questão. Pois eu disse tudo a meu marido, e também disse que, tendo conhecido uma felicidade tão maravilhosa nos braços de Halstein, não poderia entregar-me a outro homem... pelo menos durante muito tempo. Mas, se tinha pedido para voltar, era por causa das crianças, para que não crescessem sem lar. Porque não há lar sem mãe. A mamãe, eis o lar. E Finn aceitou as minhas condições.

— Acho que êle foi generoso, de sua parte — observou Rosa.

— Também eu achava: como disse agora mesmo, começava a julgá-lo mais generoso do que havia pensado. Já me dizia que talvez um dia descobrisse que o amava. Mas você vai ver...

"Mandei colocar a minha cama no quarto das crianças, onde passei a dormir. Mas, nem bem decorrera uma semana... seis dias, exatamente, pois foi na noite de sexta para sábado que Finn irrompeu no quarto... Eu me recusei. Recordei-lhe a nossa convenção, disse-lhe que fôra morar lá com tôda a confiança, apelei para os seus sentimentos de homem de bem... Finalmente, retirou-se. Mas depois, noite e dia, não tive mais um minuto de tranqüilidade: êle me acossa e tortura para que lhe ceda."

Desfez-se em pranto e continuou:

— A noite passada... fui forçada a ameaçar acordar as crianças para me livrar dêle... Oh, Rosa, não é espantoso? Estou fora de mim, estou desesperada! Diga-me o que devo fazer.

— Saia de lá — disse Rosa.

— Para onde quer que eu vá? Não posso expor-me a morrer de fome.

— Já que êle não quer aceitar as suas condições nem você as dêle...

— Acabarei sendo obrigada — disse a Sra. Lied, chorando. — Inevitàvelmente, Finn obterá de mim o que deseja... Sim. Realmente, eu não poderei lutar por muito tempo

ainda. Fu! Êle me causa tamanha repulsa... sou tão desgraçada...

— Oh, Mary — disse Rosa, num tom angustiado — você não deve... na casa de suas filhas...

— Pois é, na casa de minhas filhas — repetiu Mary, acenando afirmativamente com a cabeça. — Isso demonstra o respeito que êle tem pela dignidade de uma mãe, não é?

— Se você tiver o menor respeito por si mesma, tem de deixar a casa. Ora, você há de achar um trabalho. Se eu estivesse no seu caso, aceitaria, para começar, fôsse qual fôsse o emprêgo.

— Não quero deixar as minhas filhas — gemeu a Sra. Lied.

— Você pôde perfeitamente deixá-las na primavera passada — disse Rosa, friamente. — E, naquela ocasião, era apenas pela sua própria felicidade. Como você dizia ainda agora: a mamãe, eis o lar. E a mãe que, para viver, se deixa manter pelo marido, e é a sua...

— Ai, como você exagera, minha cara. Há muita exaltação no que acaba de dizer. E, no entanto, você é casada, sabe como são essas coisas. E depois, afinal de contas, Finn é meu marido... De qualquer forma, tivemos três filhos nossos... E, como não sou capaz de trabalhar, e como a única coisa para a qual tenho dotes me é vedada, então...

— Quanto a mim, preferia prostituir-me — exclamou Rosa, com veemência. — Se, para ganhar a vida, só soubesse vender-me, preferia vender-me a qualquer um que não fôsse o pai de meus filhos, e em qualquer parte que não fôsse a casa em que vivessem os meus filhos.

— Está dizendo tolices, minha pequena. São apenas frases, tudo isso. Não vai fazer-me acreditar que tem a alma tão grande que iria imediatamente embora, quando não gostasse mais do Torkild e não achasse mais o mesmo prazer nas manifestações de amor dêle para com você. Isso não! Acredito piamente que você teria juízo e ficaria na sua casa quentinha, onde tem tudo de que precisa, e continuaria fazendo biscoitinhos e xarope de ruibarbo, e aceitando as coisas inevitáveis que tem de aceitar quem é casada... em vez de ir embora morar numa trapeira e recomeçar a trabalhar no comércio com

um ordenado irrisório, tendo como único apoio a consciência de ser uma nobre alma! Confessemos, antes, que somos tôdas umas pobres criaturas...

"Eu esperava um pouco de simpatia da sua parte, quando me visse tão infeliz. Mas, ao contrário, você me insulta na minha aflição... Oh, deveria envergonhar-se disso, realmente.

"E devo dizer-lhe que está tudo acabado entre nós duas, entende? Aliás, o que você pensa de mim, enquanto está aí consertando as ceroulas de seu marido, é-me absolutamente indiferente."

Apanhou a camisa de flanela, de cima do sofá, jogou-a longe com um pontapé, pegou do seu mantô e saiu porta fora.

Rosa levantou a menosprezada camisa e dobrou-a cuidadosamente. Depois foi até a mesa, deitou chá frio numa taça e bebeu-o todo. Sentia repulsa, náusea.

Quis retomar a costura, não pôde; passou então a vagar pelas peças da casa.

... Que relação tinha isso com ela? Tôda essa vergonhosa confidência, essa ignomínia que havia exposto à sua frente... dir-se-ia que a acossavam, que nunca poderia livrar-se delas. Que lhe importava tudo isso? Que eram, em suma, para ela, uma Mary ou um Axel?

Por necessidade de agir e de se desembaraçar desta obsessão, aproximou-se bruscamente do cêsto de costura. Guardara ali dentro uma fotografia de Axel, que êste lhe enviara no primeiro inverno do casamento dela, quando os visitava freqüentemente; a fotografia continuava ali. Apanhou-a e rasgou-a em minúsculos pedaços.

Êste cestinho acolchoado, Dóris o fizera para ela, para a sua crisma. Levantou a almofada de sêda basteada, que encobria o fundo, e achou uma camisinha de bebê, que ficara inacabada. Levantou-a e se pôs a mirá-la.

— Oh, meu nenê, meu nenêzinho... Ah, meu Deus, se eu te tivesse comigo... meu queridinho, meu tesouro... — As lágrimas corriam-lhe, silenciosas e deseperadas, enquanto estava inclinada para o cêsto de costura.

Ao cabo de um instante, pôs-se a arrumar maquinalmente o conteúdo do cêsto. Havia de tudo um pouco, entre outras coi-

sas um livrinho encadernado em chagrém verde: as poesias de Shelley. Era um presente de Torkild, de dez anos antes. Fôra êle quem sublinhara certas estrofes, aqui e ali:

. . . . One word is too often profaned
For me to profane it.
One feeling too falsely disdained
For thee to disdain it.

Ah, Torkild e tôda a juventude dêle e dela! Quanta saudade tinha de tudo isso!... E os primeiros tempos do casamento! E quando esperavam o nascimento do nenê!

De repente, sentiu-se tomada por uma grande angústia: nada podia estar acabado... êles não podiam ter malbaratado o imenso tesouro que possuíam em comum. Era impossível que Torkild já não a amasse... que ela tivesse deixado de gostar dêle... que entre ambos tudo estivesse irremediàvelmente encerrado. Devia ser possível reparar o mal que mùtuamente se haviam causado. Pensando em tôdas as torpezas que acabavam de lhe ser reveladas, sentia que o lugar dela só podia ser junto de Torkild; êle, Torkild, não era assim!

Oh, meu Deus, quando pensava em tôdas as censuras não formuladas que ìntimamente lhe fizera! Loucura sua! Que lhe faltava em casa? Nada, exceto o que ela própria não pudera dar, exceto o que não quisera dar. Não quisera fazer um esfôrço, não quisera esquecer-se de si. Vez ou outra, quando êle conseguira absorvê-la, ela sentira-se feliz. Mas sempre, em seguida, recaíra na autocontemplação, no culto de sua própria individualidade... e era precisamente isso o que condenava em Torkild!

Devia, porventura, espantar-se por se ter êle finalmente cansado dela, por haver desistido de lutar por conservá-la, como dissera Axel? Que mulher detestável sempre fôra!

E quanto se prejudicara a si mesma! Como era melhor quando môça! Ah, que decadência a sua, desde alguns anos antes, desde que vivia com um homem de quem recebia tudo, sem nada lhe dar em troca...

Não era possível que tudo estivesse terminado, pois agora ela via com lucidez.

Vestiu-se para ir ao encontro do marido, à hora da saída do escritório. Imaginava o encontro no mato, no atalho que vinha até a casa. Enfiaria o braço no dêle e lhe diria... Ah, tinha certeza de que as palavras que devia dizer ocorreriam espontâneamente. Entretanto, sempre andando, não o via; quando chegou à estrada mestra sem topar com êle, sentiu-se decepcionada e abatida.

Avançou até as lojas, até as casas dos operários; agora via a fábrica: o escritório de Torkild estava com a luz acesa. Durante um bom momento, andou de um lado para outro, perto da ponte; a limalha de ferro enferrujada estralejava sob seus passos; o regato corria, negro e preguiçoso, abaixo da estrada; luzes refletiam-se na sua superfície, piscavam. O nevoeiro lhe penetrava na roupa: teve um calafrio.

À medida que se prolongava esta espera na noite e no frio, todo o seu ânimo parecia abandoná-la. Enfim, a ponto de chorar, e sentindo-se invadir por uma aflição e um sentimento de abandono que ela própria julgava ridículos, rumou para a fábrica.

Agora tudo era uma pretidão, exceto a janela de Torkild. Na escada, era total a obscuridade. Sabia que ali havia um comutador, mas não pôde localizá-lo e subiu às apalpadelas até a porta do escritório.

Torkild estava sentado na sua cadeira giratória, recostado no espaldar; ao ouvir a porta abrir-se, sobressaltou-se. Ao ver Rosa, empalideceu; parecia tomado por grande nervosismo. Rosa não compreendeu a razão e ficou imóvel, olhando-o.

— Por que vieste aqui? — perguntou êle, a voz trêmula.

Não soube que responder e permaneceu sem fazer um gesto.

— Que tens, Torkild? — perguntou, finalmente, com insegurança. — Mas que foi que houve?

E, não recebendo resposta, acrescentou:

— Saí de casa para vir ao teu encontro, e, como não te visse e notasse a luz no teu gabinete, subi...

Êle continuava calado, e Rosa prosseguiu:

— Mas que é que tens, Torkild?

— Nada. — Respirava com esfôrço. — Fiquei surprêso com a tua chegada, foi só.

— Mas, meu bem, já aconteceu que eu tenha vindo aqui para sair contigo...

— Sim... mas faz muito tempo — disse êle, com voz fraca. — Eu não estava esperando.

— Era tão tarde... Eu ainda não tinha saído hoje, e senti vontade de vir ao teu encontro.

— Sim, sim... — Parecia ter dificuldade em recobrar-se. — Eu te atrasei para o jantar, também. Desculpa-me. Mas hoje tive muito que fazer.

Simulou pôr em ordem a escrivaninha, mas Rosa notou que tudo já estava arrumado. Depois, vestiu o sobretudo.

— Vamos duma vez!

Rosa seguia calada ao seu lado, na escuridão. De repente, tudo se tornara tão desesperado! Não se animava nem mesmo a enfiar o braço no dêle, e nada achava para dizer. Tudo o que pensara parecia ter-se evaporado.

— Devias tratar dessa bronquite — disse, quando Torkild, sacudido por um violento acesso de tosse, foi obrigado a deter-se. — Eu queria que fôsses consultar o Dr. Meyer, para que te ausculte...

— Sempre tenho tosse no outono, todos os anos. Sabes que passa por si, quando vem o gêlo.

— De qualquer modo isso me preocupa — disse ela, com voz doce. — Parece-me também que, de algum tempo para cá, andas nervoso.

— É a estação que faz isso. Tu sabes que sempre tenho alguma coisa que não anda bem, nas mudanças de estação.

Depois do jantar, acomodou-se na sala, com um livro. Rosa pegou na costura e veio sentar-se ao lado dêle. Cosia, os lábios cerrados e, enquanto embainhava e remendava, falava mentalmente com o marido. Mas não se animava a tomar a iniciativa de romper o silêncio.

Em certo momento, ao levantar os olhos, encontrou os do marido parados nela. Êle a fitava com uma expressão estranha.

— Por que me estás olhando assim? — perguntou Rosa, esboçando um sorriso.

— Estou olhando-te! — disse êle, simplesmente. Depois, tornou a mergulhar na leitura.

Rosa sentiu os olhos rasos de lágrimas. Levantou-se de mansinho e dirigiu-se para a sala de jantar, onde fingiu estar

procurando qualquer coisa na mesa de costura. Os pedaços da fotografia de Axel, que rasgara, ainda estavam espalhados pelo parquete. Juntou-os e atirou-os na estufa. Quando voltou para a sala, viu que Torkild se virava, rápido, na cadeira, esquivando o rosto. À sua frente, o livro continuava aberto.

Torkild lhe dera um rápido e brusco boa noite, lá embaixo, enquanto Rosa ia saindo com a bandeja do chá. E, em cima, quando entrou e fechou a porta do quarto, êle teve a impressão de que estava fugindo em busca de refúgio.

"Não acredito nisso", murmurou consigo mesmo, "não acreditei nisso nem um instante. Nunca, nunca hei de acreditar..."

E, no entanto, aquêle desvairado espanto que o acometera logo que a vira entrar no escritório, ao anoitecer... Obscuramente, ocorrera-lhe a idéia de que Rosa vinha anunciar-lhe alguma coisa... uma notícia que êle não tinha a coragem de ouvir.

Mas não acreditava nisso. Não; não acreditava. Aquêle sentimento violento e absurdo, que o assaltara no espaço de um segundo, não significava que suspeitasse dela. Enquanto tivesse consciência de si mesmo, nunca julgaria que ela pudesse cair em falta... que pudesse cometer uma traição para com êle.

Se houvesse uma parcela de verdade naquela carta odiosa, devia ser que Axel se portara como um cafajeste.

Notara, durante o jantar, que no chão estava uma fotografia rasgada de Axel. Era a que Rosa lançara ao fogo quando fôra à sala de jantar, durante o serão: os fragmentos de papel haviam desaparecido, um pouco mais tarde, quando êle entrara lá, por sua vez, para tomar chá.

Portanto, ela provàvelmente se desaviera com Axel. Uma coisa parecia certa: haviam tido uma conversa de que êle, sem dúvida, não viria a saber. Mas continuava convencido de que só Axel era culpado, e que Rosa nada fizera de que agora se pudesse censurar.

Como deixar de pensar que, se rasgava aquela fotografia, era porque fizera censuras a si mesma e se indispusera com aquêle que a desviara do caminho reto?

"Mas eu não acredito nisso, não acredito..." gemeu, cerrando os dentes.

Santo Deus! Então era possível que tal coisa, contra a qual um homem fica indefeso, pudesse acontecer? Um crápula qualquer... ou talvez fôssem diversos... senta-se e redige uma carta anônima, que em seguida põe no correio com o endereço de um homem casado; êste nada pode fazer para evitar o golpe, não pode proteger a espôsa contra a maledicência de um cafajeste anônimo, não pode sequer alcançá-lo para lhe dar um castigo impiedoso. Não pode impedir que o desgracem com êsse ato tão ignóbil, tão covarde... não pode apagar tal infâmia do espírito. Queima a carta... mas as palavras ficam-lhe gravadas na alma, roem-na, torturam-na, e a envenenam, geram pensamentos de que êle se envergonha; e êle não pode defender-se das visões horríveis que o assaltam. Meu Deus, meu Deus, como pode existir tal coisa?

De manhã, ao chegar ao escritório, achara a carta em cima da mesa. Entre a correspondência comercial, um envelope pequeno, com a palavra "pessoal" a um canto e, dentro, um bilhete:

Amigos que desejam a sua felicidade, e que julgam vergonhoso que uma mulher engane o marido pelas costas, tomam a liberdade de preveni-lo de que seu irmão se introduziu, esta noite, às onze horas e meia, no quarto que sua senhora ocupava no hotel de... Os dois ficaram encerrados — depois de fecharem à porta a chave — durante mais de uma hora. Em seguida, seu irmão voltou, sem fazer barulho, para o seu próprio quarto. Em vez de embarcar — como era a primeira intenção dêles — no primeiro trem da manhã seguinte, os dois ficaram no hotel e só viajaram no decorrer do dia, cada qual num trem diferente.

Um amigo sincero.

Torkild sentia-se envergonhado de ter lido até o fim esta carta abjeta. Devia tê-la jogado ao fogo logo depois de ter visto a assinatura. Não bastava que a carta fôsse anônima, isto é, escrita por um homem sem honra? Que lhe importava o teor? Mas, já que a lera, não devia tê-la queimado, devia, sim, ter procurado descobrir o autor para lhe dar uma lição.

Mas não fizera isso; amarrotara o papel entre os dedos, levantara-se e, lembrando-se de que o escritório era aquecido por um radiador, riscara um fósforo e fizera arder a carta até que, no fundo do cinzeiro, só restava um pouco de matéria carbonizada.

Depois, o seu espírito ficara sob a obsessão da carta.

Dissera a si mesmo que Rosa e Axel muito bem podiam ter tido algo a debater um com o outro, relativamente à venda da propriedade, ou a Dóris, por exemplo. Certamente, fôra imprudência dêles realizar um conciliábulo dêste gênero no meio da noite. Não tinham pensado, sem dúvida, na possibilidade de alguém registrar o fato e, menos ainda, de interpretá-lo de maneira tão infame.

Agora que tinha visto aquela fotografia rasgada...

"Mas eu não duvido de Rosa. Sei que, se lhe pedisse, ela podia dar-me uma explicação que poria têrmo a esta situação abominável. Entretanto, nunca o farei. Ir contar a Rosa que recebi uma carta de alguém que não se anima a dizer o seu nome, pedir-lhe que se explique, que se justifique de uma acusação proveniente de tal indivíduo... não, isso eu não faço. Não existe sofrimento algum de que eu consentisse em livrar-me por tal preço.

"Se o fizesse, ela teria o direito de pensar que dei crédito a êsse crápula, que duvidei, ainda que por um só instante, de sua honestidade... E, então, tudo estaria sem dúvida acabado.

"Tudo estaria acabado tão certamente como se ela me tivesse enganado.

"Não havia, pois, nenhuma solução possível.

"Mas então... visto que sofro tanto, é que não tenho uma confiança absoluta nela. Se eu tivesse recebido uma carta dessa espécie há dois anos, há um ano que fôsse, teria com certeza sentido uma raiva igualmente grande, mas não teria experimentado esta terrível angústia, esta impotência."

Sim, realmente depositava confiança nela... Rosa, a quem conhecera durante tôda a vida, a quem amava desde que alcançara a idade da razão... Valia tanto duvidar da luz do sol como da lealdade, como da honestidade de Rosa.

Entretanto, não a conhecia tão bem como dantes. Esta mulher, a quem podia ter nos braços esta noite, se quisesse, êle não a conhecia. Mudara desde que se haviam casado...

e êle não sabia como ela era agora. Desde que, com a freqüência que lhe apetecesse, possuía aquêle esplêndido corpo, era como se a alma dela permanecesse fechada: dir-se-ia que ela fôra cerrando, uma após outra, as portas de sua alma... e, presentemente, êle estava do lado de fora, ignorando absolutamente tudo daquela alma. Sòmente lhe era dado, de quando em quando, entrever lá dentro uma grande aflição. E isto o desvairava.

Rosa... a sua amada... Aquela que êle conhecera... oh, teria apostado a própria vida, a própria alma, como era pura e boa como a madrugada. Aquela que repousava no quarto em frente, a sua espôsa... Sim, de fato acreditava nela. Havia apenas êsse pensamento secreto, que o torturava e com o qual se debatia.

Certamente que tinha confiança nela, mas não da mesma maneira que antigamente, quando a menor dúvida lhe teria parecido uma loucura monstruosa e grotesca... "Tenho confiança nela, de fato. Mas não a conheço mais..."

Bateram na porta, de mansinho. Rosa abriu-a e entrou. Ficou um momento como indecisa, olhando-o: Torkild se levantara, mas não fazia nenhum movimento para ir ao seu encontro.

Então, ela se dirigiu resolutamente para êle.

— Não me deste boa noite direito, Torkild — disse, pousando as mãos nos ombros do marido; e acrescentou, enrubescendo: — Pensava que fôsses procurar-me... Faz tanto tempo — disse ainda, a meia voz, e abaixando a cabeça.

Torkild viu que ela estava de camisola, por baixo do chambre, e que as tranças lhe pendiam sôbre o dorso.

— Torkild, estás brabo comigo por alguma coisa? — murmurou ela, como não recebesse resposta.

— Não — disse êle, em voz tão baixa como a dela. — Por que havia de estar brabo?

Pôs as mãos nos braços de Rosa, ficaram assim um momento, como se quisessem manter-se afastados um do outro, entreolhando-se com uma expressão indagadora.

— Poderias ter muitas razões para me querer mal — disse Rosa, abaixando a cabeça.

— Não sei de nenhuma.

— Oh, eu mesma compreendo bem que não tenho sido para ti inteiramente como desejarias. Sei que a nossa vida não se tornou aquela que esperavas, quando casamos.

— Acreditas, mesmo, que te censuro por não teres podido ser para mim como eu teria desejado? — Tirou de seus ombros as mãos de Rosa. — De fato, não sei se algum dia acreditei que a nossa vida conjugal seria diferente do que é.

— Queres dizer com isso — perguntou Rosa, lentamente — que estás satisfeito com a nossa vida tal como é? Queres dizer que, uma vez a gente casando, a vida nunca é, em resumo, perfeita? Ou então te julgas feliz, no final das contas, e apesar de tudo?

Torkild esboçou um sorriso:

— Se fôssemos felizes... não estaríamos aqui a fazer-nos essas perguntas. Mas, no casamento, os dois são felizes, realmente, ou então nem um nem outro o é.

— Logo não és feliz, de tua parte?

Torkild só respondeu no fim de um instante:

— Provàvelmente não sou... De qualquer forma, não procuro ter a ilusão de que te sentes, por tua vez, muito feliz...

Tinha os olhos baixos, ao dizer isso.

— Será que queres dizer que esperavas que o nosso casamento fôsse assim?

E, como êle não respondesse, prosseguiu:

— Então não compreendo por que quiseste casar comigo.

Torkild fêz um ar de riso:

— Não compreendes mesmo?... Eu pensava que agora compreendias... Lá se vão mais de dois anos que estás casada.

Rosa pôs-se escarlate e seu olhar se perturbou. No rosto de Torkild, havia um como tremor nervoso, enquanto a olhava.

Rosa voltou-se e foi sentar-se na poltrona de vime, ao lado da cama.

Ao cabo de um momento, disse com voz insegura:

— Se o nosso filhinho tivesse vivido, tudo teria sido diferente.

— Sim, tudo certamente teria sido diferente.

— Mas então — perguntou ela, num sussurro — por que não queres que eu tenha outro?

Ao fim de um instante e como êle não respondesse, acrescentou:

— Um filho teria sido um laço entre nós.

— Sim, é verdade. Tu não podes compreender — disse Torkild, lentamente, e dando ênfase a cada palavra. — Eu te queria desde tantos anos sem ser correspondido, quando finalmente pareceu que ias ser minha: nós nos casamos. Mas, quase em seguida, eu senti que não estava em mim conservar-te nem conquistar-te inteiramente. O laço que, de minha parte, eu queria entre nós era o sentimento, tanto num como no outro, de que não constituíamos mais que uma unidade indissolúvel e que tu me amavas a ponto de não quereres estar em parte alguma do mundo senão junto de mim, se não tivéssemos filhos. Pois foi êsse laço que faltou. Sei que para ti a suprema felicidade não é, e nunca foi, estar sempre comigo. Compreendes agora que eu não deseje que outro laço te prenda a mim? Eu não quero ter um filho de ti por interêsse, um filho cujo poder sôbre ti me pesaria antes mesmo de nascer... um filho que me levaria a pensar, cada vez que o olhasse: êle não existe porque sua mãe e eu nos amamos, mas porque tem de me ajudar a conservá-la... Compreendes o que quero dizer...

— Sim, compreendo o que queres dizer. Mas não compreendo que te tenhas resignado sèriamente a essas idéias. E não podia adivinhar em ti pensamentos como êsse... Aliás, não precisava sabê-los. E, depois, não compreendo que isso tenha tamanha importância para ti e que conscientemente tenhas impedido...

— Então não compreendes — disse êle, com uma violência contida — que o modo como eu olhasse para o meu filho podia ter importância, para mim? E se eu tivesse de corar de vergonha cada vez que êle viesse, risonho e confiante, para o lado do pai? E se, vendo-te a cuidar do nenê, eu fôsse forçado a pensar, não que tinha diante dos olhos o espetáculo mais belo do mundo e uma prova de minha felicidade, mas apenas que o meu cálculo dera certo?

— Oh, Torkild, podes acreditar que esquecerias todos êsses pensamentos, quando a criança estivesse aqui...

— Quem sabe? Mas, seja como fôr, a vida me ensinou uma coisa: que a gente precisa agir segundo o que sente no momento e não segundo o que acha que sentirá, ou que os outros sentirão um dia... Aliás — acrescentou, com um riso breve e duro — eu não fui mais escravo das minhas idéias

do que se o destino quisesse... E acredito que teria sido reconhecidíssimo ao destino.

— E eu — disse Rosa, erguendo-se — que lugar tinha em tudo isso? Sabias, no entanto, quanto eu era feliz à idéia de ter um nenê, e como estava impaciente por vê-lo nascer. Assististe ao meu desgôsto quando morreu! Achas que tinhas o direito de me privar daquilo que a vida tem de melhor para dar a uma mulher? Quanto a mim, não sou feita para ser casada sem filhos. E tu deves conhecer-me bastante para saber disso. Eu deveria, pelo contrário, ter um bando inteiro de crianças em volta de mim...

— Devias saber — disse Torkild, com mansidão — que até êstes últimos tempos... eu pensei... ou esperei... que a situação viesse a mudar entre nós...

— Achas que tem havido indícios nesse sentido? — perguntou ela, em tom irônico.

Torkild ficou lívido:

— Não.

Tornaram a encarar-se, no fundo dos olhos.

— Olha, Rosa, confesso que tens o direito de censurar uma infinidade de coisas...

— Não foi para te fazer censuras que vim aqui — disse ela de repente, em tom bem diverso. — Talvez tivesses razões para pensar e reagir assim, ainda que eu não as compreenda. Eu sei, em todo o caso, que podias ter razões para me lembrar que os teus sentimentos também tinham importância. Foi isso o que consegui compreender... e era isso o que vinha dizer-te. Tenho sido egoísta desde que nos casamos.

"Agora eu vejo: não pudeste ser feliz comigo. Nunca devia ter esquecido que és muito desconfiado; acho que sou mais forte. Eu pensava demais em mim mesma, por isso é que as coisas não andavam bem entre nós. Devia ter pensado mais em ti, devia ter procurado compreender como vias tôdas as coisas, como as sentias.

"Creio que agora não sou mais como era. Tenho a certeza de que as coisas vão melhorar entre nós..."

Aproximou-se e trançou as mãos sôbre a nuca de Torkild.

— Não é?... Tu também não acreditas? Sei que posso prometer-te que tudo vai mudar completamente. Quero tanto

que assim seja... e hei de me esforçar, de todo o coração, para nos tornar felizes a nós os dois.

Torkild retirou docemente as mãos de Rosa de seu pescoço, retendo-as, porém, entre as suas, enquanto perguntava, esboçando um sorriso triste:

— Achas que basta que tu o queiras?

— Sim, eu acho.

Falava com voz firme e grave.

— Eu acredito que a gente pode alcançar aquilo que quer. Não creio que um casamento, ainda que o marido e a mulher se amem muitíssimo, possa ser feliz sem que tanto um como o outro o queiram e se esforcem para isso.

— Sim — disse êle, com a mesma expressão de antes. — Nisso tens razão. O amor só dura no casamento quando se faz tudo para conservá-lo e protegê-lo. Certamente que a gente pode tudo o que quer, ou quase. Mas não pode querer gostar, Rosa. Se não gostas de mim, de pouco servirá, penso eu, que queiras gostar de agora em diante.

"E compreender como eu vejo as coisas... infelizmente isso não poderás fazer, com tôda a tua boa vontade.

"A mulher pode-se manter fiel ao marido, o marido à mulher, porque assim querem. Podemos querer banir do lar a mentira, a infidelidade e a baixeza. Podemos, se realmente quisermos, impedir-nos de chegar às cenas vergonhosas, às palavras cruéis. Só gostar é que não podemos querer...

Afastando-se dêle, Rosa sentiu um leve arrepio.

— Eu sei perfeitamente, Rosa, que não há nada no mundo que não farias por mim, se o prometesses a ti mesma. E não deves pensar que eu esteja descontente contigo.

"Mas não sei se, com isso, suavizas ou não o meu sofrimento.

"Uma coisa é certa: não poderias forçar-te a gostar de mim."

— Torkild... Sabes no entanto que eu te quero muito.

— Sim, eu sei que me quiseste bem, à tua maneira.

— E te quero sempre. Nunca amei ninguém mais... tu sabes disto.

Torkild aspirou o ar longa, penosamente.

— E não acreditas mais em vir a amar a um outro... de outra maneira?

— Não.

Atirou levemente a cabeça para trás.

— Não. Porque sou tua mulher. Como disseste: pode-se, pelo menos, ficar fiel ao marido, quando a gente quer.

— Sim, sim, eu sei.

Sacudiu a cabeça afirmativamente, olhando para diante.

— Infiel, sem dúvida nunca serás. Porque não queres. E, se não tivesses outras razões para permanecer fiel, não te faltaria a do respeito próprio.

— Não me parece que essa razão seja má — disse ela. com altivez.

— A mim também não. Talvez seja a melhor, afinal de contas. Só que eu, de minha parte, desejaria que houvesse também uma outra...

— Sim, sim. Querias que eu te dissesse que nunca te enganarei, porque o meu amor por ti torna absolutamente impossível que outro homem, etc.

— E isso tu não dizes...

— Como queres que eu saiba?... Onde queres chegar, afinal?

Voltou-se para êle, num gesto brusco.

— Por que te divertes em esmiuçar tudo assim? Sempre fizeste isso, sempre demolindo tudo diante de mim, sempre à espreita de tudo o que pudesse provar-te que eu não te amava como dizes que me amas... Como queres que vivamos juntos, em paz, se continuas a ser o mesmo? Em ti isso é uma necessidade mórbida, uma loucura!

"Venho aqui para conversar contigo, para reconhecer que não tenho sido como devia... prometo que vou mudar..."

— Oh, Rosa, então não compreendes que não é isso que me faltava, que tu mudasses?

— Acho mesmo que não gostas mais de mim — acudiu ela.

— Ora, Rosa, que é isso!

Torkild sorriu vagamente.

— É o que eu acho. Se me amasses, não recearias tanto que houvesse entre nós um laço impossível de romper. Pelo contrário, desejarias isso mais que qualquer outra coisa, porque faria de nossa casa um verdadeiro lar... Mas absolutamente não é um lar que desejas...

Dominou-se e continuou, num tom mais calmo:

— Era o drama o que tu procuravas. Sim, eu acredito realmente que cenas como esta te causam uma espécie de gôzo mórbido. Tu nos levas a assumir atitudes de personagens de teatro, e assistes à ação, de que tu e eu somos atôres. E quando vês que a cena se desenvolve diferentemente do que imaginaste, atiras a culpa em mim...

"E agora estás cansado, não agüentas mais..."

— Sim, estou cansado — disse êle, como a contragosto.

— No entanto, devias-me conhecer suficientemente para saber que, com o tempo, eu não poderei suportar uma existência assim. Sou sadia de corpo e de espírito, e não me podes dar corda como se eu fôsse um brinquedo, e não quero deixar que me desmontes para ver como funciona a corda...

Por um momento, ficaram ambos calados.

— Como pensavas que isto iria acabar? — perguntou Rosa, de repente. — Não querias um laço entre nós. E então? Era o divórcio que querias?

Torkild estremeceu. Ah, eis pois finalmente verbalizada, essa palavra que êle nunca tivera a coragem de articular em pensamento.

— Eu não queria — disse êle, desviando a cabeça para um lado — que no dia em que talvez viesses a lamentar teres casado comigo, em que te sentisses tão pouco feliz comigo que pudesses desejar intensamente me deixar, eu não queria que fôsses obrigada a ficar, por causa da presença de alguém mais que nós, de alguém que não pudesses deixar...

— Achas que eu seria capaz, algum dia, de ter a idéia de ir embora, se houvesse na nossa casa alguém mais que nós, como dizes... se tivéssemos um filho?

"Na realidade, há muito tempo consideravas a nossa união uma coisa... provisória. Sem nada deixares transparecer, previras que um dia eu desejaria ir embora. E, durante a espera, aproveitavas largamente o fato de sermos marido e mulher..."

Torkild encarou-a por um curto momento. Seu rosto se contraía, crispava-se.

— Mas, presentemente, estás cansado do teu brinquedo... e desejarias acabar com a história.

— Rosa! — murmurou êle, numa voz mal perceptível.

— Sim, Rosa. Tu te fartaste de mim. Não obstante, não queres que eu perceba que, se ainda me amasses, não me receberias assim, quando venho ao teu quarto, de noite, e te

dou uma explicação... Pois fica sabendo que eu, apesar de tudo, adquiri alguma experiência depois que casei contigo. Dizer-me que vivias com a idéia de que talvez te deixasse... por outro!

— Vais longe demais... — disse êle, num sussurro quase inaudível.

— Em todo o caso, perguntas-me delicadamente se não creio que poderia, se se apresentasse a ocasião, apaixonar-me, de outra maneira, por outro homem!

"Podes então, sem que isso te faça mossa, imaginar-me nos braços de outro? Vê só até que ponto me tornei indiferente para ti!

— Vai-te embora daqui! Não sabes o que estás dizendo... Não deves brincar com essas coisas...

— Não sou eu quem está brincando...

Interrompeu-se, a voz entrecortada por soluços que lhe subiam à garganta e que ela queria conter a todo custo. Com um ar de desafio, jogou a cabeça para trás e tentou rir:

— Ah! Então agora posso ir embora?

O gesto lhe entreabriu o chambre, deixando aparecer a camisola branca.

— Então é isso o que tu queres! — disse êle entre dentes, sibilando.

— Por favor, não te dês o trabalho de procurar-me convencer do teu amor, Torkild!

Não pôde pronunciar até o fim o nome do marido: êste a agarrara, apertando-a com tanta fôrça que as últimas palavras dela não foram mais que um sôpro abafado e medroso.

Torkild levou-a nos braços, submetendo-a como se ela fôsse algo muito frágil. Rosa não pôde tentar nenhuma resistência; assustada por uma fúria de que não o suspeitava capaz, fechou os olhos e ficou imóvel sob aquelas carícias frenéticas.

Quando por fim se animou a abrir os olhos, viu-o estendido ao longo dela, a cabeça escondida no travesseiro. Por momentos, ouviu-o tomar fôlego com dificuldade, como que gemendo.

O lampião de cabeceira, pôsto em cima de uma arca, no canto da peça, estava aceso. Rosa registrou, comovida, a tran-

qüilidade dêste quarto pequeno, sumàriamente mobiliado. Torkild não fêz nenhum movimento quando Rosa, desembaraçando-se mansamente de seu abraço, esgueirou-se da cama e atravessou a porta.

Tendo chegado ao seu quarto, permaneceu um momento com a mão na chave. Tremia de mêdo, e o seu primeiro impulso fôra fechar a porta a chave. Mas, no tumulto de seu espírito, uma voz lhe dizia: se êle vier e achar a porta fechada... Sentia vagamente que Torkild se teria ofendido, em razão disso. E não desejava ofendê-lo. Lembrava-se obscuramente de que ficara com raiva dêle, de que desejara atingi-lo com tanta crueldade como pudesse. Mas, agora, todo o seu rancor desaparecera, e não queria mais feri-lo.

Tateando, sem acender a luz, deitou-se. Quando se estendeu entre os lençóis frios, sentiu que o seu corpo e os seus membros estavam doloridos, como sob o efeito de pancadas. E espantou-se quando não achou em seu íntimo nenhum vestígio de raiva contra Torkild.

Não pôde fixar no cérebro nenhuma idéia clara. E sentiu que, naquela noite, era delicioso não poder pensar. As lágrimas vieram, copiosas e mudas. Fazia bem chorar assim. Afundou uma face no travesseiro macio e fresco, e adormeceu chorando.

XI

Quando despertou, no dia seguinte, e lembrou-se do que acontecera, foi dominada por grande ansiedade. Durante um instante, desejou ardentemente estender-se de nôvo sob as cobertas, em busca do sono e do esquecimento, a fim de não precisar viver o dia que a esperava e que ela temia.

A luz do quarto lhe parecia mais clara, diferente da dos outros dias. Saiu da cama e aproximou-se da porta do balcão: havia nevoeiro, mas um nevoeiro dourado, e percebeu através dêle o céu azul-pálido; as pequenas macieiras do quintal assemelhavam-se a manchas, mas as suas fôlhas novas, de um amarelo lustroso, rutilavam; a relva exibia um verde insolente, na cerração da manhã.

Torkild já saíra para o escritório, quando ela desceu para a sala de jantar. Sentou-se à mesa e serviu-se de café. A xícara vazia de Torkild ainda estava ali; havia um resto de manteiga na sua faca e o guardanapo estava caído na cadeira, ao lado do seu lugar.

O sol agora invadia totalmente a sala: Rosa via, lá no parapeito da janela, o renque de crisântemos em flor, e imaginou sentir as emanações de seu perfume exótico.

Nesse momento, tudo o que acontecera, desde alguns dias antes, dir-se-ia tão pouco real! Parecia-lhe possível livrar-se daquilo. Aquilo não era verdade. A realidade eram estas salas calmas e ensolaradas, e eram todos os múltiplos e pequeninos deveres que tinha de cumprir ao longo do dia, tôdas estas

tarefas humilhantes e plácidas de que ela gostava e que a esperavam cada dia, numa ordem exata, sempre igual.

Entretanto, no mais profundo da consciência, lá estava a certeza que lhe apertava o coração: a realidade era bem diversa. Algo ocorrera que ela não podia desconhecer. Pessoas que lhe eram indiferentes, que eram estranhas para ela, haviam dito, casualmente, palavras que a tinham atingido em cheio, forçando-a a examinar tôda a sua vida com outros olhos. E, agora, de que lhe serviria expulsá-las de sua vida? As pessoas tinham-se ido, sim, mas as palavras permaneciam.

E Torkild? Seria em vão tentarem continuar vivendo juntos, como antes... Não era mais possível. À noite passada, tudo mudara. Nesta casa, um ao lado do outro, tinham vivido calando. Não mais poderiam fazê-lo desde que, ontem, se haviam erguido um contra o outro, desde que se haviam olhado no fundo da alma e falado com o coração nas mãos, tal como acontecera.

E, agora, como nunca, todo o seu ser cobiçava-o. Ao mesmo tempo que lhe tinha certo mêdo, desejava-o como jamais o desejara. Por trás daquele rosto que ela conhecia e que julgara ser o do marido, percebera outro. Um rosto que êle nunca lhe mostrara, e agora, à idéia de que jamais tornaria a vê-lo, sofria atrozmente. Compreendeu que havia uma infinidade de coisas que poderiam ter sido, mas que nunca seriam. Agora, era demasiado tarde.

Em breve chegaria o dia em que tôdas as pequenas tarefas cotidianas já não a esperariam. Não seria porque as tivesse deixado momentâneamente, confiando-as a alguma outra pessoa. Elas simplesmente cessariam de existir. O interior desta casa, o lar de Torkild e dela, cessaria de ser... desapareceria, assim como uma coisa irreal, assim como as ilusões dêles.

Passou para a sala e foi contemplar os crisântemos; aspirou-lhes o perfume, acariciou-os com a mão, um após outro. Havia-os côr-de-rosa, amarelos, brancos, ruivos... dezesseis vasos ao todo, plantas que ela própria cultivara, de mudas que Torkild lhe trouxera da cidade, um, dois anos antes. Embaixo, no porão claro, as prateleiras estavam cheias de roseiras e pelargônios e, no chão, debaixo de caixas emborcadas, bulbos de tulipas e de jacintos esperavam: havia alguns que pensava

trazer para a sala, na próxima semana. Os vasos de açafrão e albarrã ainda estavam no quintal, cobertos de terra e de ramos enfolhados; dentro de pouco, seria preciso levá-los para o porão. No seu quarto, debaixo da cama, as begônias, no calor e no enxuto, esperavam que chegasse o tempo de serem transplantadas para a orla dos canteiros. Tinha, assim, uma centena de vasos de flôres que tratara durante anos, transportando-os, a fim de que florescessem, do parapeito das janelas para o quintal, do quintal para o porão, do porão para a sala.

Sentia, intensamente, a dor que haveria na ruptura até mesmo com o cenário de sua vida conjugal. E as palavras da Sra. Lied lhe voltaram ao espírito: ai dela, que também não tinha vontade de deixar a sua casa para retomar a vida de trapeira e escritório, sòmente porque já não amava o marido. Humilhada e triste, teve de confessar a si mesma que a Sra. Lied tivera razão.

Era sábado e Torkild voltou da fábrica às três horas. Quando entrou, Rosa estava perto da janela da sala de jantar. Voltou-se para êle e deu-lhe bom dia, mas não se animou a olhá-lo. À mesa, ao servir a sopa, sentiu que sua mão tremia.

Torkild simulou não o perceber. Estava muito pálido, com olheiras.

— Hoje recebi uma carta de Dóris — disse de repente, em voz baixa. — Podes lê-la.

Procurou a carta no bôlso e estendeu-a para Rosa.

— Mas... o sêlo é da Alemanha!

— Sim. Como vês, vem de Hamburgo.

A carta, escrita em papel com o timbre de um hotel, dizia:

Querido Torkild,

Esta cartinha é para dizer a vocês que mudei de idéia. Desmanchei o noivado com Jens e estou de viagem marcada para Paris. Acabo de receber, efetivamente, uma oferta muito interessante da Sra. Lappalainen em pessoa. Trata-se de preparar os alunos que vão tomar lições com ela. Tu compreendes que é uma coisa que a gente não recusa, mas comprometi-me

a ir em seguida. É uma oportunidade única que se apresenta para mim, principalmente de fazer a viagem nessas condições! Estou muito cansada para escrever mais, esta noite, mas te escreverei mais demoradamente logo depois que chegar a Paris, e então darei o meu endereço.

Muitas lembranças para ti e Rosa.

Tua afetuosa irmã,

DÓRIS.

P. S. — A Sra. L... me deu cartas de recomendação para numerosas pessoas e podes ficar absolutamente descansado a meu respeito. Por intermédio dela, travarei relações com muitas pessoas interessantes, freqüentarei os meios artísticos, etc. Estou encantada.

P. S. — Isso graças a ti, e fico-te infinitamente reconhecida. De fato, se não tivesses tido a gentileza de me dar êste dinheiro, eu não poderia seguir viagem. Agradeço-te uma vez mais, de todo o coração.

D.

Rosa devolveu a carta a Torkild.

— De fato, eu sei que ela fêz relações com a Sra. Lappalainen, o ano passado, em Copenhague. Ela me falou nisso muitas vêzes.

Como Torkild não respondesse, Rosa continuou:

— Talvez seja melhor que tenha rompido o noivado. Eu não tinha impressão de que ela gostasse mesmo do noivo...

— A gente é forçado a crer que não, já que o sacrifica para ir para Paris. A não ser que... — Torkild calou-se e, por um instante, seus olhares se cruzaram. Rosa desviou a cabeça, dizendo:

— Será que atualmente não conheces ninguém em Paris, a quem pudesses escrever para pedir que olhasse um pouco por ela?

— Não.

Acrescentou, ao cabo de um momento:

— Podia-se pedir, realmente, ao Consulado da Noruega, que reparasse onde ela vai hospedar-se... ou que lhe indicas-

se uma pensão conveniente. Mas, enfim, vou esperar até que me escreva de nôvo...

— Sabes o que eu proponho? — disse Rosa, de repente. — Não tiveste férias êste ano. Não poderias então obter uma licença no Natal e ir a Paris, ver essa coisa pessoalmente?...

— Não — respondeu Torkild, balançando a cabeça. — É quase impossível. Em primeiro lugar, há muito trabalho lá no escritório. Fiquei afastado um bom período, por ocasião do falecimento do meu pai. E, depois, não disponho de dinheiro suficiente para uma viagem dessas. Dei seiscentas coroas a Dóris, no momento em que foi embora... para o enxoval. Senão eu teria proposto que fôsses tu...

— Acho que para ti seria ótimo viajar um pouco. Sob todos os pontos de vista — disse Rosa, abaixando a voz.

Levantaram-se da mesa e passaram à sala, para onde a criada levara a bandeja com o café.

Diante dêles, tinham a tarde inteira; e iam passá-la juntos, como de hábito, nesta peça. Torkild não apanhou nenhum livro e nem Rosa a sua costura.

Tomaram café e fumaram, sem conversar. Depois, como em todos os outros dias, Rosa pegou na bandeja e levou-a para a cozinha. Quando voltou, Torkild estava de pé, diante da janela.

Ela foi para junto dêle, encostou a cabeça no seu ombro, e desfez-se em lágrimas.

Torkild abraçou-a. E, quando os soluços dela se atenuaram, disse com voz baixa e firme:

— Pois é, Rosa. A ti cabe decidir por nós dois.

— Eu não posso...

E os soluços amiudaram-se.

— Isto não pode continuar assim — disse êle, no mesmo tom. — O que foi dito e o que se passou ontem de noite, nós não poderemos esquecer, nem eu nem tu.

— Eu não sei...

— Quanto a mim, não posso esquecer, Rosa.

— Então cabe a ti decidir — disse ela, a voz sumida e consternada. — Acho que isso tem importância maior para ti do que para mim.

— Sim, é verdade.

Conduziu-a docemente para uma poltrona. Depois, sentou-se diante dela.

— Queres que te explique por quê? E por que, desde o primeiro dia do nosso casamento, tudo teve mais importância para mim do que para ti?

— É porque és muito mais sensível do que eu — interrompeu-o Rosa.

— Não, não é apenas isso, Rosa. Ou melhor, se fui assim mais sensível, como dizes, é que me sentia o único responsável por tudo: no fundo, eu tinha plena consciência, mesmo antes de nos casarmos, do caráter pouco estável da nossa união.

"Quando ficaste minha noiva, eu sabia muito bem, compreendes? que não eram os teus sentimentos para comigo que tinham de repente mudado. Não, não era isso... Mas tu querias que assim fôsse. Eras tão pouco feliz, aspiravas de tal forma por uma mudança, que acabaste acreditando que essa mudança se realizara em ti...

— Quando te disse que te amava, eu era sincera... Tu então não acreditavas em mim? Sabias que me iludia quanto aos meus sentimentos?

— Com clareza, eu não sabia, tu compreendes; não com tanta clareza como te digo hoje. Era antes por instinto: eu não via a minha felicidade como a uma coisa que devesse acontecer naturalmente, mas como uma oportunidade que se apresentava, a única oportunidade que teria em tôda a vida de te possuir só para mim. É que o meu amor por ti era imenso, tu sabes... E dizia comigo que, uma vez casados...

"Se, naquele momento, tivesse tido a certeza de que me amavas, quem sabe se tudo não teria sido diferente. Ou, se não tivesse tido, bem no fundo, essa dúvida... ou essa angústia, se quiseres... nunca teria ficado tão desconfiado, como dizes. É verdade aquilo que me disseste ontem de noite: não tenho podido resistir a uma necessidade mórbida de reabrir constantemente a ferida secreta, para ver se cicatrizou. E, no entanto, eu sabia que ela nunca fecharia, se eu continuasse assim.

"Todos aquêles anos, em que te quis sem esperança, também tinham-me marcado, compreendes? De fato, creio que sempre me faltou confiança em mim mesmo, nos momentos em que tinha mais necessidade..."

— Mas, Torkild — disse Rosa, a meia voz — todos os períodos de felicidade que, apesar de tudo, temos passado, nada são para ti? Nessas ocasiões, era como se tudo fôsse harmonia entre nós... e eu tinha a impressão de que eras perfeitamente feliz. Parecia-me, nesses momentos, que eu mesma também o era... e que te amava. Esqueceste isso?

— Não esqueci, absolutamente. É verdade, eu fui feliz, por momentos. Mas nunca bastante para me sentir convicto de minha felicidade. Nunca bastante para ter a certeza de que te possuía inteira, compreendes? Mais cedo ou mais tarde, vinha a reação: eu sentia que me escapavas.

— Eu sei — disse ela, em voz baixa. — E era justamente a isso que eu fazia alusão quando te disse, a noite passada, que queria tornar-me melhor. Exatamente, eu não sei o que era. Creio que fôsse uma espécie de preguiça do espírito e da alma, de negligência da minha parte. Cada vez que, de teu lado, nada fazias para me tornar a vida bela e feliz, eu própria nada fazia para conservar o bem que ela já nos trouxera. É isso o que agora me esforçarei por fazer, para que sejas feliz comigo...

— Compreendo. Mas tu não poderás, Rosa.

Com um apêrto do coração, Rosa reparou que êle falava nisso como de uma coisa que estivesse fora do alcance dela.

— A gente pode querer conservar o que tem — prosseguiu êle. — Pode empregar a energia e a vontade em favor de uma coisa que existe. Mas tu não podes criar seja o que fôr partindo do nada. A única coisa no mundo que teria tido importância, para mim, seria que me amasses... E isso eu não pude obter de ti.

— E tu? Ainda me amas? — perguntou Rosa, docemente.

Torkild sorriu um sorriso atormentado, ao responder:

— Como podes fazer-me essa pergunta?

— Mas... E se eu preferisse ficar contigo — perguntou, lentamente — serias feliz? Tu nos torturarias, a ti e a mim, por causa das tuas dúvidas, dos teus exames de consciência declarados ou secretos? Não tens confiança no nosso futuro?

— Não tenho confiança em mim... Como te disse, cabe a ti decidir, Rosa. Eu, por mim, não tenho ânimo para assumir a responsabilidade de continuar assim... Há momentos em que digo, para mim mesmo, que devo estar meio louco —

acrescentou, num murmúrio. — Seria de pensar que somos realmente uma família de desequilibrados...

Permaneceram um momento calados. Depois êle continuou:

— Todos os pequeninos detalhes da vida, com que eu contava para te ligar ao nosso lar: a jardinagem, os trabalhos domésticos, que haviam de te agradar, eu sabia (sim, eu sabia que eras das mulheres que gostam dêsse tipo de trabalho) pois até isso, quando vi quanto te prendia, me causava despeito... pelo menos passageiramente. Parecia-me que tentavas encher com isso um enorme vazio da tua vida. Contudo, notava o resultado dos teus esforços, via como embelezavas pouco a pouco a nossa casa. Mas não me parecia que chegaríamos a sentir-nos mais unidos, a só formarmos uma unidade. E então...

— E, enquanto eu esperava o nenê, era do mesmo modo? — murmurou Rosa.

— Não — disse êle, num sôpro de voz.

Por um longo intervalo, ficaram em silêncio. Depois, bruscamente, Rosa disse:

— Vou deixar-te por algum tempo, Torkild. Vou para a casa de Briten, que me convidou muitas vêzes. E se me disseres que volte, eu volto. Não te esqueças disto. E não te esqueças de que te amo, como posso te amar, conforme a minha natureza, e que sou mais mulher do que quando nos casamos. Acho que sei um pouco onde está o perigo, tanto na tua natureza como na minha. E se me pedires, eu voltarei animada do melhor propósito de defender o que constitui, como dizes, a nossa última oportunidade.

Levantaram-se e êle tomou-lhe as mãos e beijou-as. Rosa atraiu a cabeça dêle, beijou-o; mas o rosto de Torkild, como que ressequido pela dor e pela exaustão, parecia morto sob os beijos dela.

Em seguida, Rosa saiu da peça.

Torkild se pôs a vagar pelas salas do andar térreo. Era como se tivesse a cabeça vazia, o coração paralisado.

Em certo momento, viu-se perto da janela da sala de jantar, olhando para fora. O sol ia deitar-se atrás do cabeço que se erguia para lá do quintal; a luz forte e vermelha ofuscou-o. Era como um grande incêndio; os abetos, pequeninos e esqueléticos, mal se enxergavam: também pareciam envol-

tos pelas labaredas do imenso braseiro. Lá embaixo, no talude, a viração da tarde atirava a corda da bandeira contra o mastro, fazendo-a estalar. Êsse pequeno ruído, que êle nunca notara, entretanto ali estava desde que moravam na casa, audível dia e noite, com maior ou menor intensidade conforme a corda estivesse tensa ou frouxa.

"Pronto. Acabou-se", disse consigo mesmo. E espantou-se de não experimentar uma dor mais aguda. Era como se já não tivesse a faculdade de sentir fôsse o que fôsse.

XII

Torkild continuou dominado pela mesma apatia, pelo mesmo entorpecimento de todo o seu ser. No dia em que Rosa partiu para a Suécia e em que se despediram, em casa, não foi como se estivessem para sempre afastando-se um do outro. Estavam calmos, ambos, e Rosa parecia mesmo alegre e confiante. E parecia alegre e confiante quando, na estação de Lillehammer, Torkild a fixou na memória, à porta do carro, acenando-lhe adeus com a cabeça e agitando o lenço, enquanto o trem a levava, deixando-o só na plataforma.

Tudo aquilo era como se fôsse irreal... Como se lhe houvessem vibrado uma pancada na cabeça, que o tivesse deixado meio morto e insensível à dor.

Só quando percorria o caminho de casa é que compreendeu: Rosa tinha de fato ido embora, ela não estava mais aqui, ela talvez jamais voltasse. E fôra êle quem a forçara a tanto.

Agora, tudo lhe parecia estúpido, insensato. Agira como um homem privado da razão. Escreveria pedindo-lhe que voltasse... escreveria uma carta naquela mesma noite. O futuro? Repeliu de si todo pensamento relativo aos tempos que viriam. Não via senão isto: era preciso que Rosa voltasse. Quando chegou à sua casa, subiu diretamente para o quarto de Rosa, e tateando na obscuridade, procurou a cama, na qual se lançou. Dobrada em cima da colcha, estava uma peça de roupa, macia e fina, de onde se evolara um suave perfume: era a camisola da ausente. Escondeu o rosto nela:

— Tens de voltar para junto do teu pequeno, Rosa querida, êle não pode viver sem ti...

Mas, quando se deitou, os seus pensamentos recomeçaram a eterna ronda, sem escopo nem razão, pelo passado e pelo futuro.

Passavam-se os dias: Rosa e Torkild trocavam cartas, sem nunca aludir à questão do divórcio; um e outro escreviam como se ela tivesse apenas ido visitar uns amigos. Torkild contava que recebera diversas cartas de Dóris, com muitas minúcias; estava encantada com a permanência em Paris; morava na casa da viúva de um professor; os seus dias eram ocupadíssimos pelo trabalho; mas também passeava muito; fizera relações com diversas pessoas fascinantes, franceses, finlandeses e outros estrangeiros.

Torkild e Rosa se perguntavam se tudo o que Dóris dizia, acêrca dessa viagem a Paris, era mesmo verdade ou invenção dela. Torkild chegara até a pensar que Dóris absolutamente não fôra para Paris. Mas, como as cartas vinham com intervalos regulares e pouco espaçados, não pensava senão em dar crédito ao que ela contava. Aliás, estava muito abatido e sentia-se muito infeliz para poder refletir na necessidade de prestar atenção à irmã e à sua situação.

Também informava Rosa de que a criada, Inês, o servia bem e que êle tratava das plantas dela. Uma única vez, com o coração palpitando e as faces em fogo, animou-se a escrever: "Ainda não trouxe do porão os bulbos de flôres. Preferiria retardar o seu florescimento até o Natal, se voltares nessa ocasião".

Sobreveio, então, o acontecimento decisivo.

Uma manhã, enquanto se vestia, Torkild foi tomado de um acesso de tosse e notou filamentos de sangue no seu escarro. Muito pouco sangue. Mas, num gesto maquinal, tendo levado o lenço à bôca, viu que ficara manchado de vermelho.

Jogou o lenço no balde de despejo, foi buscar uma garrafa de água fenicada no armário do quarto de Rosa, e deitou um pouco do seu conteúdo no lenço e no balde... em atenção à criada. Depois terminou de vestir-se, desceu para tomar café e rumou para o escritório.

Tinha, por todo o corpo, um estranho formigamento. Aquelas pintas de sangue... evidentemente podiam nada significar... e podiam significar a morte.

Sentia um sôpro gélido, como se se tivesse aproximado de uma imensa fonte de frio. Isso o levou a pensar na grande geleira que tinha sido aberta no mato e diante da qual Rosa e êle tantas vêzes haviam passado no verão, em seus passeios. O hálito glacial que vinha envolvê-los naquele trecho! Torkild se achou ridículo.

A morte... êle não a receava, sabia-o agora que lhe aparecera como uma realidade. Só que isto era tão estranho!

Recordou-se das idéias fúnebres dos anos desolados de sua primeira juventude. Compreendeu que não fôra sincero quando então sonhara em dar cabo da vida... Naqueles devaneios melancólicos e vagos, nada havia da verdadeira gravidade da morte: não era com a alma afogada no sentimentalismo e na autocomiseração que a gente podia matar-se.

Lembrou-se de seus encontros com a morte: o primeiro, quando sua mãe se suicidara. A morte era então um hediondo espectro, uma queda, um ser humano que condena a sua própria vida como indigna. Lembrou a morte da Sra. Wegner, seu pesar por deixar a vida. Ela soubera reunir seus tesouros enquanto estava na terra, e o seu coração permanecera atado a êles. Entretanto, morrera com coragem e confiança. Porque os atos de cada indivíduo que morre continuam a viver... nunca desaparecem, pôsto que a ninguém seja dado ver como continuam, como vão cruzar-se com os atos de outros indivíduos, juntar-se com êles, transformar-se, confundir-se com êles, sem nunca cessarem de operar. E a Sra. Wegner podia reconhecer os seus atos, morrera na paz de Deus... em amor, em beleza, em honra, trindade que todos gostariam de ver dominando a sua vida, mas que só os fortes alcançam... E lembrou-se da morte de seu pai, que, pela graça de Deus, fôra do sono para o esquecimento. Quanto aos seus atos, era preferível que desaparecessem o mais breve possível, que fôssem absorvidos e ficassem irreconhecíveis nos turbilhões de atos da grande multidão dos homens.

E agora talvez fôsse a sua vez de morrer. Os seus atos... eis o que o gelava de pavor. Não restariam muitos traços de sua passagem pela vida. A morte o escamotearia como uma geleira, ao avançar, cobre uma pedra estéril. Era então isto

a fôrça invencível? Sentia-se capaz de ir ao seu encontro sem fraqueza, e compreendia agora, com uma tristeza resignada, que tudo na vida lhe fôra indiferente, exceto a mulher que êle amava. Era justo, pois, que desaparecesse, êle, o ser inútil.

Encarniçadamente, durante todos aquêles anos, correra atrás dêsse único alvo: conquistar a mulher que para êle representava a felicidade. Se êle também representava a felicidade para ela, eis uma coisa — teve de admiti-lo agora — que nunca perguntara a si mesmo. Certamente almejara fazê-la feliz, já que a sua própria tranqüilidade dependia disso. Mas sabia que desejara tê-la para si, ainda que a união de ambos tivesse de ser infeliz; mesmo por êsse preço, quisera aquela mulher. E, no fundo, sempre soubera que a vida dêles só poderia tornar-se aquela que viera a ser; a resistência de Rosa, durante tantos anos, era uma prova disso: nêle, nada constituíra um apêlo para o instinto vital de Rosa. Não era êle o homem com quem Rosa devesse tornar-se mulher e mãe. Uma vez casados, haveria, pois, algo mais natural do que ela ter-se tornado moralmente doente, e um e outro, infelizes? Havia já muito tempo que êle o percebera, até certo ponto; mas sabia, contudo, que, se não tivesse sobrevindo êste revés com a sua saúde, em breve estaria pedindo a Rosa que voltasse. Não teria tido mais fé no futuro, não teria esperado realmente que suas relações se tornassem mais ternas, mais generosas; haveria de desejar, porém, que continuassem. Teria dito, lá consigo: vamos ter um filho e ver se tudo não marcha melhor; talvez a criança lance a ponte por cima dêste abismo que nada pode fechar. Compreendera que, com êle, Rosa jamais conheceria a felicidade da espôsa, e a si mesmo dissera: ela conheceu um pouco da felicidade da amante e, se conhecer a felicidade da mãe, talvez se contente com isso.

Sim, mesmo antes da sua partida, êle estivera firmemente decidido a chamá-la de volta.

Para êle, agora a sorte estava lançada. Tinha de renunciar a ela. E, na nova e gelada atmosfera em que ia viver, devia esforçar-se por descobrir a coragem necessária.

Não podia evitar que vagas fantasias, saturadas de uma tristeza volutuosa, viessem assediar-lhe o espírito. Rosa viria vê-lo no seu leito de morte. Uma vez mais, ser-lhe-ia concedido falar a ela de seu imenso amor. E talvez Rosa enfim com-

preendesse que sempre tivera tôda a alma dêle em suas duras mãozinhas!

Repeliu com impaciência essas idéias.

Um homem devia ter a alma nas próprias mãos. Devia ser responsável diante de si mesmo pelo que fazia com a alma. E se vivesse de tal sorte que, no momento de morrer, persistisse uma fôrça vital de sua alma, ou então se apenas gêlo cobrisse a sua vida quando findasse...

Era isso o que tinha de aprender, agora que se aproximara do frio eterno. Tinha de aprender a renunciar a Rosa... como devia renunciar a tudo aquilo que não pudesse transformar em algo de belo e de bom. Devia aprender a viver com honestidade e justiça, porque a vida de um homem honesto e justo nunca é inútil... a fim de poder um dia terminar como morrera a mãe de Rosa, desde que, entretanto, lhe fôsse concedido viver... por pouco ou por muito tempo.

Ao sair do escritório, foi consultar o Dr. Meyer. O médico diagnosticou uma congestão do ápice dos pulmões, mas sem gravidade, e o aconselhou a fazer uma cura de sanatório, logo que possível.

Torkild rumou para casa sob o crepúsculo, que o nevoeiro polvilhava. No campo amarelo e ressequido que costeava o regato, sempre havia uma leve bruma agarrada ao chão; o sol acabava de pôr-se e o céu ainda conservava uns laivos rosados.

Torkild notou com espanto como o seu espírito estava calmo e sereno, enquanto se aproximava do lar deserto.

Naquela mesma noite, escreveu para Rosa. Rasgou carta em cima de carta, e a que finalmente enviou dizia:

Querida Rosa,

Acabei compreendendo o seguinte: creio que sou uma criatura de uma espécie inferior; foi sem dúvida a tua saúde moral que sempre te manteve em guarda diante de mim: eu não fui feito para ser teu marido, para me tornar o pai de teu filho.

Mentiria se dissesse que desejaria nunca ter casado contigo. Sei que teria, sido melhor para ti, e talvez para mim tam-

bém, se não tivéssemos casado. Mas, seja como fôr, não posso discerni-lo com precisão. Tenho de te pedir perdão de uma infinidade de coisas... talvez chegue um dia em que já não estejas disposta, como sei que hoje estás, a conceder-me êsse perdão. Estarias sendo apenas justa se, um dia, pensasses em mim com amargura.

Julgo que sou um homem que não tem o direito de procriar. E, com isso, tudo está dito. Não me animo a pedir-te que voltes para junto de mim, pois a nossa união só pode prejudicar a tua natureza. Amo-te com tanta ternura como sempre te amei, mas acabei considerando muito egoísta o amor que te dedico. Uma vez que me sinto assim, eu mesmo sei que agora menos do que nunca seria capaz de me fazer amar por ti. Por isso, tanto por ti como por mim, não quero que continuemos a viver juntos.

Vou ausentar-me por tempo indeterminado. Escrever-te-ei do meu nôvo enderêço: há certo número de questões práticas a solucionar, e tudo há de ser feito, certamente, como desejares: se, por exemplo, queres a separação legal, etc.

Talvez pareça ridículo, se te disser que desejo para ti a maior felicidade do mundo: eu próprio devastei, não ignoro, os melhores anos da tua vida. E, no entanto, parece-me que daria a vida para que sejas feliz. Escrever-te esta carta é, para mim, quase pior do que a morte e sei que tu também sofrerás; mas, se o faço, é porque acredito que tudo ainda seria pior se voltasses.

Teu Torkild.

Releu a carta. Pareceu-lhe lamentável. Talvez fôsse porque havia tantas coisas que não podia dizer-lhe. Antes de mais nada, precisava aprender a calar o que não tinha o direito de lhe confidenciar, a despeito do refrigério que encontraria no relato de suas penas.

Sentia-se extenuado, e, querendo chegar a uma decisão, expediu a carta.

Resolvera não se tratar em sanatório. Principalmente porque não queria que Rosa soubesse que estava com os pulmões doentes. Isso o faria passar por mártir, aos olhos dela: muito provàvelmente Rosa escutaria apenas o coração e, apesar de tudo o que êle pudesse dizer-lhe para dissuadi-la, acudiria às pressas. Por outro lado, considerando a hipótese de que êle

não se restabelecesse suficientemente para levar uma vida normal e se visse forçado a um tratamento continuo, era preferivel que as coisas se encaminhassem logo para o pior.

Depois de ter obtido uma licença de quatro meses, foi para uma granja no vale de Gudbrand, pertencente a um de seus amigos. Lá ficou dois ou três meses, tratando-se principalmente com repouso, alimentação sadia, trabalhos no campo, caçadas e passeios em esqui pelas montanhas. Escarrou sangue duas ou três vêzes no decurso das primeiras semanas, mas, ao fim de muito pouco tempo, sentiu que se restabelecia e que todo o seu corpo recobrava a saúde e o vigor.

Foi no comêço dessa temporada no campo que recebeu a carta de despedida de Rosa:

Querido Torkild,

Uma vez que tomaste essa decisão, digo-te adeus, portanto. Ao fazê-lo sinto um sofrimento infinito, mas não guardo nenhum rancor por causa disso, pelo menos por ora. Se mais tarde vou querer-te mal, como presumes, não posso sabê-lo. Mas espero que nunca seja assim. Meu amigo... eu também não posso formular votos de felicidade para ti, pois sei que tu mesmo não acreditas na felicidade. Mas faço votos para que, pelo menos no comêço, te sintas calmo e forte.

Como é preciso que tudo termine, convém, pelo que me parece, que nosso casamento seja dissolvido igualmente sob o ponto de vista da lei. Aceito o teu oferecimento de me pagar uma pensão, mas a soma que fixaste é mais do que eu preciso; conheço a tua situação e hás de compreender que não aceitarei de ti essa importância. Certamente só quero o teu auxílio até o momento em que tiver achado um emprêgo, mas, até lá, aceito-o com reconhecimento.

Tenho uma coisa a te pedir: queria que achasses uma ou várias pessoas que se disponham a encarregar-se das minhas flôres. Para mim, elas são sêres vivos, e ficaria muito sentida se definhassem por falta de cuidado. Não achas que Inga Vik, e a Sra. Stranden, e talvez também a Sra. Nordby, desejarão ficar com algumas delas? Quando eu mesma tiver achado residência, mandarei buscar tôdas as que puder.

Acho indivisìvelmente triste que agora tudo esteja acabado entre nós. Penso que, se o nosso nenê tivesse vivido... Como chorei por causa dêsse nenê! Tenho pensado nêle todos os dias, desde que morreu. Mas decerto tens razão... agora seria tarde demais.

Boa noite, meu querido. Muitas felicidades.

Rosa.

No mês de março, quando, com a aproximação da primavera, a temperatura se tornou mais amena, Torkild mudou-se para um chalé em plena montanha; lá passou as férias de Páscoa, depois das quais terminava a sua licença.

Quando recomeçou a trabalhar, estava mais queimado do que nunca pelo ar livre e pelo sol... E desde muitos anos, desde o comêço de seu casamento, não se sentia em melhor estado de saúde física e moral.

XIII

Foi alguns meses depois do seu regresso, quando junho findava, que Torkild encontrou, um dia, uma carta em cima da sua mesa, ao chegar ao escritório. A letra parecia-lhe conhecida, sem que pudesse descobrir de quem poderia ser. Abrindo-a, viu, com grande pasmo, que era de Axel. Dizia a carta:

Caro Torkild,

Sem dúvida ficarás espantado ao receber esta carta de mim e não sei se me concederás o que venho pedir-te. Não pretendo pedir que esqueças o que há entre nós, mas queres, apesar disso, dar-me uma oportunidade de um encontro contigo? Será a última vez. Obtive um emprêgo numa sociedade mineira do Chile, num local que se chama Santa Teresa, nas montanhas da fronteira com a Bolívia. Embarco domingo próximo para Buenos Aires, e é muito pouco provável que algum dia volte à Noruega.

Assim sendo, se me deres uma oportunidade de te ver antes de minha partida, ficar-te-ei muito grato. Proponho-te, se te convier, que nos encontremos amanhã à noite, às sete horas, no pequeno Restaurante dos Esportes, de Holmenkollen, ou, se não fôr possível, noutro dia. Geralmente, é pouco freqüentado nos dias de semana. Se concordares em falar comigo, peço-te o favor de telefonar para a dona da pensão onde moro (nº 180-018), que me transmitirá tua resposta.

Axel.

Torkild ficou um momento olhando para a carta. Depois telefonou para o número indicado: "Faça o obséquio de dizer ao engenheiro Christiansen que o irmão dêle vai esperá-lo no Restaurante dos Esportes, amanhã à noite, mais ou menos às sete e meia".

No dia seguinte, à noite, quando se aproximava do restaurante, e havia chegado ao pé da última rampa, Torkild avistou Axel na varanda, à sua espera. Subiu o lanço de escada e Axel levantou-se e veio ao seu encontro. Tinha um jeito constrangido e triste; parecia esperar que seu irmão não correspondesse ao seu gesto, quando lhe estendeu a mão. Entretanto, Torkild apertou-a e, sem nada dizerem, foram sentar-se à mesa que Axel escolhera e na qual havia uma garrafa de vinho tinto e dois cálices. Axel fêz menção de encher o cálice de Torkild.

— Obrigado.

Torkild achou imediatamente que fôra um tanto ridículo por querer dar a entender, assim, que se recusava a beber com o irmão, e emendou:

— Estou com muita sêde, queria primeiro tomar cerveja.

Abaixo dêles, ao longe, o fiorde se estendia azul e quieto, constelado de pequenas velas brancas. Parecia enfunar-se, como um lençol estendido de uma a outra encosta, ambas cobertas pelo arvoredo. Uma névoa fina, irisada pelo sol, empenachava a cidade, que se encolhia no último plano, mas os cabeços que a circundavam apareciam nìtidamente com suas casinhas, marcos dourados entre abetos de um verde sombrio, sob o esplendor do sol poente.

— Ainda agora eu estava olhando tudo isso, daqui — disse Axel, em voz baixa. — Como é lindo! E dizia para mim mesmo que era o meu país... embora nunca tenha podido consolidar-me nem me sentir à vontade, aqui. Eu tinha apenas uma vaga impressão de que era aqui o único país do mundo onde devia e onde poderia, um dia, sentir-me em casa. E agora deixo a Noruega, decerto para sempre...

— Qual nada! Hás de voltar, algum dia — disse Torkild, um tanto contrafeito. — No nosso tempo, mesmo a América do Sul não fica...

Não terminou a frase, que achara excessivamente banal.

— Acho que não volto. Quando ficar velho, talvez venha visitar vocês.

Por um momento, Axel contemplou o mar.

— Obrigado por teres vindo — disse de repente, em voz baixa. — Pensei que não viesses...

— Ora essa... Eu não ia ficar contente, acho, ao saber que tinhas embarcado para o outro extremo do mundo sem que eu soubesse de nada.

— Sim, claro. Eu compreendo. Mas, isso é outra questão.

Sorriu vagamente, enquanto prosseguia:

— O importante é que me portei de tal modo que teria sido natural ir embora sem que soubesses de nada.

Torkild não achou que responder e disse:

— Não passas em Copenhague, para dizer adeus a Dóris?

— Como? Dóris voltou para Copenhague? Recebi uma carta dela a 1º de janeiro e depois um cartão, escrito do Café de la Régence. Pensei que continuasse em Paris.

— Não, está em Copenhague desde abril.

— Então vais-me dar o enderêço dela para que eu possa escrever-lhe... Seguimos diretamente pela Inglaterra... Ah, ia-me esquecendo: caso-me sexta-feira próxima.

Ao dizer isso, Axel abaixara a cabeça.

Pelo espaço de um segundo, uma terrível angústia se apossou de Torkild. Depois, dominou-se... Não, a coisa era materialmente impossível, o divórcio ainda não fôra concedido.

— Ela chama-se Agda Waage — disse Axel, com o mesmo gesto de um momento antes. — É uma môça que eu conheço há vários anos.

— Então... os meus parabéns — disse Torkild.

Sentiu que a frase soava falso, porque não se adaptava muito bem à situação.

— Obrigado — disse Axel.

E, após curta hesitação, acrescentou: — Sim, evidentemente, eu deveria ter casado com ela mais cedo... Agora, Agda acredita que, se não o fiz, foi porque não desejava apresentá-la, como minha mulher, à minha família e aos meus amigos daqui... mas que a julgo bastante boa para lá fora, no estrangeiro, onde ninguém nos conhece...

Por um momento, mergulhou em suas reflexões.

— Talvez isto dê mais certo do que penso, em certos momentos — prosseguiu êle. — Lá longe, ficaremos muitas vêzes reduzidos à companhia um do outro. De minha parte, farei todo o possível para que dê certo. E Agda é uma boa môça, no fundo... e muito capaz, muito honesta, compreendes?

Constrangido, Torkild manteve-se calado.

Axel serviu-se de mais vinho e bebeu. Depois, sùbitamente, encarou firme nos olhos de Torkild.

— Aquela noite que tu sabes... quando fui visitar vocês, a última vez, eu vinha da casa dela. Agda tinha-me feito violentas censuras. Alguns dias antes, avisara-me que estava grávida. Prometi-lhe naturalmente que casaríamos o mais depressa possível, mas disse-lhe que precisava primeiro acertar certos negócios... negócios de dinheiro, tu compreendes. Tinha dívidas desde o tempo em que preparava os meus exames. Seria forçado a pedir dinheiro emprestado. Foi o que expliquei a Agda, naquele dia, e aí houve uma cena entre nós.

"Era o que eu queria que soubesses antes do meu embarque. Talvez agora compreendas?..."

— Compreendo — disse Torkild simplesmente.

— Aí, quando afinal cheguei a concertar a minha situação para poder instalar-me em condições muito modestas, Agda me contou que se enganara. E agora não queria mais casar: o que me tinha dito, dissera-o de boa-fé e não para me forçar a casar. De fato, depois não me falou mais em casamento. Tu compreendes, ela não é desprovida de altivez. Sim, diz ela que era apenas pela criança que me tinha pedido que legalizasse imediatamente a nossa união. Acredito que falava a verdade, e acho que tinha razão. Agda é boa, e sabe o que quer dizer não ter pai, pois ela própria é filha ilegítima. Seu pai se portou como "um homem direito", conforme se diz nesses meios: pagou pensão para ela na casa de uma família operária, gente boa, onde permaneceu até a idade de quinze anos. Quanto à mãe, êle a abandonou completamente. Já morreu, mas tinha decaído muito antes do fim. Quando a pobre da mulher estava na agonia, Agda escreveu a êsse pai, a quem nunca tinha visto, pedindo um auxílio. Estava então com dezessete anos, empregara-se numa grande loja de modas, e na ocasião trabalhava na oficina de costura. O seu pai lhe remeteu vinte coroas e uma carta brutal onde dizia, entre outras coisas, que

já fizera por ela mais do que devia, pois não acreditava que fôsse o pai dela.

"É o velho cônsul Vandamm, de Bergen, o meu muito honrado futuro sogro... tu conheces bem, é dono da mansão "Meu Prazer". Não te lembras que uma noite, num baile na casa dos Ramms, há muito tempo, conhecemos uma das filhas dêle, casada com o capitão de cavalaria Hoelen? Recordo-me que a achaste lindíssima. Agda se parece com ela de modo surpreendente. Aliás, as duas têm mais ou menos a mesma idade.

"Conhecemo-nos, Agda e eu, quando ela estava empregada num instituto de beleza, localizado no edifício onde eu tinha o meu escritório. Um dia, saindo para ir almoçar, encontrei-a na escada; andamos um pouco juntos. Ela estava muito nervosa e, no parque, me levou para uma pequena alamêda deserta e se pôs a chorar. Sua irmã consangüínea, a Sra. Hoelen, naquela manhã fôra lavar e tingir os cabelos, e Agda é que a atendera. A Sra. Hoelen reclamara contra tudo e fôra muito desagradável e descortês com a pobre Agda. Foi nesse dia que soube de sua história.

"E foi em conseqüência dessa confidência que me tornei amante de Agda. Até aí, não havia mais que um flêrte, saíamos juntos, passeávamos um pouco, íamos à confeitaria.

— Coitada! — disse Torkild, a voz enternecida.

— Foi no comêço do outono, no ano do teu casamento.

Axel ficou um momento em silêncio, o queixo nas mãos, depois acrescentou:

— Sei que devia ter casado com ela nessa ocasião, pois tinha-lhe dito que gostava dela... e gostava mesmo, ainda gosto. Teria sido preferível assim; teria sido a única coisa correta a fazer. Hoje, ela tem o direito de julgar os meus sentimentos de forma diversa.

"No entanto, eu sabia que, no fundo do coração, sempre me sentiria ligado a Agda... Acontecesse o que acontecesse, fizesse eu o que fizesse, nunca teria podido esquecer que dera a minha palavra a Agda."

Bruscamente, voltou-se para Torkild:

— Sabes o que se passou entre Rosa e mim, há pouco mais de seis meses?

— Não.

— Ela também me deu uma bofetada — disse Axel, com voz calma. — É por isso que vou embora. Parece-me que, depois disso, eu sou por assim dizer enxotado daqui.

Por um momento, Torkild encarou o irmão.

— Ela só podia fazer isso — continuou Axel, sempre calmo. — Pensei que soubesses. Eu desejava muito te explicar tudo, se isso é possível... Sabes sem dúvida que eu gostei de Rosa?

Torkild inclinou a cabeça, num gesto afirmativo.

— Isso é que foi terrível. Eu gosto de Agda... gosto dela desde que a conheço. E, no entanto, às vêzes, sentia uma irritação contra ela, o que era injusto, pois Agda não tinha culpa. Sempre foi boa comigo, à sua maneira... É um tanto superficial, e forçosamente tinha de ser, senão a vida lhe teria parecido demasiado odiosa. Mas, de minha parte, eu sentia constantemente que o amor que podia dar-lhe não era, apesar de tudo, mais que um amor de segunda ordem... e que havia outra mulher que eu poderia amar de uma forma totalmente diferente, com muito mais paixão, mais ternura, mais delicadeza... E quando a gente sente que aquilo que temos de melhor nunca há de se libertar...

"Hoje, tu compreendes, penso um pouco diferentemente. Acredito, agora, que poderei dedicar a Agda, e principalmente aos nossos filhos, se vierem, sentimentos de um valor humano igualmente elevado..."

Em silêncio, os dois irmãos contemplavam o fiorde, que na noite crepuscular se matizara de malva. Na varanda onde estavam sentados, irrompeu um grupo de meninas de uns doze anos. Tinham as tranças desfeitas, os vestidos e os calçados cobertos de poeira, as faces afogueadas pelo calor. Feixes de folhagens e de flôres enchiam-lhes os braços e debruçavam-se de suas bôlsas de excursão.

— Ai, estou morrendo de sêde! — diziam em côro.

Enquanto as outras se abancavam, uma delas ficou de pé: era a que devia fazer o pedido. Demoraram-se na escolha de um refrêsco. Finalmente, pareceram entrar em acôrdo e a pequena desapareceu no interior do restaurante.

— E pede uma barra de chocolate pra mim, com leite e avelãs, não te esqueças, Marga! — gritou-lhe uma das companheiras.

— Acho que hoje andei pelo menos três milhas — disse uma delas.

— Ué, três milhas! Andamos muito mais, guria!

— Puxa que estou cansada!...

De suas bôlsas, as meninas iam tirando violetas, lírios-do-vale e restos de fatias de pão enroladas em papel todo enodoado de manteiga; dentro de pouco, a mesa e os assentos estavam cobertos com tudo isso.

— Agora eu gostaria de tomar um pouco de vinho tinto — disse Torkild.

Axel encheu-lhe o cálice. Beberam em silêncio.

— No começo do teu casamento, não senti ciúmes, não tive nenhum mau pensamento, porque acreditava que vocês fôssem felizes — disse Axel. — Procurava transformar em beleza o que sentia em relação a Rosa. E queria bem a ti... Talvez te custe acreditar. De fato, sempre tive a impressão, puramente instintiva, de que de nós três eras, apesar de tudo, aquêle que tinha mais vitalidade, aquêle que se saíra melhor apesar das circunstâncias... ou, antes, aquêle que melhor se defendera da destruição. Os três, o que procurávamos, era um lar. Não sei se me podes compreender: se eu tivesse percebido que tu e ela havíeis construído um lar onde reinavam a felicidade e a harmonia, poderia ter-me resignado: terias tido Rosa e o melhor quinhão, e eu, Agda e um quinhão menor, mas havia de fazer o possível para que o meu casamento se tornasse feliz e estável.

"Entretanto, quando julguei compreender... não sei como te explicar... Eu ficaria contente com um humilde canto do teu lar, uma parcela da riqueza, do calor e da afetividade que Rosa, conforme me parecia, era feita para espalhar em redor de si... eu levaria um pouco dessa irradiação para iluminar o meu próprio lar... Acho que não estou exprimindo bem o que quero dizer...

— Sim, eu compreendo...

— Então, um belo dia, fiquei como possesso. E, desde a noite em que me comportei tão mal contigo, fiquei mais ou menos como louco. Veio finalmente a noite em que fechamos para sempre a casa de papai; tínhamos levado Dóris à estação e íamos pernoitar no hotel, Rosa e eu, para viajarmos no dia seguinte. Penetrei no quarto dela e armei uma cena abominável. Nessa época, eu estava num estado de alma em que odiava

Rosa, odiava vocês, a ela e a ti, e Agda, e a mim próprio, principalmente a mim próprio. Ela acabou por me mandar embora (pedira-me, várias vêzes, que saísse) e, como eu não obedecesse, me deu uma bofetada...

Axel calou-se, como à espera de que o irmão falasse. Mas, como êste nada dissesse, perguntou:

— Ela não te havia contado?

— Não... Mas eu recebi, no dia seguinte, uma carta anônima — disse Torkild em voz baixa, ao cabo de um momento.

Axel olhou para o irmão: Torkild fitava o fiorde.

— Foi por isso que?... — perguntou Axel, com voz sumida.

— Queres saber se isso tem relação com o fato de nos havermos separado, muito pouco tempo depois? Não. Diretamente, não. Rosa, de fato, não tem conhecimento dessa carta. Mas é certo que isso me levou a refletir em muitas coisas. Houve como que uma espécie de explicação entre nós, e entramos em acôrdo para ir cada um para o seu lado...

Depois de um momento, Torkild perguntou abruptamente, abaixando ainda mais a voz:

— Nessa noite, em Frederikshald... não fizeste alusão diante de Rosa ao que tinhas dito a mim, a propósito da morte do nosso filho?

O rosto de Axel se tornou escarlate.

— Não. A minha grosseria não foi até aí.

— Desculpa-me — disse Torkild, com brandura.

— Não tens de que te desculpar. Tens o direito de me julgar capaz de tudo.

— Não te quis ferir.

— Foi um grande mal para vocês — murmurou Axel — perderem a criança.

— Quem sabe? — disse Torkild, com tristeza.

Mas ambos olharam para o lado da mesa, no outro extremo da varanda, onde as meninas, cercadas por suas braçadas de folhagem e de flôres, bebiam limonada e refrêsco de romã, tocando os copos.

— Sim, a gente precisava ter três ou quatro assim — disse Axel, indicando o grupo reunido em tôrno da mesa. — Tenho observado, entre as minhas relações, que onde há crian-

ças são quase sempre as meninas as preferidas do pai e os meninos os preferidos da mãe.

— Hum... Depende...

— Acho que há muitas coisas que um homem só pode compreender quando é pai e tem filhas mulheres — disse Axel, absorto.

Jantaram no salão do restaurante e depois foram fumar e tomar café na varanda, diante da clara noite estival.

De repente, Axel disse:

— Tenho um pedido para te fazer: não queres ir comigo, um dia dêstes, visitar Agda, para conhecê-la? Ela ficaria contentíssima de ser apresentada à minha família, e eu só tenho a ti...

Torkild desviou o olhar. Na voz e na atitude de Axel, havia algo que o levava a adivinhar uma porção de queixas e cenas penosas, e sentiu-se embaraçado, como um homem pode sê-lo diante de outro, ainda que estranho, quando o vê acovardar-se ante as censuras de uma mulher.

— Mas como não — disse vivamente. — Eu tinha a intenção, desde que estamos aqui, de te pedir que me apresentasses à tua noiva. Se conviesse a vocês, poderíamos, quem sabe, encontrar-nos amanhã de noite, irmos juntos ao Lírico, por exemplo, e cear depois?

— Com muito prazer!

A voz de Axel exprimia tamanho júbilo que seu irmão mais ainda se condoeu dêle.

— Assim fica ótimo, vai ser um alegrão para nós...

— Então estamos combinados. Agora tu marcas o ponto de encontro.

XIV

Dez dias depois, numa esplêndida manhã de domingo, Torkild conversava, do cais, com o irmão e a cunhada, que se debruçavam da amurada, sôbre as cintas côr de cinza do costado do navio.

Axel contemplava a cidade e as colinas, que a névoa da manhã envolvia com um fino vapor nacarado. Agda, os cotovelos fincados na amurada, segurava com negligência os ramalhetes de rosas que lhe haviam sido oferecidos por Torkild e pelo Sr. Braun, o outro padrinho de casamento. Torkild notou quanta contenção havia na atitude, na voz e no sorriso bonitos, simples e seguros desta môça.

— Torkild, não se esqueça do que prometeu: escrever seguidamente.

— Combinado... mas de vez em quando mande notícias de vocês.

— Fique descansado. Axel não gosta muito de escrever, você sabe, mas eu hei de escrever muito, contando como vão as coisas por lá.

Era bonita, apesar das feições um tanto compactas e indistintas, do acinzentado da tez e da granulação demasiado aparente da pele. Tinha o sorriso fresco e cativante. Com um bonito chapéu nos cabelos dourados, e no corpo algo robusto um costume de viagem singelo mas de muito bom gôsto, personificava, com suas maneiras de uma distinção estudada, o que Isabel chamava, noutros tempos, a "balconista elegante".

Desde o encontro de Holmenkollen, Torkild tôdas as noites

saíra a passeio com Axel e Agda. Simpatizava com a cunhada, não havia que dizer sôbre ela... nem dela. Depois do que Axel lhe contara a respeito da vida de Agda, Torkild talvez esperasse achar-lhe algo de mais pessoal. Mas, quanto a isso, nada transparecia. Era amável e vaidosa, como na maioria o são as mulheres; a sua maneira de mimar e tiranizar o homem, que o destino lhe havia concedido, era a da grande massa de mulheres de tôdas as classes da sociedade. Antes de conhecer Axel, tivera aventuras mais ou menos inocentes, disto Torkild tinha certeza, e Axel também não devia ignorá-lo; nem um nem outro pretendiam censurá-la por essa razão. Dada a vida que levara, era certamente preferível que fôsse assim: superficial e frívola. Por tanto tempo quanto a maioria dos sêres humanos forem maltratados pela vida, é uma felicidade que o maior número dêles não reaja nem contra o bem, nem contra o mal. Agda era exatamente igual a centenas de outras mulheres, e por isso merecia parabéns, pois a sua sorte fôra a de centenas de outras mulheres.

Todavia, Torkild tinha pena do irmão.

Permaneceu no cais, acenando com o chapéu, enquanto pôde distinguir na coberta do navio os lenços dos passageiros, como pontos brancos movendo-se. Imaginava o fiorde, tal como devia aparecer do mar — azul e sereno sob o sol, metido na moldura dos cabeços verdes, das rochas nuas e cinzentas, e do grande arvoredo negro onde se engastavam casinhas vermelhas e brancas, das quais a fumaça subia para o céu em linha reta, na serena manhã de domingo.

Tinha a impressão de que sentia, êle próprio, tudo o que Axel devia estar sentindo naquele momento, enquanto desfilava diante desta paisagem. Os recém-casados estavam, provàvelmente, sentados em cômodas poltronas de palhinha, na coberta do navio. Agda teria mudado o chapéu de plumas pelo gorrinho enfeitado com uma violeta verde, que experimentara diante dêle alguns dias antes. Os joelhos envoltos na manta nova de xadrez, sorria sem dúvida, naquele momento, para êste homem que fizera dela uma senhora casada; estava disposta a fazer relações a bordo e cheia de esperança no futuro. Não deixara nada atrás de si, nem sequer uma lembrança; sem dúvida apagara do espírito tudo o que era anterior à cerimônia de anteontem, que a transformara na Sra. Christiansen.

Aqui, ninguém jamais lhe fizera presente de nada, tirante a vida simplesmente, e cumpria reconhecer o mérito desta mulher jovem, que soubera transpor os obstáculos encontrados ao longo de tanto tempo e chegar, sem grandes danos, até êste dia em que ainda podia construir uma vida nova, com uma alma sem lembranças nem cicatrizes.

Na água que marulhava abaixo do cais, entre rôlhas, pedaços de madeira e papéis, balouçava uma grande rosa: provàvelmente caíra do ramalhete de Agda.

De repente, Torkild sentiu-se invadir por um imenso, humilde e espontâneo amor à pátria, por um terno reconhecimento de ali viver e de ali poder ficar, de possuir tôdas as lembranças, as boas e as más, da infância, da adolescência e da sua vida de homem, que o atavam a êste chão. Com tôda a alma, aspirou a rever os matos lá do alto, para além dos outeiros; sabia que na ponta dos abetos havia brotos novos, de um matiz claro; que, ao pé dos troncos vermelhos, a folhagem verde e rica das murtas e dos vimeiros prateados formava um tapête; que os pequenos lagos, onde se refletia o sol de verão, estavam circundados de linho silvestre, com seus tufos brancos e vaporosos.

Tendo chegado à praça da Estação, tomou o primeiro bonde que se dirigia para Majorstuen: queria rever os matos de Myra.

Havia muito que não ia lá. E embora tivesse vindo diretamente de uma temporada nas montanhas e sempre morasse fora da cidade, no meio das árvores — em bosques silenciosos onde nunca via ninguém — tinha a impressão de que havia anos que não punha os olhos num autêntico mato. O atalho que estava percorrendo era largo e batido pelos pés de um sem-número de jovens de todos os bairros: êste mato era dêles. Aqui, rapazes e raparigas de Cristiânia tinham aprendido a conhecer o cheiro forte dos abetos e do húmus, tinham visto o sol tingir de púrpura o tronco de um solitário pinheiro de penacho sombrio, nalguma eminência dentro do pântano, aqui tinham visto num dia de inverno, já pôsto o sol, um leve rubor nos lençóis de neve cercados pelo mato. E era êste o seu próprio mato, o único mato do mundo que era dêle.

Deixou o caminho para ir até a cabana que fôra sua. Atingido o alto, parou um momento e contemplou a vista que

se estendia aos seus pés. O pequeno lago brilhava, redondo e polido, cercado de abetos e de amieiros de miúdo porte. No meio das rochas, aparecia a cabana castanha, com sua coberta de torrões de turfa eriçada e verde. As janelas estavam fechadas; não havia ninguém. Hoje, Lund e Helsing andavam sem dúvida pelo fiorde, navegando à vela.

Myra parecia igualmente deserta. O sol e a calma do meio-dia reinavam sôbre as casinhas cinzentas rodeadas por taludes verdes, sôbre o pequeno lago que cintilava, embaixo, atrás das árvores, e os longos outeiros arborizados que fechavam a vista para todos os lados.

Torkild deitou-se no capim alto e cerrado, debaixo das groselheiras, e derrubou o chapéu sôbre os olhos para se proteger do sol. Sem dúvida tirara uma soneca quando sentiu algo mexer-se perto dêle; ouviu uma voz de criança que dizia:

— Não toca nessas flôres, Kaja... vão dar morango, depois, não são pra gente apanhar, ouviste?

Torkild olhou por baixo da aba do chapéu. Eram duas garotinhas, uma de três ou quatro anos, a outra de dois anos talvez, as quais trotavam sôbre a grama, de mãos dadas. Pareciam-se como duas gôtas de água: feias e fascinantes, o nariz arrebitado, olhos azul-celeste, graúdos, bochechas vermelhas e, nos cabelos côr de linho cru, fitas brancas, deslustradas. Vestiam-se do mesmo modo; suéter e saia azuis, e ambas com a calcinha inclinada para um lado e uma meia descida até o tornozelo.

— O môço — disse a menor, apontando para Torkild — o môço está nanando.

Depois, abaixou-se e arrancou mais algumas flôres do morangueiro.

— Não faças isso, ouviste? — disse a mais velha, sacudindo-a. — Então tu não compreendes? É flor de moranguinho!

— Quem sabe Kaja não gosta de moranguinho? — alvitrou Torkild, empurrando o chapéu para trás.

As crianças pararam e olharam-no, sérias.

— Bom dia — disse Torkild. — Bom dia, Kaja e Maja.

A maior das meninas o encarou por um momento, perturbada.

— Eu não me chamo Maja.

— Sim, tenho certeza de que te chamas Maja. E tua irmãzinha se chama Kaja. Eu sei.

— Não senhor! Porque eu, me chamo Ningeborg. E ela, não se chama Kaja. É um nome de brinquedo. Ela se chama Catarina...

Ningeborg pronunciou êste nome com muito cuidado e gravidade.

— E eu sei que vocês gostam de chocolate.

Torkild puxou um saquinho de bombons, que Agda lhe entregara dias antes; quebrou a ponta de uma barra meio empastada e repartiu-a entre as meninas.

A maior agradeceu-lhe; ficaram a mirá-lo de olhos arregalados, enquanto mastigavam e chupavam o chocolate, que logo lhes escorreu queixo abaixo, em filêtes castanhos.

— Os pintinhos estão lá — disse de repente a maior, apontando para a casa. — Nós vimos. Estão mesmo, ouviste?

— O pipio — disse a pequenina, começando a subir o aclive.

— Tu podes vir com a gente ver os pintinhos — disse Ningeborg amàvelmente. — Kaja diz pipio, pipio quer dizer passarinho, ouviste? — explicou, enquanto Torkild se levantava para obedecer ao convite das crianças. — Nossa mamãe mora lá embaixo — prosseguiu ela. — Como é o teu nome?

— Torkild.

— É um nome bonito, eu acho — disse ela, num tom lisonjeiro. — Mas eu acho que não vou poder lembrar-me.

No alto do talude, atrás de uma cêrca de tela, perto da casa, passeava uma galinha rodeada de pintos. Êstes, a penugem tôda amarela, refugiaram-se pipilando debaixo das asas da mãe, logo que as meninas se aproximaram e enfiaram os dedos pelos vãos da tela.

— Tirem os dedos daí, meninas, a galinha pode machucar vocês com uma bicada...

— Êste não tem mêdo da gente, é o mais bonzinho...

Era um pinto castanho, que não fazia nenhum esfôrço para escapar, e que, piando dèbilmente, se contentava em abaixar a cabeça para evitar os dedos das crianças.

Torkild notou que do ventre lhe pendia uma pontinha vermelha do intestino, e se arrastava no chão; o pobre bichinho provàvelmente se ferira numa ponta de arame; e logo um de seus irmãos, perdendo o mêdo, se aproximou dêle e se pôs a bicar a tripa caída por terra.

Torkild insinuou a mão através da tela, prendeu o pinto ferido e torceu-lhe o pescoço.

— Ih, quero passar a mão nêle... Ih! — gritou Ningeborg — que foi que tu fizeste?.. Fizeste malvadeza com o pintinho...

Lançou-se para diante tentando tirá-lo da mão de Torkild. A pequenina Kaja não compreendia o que se passava, mas, ouvindo os gritos da irmã, deixou-se cair sentada na relva e passou a berrar com tanto vigor quanto lhe era possível.

Torkild ficou muito embaraçado, sem saber o que fazer com as pequerruchas que choravam desconsoladamente. No mesmo instante, uma mulher robusta apareceu no degrau da porta e desceu correndo para o pequeno grupo, que se mantinha sempre junto do aviário.

— Que foi que aconteceu, minhas filhas?... Meu Deus, és tu mesmo, Torkild? Por que estão chorando as minhas filhas?

Torkild reconheceu Isabel Helsing, ou antes Isabel Lökke, como agora se chamava; ela agachara-se diante das duas crianças, aproximando-as do peito opulento.

— Mas que surprêsa te encontrar aqui... Vamos, vamos, meus cordeirinhos, não chorem mais e contem pra mamãe o que foi que houve.

Torkild mostrou o pinto morto:

— O pobre animalzinho estava com as tripas de fora. Era horrível de ver e eu torci o pescoço dêle imediatamente, sem pensar que convinha afastar primeiro as crianças.

— Hã... Não poderias afastá-las — disse Isabel, friamente. — Elas são assim, as minhas filhas: quando a gente quer livrar-se delas, não há jeito que sirva. Ora, ora, minhas queridas, não chorem mais. O pintinho estava doente, aí o môço bonzinho o matou, e vocês sabem que o anjo vem hoje de noite levar o pintinho com êle pro céu, onde Nosso Senhor lhe devolverá a vida, e êle voará em todo o paraíso fazendo cocoricó pra divertir os anjinhos...

— A gente tem de levar o pintinho pra casa — propôs Ningeborg. — E eu não vou deitar-me, para ver quando o anjo vem atrás dêle.

— Não, é melhor que fique aqui, porque nós moramos no quinto andar e assim seria muita escada pro anjo subir... E imagina que complicação, se êle se enganasse e tocasse a

campainha dos nossos vizinhos, a Sra. Pedersen... tu bem sabes que ela fica danada quando a incomodam... Estás-te rindo, Torkild? Mas a gente precisa mesmo recorrer ao céu e aos anjos, de vez em quando, para responder a tôdas as perguntas que as crianças fazem... Escutem, meninas, agora vão brincar...

"Não são lindas, hem?" perguntou, inclinando-se para Torkild com um sorriso radiante. "Meu Deus, como é engraçado tornar a te ver, a ti, o meu ex-noivo? Como vais, Torkild?"

— Muito bem, obrigado. E tu? Aliás, quase que nem é preciso perguntar.

— Pois é. Tu vês, engordei terrìvelmente. Se soubesse que ia encontrar-te, teria pôsto o espartilho. — Riu-se com todo o gôsto. — Mas de fato eu não esperava topar com gente conhecida aqui, e é uma odisséia, tu compreendes, subir com as duas pequenas até cá em cima.

— Acho-te muito corajosa só de fazer uma viagem destas.

— Qual nada... Eu não posso passar sem o mato e não gosto de deixar as crianças durante um dia inteiro. Sim, eu sei perfeitamente que tu e os outros do grupo da cabana achavam que ia lá só por causa de vocês, mas não era verdade. Trouxemos até aqui, no carrinho, a mais velha das meninas, com treze meses... mas, para descer, tivemos de levá-la no colo, e durante todo o tempo a gente perguntava se valia a pena arrastar até a cidade o que sobrava do carrinho. Subo freqüentemente com as crianças. Finn foi mais longe, com uns amigos; às quatro horas deve estar de volta. Na descida, a pequenina vai no colo, mas Ningeborg faz quase todo o percurso a pé... não fazes idéia como essa garôta é andarilha.

"Como estou contente por te ver, meu velho! Íamos justamente almoçar; espero que aceites um lugar à nossa mesa."

Enfiou seu braço no de Torkild. Parecia não fazer caso algum de qualquer faceirice, em questões de vestuário: um chapèuzinho vermelho, de fêltro, sôbre os cabelos revoltos, blusa branca com falta de botões na frente, saia esporte, azul, demasiado apertada para as suas ancas não contidas por espartilho, e que formava bôjo adiante e atrás. Mas, a despeito disso, e pôsto que nada persistisse de seus atrativos de outrora, salvo o sorriso, que conservara tôda a frescura, Isabel tinha o seu fascínio.

— Vamos, vem sentar-te... vamos almoçar na intimidade como dantes e conversar fiado uns bons momentos. Mas, primeiro, queria que me fizesses o favor de ir buscar as crianças.

Quando Torkild voltou com as duas pequenas, Isabel já havia arrumado uma mesinha debaixo do alpendre, e retirava uma porção de petiscos de uma bôlsa de viagem.

Antonieta, a dona da casa, trouxe café e leite quente. Radiante por tornar a ver Torkild, parou para conversar com êle, enquanto Isabel preparava cacau para as crianças e as acomodava em tôrno de uma caixa, ao pé da escada do alpendre, onde lhes serviu o almôço.

No momento de as deixar sòzinhas, tomou-lhes o queixo no côncavo da mão e ergueu os seus rostinhos para si, enquanto lhes sorria. Vendo isto, Torkild sentiu um apêrto no coração, pois, no mesmo instante, lembrou-lhe que era êsse o gesto de Rosa quando olhava as suas flôres, para as quais também sorria. Coitada, como êle lhe tornara pobre a vida!

Nesse momento, Antonieta dizia:

— A sua senhora veio visitar-nos na festa de Pentecostes, com uma amiga. Pedi notícias suas, e ela me disse que iam divorciar-se... Naturalmente eu já tinha ouvido falar nisso o inverno passado, mas não tinha dado crédito. Nosso Senhor! Isso é mesmo possível, Sr. Christiansen?

— Sim, senhora.

— Puxa que o povo de hoje é esquisito! Acho que todos são meio loucos. Pois não é que os Nordby vão-se divorciar também? Isso não impede que eu fique muito contente por tornar a vê-lo, Sr. Christiansen!

Isabel tornou a subir para a varanda, sentou-se e serviu o café.

— Pois é, dizer que vocês vão-se divorciar, Rosa e tu! Vamos, serve-te... é pão feito por mim... eu mesma faço tudo... Nunca na vida fiquei tão espantada como quando soube disso! Não digo que não esperasse! Mas, mesmo assim, não pensava que vocês chegassem a êsse extremo.

Torkild sorriu, contrafeito:

— Por que dizes que esperavas... mas que não achavas que fôsse possível?

— Sim, vocês são tão excêntricos, os dois; tinham, por assim dizer, de complicar e romantizar a vida. Mas eu garanto

que, a longo prazo, não poderão privar-se um do outro. E nunca haverá entre vocês uma terceira pessoa, embora, nessas coisas, nunca se deva jurar nada; mas é pouco provável que, um dia, alguém possa adaptar-se ao tom melodramático que vocês cultivam. É que eu não esqueci as minhas próprias experiências contigo, ouviste?

Deu uma risada.

— Puxa, Torkild, que cara imponente estás fazendo! Além disso, para falar a verdade, eu achava que vocês fôssem muito sensíveis, moralmente, para irem até o fim dêsses aborrecimentos com advogados, separação, etc. Mas, pelo que Rosa me disse, já estão com separação de corpos e de bens?

— Estiveste com Rosa? — perguntou Torkild, em voz baixa.

— Claro. Foi-me visitar a semana passada. Ela vai lá em casa com bastante freqüência desde que está morando novamente na cidade. Encontrei-a casualmente na rua, o inverno passado, e insisti para que fôsse visitar-me. Minhas filhas adoram-na e Rosa também gosta muito delas.

— Faço idéia.

— Eu disse a ela o que acabo de te dizer. Aliás, penso que um período de divórcio só pode fazer bem para vocês. Vocês abusaram demais da análise sentimental. Mas vão acabar casando de nôvo, garanto.

— Não, quanto a isso, não penso assim — disse Torkild, pausadamente.

Perguntava, a si mesmo, por que não se irritava ao ouvir Isabel dar à língua, sem nenhuma reserva, a respeito das coisas que lhe tinham torturado a alma até atingi-lo moralmente.

— Queres apostar?

— Obrigado — disse êle, sorrindo frouxamente.

— Que pena! Então promete que oferecerás uma correntinha de ouro a cada uma das minhas filhas, quando tornares a ter nos braços a tua bem-amada perdida e redescoberta. Estão ouvindo, minhas filhas? O môço vai dar, de presente, uma linda corrente de ouro a cada uma de vocês! Não acham que êle é bonzinho?

— Como vai ela? — perguntou Torkild, em voz baixa.

— Ah, sim, é verdade, vocês não se visitam nem mesmo como amigos, como fazem geralmente os divorciados de hoje. Que gente fora da moda que vocês são! Certamente assim a

cura será ainda mais eficaz. Mas então escuta: ela tem um emprêgo muito bom num escritório, mora com uma viúva que tem seis filhos e que é dona de uma perfumaria; creio que Rosa escritura os livros da viúva, de noite, e passeia as crianças no domingo. Agora, vou dizer-te uma coisa, muito a sério, ouviste? Rosa gosta muito, muito, de ti, Torkild.

Êste balançou a cabeça mansamente, negando.

— Claro que ela absolutamente não me contou nada, deves entender. Mas eu sei com muita exatidão o que aconteceu. Tu lhe perguntaste cento e trinta e sete vêzes por dia, pelo menos: "Tu me amas? Tu me amas como eu te amo, tu me amas até a morte, tu me amas verdadeiramente, animaste a jurar que me amas?" E ela, a coitada, dá tratos à bola, remexe na alma, até que tudo fica nebuloso para ela. Então, responde: "Não, eu já não sei", e aí tu te deixas cair numa poltrona, exclamando: "Oh, meu Deus, ai que eu morro!"

"Agora, escuta uma coisa, Torkild: há pessoas que se interrogam a si mesmas, a respeito do seu amor, durante tanto tempo que acabam convencendo-se de que não amam. É como a minha sogra: se ela passa uma hora sem poder dormir, não pára de pensar na sua insônia, e acaba convencendo-se de que não dorme há três meses. E, de fato, dorme como uma pedra quase tôda a noite.

"Mulheres como Rosa, que estão sempre examinando os seus sentimentos, não se conhecem a si mesmas."

Torkild estava pensativo. A vista dos outeiros cobertos pela floresta, ao longe, sob o céu azul de verão, a verde ladeira batida pelo sol, que descia aos seus pés, o som de um guizo no pescoço de uma vaca lá no mato, as vozes das crianças palrando embaixo, na escada, predispunham-no a escutar as palavras de Isabel, tanto o vaticínio que enunciavam como a sua filosofia. Sorriu vagamente.

— Cada qual tem a vida que faz para si — continuou Isabel. — A não ser que se venha ao mundo demasiado pobre ou doente. Então uma pessoa tem o direito de sentir-se infeliz e de se queixar, sem ter de acrescentar: "Eu sou o próprio culpado". Mas, de outro modo, não.

"Freqüentemente, acontece que me ponho a imaginar o que teria resultado se nós nos tivéssemos casado. Garanto que terias sido feliz, mas eu te prometo que não me ofendo, se

me disseres que não terias sido nem mais nem menos infeliz que no teu casamento com Rosa.

Torkild não achou que responder e contentou-se em sorrir.

— Tu vês! Portanto, é que tens o que tu mesmo quiseste! E, se não procurares reconciliar-te com tua mulher, é porque a situação lisonjeia a vocês: antes sofrerem, orgulhosos e solitários cada um no seu canto, que unirem-se e enfrentarem juntos tanto o ruim como o bom da vida... Evidentemente, há sempre algo que manqueja quando dois vivem juntos; afinal de contas, somos apenas fracas criaturas humanas. E devote dizer que se de dois passamos a ser vários, tudo se torna mais fácil de suportar... Tira mais um bife, tem aí, como vês. E vais provar do salsichão. Fui eu mesma que o fiz, e estou orgulhosa. O que mais me assombrou, eu acho, foi ver em que mestre-cuca Rosa se transformou. A sopa de creme de lentilhas que ela me ensinou é a felicidade de meu marido... e tu também gostas muito, não? Agora me dá um cigarro, faze o favor, vou apreciar: deixei de fumar por falta de tempo.

— Não posso negar — disse Torkild, lentamente — que sou eu o único culpado...

— Exato! Para mim, não era preciso mais que isso! — exclamou Isabel, estalando numa risada. — Agora concorda que só depende de ti querer que tudo se arranje. Trata-se de querer ser feliz no lar. Foi o que expliquei a Finn, também. Ih, que formidável barulho fêz, no comêço do meu casamento, quando soube que eu tinha sido tua noiva!

"Não, não, Ningeborg. Tomaste o bôlo de Kaja? Nada disso, não deves dar bife para ela, tu sabes que é muito pequenininha para comer bife. Ah, está bem, vocês são boazinhas! Venham, tragam as taças para encher de nôvo.

"Aí, eu expliquei a Finn que o tinha escolhido entre tantos outros que podia ter preferido, mas que êle não devia imaginar-se mais perfeito, em tudo, do que qualquer outro. Devia contentar-se em ser aquêle que eu preferira.

— Essa explicação lhe bastou?

— Sim, depois que o fiz compreender o bom sentido das minhas palavras, isto é, que temos a razão para nos ajudar e que, só quando nos deixarmos guiar por ela, podemos aspirar à felicidade.

— E... és feliz? — perguntou Torkild, a meia voz.

— Sou. E seria criminoso de minha parte se não fôsse. Temos com que viver, porque sei contentar-me com o que temos e nunca desejo o que não podemos pagar. Os nossos recursos, tu sabes, não nos permitem receber nem freqüentar a sociedade; e, se acontece que de vez em quando lamento isso, passo-me um carão. Aliás, se eu passeasse, seria obrigada a confiar as minhas filhas aos outros, ao passo que, agora, as tenho sempre comigo. E, na realidade, é muito mais divertido. Sempre há muito que fazer e tenho um marido delicado, que me ama e admira, e que eu amo. E umas crianças que são as mais lindas, as mais graciosas que existem!

As suas últimas palavras ressoaram como um canto de júbilo.

— E tu, Isabel, és a mulherzinha mais amável que existe! À tua saúde!

— À tua! Toma outro cálice. Algum dia, já bebeste uma coisa tão boa como êste licor de galha de rosa-de-cão? Da minha fabricação, fica tu sabendo! Vai completar dois anos no outono, e tens de bebê-lo com recolhimento.

"Mas sei perfeitamente que não lamentas não ter casado comigo. E, aliás, eu também não lamento. Embora goste enormemente de ti. Quase que tenho vontade de te beijar... Mas não é que êle ficou vermelho, o inocente?!

Torkild riu-se, meio constrangido. Ao cabo de um momento, e enquanto riscava um fósforo na mesa, perguntou:

— Que é que Rosa diz, quando falas assim... de nós, quero dizer.

— Exatamente o que tu dizes — respondeu Isabel, com uma expressão divertida de menino gaiato. — Ela me acha vulgar e sem tato, e diz que eu não os compreendo, a vocês, harpas eólias. Há uma coisa delicadíssima, que tem êsse nome, não é? Mas, na realidade, ela fica felicíssima ao ouvir pronunciar o teu nome e quando o pronuncia ainda que apenas em conversa comigo!

Levantou-se, de um salto, contornou a mesa, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-lhe a bôca. Seus lábios eram frescos e agradáveis como dantes.

— Pronto! Não era tão terrível assim, não é? O meu beijo, eu quero dizer. *Cheer up, old boy!* Tu sabes, era um beijo de mãe. Mas, se um dia achares que deves contar a

Rosa, dou licença para dizeres que tinha gôsto de beijo de sogra!

— Isabel, Isabel... tu és sempre a mesma. Felizmente!

— Sim, mas muito mais gorda — retrucou ela, rindo-se e descendo a escada de quatro em quatro degraus, para ver o que era feito de suas filhas.

Naquela noite, ao voltar para casa, Torkild sorria, pensando nos beijos de Isabel: no beijo maternal de hoje e em todos os outros de antigamente. Sim, ela tinha razão, a amável, a boa, a prudente Isabel... êle teria sido feliz com ela... de certa maneira.

Pensou em Axel e em Agda.

Quem não pode ter a mulher que ama, toma outra, para começar, ou várias outras, o que dá no mesmo. O homem prudente defende os seus instintos poligâmicos. Apostar tudo numa só carta é correr muito risco.

Entretanto, um selvagem e jucundo orgulho cantava-lhe na alma, enquanto cruzava o mato na claridade da noite estival. Que ventura inebriante êle conhecera, tudo apostando numa só carta! A recordação dessa ventura incendiava-lhe o espírito... Sim, houvera noite, houvera dias... Quando pensava nêles, que lhe importava a derrota, que lhe importava que tudo tivesse acabado?

Que lhe escrevera, exatamente? Não podia dizer, sinceramente, que teria preferido que não tivesse havido nada entre êles, mas desejaria ter sido capaz de preferi-lo. Tolices, tudo isso! Devia estar doente de corpo e alma quando escrevia aquilo. Nunca um homem, assistido por tôda a sua razão, teria podido escrever semelhante coisa. Seria aspirar a ser diferente do que era.

"Minha querida, minha adoradinha", murmurou, tomando por testemunha os escuros abetos e a cúpula azul-pálido do céu da noite.

Pressentira êle o que o seu coração ouvira através da loquacidade de Isabel?

XV

Logo que recebeu, na Páscoa, a carta de Dóris anunciando-lhe a sua volta para Copenhague, Torkild resolveu ir visitá-la nas férias de verão. Mas não lhe falava disso quando lhe escrevia.

Evitava levantar, diante de si mesmo, a razão pela qual desejava surpreender a irmã. Procurou convencer-se de que nada lhe dizia porque, êste ano, ainda poderia mudar de idéia e ir caçar — ou, então, porque a própria Dóris poderia ter a intenção de vir à Noruega, nas próximas férias.

Só em agôsto pôde tomar o vapor para Copenhague. Na manhã da chegada, depois de achar hotel, trocar de roupa e almoçar, dirigiu-se ao enderêço da irmã, na Rua Holstein.

Fazia um esplêndido dia de verão. O trajeto por mar, através do Sund, fôra cheio de beleza. O vôo branco das gaivotas em redor do barco, a luminosa trepidação quando uma delas se desligava da ronda e mergulhava, grasnando, no verde-claro cambiante do mar. A névoa nacarada velando a costa baixa; moinhos de vento perfilando-se nas elevações; ao nível da água o desfilar das vilas. O xadrez dos campos verdes e dourados alternava-se com as manchas sombrias e felpudas dos matos e, aqui e ali, arremessava-se para o céu de prata uma chaminé de fábrica... Nos ouvidos de Torkild, o vento cantava a eterna melopéia das águas e das ilhas dinamarquesas.

Ainda nesta ocasião, como de cada vez que fôra a Copenhague, chamou-lhe a atenção o tom desbotado da cidade. Atravessou-a na plataforma de um bonde, para transportar-se

até a zona leste. O ar festivo dos lugares provinha, sem dúvida, de sua opulenta riqueza em árvores e flôres: o verde dos parques, das praças, dos jardinzinhos diante das residências; as flôres que decoravam os balcões, as janelas, de alto a baixo dos grandes edifícios cinzentos. Como espelhos, os pequenos lagos da zona leste brilhavam ao sol, emoldurados por altos edifícios, atrás de uma cortina de árvores.

Saltou do bonde da Praça do Triângulo e, para informar-se do caminho que devia seguir, dirigiu-se a uma jovenzinha magra, que estava enchendo os pneus de sua bicicleta; usava boina azul-escuro e um traje côr-de-rosa, de verão, que parecia ter servido como vestido de baile, no inverno anterior. A Rua Holstein, respondeu, era a primeira à direita. Torkild enfiou por uma rua interminável, orlada por grandes edifícios côr de poeira: em Copenhague, as casas de aluguel, de alvenaria sem revestimento de gêsso, amarelas quando novas, adquirem ràpidamente, sob a ação do ar, o matiz da lava cinzenta. Nesta rua, não havia nem árvores nem jardinzinhos: eram tudo pequenos blocos quadrados, côr de cinza; duas fileiras infindáveis de casas construídas com milhares e milhares dessas horríveis pedrinhas e, debaixo dos pés, o calçamento também de pedrinhas cinzentas. Quando o vento travêsso das artérias de grande trânsito fazia seu giro por aqui, Torkild não achava, para se distrair, senão o pó e a lama do riozinho.

Tendo chegado ao edifício, Torkild tomou por uma escada que cheirava a gás, e subiu até o quarto andar, onde Dóris devia morar. Duas portas davam para o patamar, cada uma delas com uma plaquinha de cobre. Lia-se numa delas: Holter Jörgensen, comércio de produtos alimentícios em geral; na outra: Jens Lihme, licenciado.

Torkild hesitou. Fôra assaltado por uma multiplicidade de sentimentos: incerteza quanto à situação em que ia encontrar Dóris, inquietação pelo que ia saber e, prevalecendo pouco a pouco sôbre qualquer outro sentimento, um temor ridículo, mas tenaz, de ser forçado a fazer um papel cômico.

Durante um curto momento, a si mesmo perguntou se não era preferível dar meia volta, retornar ao hotel e enviar a Dóris, primeiramente, um bilhete avisando-a de que estava em Copenhague. Mas dominou-se e tocou a campainha da porta.

Uma criada algo suja veio abrir.

— Desculpe-me, é aqui mesmo que mora a Srta. Christiansen?

— Sim senhor.

— Ela está em casa, neste momento?

— Sim senhor, mas está dormindo.

Torkild refletiu: mas ainda agora, quando passara pela Praça do Triângulo, não faltava muito para o meio-dia.

— Faça o favor de lhe dizer que seu irmão de Cristiânia está aqui e desejaria vê-la.

Foi a vez de a criada refletir:

— Se o senhor quiser entrar, passe por aqui...

Introduziu-o numa saleta.

— A Srta. Christiansen passou muito mal a noite — disse ela. — O Sr. Lihme está junto dela, agora. Aliás, eu acho que a Srta. Christiansen pegou no sono. Mas, quem sabe, eu aviso o Sr. Lihme?

— Sim, é isso.

Tinha a garganta sêca, do nervosismo. Mas reparava inconscientemente que a peça, longa, com uma só janela, era agradável e cômoda, segundo a boa tradição das velhas famílias dinamarquesas. Viu os vasos de flôres no peitoril da janela, atrás de uma mesa grande, de trabalho, na qual se encontravam várias fotografias de Dóris. Ao lado da maior delas, uma jarra com rosas brancas, cujas hastes flexíveis tinham sido dispostas de modo a cercar o quadro. Os móveis eram antigos, de acaju lavrado e, ao longo de uma parede, subiam ramos de hera, por entre reproduções de telas dinamarquesas sôbre temas do folclore e da história nacional.

Uma porta, que dava acesso a uma peça contígua, abriu-se e fechou-se mansamente. Um homem môço parou diante de Torkild; seu rosto assumia uma brancura surpreendente, contra o fundo sombrio do fôrro das paredes.

— O senhor é o irmão de Dóris? — disse êle, a meia voz. — Eu sou Jens Lihme.

Deu alguns passos na sala e Torkild notou que Jens Lihme, sem ser absolutamente um corcunda, era muito curvo e tinha os ombros levantados e encolhidos para diante. As feições eram irregulares, o rosto magro e ossudo, o nariz chato, as maçãs salientes; cobriam-lhe o queixo os pêlos ruivos de uma barba de vários dias. Mas, no fundo das órbitas cavadas,

os olhos, extraordinàriamente grandes e azuis, tinham uma cintilação impressionante.

— Não repare — disse Lihme, olhando de relance para o seu vestuário, um velho traje de verão, de côr clara; calçava chinelas vermelhas. — Ela estêve muito mal a noite passada. Eu nem tirei a roupa.

Pendurada à parede, atrás do rosto lívido de Lihme, Torkild percebeu uma tela pequena, que representava Dóris numa espécie de fantasia carnavalesca, de um vermelho sanguíneo. Estava sentada na beira de uma mesa e mostrava uma perna, de meia preta e sapato dourado, quase até o joelho; numa das mãos erguia uma taça de champanha; a outra, que repousava no regaço, segurava uma meia-máscara preta. Um trabalho tôsco. No alto, perto da moldura, lia-se a dedicatória: "Para Dorinha, seu terno joão-ninguém".

Com vergonha e angústia, Torkild entreviu qual fôra a vida da irmã, e o martírio daquele que ali estava à sua frente. Em voz baixa, perguntou:

— Minha irmã está doente?

— Sim. Pensei que o senhor soubesse... por intermédio de outros, e que fôsse por isso que vinha...

— Não. Estou em férias. E tive a idéia de passá-las em Copenhague, êste ano. É alguma coisa... grave?

— Sim — disse Lihme, em tom calmo.

— Quer... quer fazer o favor de me informar?

— Pois não. Convém que saiba antes de tornar a vê-la. Eu fui de opinião, durante todo o tempo, que ela devia avisar o senhor... ou que devia ter-me permitido que o fizesse. Já na primavera, quando compreendemos... quando o estado dela não dava mais lugar a dúvidas... Mas ela sempre se opôs a isso. Eu achava também que ela devia ter ido tratar-se num sanatório... talvez na Noruega. Achava que era preciso tentar tudo. Mas ela me suplicou que a deixasse aqui... em paz. E não lhe pude recusar isso...

Calou-se um momento, depois continuou:

— São os pulmões, o senhor compreende. Já estavam afetados havia vários anos... mas ela nunca quis tratar-se. Eu tentei... mas nunca tive nenhum ascendente sôbre ela... pelo contrário. Bem sei que é monstruoso ter deixado a família na ignorância... Teria sido meu dever avisá-lo. Não devia

ter permitido que ela decidisse sòzinha... mas nunca tive ânimo para contrariá-la.

"E, agora, ela está por algumas semanas, penso eu."

Por um momento, os dois homens se entreolharam. Torkild desejaria aproximar-se de Lihme e apertar-lhe a mão; contentou-se, porém, em abaixar os olhos, dizendo com voz sumida:

— Então... ela foi abandonada por todos... menos pelo senhor?

Lihme ergueu a cabeça e respondeu sorrindo, como em êxtase:

— Para mim foi uma enorme felicidade... Porque eu não podia esperar que ela fôsse minha de outro modo, compreende? Agora, tenho a impressão de que ela me pertence, e que não é de mais ninguém...

— Ela não poderá salvar-se? — perguntou Torkild, sem levantar os olhos.

Lihme abanou a cabeça, respondendo:

— A noite passada, pensei que fôsse o fim... Agora, ela está dormindo e sente-se bastante bem. Mas a coisa pode vir de um momento para outro...

— Desde quando ela está na sua casa? — perguntou Torkild, depois de um silêncio.

— Desde o fim de maio. Logo depois que voltou de Hamburgo, hospedou-se durante algum tempo com uma família de Nyholte. Mas, quando compreendeu que já não lhe restava muito tempo de vida, pediu-me que a mandasse trazer para a minha casa. Está de cama há cinco semanas...

— Posso vê-la? — perguntou Torkild, um momento depois.

— Ela tem o sono muito leve — disse Lihme, indeciso. — Sente quando a estão olhando, e acorda. Eu acho que é preferível preveni-la, e que ela saiba que o senhor está aqui...

Torkild fêz um gesto de assentimento com a cabeça.

— Mas se o senhor pudesse vir depois... lá pelas quatro horas, por exemplo?

— Muito bem. E vá descansar, o senhor também. Mas não me permitiria ficar aqui, para substituí-lo junto dela?

— Não, não, obrigado — disse Lihme, sorrindo. — Se ela acordasse e desse com o senhor, sem dúvida ficaria impressionada... Ela é um pouco esquisita, não é?

E acrescentou, com voz carinhosa:

— Ela gosta de me ver junto dela quando acorda...

— Não tem enfermeira?

Lihme corou:

— Tivemos várias, mas Dóris não podia acostumar-se... A criada que o senhor viu é muito delicada e eficiente... é originária da região onde meu pai é pastor, e trabalhou anteriormente lá em casa, no presbitério. E, agora durante as férias, é fácil para mim fazer tudo com o auxílio dela...

Torkild estendeu a mão para Lihme.

— Bem, eu volto às quatro horas. Não posso, mesmo, fazer alguma coisa que lhe seja útil?

— Obrigado.

Lihme sorria docemente ao acompanhar o visitante até a saída. À porta, Torkild parou e fêz mais uma pergunta:

— Minha irmã não disse porque não queria que eu a soubesse doente?

— Não... talvez tivesse mêdo...

— Ah! Eu não posso afirmar que, algum dia, fui bom irmão para ela. Mas mesmo assim... não creio que pudesse ter mêdo de mim...

— Ela estava como um pobre animal acuado...

A voz de Lihme tremia levemente.

— Sim, como um animal acuado, desde algum tempo atrás. Talvez não tivesse mêdo, talvez estivesse apenas cansada... Quando fui procurá-la em Hamburgo, na primavera...

Interrompeu-se, depois acrescentou:

— Confiou-me uma carta que tinha escrito para o senhor, mas que eu não devia enviar antes...

Torkild virou-se para sair, mas perguntou ainda:

— É verdade que estêve em Paris, no inverno passado?

Lihme sacudiu a cabeça negativamente:

— Ficou todo o tempo em Hamburgo. Tinha uma amiga em Paris, que se encarregava de expedir a sua correspondência.

— Eu desconfiava disso — murmurou Torkild. — Algo me dizia que era preciso que me informasse. Mas não tive a energia... ou, antes, a coragem. Depois, como desse um número tão grande de detalhes e falasse de tudo com tamanha aparência de sinceridade... bem, a verdade é que eu não queria nada mais que ser logrado...

Uma expressão infinitamente dolorosa assomou ao semblante de Lihme:

— Pois é... Dóris... tudo o que ela descreve, de comovente, de alegre, de horrível, torna-se por assim dizer, vivo para ela. Dóris acredita nas aventuras extraordinárias que conta... acredita que são coisas que, de fato, se passaram com ela.

Interrompeu-se por um momento; respirou. E, no espaço de um segundo, Torkild julgou ver, até o fundo, a dor dêste homem que amava Dóris.

— Penso — prosseguiu Lihme — que, para ela, foi uma proteção moral durante todo o inverno passado, quando morava naquela horrível pensão, escrever-lhe aquelas cartas, assim como para o outro irmão dela, descrevendo as excursões, as festas nos *ateliers* dos artistas, os concertos de que participava em Paris. Ela me contou que enviava cartões-postais, pretensamente datados do Café de la Régence, ou de outros lugares, e os fazia assinar, com ela, por outras pensionistas, com nomes supostos que inventava. Além disso, êsse contraste das cartas com a realidade, tal como foi para ela naquele período... Acredito que achasse uma espécie de satisfação mórbida na criação dêsse vasto lôgro.

— Que tipo de pensão era? — perguntou afinal Torkild, penosamente.

Tornando a encontrar o olhar de Lihme, compreendeu que o outro lhe adivinhara o pensamento. A bôca lânguida e sensível de Lihme esboçou um sorriso. Depois, em tom calmo, disse:

— Uma maternidade particular... o preço era módico e as pensionistas passavam extremamente mal sob todos os pontos de vista. É preferível... Eu sei que Dóris lhe conta tudo na carta, mas eu acho preferível que eu o informe antes que o senhor a veja. Ela tem um filhinho, um nenê de três meses. Dóris não escondia nada, para mim, de sua situação... até o mês de março. Mas, aí, compreendi que devia haver alguma coisa que piorava ainda mais o seu estado, porque, nas suas cartas, muitas coisas de fato me pareciam inventadas. É que eu tinha aprendido pouco a pouco a distinguir o que, nela, era verdadeiro e o que era falso. Assim, fui visitá-la durante as férias de Páscoa: ela estava completamente desprovida de dinheiro, e a um mês do parto. Trouxe-a comigo e instalei-a

como pensionista na casa de uma parteira, em Nyholte; foi lá que ela deu à luz um menino... e foi então que o médico me comunicou que ela estava condenada...

— E a criança? Vive ainda?

— Sim, é extraordinário, parece muito forte. Agora está em Copenhague, todos os dias é trazido em visita à mãe. Dóris é louca por essa criaturinha...

Torkild ficou um momento em silêncio.

— Vou deixá-lo, Sr. Lihme. Até logo mais, e obrigado.

— Não há de quê, quem agradece sou eu. Até logo mais.

Torkild esperou, num banco do parque, a hora de voltar para a casa onde estava sua irmã.

Desta vez, o próprio Lihme veio abrir a porta.

— O senhor teve uma boa idéia em vir — disse com uma nota de felicidade na voz. — Ficou encantada quando a informei de que o senhor estava aqui. — E acrescentou, sorrindo com amor: — Dóris sempre surpreende a gente, sempre recebe as coisas de maneira diversa da que se espera...

Introduziu Torkild na sala e abriu a porta da peça contígua, um quarto bastante grande e claro, onde o sol jorrava pelas janelas abertas. A limpeza reluzia por tudo e o quarto, quase sem móveis, assemelhava-se a uma sala de hospital. No centro, uma cama grande, de ferro, com cobertores de lã amarelecidos à fôrça de barrela e, no meio do leito, uma mancha rutilante de sêda de um roxo carregado. Era Dóris, vestida, por cima da camisola, com um quimono japonês bordado de ouro.

— Boa tarde, Torkild, boa tarde!

Esforçou-se por dizer alto essas palavras, alegremente, mas a sua voz não lhe obedecia mais, e emitiu apenas uma aguda sibilação.

Quando êle se aproximou da cama e se inclinou para ela, Dóris cingiu-lhe o pescoço com os braços e o atraiu. Aconchegando-se dêle, prorrompeu num desesperado pranto.

De repente, soltou Torkild e tornou a repousar a cabeça nos travesseiros.

— E Jens? Que é dêle?

Torkild teve de engolir em sêco e fazer várias tentativas, antes de poder responder:

— Acho que está na peça vizinha.

— Então pede-lhe que venha cá... Escuta, Jens, não poderias vestir-te e ir dar uma volta, mais ou menos durante uma hora? Nós queríamos conversar um pouco, Torkild e eu, sòzinhos, compreendes? E jantaremos quando voltares. Poderias passar pela casa da Sra. Jespersen, sim? Faze-me o favor de lhe pedir que venha com Ivar lá pelas seis horas. Muito obrigada...

Torkild sentiu mal-estar, ao registrar o tom indiferente e imperioso com que ela se dirigia a êste homem que a recolhera, pobre destrôço humano, e a instalara em sua casa para que morresse em paz. Jens Lihme prometeu e concordou logo, conforme o seu hábito de sempre.

— Que tal o achas? — perguntou Dóris.

— Oh! Tu deves imaginar — disse Torkild.

A voz saiu-lhe espêssa, em virtude dos soluços sufocados.

— Sim, eu o chamo seguidamente de "o amiguinho de Deus"... Tu sabes, os *Fioretti,* não lêste? Jens os lê em voz alta para mim... faz a leitura de noite, quando não posso dormir. E, quando me traz flôres, chamo-o de bom irmão jardineiro. Êle sempre as levava para mim, ramos, anémonas e primaveras, quando eu estava em Nyholte. Mas agora quase não sai mais, o coitado! Reparaste nos olhos dêle, como são bonitos?

Torkild sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Ah, Dóris, hás de compreender perfeitamente que, diante de um homem como êle, eu me sinto tão pequeno, tão miserável...

— Naturalmente... todo o mundo deve sentir-se assim — disse Dóris, mas o seu fio de voz tinha um tom de singular indiferença.

— Êle é católico, sabes? — acrescentou.

Torkild tomara uma das mãos de Dóris entre as suas. Estava fria e levemente úmida. O rosto dela ficara amarelo; a pele, sôbre os ossos, brilhava como marfim, e nas faces havia uma mancha vermelha. Debaixo do queixo, no pescoço descarnado, cavara-se uma profunda fossa.

— Dóris — disse Torkild, com voz doce e terna — por que motivo eu não devia saber como ias?

— Ora...

Sorriu vagamente.

— Eu sou assim. A culpa não é minha, se sempre tive horror de dizer a verdade quando havia jeito de dizer uma mentira. Tôda a vida fui assim. Não sei de onde vem isso: sempre invento histórias que não posso deixar de contar... Aliás, eu sabia como terias achado horrível se, no ano passado, quando fui à Noruega por causa da morte de papai, te houvesse informado que estava grávida. Terias achado horroroso, não é?

"No inverno passado, quando me senti mais infeliz, pensei em te escrever para te pedir que me ajudasse. Mas acabava de saber que o divórcio de vocês estava em andamento... e não quis levar-te mais uma preocupação. Eu sempre gostei de ti, Torkild, a meu modo..."

— Oh, Dóris, por que não me escreveste?

Ela balançou a cabeça negativamente, sôbre o travesseiro.

— Porque não. Além disso, Jens chegou exatamente no momento oportuno.

Riu-se.

— Se eu tivesse executado a idéia de me afogar, tenho a certeza de que Jens, algum tempo antes, teria sabido por uma espécie de misteriosa transmissão de pensamento, e teria chegado a tempo de me pescar...

"Sabes que tenho um filho?" — perguntou sùbitamente, num tom muito diverso.

— Sim. Lihme me disse.

— Oh, não é dêle... — esclareceu, vivamente.

Uma vez mais, Torkild experimentou o mesmo constrangimento: na realidade, não entretivera, sequer por um momento, a possibilidade de que Jens Lihme pudesse ser o pai do filho de Dóris.

— É filho de Mogens — disse ela, com dureza. — Mas Mogens de nada sabe. E tens de me jurar que não dirás nada, se algum dia falares com êle. E também que não tentarás vê-lo e que êle não verá o filho, ainda que te vá pedir arrastando-se, de joelhos. E que nunca aceitarás nada dêle para o menino. Queres-me prometer isto?

— Prometo.

— Aliás, êle sabe — acrescentou ela, rindo-se docemente. — Sim, êle sabe que tive um filho dêle e que estou aqui, morrendo. Veio bater na porta, mas Jens o mandou embora. E me escreveu cartas dignas de dó... e eu respondi que estou

de perfeita saúde, que estou feliz e alegre, e que esperava que igualmente assim fôsse com êle, sua espôsa e seus filhos...

De repente, a sua voz se alterou:

— Não é abominável que um homem e uma mulher, como Mogens e eu, tenham podido pôr uma criança no mundo? Nós que somos dois possessos do diabo... e Mogens, igualmente tuberculoso... decerto também não tarda a morrer. E primo e prima, ainda por cima! Ah, é mesmo o caso mais horrível que já vi!

"Ai, meu Deus, misericórdia! Que poderá vir a ser de uma criança assim, Torkild?

"E eu sou louca por êle, pelo meu garotinho! Não podes imaginar como é bonito! Tem um jeito de que é a própria saúde, gorducho, viçoso, e tão sossegado, tão bonzinho! Dorme a noite todinha, me disse a Sra. Jespersen, e tem um apetite feroz, de leãozinho. Está pesando cinco quilos, agora... quando nasceu pesava só dois quilos e setecentas gramas... Mas quando penso no que virá a ser, o meu coração pára de bater...

"Queres ficar com êle, Torkild?"

— Quero, Dóris.

— Sim, mas êle tem de ficar contigo mesmo, compreendes? Tu não deves pô-lo na casa de alguma outra pessoa, ainda que se trate de gente boa. Tu mesmo tens de criá-lo, é preciso que êle cresça na tua casa. Quero que te esforces por ser um pai para êle.

— Eu te prometo, Dóris. Hei de procurar fazer pelo teu filho um pouco do que me descuidei de fazer por ti.

— Não achas provável uma reconciliação entre ti e Rosa? Eu me sentiria mais tranqüila, parece-me, se soubesse que Rosa criaria o meu filho...

— Não sei... sinceramente, não acredito nisso.

As esperanças e os sonhos orgulhosos daqueles últimos meses lhe pareceram, no mesmo instante, vãos e inexistentes, aniquilados pelo remorso e pelo desespêro da hora presente.

— Não tens nada de que te censurar, por minha causa, Torkild — disse Dóris, com doçura. — Vigiar, a mim? Teria sido uma tarefa muito acima das tuas fôrças... da tua inteligência, eu ia dizer. Lembras-te quando morávamos na casa de papai, em Frederikshald? Tu cumprias sinceramente o teu papel de cão de guarda, e procuravas-me educar... mas não

sabes quantas vêzes frustrei a tua vigilância... eu era uma menina viva e desenvolta, naquela época. E mesmo muito tempo antes, quando morávamos na Rua Teresa. Quanto a ti, gostavas acima de tudo de estar na casa da Sra. Wegner, e nem tu nem mamãe nunca desconfiaram que a minha melhor amiga, naquela ocasião, era Olga Paulsen, cuja irmã era a *Signora*, lembras-te? Quando eu dizia que ia à casa de Dagny estudar as minhas lições, a maioria das vêzes eu ia era para a casa das Paulsens... e ficava fascinada, se lá encontrava a *Signora* ou algumas de suas amigas, se pudesse ouvir furtivamente a conversa delas. Olga já tinha começado as suas aventuras antes que nós nos mudássemos da cidade, e eu a estimulava a conversar, o mais que podia. Seu amigo era, naquele tempo, um alemão idoso, chamado Heinrichs, representante comercial... e, uma tarde que eu passeava com Olga, topamos com êle; Heinrichs tomou liberdades comigo também, e eu me assustei. Achava-o tão repulsivo que isso me recolocou no caminho da virtude, por muito tempo. Entretanto, só de pensar na imoralidade ficava excitada e constantemente me entregava às torpezas mais abomináveis... sim, como se quisesse ver se, algum dia, aquilo seria demasiado feio, e se chegaria um momento em que a minha alma, de pesar, deixaria o corpo.

— Dóris, Dóris — disse Torkild, afagando-lhe os cabelos e as faces — não te deves cansar falando...

— Hum... Não vale mais a pena economizar as minhas fôrças. Quero que saibas o que vais tentar, encarregando-te de criar o meu filho na tua casa. Precisas saber como é a mãe de Ivar.

Torkild se levantou e beijou a irmã.

— Sempre tiveste uma vida infeliz, Dóris. Hei de me esforçar para tornar o teu filho feliz e providenciar para que tenha uma infância calma.

— Sim, é isso o que é preciso — sussurrou ela. — Lembro-me, no tempo em que morávamos na Rua Teresa, das tardes que passava sòzinha naquelas peças escuras e fúnebres, meio vazias, onde vivíamos. Tu ias brincar no subúrbio de Aker, e mamãe ficava deitada no quarto ou então ocupada na cozinha. É preciso não esquecer que ela nunca estava nem comigo nem contigo... nunca falava comigo e me olhava de cabeça baixa, a furto, como se tivesse mêdo... E eu ficava

horas a fio na janela, contemplando a rua suja e as paredes cinzentas, defronte. Parecia-me que o mundo estava ali, e que tôdas as pessoas, no mundo inteiro, tinham a aparência pobre, consumida e triste...

"E dizia, para mim, que ia ficar encerrada tôda a vida naquelas peças, naquela solidão. Essa era a única realidade, para mim... Eu era tão diferente de Rosa... a atmosfera em que ela se criou afastava-se muito, realmente, do meu temperamento, e me parecia falsa. Se gostava de ir visitar Rosa, era ùnicamente porque a mãe dela ficava ausente tôda a tarde e eu podia representar, na sua casa, tôdas as personagens dos meus sonhos. Rosa, meiga e quieta, aceitava dòcilmente os papéis que eu lhe dava. Mas, quando ficava sòzinha, eu inventava histórias a não acabar mais e que evitava, a todo o custo, contar a Rosa, fôsse o que fôsse. Depois, farta das minhas próprias ficções, manobrava para ir visitar Olga às escondidas. Lá era a realidade, aconteciam coisas... e embora fôssem coisas torpes, elas por assim dizer me faziam bem... era como um rasgão vermelho naquele mundo cinzento.

"E agora que estou deitada aqui, Torkild, revendo na memória tôda a minha vida, tôdas as coisas execráveis, espantosas, no meio das quais vivi por minha própria vontade, parece-me que nada disso é verdade, que não foi comigo que se passou, e que eu imaginei tudo. A única coisa, de que tenho certeza, é que vivi aquelas tardes sem fim no pequeno apartamento de mamãe na Tua Teresa. E que tenho um filho. Um filho que nunca me conhecerá, e que eu não me animo a apertar nos braços e cobrir de beijos, de mêdo de o contaminar...

Muito pálido e como que petrificado, Torkild não podia afastar os olhos daquele pobre rostinho macilento. Na base do nariz e em redor da bôca, a magreza revelava, sob a pele, todo o maxilar superior. Os cabelos prêtos, puxados para trás, deixando a testa descoberta, estavam presos por grandes laços de fita amarela, à maneira das meninas. Um suntuoso quimono de baile à fantasia envolvia aquêle corpo emagrecido de moribunda.

— Eu não compreendo — murmurou Torkild, com a voz afogada pela angústia — que isto seja possível. Dizer, maninha... que vivemos debaixo do mesmo teto, quando crianças e adolescentes... e que eu nunca soube de nada!

— É porque sempre gostavas de alguém. Gostavas de mamãe, e da Sra. Wegner, e de Rosa... não eras como eu. Eu também queria gostar de alguém... mas era como se o meu coração tivesse parado de crescer, por falta de nutrição. Sim, eu também queria amar... mas não podia; acredito que, se a princípio me tivessem dito que gostavam de mim... E isso ninguém fêz, a não ser Jens. E que podia êle ser para mim? Se tivesse saúde e fôsse forte... mas é doente, não se animava. Aliás, se tivesse sido um homem forte e são, consciente de que podia conquistar a felicidade neste mundo, não teria continuado a amar-me durante todos êsses anos. Eu o fiz sofrer um martírio. Mas os homens sadios e cheios de vida não se deixam torturar por uma mulher como eu. Arranjam outra, simplesmente.

Riu-se baixinho.

— Isto é, apanham também uma mulher como eu... para conservá-la apenas o tempo que lhes agradar. Dá-se com êles o que se dá conosco, as mulheres, por ocasião das torrações nas lojas: não podemos deixar de nos carregar de uma porção de coisas de que não temos a mínima necessidade. Só porque podemos comprá-las barato. A maioria dos homens não pode, igualmente, deixar de agarrar uma mulher como eu, quando a encontram no caminho, ainda que realmente não precisem dela: apanham-nos por quase nada...

"Para Jens e para mim, é uma felicidade, parece-me, que eu morra agora. Tu compreendes, eu nunca lhe pertenci. Mas agora, êle acha que me possui, de qualquer forma. Como não pode, pelo próprio valor, conquistar a sua parte na vida... tem de contentar-se em agarrar aquilo que os outros não querem mais. E também porque eu nunca teria podido, para viver a vida, contentar-me com o amor dêle. Mas êsse amor me basta para morrer.

"Viste, na sala, aquêle medonho retrato meu?" — perguntou, de repente, rindo-se.

Torkild, extenuado, limitou-se a fazer que sim, com um gesto da cabeça.

— Dei-o de presente a Jens, como lembrança minha.

— Dóris — exclamou Torkild, com assombro — não, não faças isso... deixa-me levar aquêle retrato e queimá-lo...

— Não! Nem penses nisso...

O seu riso soava como o dobre de finados de uma risada de mulher perdida.

— Jens tem de ficar com êsse retrato. Não compreendes que, para êle, seria a morte se as feridas de seu martírio se fechassem?

De repente, como tomada de uma grande angústia, disse:

— Torkild! Tu nunca poderias deixar de gostar de Rosa, não é?

— Nunca.

— É preciso que continues a gostar dela sempre, haja o que houver. É preciso, pelo pequenino Ivar, pois êle vai viver na tua casa.

No mesmo instante, ouviram o ruído de Lihme abrindo a porta do apartamento. Ao entrar, passou um grande ramo de rosas sôbre a cama. Dóris envolveu-lhe o pescoço com os braços e beijou-o.

— Deste um bom passeio, ao menos? Acho que êle está com o aspeto menos cansado, não é, Torkild? E agora, podes dizer a Ellen que traga o jantar... nós temos o costume de mandar servi-lo aqui... Não tens mêdo de micróbios, Torkild?

Durante a refeição, Dóris irradiou alegria, tomou vinho tinto, e não cessou de conversar, numa voz mal perceptível, com os dois homens, que se violentavam para comer. Quando a criada terminou de servi-los e trouxe o café, Dóris os obrigou a fumar.

— Eu não fumo, desde o inverno passado — mentiu Torkild.

— Tanto pior, pois fumarás hoje. Vocês podem ir para perto da janela, se quiserem. Sim, eu não vou tossir... e, aliás, que importância teria, se tossisse? Acham que eu ia querer ver dois homens, do tamanho de vocês, tomarem café sem fumar, como umas mocinhas?... O que, aliás, as nossas mocinhas já não fazem. Mas claro, Jens, eu vou tomar café...

Tocaram a campainha da entrada. E Dóris cochichou, com uma voz de todo diferente:

— É o meu filho...

Jens Lihme tirou de uma gaveta da cômoda um cobertor branco, de lã, que estendeu em cima do leito de Dóris, perto

dela. À porta, apareceu uma robusta mulher de idade, o rosto vermelho. Trazia um fardo envolto em cueiros brancos, de onde saía um chôro agudo.

— Ora, ora, meu menino, não deve chorar mais, vai cumprimentar a sua mamãe. Ah, mas hoje a senhora está com uma aparência muito boa!

Depôs o fardo diante de Dóris, em cima da cama, e olhou, de viés, para aquêle senhor a quem não conhecia.

— É o meu irmão da Noruega, Sra. Jespersen. Faça o favor de tirar a mantilha e o gorro do nenê, para que seu tio possa vê-lo direito, sim? Toma uma xícara de café? Jens, queres providenciar? Manda servir na sala, faze o favor.

Torkild e Dóris estavam novamente sós... com o nenê deitado transversalmente na cama; estava congestionado de tanto gritar, e o seu rostinho se contraía em mil grotescas rugas.

— Oh, meu filhinho! Não deves fazer manha assim. Torkild, mostra-lhe o teu relógio: olha, êle quer agarrar... tu vês, muito precoce! Como é mimoso!... já viste algum dia um nenê tão lindo?... Uuuh, tesourozinho de mamãe... Tu vês, êle sorri. Não achas que é formidável? Sim, olha bem para o môço, é teu tio, meu garotinho, e êle gosta muito de ti; é êle que vai cuidar de ti quando tua mamãe não estiver mais aqui... Oh, Torkild, não achas que acabarás gostando muito dêle?

— Sim, Dóris, eu acho que sim.

— Não é bonito?

— É. Parece que tem muito cabelo para a idade, não é? — arriscou Torkild.

— Sim, muito.

Dóris acariciou, com a ponta dos dedos, a cabecinha coberta por uma tênue penugem.

— Jens quis casar comigo... primeiro no outono, na ocasião em que te falei que estávamos noivos, depois na primavera, logo antes do parto. E se faria passar por pai do nenê. Achas que fiz mal em recusar? O meu filho não teria sido ilegítimo, assim.

— Não. Acho que fizeste bem — disse Torkild, contrafeito.

Ela nunca teria um pensamento afetuoso para com Lihme?

— É que tinha a impressão de que Jens nunca poderia acostumar-se com a criança. Êle não gosta de Ivar. Não sei...

mas acredito que deve ter pensado que, pelo menos nos últimos momentos, não precisava dividir-se com ninguém. Não é que eu pense que seria mau para o menino. Mas êle não é capaz de criar um filho de Mogens e de mim... Quanto tens de férias, Torkild?

— Três semanas.

— Bem. Sem dúvida que não tenho vida para muito mais de três semanas. Poderás, portanto, levar a criança contigo quando fores embora. Terás de contratar uma ama para cuidar dêle durante a viagem.

Enquanto falava, retirara as meias e os sapatinhos do nenê.

— Chega-o para cá — pediu, com os olhos brilhantes de febre. — Não me animo a beijar as mãozinhas dêle, porque sempre as mete na bôca. Mas, às vêzes, beijo as pernas e os pèzinhos.

Torkild ergueu a criança. E, no mesmo instante, ocorreu-lhe que era a primeira vez que tinha um nenê vivo nos braços. Aproximou os dois pèzinhos nus do rosto de Dóris.

A enfêrma os acariciou com os lábios, depois beijou as pernas, encostou a face nelas. E, fitando em Torkild os olhos ávidos, desvairados:

— Ah, se mereci o inferno pelos meus pecados, isto é, mesmo o inferno! Eu daria tudo no mundo para poder agarrar o meu filho, apertá-lo contra o peito e cobrir todo o seu corpinho de beijos, uma única vez que fôsse... Mas não deve ser assim... não tenho o direito!

Soltou os pés do nenê; foi como se afundasse mais ainda nos travesseiros.

— Beija-o, tu, enquanto estou olhando para êle.

Torkild obedeceu, apoiando delicadamente os lábios na cabecinha veludosa.

— Na bôca — ordenou Dóris.

E, por um instante, a bôca de Torkild roçou na do bebê.

— Põe-no ali, para os pés da cama — murmurou ela, agitada — e vem cá.

Lançou os braços em tôrno do pescoço de Torkild, puxou-o para si e mordeu-lhe os lábios, sussurrando entre beijos furiosos:

— É o beijo que deste nêle que eu te tomo...

Morreu oito dias depois. Torkild pouco saíra de junto da irmã, rendendo Lihme na vigília. Noite após noite, ficara à sua cabeceira, ouvindo-a quando contava histórias horríveis, que ela afirmava ter vivido... Sem dúvida, havia uma parte de verdade naqueles relatos, e o resto era imaginário. Depois, falava do filho.

Pressentiu a proximidade do fim. Suas últimas palavras para Torkild foram estas:

— Não penses que te deves acusar seja do que fôr, por minha causa. Mas não esqueças que me prometeste cuidar do meu filho, por mim.

Em seguida, pediu a Torkild e ao médico que passassem para a outra peça:

— Prometi a Jens que, no fim, só haveria eu e êle.

Saíram do quarto e Dóris, sòzinha com êsse grande amor que ela jamais compreendera, morreu.

Uma semana mais tarde, Torkild partiu com seu pequenino sobrinho. Uma enfermeira da Cruz Vermelha acompanhou-o, para cuidar do nenê durante a viagem e até que o tio organizasse a sua nova vida.

XVI

Em maio do ano seguinte, num sábado, Torkild ficou retido em Oslo, a negócios. Almoçou no restaurante, mas tinha a intenção de voltar pelo trem das quatro e meia; pretendia ir caçar e não queria chegar demasiado tarde, porque tinha de apanhar um cão, antes de chegar à casa. Fazia um tempo ótimo, com um céu cinzento e vaporoso, o ar puro e calmo: não chovia. Atravessando a Praça de Eidsvold, notou que as cêrcas vivas verdejavam de fôlhas novas, que os lilases e os choupos tinham botões amarelos e côr de pinhão, prestes a abrir-se. E alegrou-se à idéia de passear pelos morros. Agora, os grelos deviam estar apontando na superfície do solo, numa moldura de placas de neve em fusão.

Quando chegou à Igreja do Salvador, percebeu que se atrasara. O próximo trem partia uma hora depois. Retrocedeu, para ir esperar, no Café Grande, que essa hora se escoasse.

No momento em que passava diante da Pastelaria Gunther, alguém bateu com fôrça na vidraça e, voltando-se, Torkild distinguiu a cabeça de Isabel, com um chapelão de primavera. Chamava-o com enérgicos acenos.

Entrando na sala, viu que Isabel estava sentada num tamborete, com a caçula e, no banco fronteiro, estavam Rosa e a outra menina.

Isabel cumprimentou-o ruidosamente, estendendo-lhe a mão. Torkild apertou-a e em seguida estendeu a mão a Rosa, mas sem se animar a encará-la durante o segundo em que suas mãos se cruzaram.

— Ah, é verdade, meus parabéns! — disse Isabel, num tom de indiferença.

Torkild fitava-a com uma expressão de assombro.

— Por motivo do divórcio, compreendes? — prosseguiu Isabel. — Eu pensava oferecer um jantarzinho em honra de vocês, como agora é moda; mas, como estás vendo pelo meu estado, não estou em condições de receber muita gente, agora. Entretanto, se vocês quiserem ir, só os dois, uma noite...

— Obrigado — disse Torkild.

Estava furioso: se num dia de verão, sob um alpendre, lá nos matos de Myra, escutara sem se irritar a tagarelice desta mulher, agora aqui, em presença de Rosa, não era a mesma coisa.

— Torkild, tu te transformaste num casca-grossa — disse friamente Isabel. — Vamos, puxa uma cadeira e senta-te aí. Tens de mostrar que és um homem civilizado e que podes tratar com a tua ex-espôsa quando vocês se encontram em sociedade. Cumprimentem cortêsmente o grande amigo de vocês, minhas filhas... parece-me que estou vendo uma mocinha que não sabe dizer boa tarde direitinho... Muito bem, Kaja... Tomas café, Torkild?

— Obrigado. Tomei ainda agora. Tenho de pegar o trem.

— Ora! Saem trens todo o dia, para onde moras, conforme Rosa me disse. Aliás, tu seguias no rumo contrário ao da estação, quando te vi. Ias ao café tomar uísque, se não me engano. Vamos, senta.

— Talvez pretendas ir caçar? — perguntou Rosa, a meia voz, e sem encará-lo.

Retocou o laço da fita dos cabelos de Ningeborg. Eram as primeiras palavras que êle a ouvia pronunciar.

— Sim. E tenho uns passos a dar, antes de tomar o trem das cinco e trinta e seis.

Em seguida, lamentou o que acabava de dizer. Já que o acaso lhe proporcionara aquêle encontro, daria a vida para ficar e conversar com ela. Como estava fresca e linda, uma verdadeira adolescente com aquêle singelo costume cinzento, o chapèuzinho branco, de fêltro, sôbre os cabelos dourados!

— Mas que tem isso? Se perderes êsse trem, tomas outro, e pronto. As noites são compridas agora nesta estação. A não ser que haja uma razão especial para que não queiras desper-

diçar o teu tempo. Haverá alguma pastôrazinha, lá no alto das montanhas onde vais caçar, a quem prometeste talvez alegrar o domingo?

Torkild não se dignou responder-lhe.

— Quem sabe? Rosa, tens conhecimento da existência de alguma jovem beldade nos lugares onde êle caça?

— Isabel, por favor! Agora chega! A falta de respeito tem limites, mesmo para ti!

— Mas Torkild! — exclamou Rosa, assustada.

Uma ardente alegria inundou a alma de Torkild: esta pequena exclamação de mêdo, que Rosa deixara escapar ouvindo-o levantar a voz, revelava-lhe por assim dizer quanto estavam unidos intimamente. Num ato instintivo, vendo-o a ponto de encolerizar-se, ainda o considerava seu marido. Era como se tudo o que ocorrera desde que a vira pela última vez, na estação de Lilleström, no dia em que se despedira dela, não passasse de um pesadelo.

Sabia que não tinha a intenção de deixar a pastelaria e, para ganhar tempo, foi até o balcão. Ouviu Isabel rir às suas costas. Comprou uma caixa de bombons, para cada uma das meninas, e voltou em seguida para junto da mesa.

— Francamente, Isabel, não tens muita discrição com as tuas filhas. Parece que essas meninas estão acostumadas a ouvir muitas coisas.

— Ora... elas ainda são muito crianças, não compreendem. Agora não, minhas filhinhas, vocês comeram muito bôlo, mamãe vai guardar os bombons para outro dia. Ouviste, Ningeborg? Não é com essa mão que tens de pegar, Kaja. Ah, agora sim... E quando elas ficarem grandes para compreender, ouvirão falar dessas coisas do mesmo modo, não é? Portanto... Bem, agora temos de voltar para casa, minha gente.

Rosa foi à caixa pagar a despesa.

— Foi Rosa que nos convidou, compreendes?

Isabel ergueu-se, com tôda a sua majestade de mulher grávida. A sua gravidez ia muito avançada e, naquela primavera, em que estavam na moda os mantôs de tafetá multicolôres, o dela era sem dúvida o mais azul, o mais lustroso que haveria em tôda a cidade.

Torkild ajudara Isabel a subir as crianças no bonde. E agora ambos se viam a sós, Rosa e êle, em pleno centro da

Praça de Eger. Um e outro olhavam para o chão empedrado, aos seus pés, e Torkild esperava de todo o coração que Rosa falasse em primeiro lugar. Mas, como não o fizesse, foi obrigado a quebrar o silêncio:

— Por onde vais? Para que lado moras?

— Vou descer a rua. Moro na Avenida de Bogstad.

— E dizes que vais descer? — perguntou Torkild, agarrando-se desesperadamente a êste esbôço de conversa. — Eu diria antes que tens de subir a Rua Karl Johan... a numeração começa lá na estação, parece-me. Não é?

— Não sei... Sim, de fato. Eu queria dizer apenas que ia descer a rua, pois ela tem uma ladeira aqui, onde estamos...

— Sim, mas depois ela sobe para o Palácio.

Seus olhares se cruzaram, e nenhum dêles pôde deixar de rir. Depois, entreolharam-se com um sorriso acanhado e indeciso, e coraram, Torkild tanto quanto ela.

— Então, vamos descer ou subir, como quiseres, pois permites que te acompanhe um pouco, não é?

— Se quiseres — respondeu ela, em voz baixa. — Mas não te vais atrasar?

— Tomo outro trem. Foi ùnicamente porque Isabel me irritou com sua falta de tato; não estou com pressa.

Subiram, lentamente, a Rua Karl Johan, pela calçada, debaixo das árvores.

— Não voltas mais para o escritório, hoje? — perguntou Torkild.

— Eu deixei o escritório — disse Rosa, em voz baixa. — Desde 1º de abril, estou fazendo um curso de arte culinária. Tu sabes que nunca me agradou muito o trabalho de escritório. Teria preferido ser enfermeira, a fim de poder dirigir, mais tarde, um asilo de velhos, um orfanato ou qualquer coisa dêsse gênero. Mas estava com demasiada idade, isso teria exigido muito tempo, e era pouco provável que, algum dia, obtivesse um lugar que me conviesse. Mas, de qualquer forma, queria um trabalho que me interessasse. E então escolhi a cozinha. Vou fazer um exame que dá direito a uma cadeira nos colégios profissionais, como professôra de artes domésticas. Talvez possa também arranjar um emprêgo de ecônoma, de governanta...

Torkild compreendeu que ela devia ter tomado esta decisão logo depois do divórcio. Agora que estavam passeando

aqui, lado a lado, parecia-lhe extravagante e irreal que se tivessem divorciado.

— Por momentos, chego a pensar em trabalhar como cozinheira-chefe — disse ela, rindo-se fugazmente.

Torkild também esboçou uma risada.

— Como achas que tua mãe teria encarado isso?

— Oh, na realidade, mamãe não era muito esnobe. Podia parecer, de vez em quando. Talvez fôsse a influência de papai. Provàvelmente êle era esnobíssimo, pois a família dêle o é muito.

— Tu os visitas de vez em quando? — perguntou Torkild.

— Não, nunca.

Tinham chegado ao parque do Palácio e tomaram por uma alamêda lateral; diante de um banco solitário, Torkild perguntou:

— Podíamos sentar-nos um pouco?

Rosa sentou-se, e Torkild ao lado dela; êste se pôs a riscar o chão, com a ponta da bengala. Durante certo espaço de tempo, nem um nem outro falou; fitavam ambos a ponta da bengala, que traçava linhas curvas e retas no cascalho.

De repente, Rosa perguntou:

— Tens em casa o filhinho de Dóris, não é?

— Tenho. Sabias, então?

— Sabia — disse ela, hesitando vagamente. — Encontrei Helsing, um dia, e êle me contou que tinhas trazido para tua casa um sobrinho pequeno. Depois, eu deduzi, por uma carta que tia Bera me mandou o inverno passado, que... Sim, ela escreveu que Dóris, pelo que diziam, tinha deixado um filho.

— Ah! Eu pensava que éramos só dois ou três que sabíam.

— Gostas muito do menino, não é? — perguntou Rosa, num sussurro. — Êle é bonito?

— Sim, palavra que é muito bonito. E nem sabes como gosto dêle.

— Que idade tem agora?

— Fêz um ano, a semana passada.

— E como se chama?

— Ivar. Preferia que tivesse outro nome. mas, de fato, isso não tem importância.

— Fala-me dêle, sim? — pediu Rosa. — Como te arranjaste? Helsing me disse que moravas na casa da Sra. Stranden.

— Sim, eu me mudei para lá quando voltei das montanhas. E mais tarde, quando trouxe a criança, a Sra. Stranden concordou em ficar com Ivar também, com a condição de que eu tomasse uma empregada exclusivamente para se encarregar do nenê. Mas é a empregada que faz quase tudo na casa e a Sra. Stranden quem trata do nenê. Ela o cobre de mimos.

— Êle já sabe andar? — perguntou Rosa. — Já diz alguma coisa?

— Hum... Êle procura andar, empurrando as cadeiras à sua frente. Mas não fala, a não ser uns *blá, blá, angu,* e sons dêsse tipo. A Sra. Stranden afirma que êle diz *papá* quando me vê, mas, para falar a verdade, eu só ouço *blá, blá,* e isso êle diz também para qualquer outra coisa.

— A Sra. Stranden acredita que é teu filho?

— Acredita, sim. Sabes que a Sra. Stranden, ressalvando-se tôdas as suas boas qualidades, é muito conversadora. Não lhe dei, portanto, nenhuma explicação a respeito da origem do menino. E é muito parecido com a mãe, isto é, comigo.

— Isso deve ter dado que falar à gente da redondeza? Talvez tenham pensado que foi por causa disso que nos divorciamos?

Havia, na sua voz, uma violência contida.

— Provàvelmente. Isso te contraria?

— Sim — respondeu, com veemência.

Depois acrescentou, um pouco mais calma: — Revolta-me. Tu sabes que eu sempre achei o adultério a coisa mais desprezível, mais abominável que existe. E, agora, chegarem a pensar isso de ti!

— Claro que não gosto que os outros pensem que te enganei. Mas, por outro lado, não é melhor que Dóris descanse em paz no seu túmulo?

— Então êle é moreno, se é parecido contigo?

— Sim, isto é, ainda tem os cabelos louros, mas certamente que vão escurecer. É parecido conosco, principalmente nos olhos, na testa, na expressão.

— Quantos dentinhos tem?

— Ah, quanto a isso não sei nada — disse êle, rindo-se — mas sempre tem alguns.

Depois acrescentou, desviando os olhos: — Podes ir vê-lo um dia dêstes, se quiseres.

Seguiu-se um breve silêncio, depois êle disse:

— Podes ir de manhã, quando eu não estou lá.

— Não posso ir quando estiveres lá? — perguntou ela num murmúrio, também desviando o olhar.

— Sim, uma vez que tu queres.

— Quando te escrevi, por ocasião da morte de Dóris — disse Rosa, a meia voz — não te quis propor isso diretamente, mas achei que compreenderias que eu desejava visitar-te. Queria tanto fazer algo por ti. Mas talvez não tivesse podido fazer nada?

— Não — disse Torkild, com voz quase imperceptível.

E acrescentou, pouco depois:

— Porque não havia consôlo possível.

— Ela foi muito infeliz, não é? — perguntou Rosa, com doçura.

— Sim. E certamente adivinhas que não era verdade (como, aliás, nós supúnhamos) aquela história de que ia para Paris. Mas eu fingi acreditar, não tratei de saber a verdade a respeito dela. Devia saber, no entanto, que ela podia precisar de um irmão que a socorresse. E não fiz um gesto, nem antes, nem sequer nessa ocasião.

— Sim, realmente, eu também tinha a impressão de que ela estava escondendo alguma coisa. Era isso que eu te queria dizer. Pois a culpa foi minha, direta ou indiretamente, se nada pudeste fazer por ela, nessa época. Queria dizer-te que era em mim que recaía a parte mais pesada da responsabilidade.

Torkild sacudiu a cabeça negativamente.

— Não, Rosa, isso não muda em nada a questão, no que me toca. Quem sente que tem uma coisa a fazer deve fazê-la. É a êle que cabe a responsabilidade, e esta não se torna menor porque alguém mais também tivesse podido agir.

— Achas mesmo que podias ter feito alguma coisa? Eu quero dizer, achas que podias ter procedido de modo que o destino de Dóris tivesse mudado?

— Talvez não tivesse podido fazer nada. Mas não é isso o que importa. A gente tem de fazer o que julga de seu dever, creia ou não num resultado.

Ao cabo de um momento de silêncio, Torkild acrescentou, em voz baixa:

— Tenho de te explicar uma coisa. A morte de Dóris e tudo o que me foi revelado, na ocasião, me levaram a tomar providências, no inverno passado, no fim do período legal da nossa separação, para que fôsse declarado o nosso divórcio. De um lado, eu achava que nós somos, eu e tôda a minha família, absolutamente incapazes para a convivência de criaturas sadias e normais. E, de outro lado, assim procedi pelo menino, pois achava, como te disse, que era preferível fazê-lo passar por meu filho. Mas tomei essa decisão, principalmente por entender que, diante dos meus antecedentes familiares, era preferível que tudo ficasse definitivamente ajustado entre mim e ti. Era o mais lógico, aliás, uma vez que estávamos com o processo em andamento. Mas, sem a morte de Dóris, certamente que nunca teria dado êsses passos. E pensei que talvez estranhasses essa pressa, de minha parte, de obter o divórcio o mais ràpidamente possível... e te sentisses talvez ferida. Tu tiveste essa impressão, Rosa?

O rosto de Rosa contraiu-se levemente. Depois, encarou nos olhos dêle e respondeu:

— Tive.

Torkild levantou-se do banco e ela o seguiu. Depois êle perguntou, com uma hesitação na voz:

— Faz mal que te acompanhe um pouco mais?

Ela abanou a cabeça, levemente. Mas, enquanto atravessavam o bairro de Homansby, quase não conversaram; limitaram-se a trocar algumas observações insignificantes acêrca do tempo.

No alto da Avenida de Bogstad, Rosa parou diante de uma pequena e velha casa de madeira, de dois andares.

— É aqui que eu moro.

Torkild perguntou em voz baixa:

— Tu... tu não querias passear mais um pouco?

— Sim, com prazer — respondeu ela, em voz igualmente baixa.

Rosa fêz um esfôrço sôbre si mesma e passou a pedir-lhe notícias dos vizinhos e dos amigos comuns de outros tempos. Quem estava ocupando a antiga residência dêles? Como iam os Lieds, e o farmacêutico e sua mulher? Torkild respondia, contava; mas, nas suas vozes, havia hesitações que não se relacionavam com o sentido das palavras.

Quando alcançaram a igreja de Veste Aker e continuaram, devagar, pela rodovia de Sogn, um e outro iam calados.

O céu, coberto de nuvens cinza-claro, parecia contudo muito alto, acima dos morros baixos e escuros. Os bosquetes de árvores nuas, aqui e ali nas terras em tôrno, apresentavam um matiz azulado. Às vêzes, um velho carvalho conservava ainda a folhagem amarelada da estação passada e, nalguns arbustos pequeninos, os renovos apontavam. As grandes extensões de terras cultivadas, que se dilatavam até o sopé dos outeiros cobertos pelo mato, ainda eram de um verde pálido: êste ano a primavera tardava.

A rodovia de Sogn desenrolava a sua fita côr de areia através do casario ralo e, após mil voltas harmoniosas, ia perder-se, longe, perto da velha granja da orla do mato. Estrada encantada, estrada deserta, ali estava ela, como sempre, como todos os anos, à espera da chegada de uma multidão de jovens. Nas tardes de primavera, êles a percorrem, sós ou aos pares, levando a carga de sua solidão ou do desejo de seus corações. Para todos êles, a estrada ali está, entre os campos verdejantes, êrma e sem fim, até a negra noite da floresta.

Tendo chegado ao grande carvalho centenário, no fim da primeira subida, abandonaram a rodovia e tomaram pela vereda que atravessa o campo e leva a Gaustad.

— Não sei há quantos anos que não ando por aqui — disse Torkild.

— Eu também, há muito tempo.

Ambos pensavam a mesma coisa: tudo, aqui, era diferente de suas memórias. A rampa que descia a pique, no rumo do rio, parecia-lhes suave e o rio não passava de um ribeiro. O ponto, por onde se atravessa a água, lhes parecera, dantes, cheio de mil perigos; esta tarde, pondo os pés nas pedras grandes, transpuseram o vau sem mesmo molhar o calçado. E o tapête de anêmonas, aquela profusão de brancas flôres estreladas, que colhiam a mancheias para levar para casa? Descobriram agora, esparsos entre os troncos esverdeados dos amieiros, alguns tufos de anêmonas alegrando o talude; mas, aos seus pés, não havia mais o tapête florido, apenas um largo atalho de terra compacta e cinzenta e, por tôda a sua extensão, no capim ralo e sêco, cacos de garrafa e papéis velhos.

— É bonito, apesar de tudo — disse Torkild.

— Sim, é bonito de qualquer modo.

Andaram mais um pouco. Depois, êle perguntou em voz baixa:

— Rosa, eu queria perguntar-te... Não sei que nome estás usando... tu compreendes, não quis indagar dos outros.

— Uso o nome de Sra. Christiansen. Será que isso te contraria? — respondeu, a meia voz.

— Não. Mas eu pensava... Wegner é... um nome mais bonito. O outro é muito comum...

— Não, não. Se permites, prefiro conservar o teu nome.

Acrescentou, e parecia sem fôlego:

— Rosa Wegner era uma pessoa diferente do que eu sou agora.

— Que queres dizer? — perguntou êle, e a sua voz traía grande ansiedade.

— Quero dizer que me tornei diferente, mudei totalmente, e fiquei marcada pelos anos que vivi contigo. Eu acredito (e tenho observado isto há algum tempo, em redor de mim, desde que comecei a compreender), acredito que a mulher se torna tal como o homem a faz; quer escolha um, ou vários, aos quais se entrega, quer prefira não se dar a nenhum dos homens que conhecer, porque sente que nenhum pode fazer dela algo de melhor, de mais belo. Em geral, é de uma mulher dêsse tipo que eu gosto mais. Mas acredito que, entre as mulheres, as que não são torturadas moralmente, as capazes de fazer alguma coisa na vida, são aquelas que encontraram um homem a quem tinham a certeza de poder dar o melhor de si mesmas, mas não puderam fazê-lo. Então, podem ser calmas, e dedicar-se a outras missões, pois sabem que o seu destino está decidido.

— E tu, Rosa?

— Oh, eu... eu fiz o que se pode fazer de pior: aceitei às cegas o primeiro que se apresentou quando me cansei de esperar. É o que faz a maioria das mulheres, e é a degradação para nós, de um ou de outro modo. Para mim também teria sido a queda, se não tivesses ficado incessantemente alerta. Sempre vias com lucidez quando eu te apresentava algo de falso, e nunca permitias que eu usasse essas contrafações do amor, sempre me mostravas o que era o amor de verdade. E eu, infelizmente, não o compreendi senão tarde demais... Ah,

eu não passava de uma mulher em botão, uma coisa dura e verde. É por isso que, compreendendo agora que saí indene da minha frivolidade, e capaz, segundo penso, de me tornar melhor, mais generosa, mais mulher do que era por natureza, e mais feliz do que mereço, sim, é por isso, Torkild, que te peço permissão para conservar o teu nome... Oh, Torkild! Estás chorando?

Aproximou-se e pousou as mãos nos braços dêle. Estava muito pálida. Soluçando convulsivamente, êle abraçou-a e Rosa colou-se nêle. Torkild compreendeu, então, que ela nunca se entregara, mas que se entregava agora.

Rosa chorava perdidamente, enquanto se conservavam enlaçados. Êle não a sabia capaz de chorar assim. Entre os soluços, ela murmurava:

— Não compreendo, Torkild, não compreendo que ainda possas gostar de mim, que tenhas podido gostar sempre de mim, a mulher insuportável que eu fui.

— Eu te amo, eu te amo.

— Deve ser porque fôste tão bom comigo que ainda me amas. Deve ser porque tomaste o melhor de ti mesmo, para fazer de mim outra mulher. Oh, Torkild, Torkild, não posso compreender que eu não tenha destruído tudo.

— Eu te amo... Dize, tu também, que me amas — pediu êle, ao cabo de um instante.

— Sim, eu te amo, eu te amo, Torkild! — Tornou a aconchegar-se nêle. — Ah, poder dizer isso, ser possível que acredites em mim!

De mãos dadas, seguiam pelo fundo do vale.

— Eu sabia que te amava desde antes de te deixar. Mas não me animava a dizer, então. Talvez, de fato, não tivesse a certeza. E, durante todo o tempo de nossa separação, não deixei de acreditar que tornarias a me chamar. Mas quando, no momento do divórcio, assinei Rosa Christiansen ao pé do documento, daquele documento que devia separar-nos para sempre, então senti que finalmente me tornara tua mulher. E resolvi procurar uma ocupação que pudesse exercer realmente, e tornar-me, uma vez que te pertencia e que nunca seria de outro modo, uma criatura boa, capaz, fiel e útil na vida.

— Sofreste muito, então? — perguntou êle, com doçura.

— Se sofri!... Sentia uma terrível saudade de ti. Às vêzes, de noite, chorava, chamava-te. Mas não era tão infeliz como pensas: sabia que te amava, e isso era mais do que merecia.

"Lembras-te do que te disse, uma vez? Que, para amar um homem, seria preciso que me sentisse uma coisa dêle, como um anel de seu dedo, que êle poderia levar, ou então tirar e esquecer? Mas que eu continuaria sendo dêle, de qualquer forma. Agora, é assim que eu sou tua.

— Achavas que eu poderia esquecer-te?

— Não. Mas pensava que não acreditarias em mim...

Continuaram andando; estava quase escuro, agora.

— Vamos ficar juntos esta noite, não é? — cochichou êle.

— Vamos. Vou contigo para a tua casa? — perguntou Rosa, colando-se nêle.

Mas Torkild disse, depois de um instante:

— Temos de pensar em comer alguma coisa, talvez. E precisamos andar depressa. Êsses imbecis mudaram o horário dos trens e o último sai à meia-noite em ponto. Na pior das hipóteses, poderíamos procurar algum lugar na cidade, onde passarmos a noite.

— Não, não — cochichou ela, com ênfase. — Vamos para a tua casa.

Desceram em direção à cidade, mas sem se apressarem.

— Muitas vêzes me pareceu — disse êle, em voz baixa — sim, muitas vêzes me pareceu difícil persistir na minha decisão. Via, perfeitamente, que tinha tido razão de fazer o que fizera, visto que a nossa vida conjugal não se tornara o que deveria ter sido. Mas, quando pensava nos períodos em que me parecia que tínhamos sido felizes juntos, apesar de tudo, em que tinha-me pertencido, e eu pertencido a ti, e em que tínhamos sentido a mesma felicidade, então...

Rosa ia de cabeça baixa:

— Lembras-te da última noite... em que estiveste comigo?

Êle respondeu, a meia voz:

— Esforcei-me por querer que aquilo não tivesse acontecido. Mas, Rosa, tenho de te dizer: eu não conseguia. Cada vez que pensava naquilo, alguma coisa, uma espécie de alegria selvagem, triunfava em mim.

— Aquela alegria de que me falavas então, e que tínhamos para nos dar um ao outro. Era a coisa mais natural, pois éramos jovens e ardentes. E, às vêzes, eu tomava essa alegria pelo amor; outras vêzes, adivinhava bem no fundo o que era mesmo, e então ficava danada de raiva e de vergonha, e procurava virar a minha raiva contra ti. Mas se, naquele tempo, eu não te amava, era que a minha consciência me dizia que, de tua parte, tu me amavas realmente, enquanto eu me contentava em soltar o animal em mim.

— Não digas isso! — protestou êle vivamente, com um toque de dor na voz.

— Era assim, Torkild. Eu não o compreendia, pois sempre tinha pensado que o animal num ser humano devia ser algo de abominável, de boçal. Não sabia que, em certos indivíduos, o animal pode parecer-se com um gatinho que brinca sem saber com que está brincando, e que rasga e arranha até fazer sangrar, só para se divertir. E é o que há de mais perigoso, pois o animal é bonito e engraçado, e é irresponsável.

"A noite que tu sabes, compreendi que o amor de uma criatura humana é a coisa mais séria que existe."

— Tenho de subir para apanhar os meus objetos de toucador — disse Rosa, quando chegaram onde ela morava — e avisar a dona da casa que vou ausentar-me.

Torkild acompanhou-a. Rosa ocupava duas minúsculas peças da água-furtada. Torkild ficou esperando numa delas, enquanto Rosa punha algumas coisas numa mala de mão. As janelas desciam até quase o soalho; sôbre o parapeito, estavam dispostos numerosos vasos de flôres.

— Tenho algumas das tuas roseiras no meu quarto — gritou êle.

— Ah, é mesmo? Quais?

— A Malmaison e a Luísa Odier.

— Eram as minhas preferidas! — exclamou ela, jubilosa.

— Sim, eu me lembro, e foi por isso que não as dei.

Ela voltou da outra peça, beijou-o e disse:

— Pronto, às tuas ordens.

Entraram numa casa qualquer para tomar chá com sanduíches, a tôda a pressa: mas demoraram-se a conversar e

tiveram de correr para apanhar o bonde. Mal êste se pusera em movimento, faltou corrente elétrica e os carros estacaram, escalonados por tôda a linha. Chamaram um táxi.

— Ah, é verdade — disse Torkild, quando passaram, a tôda velocidade, diante da joalheria Tostrup. — Prometi a Isabel presentear cada uma de suas filhas com uma correntinha de ouro.

— Não é possível! É mesmo? E, a mim, ela me fêz prometer crucifixos de ouro para elas!

— Isabel é uma mamãe previdente. Deus a abençoe, a essa boa mulher!

— Sossega, Torkild, não faças assim, em plena Rua Karl Johan!

Atravessaram, correndo, a sala de espera e subiram para um compartimento de segunda. Um minuto depois, o chefe de trem abriu a porta e deixou subirem mulheres carregadas de cêstos, homens de cachimbo na bôca e saco às costas, Era um compartimento para fumantes, e o trem estava superlotado.

Torkild e Rosa saíram para o corredor e ficaram de pé, junto de uma vidraça arriada. O vento fresco da noite mitigou-lhes o fogo das faces. Estavam de mãos dadas e, de vez em quando, se entreolhavam e estremeciam.

— Ainda tens os teus cachorros? — perguntou Rosa, de repente.

— Tive de sacrificar Rex, o ano passado — respondeu Torkild. — Foi atropelado por um bonde, no dia em que o tinha levado comigo para a cidade. Não havia nada mais a fazer senão correr até o veterinário, para que acabasse com aquilo. O pobre bicho!

— Que pena! Lembras-te de como éramos amigos, Rex e eu?

— Foi muito triste. Agora tenho outro, um cão de amarrar, ainda novinho, mas acredito que sairá bom. Quanto à cadela Lilletösa, vai às mil maravilhas: deu cria, agora, e eu a encerrei no telheiro, porque fiquei com mêdo que avançasse contra Ivar, que é louco por ela, sabes? Lembras-te de quando te mordeu, uma vez que estava com uma ninhada de cachorrinhos?

— Achas que vai reconhecer-me? — perguntou Rosa. Mas, debaixo das palavras, as suas vozes cantavam.

Chegaram. Uma única lâmpada de arco estava acesa diante da estação. As silhuêtas negras que desciam do trem dissolveram-se na noite. Torkild e Rosa seguiram no rumo do rio, onde pilhas de madeira luziam na escuridão, exalando seu cheiro fresco, levemente acre.

— Mas Torkild — perguntou Rosa, de repente — que vai dizer a Sra. Stranden, amanhã de manhã? Nós não somos mais casados!

— Ah, a Sra. Stranden — disse Torkild, com um riso breve. — Ela deve ser, antes, de opinião que, se a gente casou, está casado para sempre, apesar de tudo o que as pessoas de hoje possam imaginar.

Transpuseram a ponte e tomaram pelo pequeno trecho de estrada entre o rio e a fábrica, onde a limalha de ferro enferrujada estralejava sob os pés.

— Ai, êste barulho — disse Rosa, baixinho. — Quantas vêzes pensei nisto, êsse tempo todo.

Coseu-se nêle.

— Torkild, Torkild, não consigo acreditar que é verdade que estou voltando para casa.

Não estava muito escuro no mato, depois que se habituaram às sombras. Acima da copa dos abetos, o céu brilhava docemente: refletia-se no rio, que êles percebiam atrás dos pequenos amieiros da beira do caminho. Sentiam a aragem e a primavera, a terra úmida, o capim nôvo e a seiva dos grelos e dos rebentos.

Logo alcançaram a casinha, que parecia branca dentro da noite, e cujas janelas sem luz dir-se-iam dormir. Os anexos eram como enormes animais negros, debaixo das velhas e grandes árvores desfolhadas do quintal.

Ficaram, um momento, a olhar o caminho que, continuando, tornava a embrenhar-se no mato, para o lado da antiga moradia dêles.

Muito no alto, acima de suas cabeças, ouviram um ruído indistinto e estranho.

— As aves de migração! — disse Torkild.

Cingiam-se um ao outro pela cintura; levantaram os olhos para o céu cinzento-claro, nublado, onde nada distinguiram.

Assim enlaçados, dirigiram-se até a casa. Torkild abriu a porta do pequeno vestíbulo, que tinha um cheiro bom de limpeza. Depois, enquanto abraçava Rosa, procurou manter a voz natural e calma para dizer:

— É verdade... Voltamos para casa.

BIBLIOGRAFIA

OBSERVAÇÃO

Salvo menção especial, tôdas as obras de Sigrid Undset foram publicadas pela Editôra Aschehoug.

1907. FRU MARTA OULIÉ (A Sra. Marta Oulié).

Diário.

1908. DEN LYKKELIGE ALDER (A Idade Feliz).

Contos.

Tradução portuguêsa:

FELIZ IDADE.

Trad. de Alice Gomes.

Lisboa, Inquérito, 1940.

1909. FORTAELLINGEN OM VIGA-LJOT OG VIGDIS (A História de Viga-Ljot e de Vigids).

1911. JENNY.

Romance.

1912. FATTIGE SKJEBNER (Destinos de Gente Pobre).

Contos.

1914. VAAREN (Primavera).

Romance social.

1915. FORTAELLINGER OM KONG ARTHUR OG RIDDERNE AF DET RUNDE BORD (História do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda).

1917. SPLINTEN AV TROLDSPEILET (O Brilho do Espelho Mágico).

Contos.

1918. DE KLOGE JOMFRUER (As Virgens Prudentes).

Contos.

1919. ET KVINDESYNSPUNKT (Ponto de vista de uma mulher).

Ensaios.

1920. KRISTIN LAVRANSDATTER

1922. *Romance em três volumes*: *Kransen* (A Coroa); *Husfrue* (A Mulher); *Korset* (A Cruz).

Tradução portuguêsa:

CRISTINA LAVRANSDATTER.

I. A CASA

II. A ESPÔSA

III. A CRUZ

Versão portuguêsa de Maria Franco.

Portugália Editôra, Lisboa 1946.

(Coleção: Os Romances Universais).

1925. OLAV AUDUNSSÖN I HESTVIKEN (Olav Audunssön em Hestviken).

Romance em dois volumes.

1927. KATHOLSK PROPAGANDA (Propaganda Católica).

OLAV AUDUNSSÖN OG HANS BORN (Olav Audunsson e seus Filhos).

Romance Histórico.

1929. UND WÄR' DIES KINDLEIN NICHT GEBOREN (E se aquêle Menino não tivesse nascido).

Meditação de Natal.

GYMNADENIA (A Orquídea Branca).

1929. ETAPPER (Etapas).

Dois volumes.

1930. DAS WEINACHTWUNDER (O Milagre de Natal).
Meditação.

HELLIG OLAV, NORGES KONGE (Santo Olavo, Rei da Noruega).

DEN BRAENDENDE BUSK (A Sarça Ardente).

(*Continuação de* A Orquídea Branca)

1931. BEGEGNUNGEN UND TRENNUNGEN (Encontros e Separações).

Ensaios sôbre cristianismo e germanismo.

1932. IDA ELISABETH.

Romance.

1934. ELLEVE AAR (Onze Anos).

Autobiografia.

1935. FORTSCHRITT, RASSE UND RELIGION (Progresso, Raça e Religião).

Incluído no volume coletivo intitulado *O Cristianismo Ameaçado pela Loucura Racista e pela Perseguição aos Judeus.*

1936. DEN TROFASTE HUSFRU (A Mulher Fiel).

Romance.

1937. NORSKE HELGENER (Santos e Santas da Noruega).

1938. SELVPORTRETTER OG LANSKAPSBILLEDER (Auto-retratos e paisagens).

1939. MADAME DORTHEA.

Romance histórico.

1942. RETURN TO THE FUTURE (Volta para o Futuro).

Publicado primeiro em inglês na tradução de Henriette C. K. Naeseth.

New York, Knopt (Borzoi Books).

Edição norueguesa:

TILLBAKE TIL FREMTIDEN.

Oslo, National tryk., 1945.

1943. HAPPY TIMES IN NORWAY (Dias Felizes na Noruega).

Publicado primeiro em inglês na tradução de Joran Birkeland.

New York, Mann, Klaus (Heart of Europe).

Londres, Cassell, 1943.

Edição norueguesa:

LYKKELIGE DAGER.

Oslo, Aschehoug, 1947.

1951. CATERINA AV SIENA (Catarina de Siena).
Obra póstuma.

1952. ARTIKLER OG TALER FRA KRIGSTIDEN (Artigos e Discursos do tempo da Guerra).

EDIÇÕES COLETIVAS

1949. ROMANER OG FORTELLINGER FRA NUTIDEN (Romances e Contos Modernos).

Dez volumes.

1949. MIDDELALDER-ROMANER (Romances da Idade Média).

Dez volumes.

ÍNDICE

Kjell Strömberg,

"Pequena História" da Atribuição do Prêmio Nobel a Sigrid Undset 7

Per Hallström,

Discurso de Recepção 15

A. H. Winsnes,

Vida e Obra de Sigrid Undset 23

SIGRID UNDSET — *PRIMAVERA*

Primeira Parte 41

Segunda Parte 177

Bibliografia 337

Esta edição de

PRIMAVERA

de

SIGRID UNDSET

foi impressa em setembro de 1964

*

Faz parte da

COLEÇÃO DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA

ideada pelas Edições Rombaldi, de Paris,

patrocinada pela

ACADEMIA SUECA

e pela

FUNDAÇÃO NOBEL

*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

CRISTOBAL DE ACEVEDO
(concepção e direção literária)

GÉRARD ANGIOLINI
(direção artística)

PAULO RÓNAI
(adaptação e supervisão)

*

HERMINE DAVID
(ilustrações)

MICHEL CAUVET
(retrato da autora e ornatos tipográficos)

*

O desenho de Picasso reproduzido na capa pertence ao Sr. Lionel Préjger

Composição e impressão do texto e das gravuras e encadernação por
ARTES GRÁFICAS GOMES DE SOUZA S.A. — RIO—S.PAULO